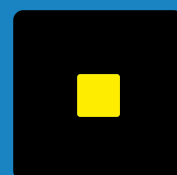


ANAIS I MOSTRA DE FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
MINAS GERAIS

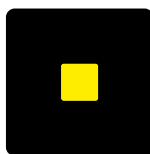
Conselho Regional de Psicologia - Minas Gerais (CRP-MG)
Comissão de Orientação em Psicologia e Formação Profissional

ANAIS

I MOSTRA DE FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA:

ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Belo Horizonte



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
MINAS GERAIS

2022

© 2022, Conselho Regional de Psicologia – Minas Gerais

É permitida a reprodução desta publicação, desde que sem alterações e citada a fonte.

Revisão ortográfica e gramatical: Mota Produções

Projeto e edição gráfica: Mota Produções

Formato Ebook: PDF

Conselho Regional de Psicologia – Minas Gerais

Rua Timbiras, 1.532, 6º andar, Lourdes

CEP: 30.140-061 – Belo Horizonte/MG

Telefone: (31) 2138-6767

www.crpmg.org.br / crp04crp04.org.br

A532

Anais I mostra de formação em psicologia: ensino, pesquisa e extensão [recurso eletrônico] / Conselho Regional de Psicologia - Minas Gerais (CRP-MG), Comissão de Orientação em Psicologia e Formação Profissional. -- Belo Horizonte: Conselho Regional de Psicologia Minas Gerais, 2022.

361 p. : E-book ; PDF

Trabalhos apresentados na 1ª Mostra de Formação em Psicologia: ensino, pesquisa e extensão em Minas Gerais, realizado nos dias 05 e 06 de julho de 2019, na cidade de Belo Horizonte.

ISBN: 978-65-89729-03-7

1. Psicologia - Ensino. 2. Psicologia - Formação Profissional. I. Conselho Regional de Psicologia Minas Gerais. II. Comissão de Orientação em Psicologia e Formação Profissional.

CDD: 150.23

Conselho Regional de Psicologia – Minas Gerais
Comissão de Orientação em Psicologia e Formação Profissional

XVI Plenário (Gestão 2019-2022)

DIRETORIA

Reinaldo da Silva Júnior
Conselheiro Diretor Presidente

Jéssica Gabriella de Souza Isabel
Conselheira Diretora Vice-Presidenta

Paula Lins Khoury
Conselheira Diretora Tesoureira

Luiz Felipe Viana Cardoso
Conselheiro Diretor Secretário

CONSELHEIRAS(OS)

Anderson Nazareno Matos
Bruna Rocha Diniz de Almeida
Camila Bahia Leite
Cláudia Aline Carvalho Esposito
Cristiane Santos de Souza Nogueira
Elza Maria Gonçalves Lobosque
Evely Najjar Capdeville
Fabrício Júnio Rocha Ribeiro
Jéssica Gabriela de Souza Isabel
João Henrique Borges Bento
Larissa Amorim Borges
Liliane Cristina Martins
Lourdes Aparecida Machado
Luís Henrique de Souza Cunha
Luiz Felipe Viana Cardoso
Marleide Marques de Castro
Paula Khoury
Reinaldo Júnio
Renata Ferreira Jardim
Rita de Cássia de Araújo Almeida
Rodrigo Padrini Monteiro
Suellen Ananda Fraga
Ted Nobre Evangelista
Thiago Ribeiro de Freitas
Walter Melo Júnio

XV Plenário (Gestão 2016 - 2019)

DIRETORIA

Stela Maris Bretas Souza
Conselheira Diretora Presidenta

Aparecida Maria de Souza Cruvinel
Conselheira Diretora Vice-Presidenta

Felipe Viegas Tameirão
Conselheiro Diretor Tesoureiro

Délcio Fernando Pereira
Conselheira Diretor Secretário

CONSELHEIRAS(OS)

Aparecida Maria de Souza Cruvinel

Claudia Natividade

Dalcira Ferrão

Délcio Fernando Pereira

Eliane de Souza Pimenta

Eriane Sueley de Souza Pimenta

Érica Andrade Rocha

Ernane Maciel

Felipe Viegas Tameirão

Filippe de Mello

Flávia Gotelip

Leila Aparecida Silveira

Letícia Gonçalves

Madalena Luiz Tolentino

Marcelo Arinos

Márcia Mansur Saadallah

Mariana Tavares

Marília Fraga

Odila Maria Fernandes Braga

Reinaldo Júnior

Paula Khoury

Rita Almeida

Robson de Souza

Roseli de Melo

Solange Coelho

Stela Maris Bretas Souza

Vilene Eulálio

Tulio Picinini

Waldomiro Salles

Yghor Gomes

APRESENTAÇÃO

1ª MOSTRA DE FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: algumas palavras

A discussão sobre a Formação em Psicologia foi recolocada nas pautas do Sistema Conselhos, a partir da necessidade de revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais da Psicologia - DCN's, demandada em 2017, pelo Conselho Nacional de Saúde – CNS, incluindo todos os cursos de graduação da área de saúde. Diante da urgência colocada naquele momento, Entidades Nacionais da Psicologia, tais como Associação Brasileira de Ensino de Psicologia - ABEP, Conselho Federal de Psicologia – CFP, Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira – FENPB, Federação Nacional dos Psicólogos - FENAPSI, dentre outros, propuseram que o ano de 2018 fosse denominado o Ano Nacional da Formação em Psicologia.

A mobilização nacional para a discussão e construção das novas DCN's da Psicologia gerou eventos preparatórios, encontros estaduais e regionais, os quais culminaram no Encontro Nacional de Formação em Psicologia, ocorrido em 05 de maio de 2018, em Brasília. Inspirada no processo democrático, amplo e diverso de formação no cenário nacional e também no movimento político de aprovação das novas DCN's da Psicologia, que se iniciou desde 2018 até então, a Comissão de Psicologia e Formação Profissional do CRP 04 – Minas, em parceria com a ABEP núcleo Minas propôs a realização da 1ª Mostra de Formação em Psicologia: ensino, pesquisa e extensão em Minas Gerais, que aconteceu nos dias 05 e 06 de julho de 2019.

Tendo como objetivos a promoção do debate sobre os desafios para uma formação crítico reflexiva em Psicologia, atenta ao contexto de aumento de desigualdades, congelamento de investimentos e restrição aos serviços sociais, a 1ª Mostra de Formação veio dar visibilidade aos estudos, experiências profissionais e práticas de ensino, pesquisa e extensão em Psicologia, no estado, bem como a ampliar parcerias entre coordenadores de cursos, professores, estudantes, pesquisadores, professores supervisores de estágio, Instituições de Ensino e CRP-MG.

Assim, a Mostra foi idealizada visando à criação de um espaço de encontros, compartilhamentos, construções coletivas, para interlocuções, troca de experiências e fortalecimento do processo de formação e do exercício profissional em Psicologia, comprometido com a qualidade da educação, buscando a convergência dos profissionais contra a precarização do trabalho docente e o enfrentamento dos processos de mercantilização, privatização do ensino superior e ampliação do ensino à distância (ead), dentre outras questões.

O processo de preparação do Evento contou com o empenho e esforço de muitas mãos e corpos. O edital, elaborado de forma a contemplar a diversidade de experiências, temas e dimensões formativas propôs a inscrição de resumos direcionada para um dos três grandes eixos, a saber: Eixo 1 – Ensino de Psicologia: dimensões da prática docente do ensino de Psicologia, disciplinas, dificuldades docentes, supervisões de estágio, práticas pedagógicas, didática, avaliação do ensino, articulação teoria e prática de ensino, relação teoria e prática educativa, formação integral, escola, cultura e saberes escolares, relações interpessoais na educação, currículo e processos de ensino e de aprendizagem; Eixo 2 – Pesquisa: projetos de iniciação científica, a formação científica da futura Psicóloga, articulação ensino e pesquisa, articulação pesquisa e extensão, as dimensões quantitativas e qualitativas da pesquisa em Psicologia, estudos e teorias construí-

das a partir da formação, pesquisas sobre a formação, pesquisas sobre questões curriculares, processos de ensino, processos de aprendizagem, processos de avaliação escolar, relações entre educação e tecnologias; Eixo 3 – Atividades de extensão e vivências: experiências práticas em Psicologia, experiências e articulações interdisciplinares, intersetoriais, interprofissionais, trabalhos em rede, atuação prática com articulação teoria e prática profissional. Relatos de práticas; relatos de estágios curriculares supervisionados, experiências de formação docente, práticas de ensino, práticas de gestão escolar.

Em termos quantitativos, a 1ª Mostra atraiu inúmeros trabalhos, docentes, estudantes, pesquisadores (as), psicólogas (os), com 393 participantes inscritos e um público de 262 pessoas presentes nos dois dias do evento, representando todas as regiões do estado. Foram inscritos 251 resumos, no formato comunicação oral, das sedes Sul, Sudeste, Norte, Centro Oeste, Leste e Triângulo, bem como a Sede e região metropolitana de Belo Horizonte. Dos trabalhos inscritos, 191 foram aprovados e 140 apresentados. Muitos trabalhos, embora possuíssem qualidade, não foram selecionados devido a não observância das regras do edital ou por terem apenas estudantes como autores ou coautores.

O evento ocorreu em dois dias, uma sexta à tarde e sábado, favorecendo a vinda dos participantes à capital mineira, de forma presencial, em período pré-pandêmico, quando os encontros eram possíveis sem qualquer tipo de restrição. Aconteceram duas palestras interativas, uma em cada dia do evento, e seis rodas de conversa inspiradas na metodologia freireana, ancoradas na compreensão de que todo sujeito é um protagonista ativo, tem um saber próprio, é um ser de escolhas e subjetividades. As temáticas das rodas de conversa versaram sobre Escola e Educação, Formação e Ética, Estágios, Avaliação Psicológica e Produção de Documentos, Saúde e Assistência Social, Serviços Escola e Psicopatologia.

A Comissão Científica contou com a participação dedicada de 17 colaboradores para a leitura e avaliação dos trabalhos, 13 coordenadores para as rodas de conversa, 25 coordenadores para as comunicações orais, que ocorreram em salas concomitantes e em dois intervalos de apresentação distintos. Houve inscrição de trabalhos vindos de mais de 20 cidades mineiras, com a representação de 46 cursos de Psicologia, que naquele momento correspondiam a 65% do total de cursos do estado de Minas Gerais. A partir dos resumos inscritos, houve um agrupamento em torno de temas tais como: feminilidade, masculinidade, educação, SUS, SUAS, saúde mental, intervenções psicossociais, infância, adolescência, idoso, Psicologia jurídica, Psicologia organizacional, clínica escola, formação e currículo, direitos humanos, laicidade, dentre outros. Enfim, um evento grandioso, diverso, múltiplo em temas, metodologias e representatividades.

Contando com a ampla participação dos diversos segmentos que compõem a formação em Psicologia, a 1ª Mostra possibilitou a expressão do que tem sido feito, em Minas Gerais, em relação à nossa tão vasta e potente ciência e profissão, em suas dimensões do ensino, pesquisa e extensão. A pesquisa de satisfação realizada pela incansável equipe de comunicação do CRP-MG, após o evento, identificou que as expectativas do público participante foram plenamente (80%) e parcialmente (18%) atendidas. Os conteúdos das palestras, rodas de conversa e comunicações orais atenderam de forma satisfatória a 95% dos participantes. Dentre os comentários sobre o que mais gostaram, os participantes destacaram o compartilhamento das experiências, a quantidade de trabalhos apresentados, a atualidade das palestras, a proximidade entre estudantes, profissionais, Instituições de Ensino e o Conselho Regional de Psicologia.

A experiência confirmou a necessidade permanente de congregar forças diante dos retrocessos e ataques que temos experimentado na Psicologia, reforçando a missão de promover acesso e disseminação do conhecimento nas diversas dimensões da formação - ensino, pesquisa e extensão, propondo reflexões e ações, ampliando o espaço político da atuação profissional e subsidiando atividades que entrelacem os diversos profissionais e a sociedade, em defesa da ética, da democracia e da pluralidade de fazeres.

A 1ª Mostra de Formação em Psicologia reafirmou o entendimento de que a formação profissional deve estar alicerçada nos pressupostos científicos e éticos que regem a Psicologia, no acolhimento às dimensões sociais e políticas do exercício profissional, na parceria e diálogo entre as Instituições, na qualidade da formação. Foi evidente a participação de todas e todos, docentes, supervisores, coordenadores de curso, mas, principalmente, o protagonismo dos estudantes como sujeitos em processo de formação, diante da realidade social do país, atentas (os) ao presente e ao futuro da profissão. A todas (os) vocês, nosso muito obrigado! Nesse ano em que a Psicologia completa 60 anos de ciência e profissão no país, brindamos o leitor com essa rica e generosa produção, desejando que possam assim desfrutar do esforço dessa publicação. Um beijo e um carinhoso abraço!

Belo Horizonte, 21 de junho de 2022.

EVELY NAJJAR CAPDEVILLE
Coordenadora da Comissão de Orientação em Psicologia e Formação
Profissional do CRP 04 Minas Gerais 2019-2021
Conselheira de Referência da Comissão de Orientação em Psicologia e
Formação Profissional 2019 – 2022
Conselheira do XVI Plenário Gestão 2019 – 2022

SUMÁRIO

Clique no número da página para acessar o texto correspondente.



EIXO 1

Ensino de Psicologia 16

A atuação da Psicologia no Sistema Único de Saúde: contribuições de um estágio curricular para a formação de psicólogas(os)	17
A delícia de ser quem somos: relato de experiência de um grupo de alunas de BH	18
A educação permanente como estratégia para (re)criar oficinas terapêuticas em um Caps I	19
A licenciatura em Psicologia: análise dos documentos do dossiê do projeto de lei nº3825/58.....	20
A pesquisa científica na formação discente: estudos sobre a humanização do cuidado.....	23
A realidade escolar brasileira a partir da perspectiva do professor	24
Aplicação do treinamento e desenvolvimento na prática de estágio organizacional	25
Aprendendo a ser psicóloga(o) escolar	26
Atividade interdisciplinar: projeto de intervenção com grupos	27
Atividade prática de observação em Psicologia escolar e educacional.....	29
Contribuição da avaliação neuropsicológica no diagnóstico de deficiência intelectual.....	31
Contribuições das metodologias ativas para aprendizagem significativa e protagonismo acadêmico nos cursos de Psicologia	33
Cuidar de quem cuida: a experiência de um grupo psicoterapêutico com guardas municipais.....	35
De assistente a analista a partir do planejamento de carreira: um relato de experiência	37
Depressão pós-parto e seu surgimento	39
Estágio supervisionado básico – intervenções psicossociais	40
Estratégias formativas em um estágio clínico de orientação psicanalítica no atendimento à crianças autistas	42
Experiência do plantão psicológico na delegacia de mulheres de Teófilo Otoni.....	43
Experiências com orientação de estágios em saúde coletiva: estudantes de Psicologia se aproxima do SUS	45
Feminilidades, masculinidades e cultura: contribuições e desafios na formação em Psicologia	47
Importância do estágio curricular na atenção primária à saúde na formação acadêmica de Psicologia	49
Licenciatura em Psicologia: relato de experiência profissional e desafios regionais.....	51
Nização de arquivos como prática de ensino de Psicologia: uma experiência de estágio	53
Novas demandas para a formação em Psicologia: a questão da cibercultura.....	54
O aprendizado na Psicologia e a prática do ir além: um diálogo entre arte, ciência e profissão	56
O código de ética como referência para o discente de Psicologia	57

O plantão psicológico como dispositivo de escuta para jovens aprendizes	59
O plantão psicológico como serviço de acolhimento de crianças e adolescentes na escola ...	60
Orientação às queixas escolares: uma experiência de extensão na Psicologia da UFMG	62
Os desafios do primeiro atendimento em uma clínica-escola de Psicologia	64
Os impactos éticos-políticos na formação do(a) psicoterapeuta	65
Projeto integrador identidade e diversidade: articulando teoria e prática através da gameficação.....	67
Promovendo o desenvolvimento saudável do idoso: um relato de experiência de estágio....	69
Relato de experiência clínica: a importância do manejo como processo terapêutico no plantão psicológico.....	70
Saúde mental e arte: o Caps Ad em telas: relato de experiência de estágio	72
Trabalho interdisciplinar: ampliação do olhar do psicólogo em formação pela literatura de cordel	73
Vitrine de estágios: uma resposta à demanda dos graduandos de Psicologia da UFMG	75

EIXO 2

Pesquisa 77

(In)visibilidades na base nacional comum curricular	78
A anorexia e a adolescência: contribuições da psicanálise.....	80
A atuação do psicólogo(a) na formação profissional: relato de experiência na ong – Rede Cidadã	82
A chegada de um filho com deficiência no contexto familiar	84
A construção social do estigma em masculinidade	88
A importância da psicoterapia para estudantes de Psicologia: senso comum ou legalidade..	90
A importância dos objetos como mediadores no tratamento de crianças autistas	93
A importância e o sentido da oficina terapêutica para os usuários no Caps I	95
A invisibilidade das transmasculinidades no brasil e a luta pela garantia de direitos	96
A presença do pensamento psicanalítico no contexto hospitalar: dos impasses à prática ...	101
A redução de danos enquanto política de amparo aos adolescentes usuários de drogas	103
A virtualidade do abuso sexual à luz da psicanálise: aspectos jurídicos e sociais.....	106
Abuso sexual infanto-juvenil: breves implicações e descrições sobre a realidade do município de Pará de Minas-MG	109
Análise de processos de hierarquização e inferiorização social: preconceito contra homens gays na universidade.....	113
As políticas públicas de saúde e o controle do tabagismo: intervenções comportamentais	115
Aspectos psicológicos da violência contra a mulher.....	117
Automutilação na adolescência: o que a Psicologia tem a dizer sobre isso?	120
Como os professores da educação infantil compreendem o brincar?.....	124



Direitos sexuais e direitos reprodutivos: reflexões acerca da atuação de psicólogas(os) nas políticas públicas.....	126
Encontros dos feminismos com a Psicologia social crítica: por uma Psicologia social feminista	128
Entre a produção científica e a atuação extensionista: impasses ao aliar pesquisa e extensão.....	130
Estudo de caso sobre o manejo da autoagressão: uma reflexão sobre métodos de intervenção.....	132
Femininos e feminismos: uma trajetória sobre as representações do “ser mulher”	134
Formação em Psicologia e saúde do (a) estudante de graduação em Psicologia.....	136
Formulação do fracasso escolar enquanto queixa e a atuação da Psicologia: Uma investigação sócio-histórica	138
Graduação em Psicologia, reflexividade e lógicas das competências no trabalho em políticas públicas	140
Grupo de intervenção de pacientes com toc (transtorno obsessivo compulsivo)	142
Intervenção precoce no autismo sob perspectiva da análise do comportamento: relatos de práticas profissionais.....	143
Juventudes, relações raciais e diversidade sexual: articulações e desafios	145
Leitura e escrita na elaboração do tcc: percepções de estudantes de Psicologia	147
LGBTfobia e a educação: escola e cidadania no contexto das diferenças.....	148
Medicalização da educação e formação de professoras (es): uma pesquisa exploratória	150
Novas diretrizes curriculares da Psicologia e o combate ao racismo	152
O ensino e a formação em Psicologia em um periódico acadêmico: considerações preliminares.....	154
O manejo da transferência no atendimento psicológico de crianças abrigadas	156
O que é ser homem? Traduções da masculinidade frente a violência.....	157
O sentido da vida para usuários de substâncias psicoativas do Caps Ad de Pará de Minas ..	159
O suicídio: uma análise observada no âmbito acadêmico	162
O uso indiscriminado de psicotrópicos na sociedade contemporânea e seus implicadores .	164
Pensando a transferência: masculino e feminino em grupos de conversação realizados numa instituição apaqueana	167
Percepção prática/teórica relativa ao exercício da Psicologia em uma instituição de saúde – Cias	168
Perfil dos trabalhos de conclusão de curso em Psicologia de uma universidade federal do interior de Minas Gerais.....	170
Pesquisa de clima organizacional: um elo entre o indivíduo e a organização	172
Práticas lúdicas e reflexivas como prevenção à violência no contexto escolar	173
Protagonismo infanto juvenil no bairro Belvedere/Divinópolis: adolescência, saúde e cidadania.....	175
Protagonismo juvenil e práticas pedagógicas no contexto escolar.....	177



Relato de experiência de estágio de Psicologia em uma unidade prisional do método Apac	179
Relato de experiências: promoção da resiliência entre adolescentes participantes de um projeto de orientação profissional.....	181
Triagem e acolhimento: clínica-escola de Psicologia como espaço de escuta e intervenção	184
Ysé: a mulher de um certo desejo	186

EIXO 3

Atividades de extensão e vivências 188

A atuação do Psicólogo no núcleo de práticas jurídicas: um estudo de caso	189
A banalização do abuso sexual por meio do discurso machista.....	190
A extensão universitária no cárcere: a escuta psicológica dos estudantes do curso de Psicologia da Puc Minas na Apac de Santa Luzia	192
A formação em Psicologia: refletindo sobre as novas diretrizes curriculares.....	194
A humanização no contexto de reabilitação	196
A idealização no processo de adoção: um estudo exploratório dos aspectos legais e psicossociais.....	198
A importância da Psicologia das necessidades especiais na formação do psicólogo(a)	201
A intersetorialidade: compartilhamento de cuidado em saúde mental na rede de atenção psicossocial	202
A política pública de assistência social nas novas diretrizes curriculares nacionais	204
A psicologia com famílias no sistema de justiça: vivências extensionistas	206
A Psicologia na unidade de pronto atendimento: um relato de experiência	208
A Psicologia no âmbito das organizações não governamentais: desafios e potencialidades	209
A violência contra a mulher transversalizando a formação acadêmica em Psicologia.....	210
Ações de sensibilização e conscientização sobre o fenômeno do suicídio com estudantes universitários	211
Acompanhamento terapêutico como estratégia da clínica ampliada no aprendizado do cuidado em liberdade	213
Adolescência e orientação profissional: contribuições da Psicologia	215
Adolescentes, sexualidade e vulnerabilidade social: um relato de experiência.....	216
Ampliando a sala de aula	218
Articulações, construções e rede: um estágio de orientação à queixa escolar	219
As relações familiares e a educação inclusiva	221
Atendimento psicológico no hospital geral: elaboração do adoecimento do corpo.....	223
Atuação do psicólogo no grupo de gestantes: um relato de experiência	224
Autismo e tratamento psicanalítico: uma prática da clínica da invenção.....	226
Cabelo naturalmente cacheado e crespo: estudo sobre representatividade em crianças de até 12 anos	227



Café com professor@s: um espaço aberto e democrático para trocas entre universitari@s.....	229
Capacitação como estratégia de qualificação do cuidado nos serviços residenciais terapêuticos.....	231
Coletivo plurais	233
Controle social e a Psicologia social da saúde: diálogos possíveis.....	235
Cuidando de quem cuida	236
Desconstruindo a narrativa dominante através de um encontro terapêutico	237
Devastação feminina: o que pode uma análise?	238
Diário de uma estagiária: as percepções sobre os primeiros atendimentos em uma clínica escola	240
Educação inclusiva, núcleo de acessibilidade como ferramenta de mediação	242
Espaço colaborativo: experiência de estágio	244
Estágio curricular em Psicologia escolar institucional: desafios e possibilidades.....	246
Estágio em Psicologia: os desafios da linguagem na orientação vocacional para jovens e adolescentes.....	249
Estágios curriculares e política nacional de assistência social: reflexões a partir da experiência	250
Experiência em extensão universitária: projetos Enriquecimento da Aprendizagem para o Desenvolvimento de Habilidades	252
Extensão em Psicologia no centro de reconhecimento de paternidade: intervenções na sala de espera	254
Gestão com pessoas no terceiro setor	256
Grupo de estudos pretos: o papel da branquitude no enfrentamento ao racismo	258
Grupo de mulheres em uma estratégia saúde da família: sua origem e ‘consolidação’	260
Grupos de acolhimento em saúde mental: garantindo acesso aos cuidados na atenção primária.....	262
Grupos reflexivos para autores de violência contra mulheres	264
Impactos psicológicos causados em emergências e desastres: formas de intervenção da psicologia	266
Implantação de plantão psicológico em um hospital geral na cidade de Divinópolis/MG	268
Importância da afetividade nos cuidados sociais e saúde mental	270
Intervenção em pequenos grupos – uma experiência de estágio em Psicologia escolar	271
Intervenção psicossocial na comunidade morro do papagaio	272
Intervenções em grupo: experiências em um abrigo de mulheres vítimas de violência	274
Intervenções psicológicas grupais em uma instituição de longa permanência para idosos..	277
Intervenções psicossociais com grupos de profissionais Nasf-ab/Esf	279
Janela da escuta: formação, prática e articulação	281
Junt@s: mulheres e homens contra a violência de gênero.....	283



Limites e possibilidades no manejo de um caso na clínica-escola numa abordagem psicopedagógica	285
Mediação comunitária: práticas comunitárias, restaurativas e de Mediação de conflitos....	287
Monitoria nos estágios supervisionados de Psicologia: a experiência do Nupep/Fumec	289
Mulheres: enfrentamento às violências e promoção de saúde	291
O envelhecimento no centro urbano de Belo Horizonte: um estudo dos aspectos psicossociais.....	294
O plantão psicológico no âmbito da clínica escola.....	297
O psicólogo como apoiador matricial na atenção primária à saúde: um relato de experiência	298
O psicólogo e o trabalho com grupos na atenção primária à saúde.....	300
O psicólogo organizacional no processo de recrutamento e seleção: relato de experiência	302
O que há da psicanálise na clínica-escola: uma reflexão	304
O que o sintoma tem a dizer? a psicanálise e os complexos familiares	306
O saber, o aprender e o fazer na perspectiva inclusiva.....	308
O sujeito além da loucura: desafios da equipe multidisciplinar.....	310
O estágio em Psicologia no hospital geral: relato de uma experiência	312
Oficina de saúde coletiva	314
Oficinas emancipatórias no fortalecimento da família.....	315
Ong Aquarela: adolescentes e seus laços sociais.....	316
Papu: uma escuta psicológica às manifestações emocionais dos estudantes da Universidade Santo Amaro	317
Perfil dos estudantes de Psicologia que apresentam dificuldade de leitura	319
Plantão psicossocial e jurídico: espaço de ampliação da atuação da Psicologia com o direito.....	321
Política de acesso e permanência de pessoas com deficiência visual na universidade	323
Povos Indígenas e Saúde Mental: considerações a partir de uma experiência em campo ...	326
Programa Faced Sênior: uma nova perspectiva para o envelhecer	327
Projeto Cavas/UFMG – pesquisa e extensão com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual	328
Projeto Conviver: intervenções psicossociais no contorno – a realidade concreta.....	329
Projeto Diálogos na escola	331
Projeto Amarílis Empoderamento Feminino.....	333
Projeto “Rosa de Pedra”: grupo de apoio psicológico à pacientes oncológicos e acompanhantes.....	335
Psicologia e diversidade funcional: prática em Psicologia escolar em um conservatório de música.....	337
Relato de experiência de estágio em orientação à queixa escolar.....	338
Residências terapêuticas e o cuidado pela via da liberdade: relato de experiência	341



Revisão entre pares: uma importante metodologia para aperfeiçoamento da prática profissional	343
Rodas de conversa com adolescentes no Programa Escola Integrada: experiência estágio psicologia	345
Saúde mental da mulher em foco	347
Saúde mental dos psicólogos(as) em formação: apontamentos de uma pesquisa no interior de Minas Gerais.....	348
Sessão clínica em psicanálise	350
Sobrecarga de cuidadores de crianças e adolescentes com deficiência: uma proposta de intervenção psicossocial.....	352
Suicídio na adolescência: uma pesquisa exploratória	354
Tensões entre demandas comunitárias e respostas do poder público: contribuições da Psicologia social crítica	355
Tentativas de suicídio em adolescentes: um olhar sobre o apego	357
Terapia cognitivo-comportamental e ansiedade: experiência prática de extensão	359
Trabalhando as relações e vínculos familiares: uma experiência de extensão universitária da PUC Minas	361
Usuários em sofrimento mental: desafios intersetoriais a partir do SUAS.....	363
Violência nas escolas: do risco à proteção	365
Vivências do internato rural em Lagoa da Prata	367



EIXO 1

ENSINO DE PSICOLOGIA



A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: CONTRIBUIÇÕES DE UM ESTÁGIO CURRICULAR PARA A FORMAÇÃO DE PSICÓLOGAS(OS)

Thayna Larissa Aguilár dos Santos¹

Julia Oliveira²

Cláudia Maria Filgueiras Penido³

RESUMO

Contextos de atuação da Psicologia, como o Sistema Único de Saúde (SUS), demandaram atualização e reconfiguração das práticas psicológicas, agora influenciadas por intervenções extra-clínicas, institucionais e psicossociais (Ferreira Neto, 2011). Objetiva-se refletir sobre como a formação em Psicologia pode contribuir para a atuação profissional no SUS, a partir do relato de experiência de um estágio curricular supervisionado, denominado “Clínica ampliada na Atenção Primária à Saúde” do curso de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Este estágio visa aproximar os/as estudantes do campo da Saúde Coletiva, pautado pela diretriz da Clínica Ampliada. O relato conta com a descrição e reflexão das vivências de duas alunas, por seis meses, na rede de saúde de Belo Horizonte. As alunas acompanharam psicólogas apoiadoras matriciais, sendo uma do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) e outra da Equipes de Saúde Mental (EqSM). Com o NASF, foi proposta a elaboração e condução de um grupo destinado a crianças e adolescentes com sobrepeso e obesidade, pela psicóloga, nutricionista e a estagiária. No acompanhamento da EqSM, reuniões matriciais foram observadas e, a partir disso, foi identificada a necessidade de um acompanhamento terapêutico com uma usuária. Tais experiências evidenciaram a potência de equipes multiprofissionais, troca de saberes, práticas grupais e serviços de saúde mental de portas abertas; bem como a urgência de um novo fazer clínico, não individual-biomédico-hegemônico que dificulta uma formação comprometida com a Saúde Coletiva e a Atenção Psicossocial. Assim, estágios curriculares articulados com as demandas da rede, pautados pela diretriz da Clínica Ampliada, podem contribuir para a necessária atualização e reconfiguração da prática da Psicologia no contexto de atuação do SUS.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia; formação; estágio curricular; SUS.

REFERÊNCIAS

Ferreira Neto, J. L. (2011). Psicologia, políticas públicas e o SUS. Belo Horizonte, MG: Autêntica/FAPEMIG.

1 Mestre em Psicologia Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: thaynapsicgmail.com

2 Mestranda em Psicologia Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: co.juliahotmail.com

3 Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFMG. E-mail: claudiamfpenido@gmail.com



A DELÍCIA DE SER QUEM SOMOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO DE ALUNAS DE BH

Aline Rose Magalhães Barbosa Braga⁴

Claudia Natividade⁵

Jénnefer Lorem de Oliveira Ramos⁴

Thamyres Jéssica de Oliveira⁴

RESUMO

Introdução: Este relato de experiência fez parte de um estágio supervisionado do 9º período de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. O estágio objetiva conhecer as políticas públicas ligadas à saúde, assistência social e direitos humanos, e a relação destas com a Psicologia enquanto prática transformadora do sujeito e da realidade. Para tal, o estágio foi realizado em uma escola pública de Belo Horizonte da educação integral. Esta política possibilita ampliar o tempo de permanência dos estudantes do ambiente escolar, contribuindo para a sua formação cidadã. **Metodologia:** A roda de conversa acontece semanalmente em uma escola de Belo Horizonte com 9 alunas da integrada na faixa etária de 11 anos. As oficinas foram elaboradas de forma que as discussões dos temas propostos pelas participantes incentivem a expressão das próprias vivências e o aprendizado coletivo. **Resultados:** Durante as oficinas percebeu-se que as participantes apresentaram crescimento pessoal através do reconhecimento de suas singularidades e do contexto em que estão inseridas. Observou-se um predomínio de temas relacionados ao gênero feminino e suas diversas facetas, perpassando pela descoberta do corpo, violências, sexualidade e angústias. **Discussão:** As oficinas constituíram um espaço de fala acolhedor, baseado no sigilo, confiança e respeito para que as participantes sentissem liberdade em comunicar suas vivências. Alguns desafios foram superados durante o percurso, como a mudança de uma posição subjetiva das participantes, colocada por outros, para protagonistas de suas histórias. Este contexto contribuiu para a atuação da Psicologia enquanto prática transformadora, uma vez que a fala e a escuta possibilitam a elaboração e ressignificação das experiências. **Conclusões:** Nota-se a partir dessa experiência a importância da aproximação da Psicologia com a escola proporcionando um lugar de fala para acolher as diversas demandas das/os alunas/os. Além disso, as estagiárias observaram a necessidade da aproximação entre teoria e prática.

PALAVRAS-CHAVE:

Escola; Psicologia; Estágio; Políticas Públicas.

REFERÊNCIAS

Soares, B. M. (2005). **Enfrentando a violência contra a mulher**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

Ministério da Saúde. **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.

Ministério da Saúde. **Transexualidade e Travestilidade na Saúde**. Ministério da Saúde; 2015.

⁴ Acadêmica de Psicologia pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais e estagiária em Políticas Públicas. E-mail: alineroserh@gmail.com; claudianati@hotmail.com; lorem.ramos@gmail.com

⁵ Psicóloga, docente da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais e supervisora do estágio em Políticas Públicas. E-mail: thamyresj14@gmail.com



A EDUCAÇÃO PERMANENTE COMO ESTRATÉGIA PARA (RE)CRIAR OFICINAS TERAPÊUTICAS EM UM CAPS I

Jose Augusto Silva Costa⁶

Mayra Gonçalves Canhestro Rafael⁷

RESUMO

A Educação Permanente - EP, como eixo estruturante do Sistema Único de Saúde - SUS, assume vários modos de produção de conhecimento. A presente narrativa teve como aposta na reflexão dos fundamentos teóricos das Oficinas terapêuticas - OT's à partir da EP. As OT's no Centro de Atenção Psicossocial - CAPS, no contexto da reforma psiquiátrica, se configuram como recurso na produção de sentido do cuidado em liberdade. A EP se apresenta como processo para que profissionais identifiquem este espaço de cuidado como mecanismo propulsor de possibilidades de criar novas maneiras de acesso a direitos, sendo campo de diálogo, de construção de singularidades e cidadania. Através da EP foi possível tecer considerações a partir de vivências do fazer profissional, sinalizando as OT's enquanto tecnologia de cuidado em saúde mental, visto que profissionais interpretam as OT's como espaço de "passatempo". O estudo foi realizado em um CAPS I, em Minas Gerais. Houve ênfase na resignificação do lugar que as oficinas ocupam dentro do CAPS, observada a partir dos seis encontros da equipe, durante os meses de Maio e Junho de 2018. Ao final foi construído um "Caderno de Oficinas Terapêuticas", que legitimou as OT's e reforçou as diretrizes estabelecidas pelo SUS destinadas à atenção Psicossocial para pessoas em sofrimento mental. Contudo, considera-se imprescindível pensar no processo de trabalho em saúde, seus desdobramentos através da EP no cotidiano do trabalho, sustentar os movimentos disparadores do trabalho em conjunto, dando visibilidade a produção, que só é possível a partir da lógica do encontro.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação Permanente; SUS; CAPS I; Oficina Terapêutica.

REFERÊNCIAS

MIELKE, F. B., KANTORSKI, L. P., OLSCHOWSKY, A., & da Rosa Jardim, V. M. (2011). **Características do cuidado em saúde mental em um CAPS na perspectiva dos profissionais.** Trabalho, educação e saúde, 9(2), 265-276.

SILVEIRA, Aparecida Rosângela; BRANTE, Anne Raissa Souza Dias; VAN STRALEN, Cornelis Johannes. **Práticas discursivas na participação social em saúde mental.** Saúde em Debate, v. 38, p. 783-793, 2014.

MIELKE, Fernanda Barreto *et al.* **Características do cuidado em saúde mental em um CAPS na perspectiva dos profissionais.** Trabalho, educação e saúde, v. 9, n. 2, p. 265-276, 2011.

6 Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) unidade Divinópolis; Núcleo de Estágio, atuação no estágio supervisionado. Discente do curso de Psicologia da UEMG Unidade Divinópolis/MG, Especialista em Saúde Mental. E-mail: augustto.costa@hotmail.com

7 Psicóloga e Supervisora de projeto terapêutico singular (PTS) Caps I Claudio/MG. E-mail: augustto.costa@hotmail.com



A LICENCIATURA EM PSICOLOGIA: ANÁLISE DOS DOCUMENTOS DO DOSSIÊ DO PROJETO DE LEI Nº3825/58

Deolinda Armani Turci⁸

Sérgio Dias Cirino⁹

Érika Lourenço¹⁰

RESUMO

A licenciatura no Brasil é um segmento educacional que na atualidade forma professores para os últimos anos da educação básica. Essa formação passou a fazer parte dos cursos de Psicologia desde a Lei nº4119/62 que regulamentou a formação e profissão de psicólogos no país. Contudo, desde 1996, os currículos dos cursos superiores brasileiros passaram a ser orientados por Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e para os cursos de Psicologia sempre que novas diretrizes são discutidas, a permanência da licenciatura na formação é bastante questionada. A partir dos questionamentos, nossas reflexões se direcionaram para o processo histórico que inseriu a licenciatura como modalidade na formação de psicólogos brasileiros. Este trabalho, fruto da tese da primeira autora, orientada pelos dois outros autores, tem o objetivo de apresentar a análise do dossiê do Projeto de Lei nº 3825 de 1958 que culminou na regulamentação de 1962. O dossiê composto por 211 páginas foi localizado no site da Câmara dos Deputados e é composto por anteprojetos de lei, pareceres, cartas, substitutivos, dentre outros. Utilizamos também como fontes, publicações do mesmo período localizadas nas revistas *Boletim de Psicologia*, *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica e Revista Psicologia Normal e Patológica*. Com os resultados da pesquisa compreendemos que o processo de inserção da licenciatura na regulamentação da formação, desde os primeiros anteprojetos em 1953 até a Lei nº4119/62, foi acompanhado de muitos equívocos, como os relativos ao uso dos termos licença e licenciatura nos documentos. Acreditamos que o foco de formação de psicólogos era voltado especificamente para a aplicabilidade prática nas áreas clínica, trabalho e escola, demandas desenvolvimentistas do período, do que para formar professores licenciados em Psicologia. Concluímos que a licenciatura só foi inserida na lei nº 4119/62 porque os cursos de Psicologia no país foram instalados em Faculdades de Filosofia, lócus de formação de professores secundaristas no período.

PALAVRAS-CHAVE:

Licenciatura em Psicologia; Formação de professores; História da Psicologia.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Psicólogos; Sociedade de Psicologia de São Paulo. (1958) Substitutivo apresentado pela A. B. P. e pela SPSP de São Paulo ao Anteprojeto de Lei nº 3825A, do Ministé-

⁸ Doutora em Psicologia pela UFMG. Professora/Pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FAE/UEMG). E-mail: deoarmani@gmail.com

⁹ Professor Titular no Departamento de Psicologia da UFMG. Coordenador do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG. E-mail: sergiocirino99@yahoo.com

¹⁰ Professora Pós-doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFMG. E-mail: erikalourenco.mail@gmail.com



rio de Educação e Cultura. Revista de Psicologia Normal e Patológica 2(12), 394-401.

Associação Brasileira de Psicotécnica (1953). Memorial encaminhado aos srs. Deputados, a propósito da regulamentação da profissão de psicologista. Arquivos brasileiros de Psicotécnica. V. 12, n. 1. (1960). Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpt/article/view/14226/1309>

Benko, A. (1955). Primeiro Seminário Latino-americano de Psicotécnica. Revista de Psicologia Normal e Patológica, 5(3-4), 427-432.

Brasília. Lei n. 4.119 de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4119-27-agosto1962-353841-norma-actualizada-pl.html>

Brasil. Dossiê do PL nº3825/58. Transformado na Lei Ordinária 4119/1962. Disponível em <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=216279>

Brasília. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578norma-actualizada-pl.html>

Cabral, A. C. M. (1953). Problemas da formação do psicólogo. Boletim de Psicologia, 5/6 (18/20): 64-68.

Campos, R. H. DE F. (1980). Psicologia e ideologia: um estudo da formação da Psicologia Educacional em Minas Gerais (Dissertação de mestrado). Faculdade de Educação da UFMG.

Cardoso, A. (1959). Substitutivo adotado pela Comissão de Educação e Cultura ao Projeto nº 3825/58, de 1958. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, 11(3-4), 108-112.

Cellard, A. (2016). A análise documental. In Poupart, J. Deslauriers, J-P. Groulx, L-H. Laperrière, A. Mayer, R. Pires, A. P. A Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.

Decreto-Lei nº1190, de 4 de abril de 1939. Dá organização à Faculdade Nacional de Filosofia. Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Educação. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1190-4-abril-1939349241-publicacaooriginal-1-pe.html>

Esch, C. F., & Jacó-vilela, A. M. (2012). A regulamentação da profissão de psicólogo e os currículos de formação psi. In: Jacó-Vilela, A. M., Cerezzo, A. C., & Rodrigues, H. de B. C. (orgs.). Clio-Psyché hoje: fazeres e dizeres psi na história do Brasil. Edição on-line: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

Izidoro, I. R., Jorcuvich, D. I., & Costa, J. B. DE O. (2015). O retrato da licenciatura em Psicologia no Brasil. XII Congresso Nacional de Educação. PUCPR, Curitiba. Disponível em http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20784_9291.pdf

Jacó-Vilela A. M. (1999). Formação do psicólogo: um pouco de história. Interações: Estudos e Pesquisas em Psicologia. 8(4): 79-91. Supl. Jul/dez.



Lemos, L S. (2008). A identidade do licenciado em Psicologia: uma análise das regulamentações brasileiras entre 1962 e 2008. (Dissertação de mestrado). Faculdade de educação UFMG. Belo Horizonte, MG.

Lourenço Filho, M. B. et al, (1954). Memorial encaminhado aos srs. Deputados, a propósito da regulamentação da profissão de psicologista. Arquivos brasileiros de Psicotécnica. V. 12, n. 1. (1960). Disponível <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpt/article/view/14226/13095>

Massimi, M. (2016). História dos saberes psicológicos. Coleção Temas de Psicologia. São Paulo: Paulus.

Massimi, M. Campos, R. H. F. Brozek, J 9 (2008). Historiografia da Psicologia: métodos. *In*: Freitas, R. H. F. (org.). História da Psicologia: pesquisa, formação, ensino. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. pp. 21-47

Melo, C. M. M de. Araújo, T. S. DE. (2016). A formação de professores na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG (1939-1948). *In*: Faria Filho, L. M. de. Souza, J. V. A. de. Fonseca, N. M. L. (Orgs). Formação docente na UFMG: história e memória. Belo Horizonte: Ed. Mazza.

A PESQUISA CIENTÍFICA NA FORMAÇÃO DISCENTE: ESTUDOS SOBRE A HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO

Ana Luiza Brandão Leal¹¹

Eduardo Marques¹²

Larissa Linhares de Freitas¹³

Márcia Sales Alves¹⁴

Tainá Dutra de Faria¹⁵

RESUMO

Este resumo apresenta as atividades promovidas em um dos grupos de Iniciação Científica da Faculdade de Pará de Minas. O grupo conta com discentes do curso de Psicologia e trabalha como um desdobramento da pesquisa de doutorado da professora orientadora Ana Luiza Brandão Leal, intitulada: A humanização do cuidado no processo formativo de profissionais de saúde em uma instituição privada de ensino superior. O objetivo geral de tal proposta é investigar, à luz da Teoria Ator-Rede - TAR, os sentidos e as práticas de humanização no contexto de formação dos profissionais de saúde no decorrer da graduação. A TAR, suporte teórico metodológico da presente investigação, como expõe Sanchez-Criado (2008), é um conjunto de princípios metodológicos, epistêmicos e de trabalhos de campo que, desde os anos 1980, tem levantado questões acerca das ciências sociais, sendo que uma de suas principais premissas é contornar as tradicionais dicotomias defendidas pela sociologia: natureza – sociedade, sujeito – objeto, micro – macro, humanos – não-humanos. Como ressalta Latour (1994), a TAR localiza os efeitos das ações não exclusivamente em um desses polos, mas na composição ator-rede, uma vez que um ator nunca age sozinho nem isoladamente. Assim, no intento de fomentar a prática científica, o grupo, recentemente iniciado, desenvolve as seguintes atividades: Participação no grupo de estudos; Acompanhamento e transcrição das entrevistas; Pesquisas bibliográficas; Pesquisas documentais; Produção científica; Participação em eventos científicos; Produção de relatórios; Demais atividades concernentes à iniciação científica. Acredita-se que a imersão do aluno em atividades vinculadas à pesquisa científica visa atender ao tripé de formação: ensino, pesquisa e extensão. Dessa maneira, a FAPAM promove e incentiva propostas como esta.

PALAVRAS-CHAVE:

Humanização; Teoria Ator-Rede; Pesquisa Científica.

REFERÊNCIAS

Latour, B. (1994). **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34.

Sanchez-Criado, T. (2008). **Tecnogénesis: La construcción técnica de las ecologias humanas**. Madrid: Ed. Volumen.

11 Professora dos cursos de Psicologia e Enfermagem da Faculdade de Pará de Minas – FAPAM. Doutoranda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

12 Graduando do curso de Psicologia – FAPAM

13 Graduanda do curso de Psicologia – FAPAM

14 Graduanda do curso de Psicologia – FAPAM

15 Graduanda do curso de Psicologia – FAPAM



A REALIDADE ESCOLAR BRASILEIRA A PARTIR DA PERSPECTIVA DO PROFESSOR

Maria Rita Britto Tupinambá¹⁶

Laísa Fonseca Araújo¹⁷

RESUMO

Na busca por compreender a situação que se encontra o sistema escolar brasileiro não se pode negar a importância do olhar do professor, uma vez que este é peça fundamental no ambiente escolar. O foco principal está na compreensão da experiência, com base na percepção docente sobre seu papel e seu cotidiano. Trata-se de compreender o significado único que os participantes dão às suas vivências cotidianas e entendê-las de modo a ampliar a noção sobre a dimensão das ações escolares (DAYRELL, 2001). Dessa maneira, a apresentação dos dados levantados leva a uma provocação e reflexão a cerca da realidade escolar vivenciada pelos professores. Para Gurski (2013) o posicionamento diante dos problemas enfrentados no cotidiano e as queixas dos professores são importantes para o entendimento dessa realidade na atualidade. A pesquisa bibliográfica aponta para uma subjetividade em crise diante das mudanças na sociedade contemporânea. Tal proposta é fruto de uma pesquisa de campo, com método qualitativo, onde a coleta de dados foi realizada com professores do ensino fundamental de uma escola estadual de Montes Claros-MG, por meio da técnica de grupo focal. Foram realizados três encontros com as seguintes temáticas: papel do professor, violência escolar e adoecimento docente. Os temas foram previamente definidos pelos pesquisadores. Encontramos como fatores que determinam essa realidade: a crise do papel docente; a violência em suas várias formas no cotidiano escolar e a alta prevalência de adoecimento docente. Enfim, essa travessia nos possibilitou a apreensão do mal-estar vivenciado pelos docentes, através do aprofundamento nas condições que comprometem o trabalho, a insegurança dos professores e a influência na sua subjetividade, os sentimentos de apatia, inércia e desencanto perante a ação educativa e a dificuldade de redefinição do papel docente e de reação diante dos novos contextos escolares.

PALAVRAS-CHAVE:

Professor; Escola; Cotidiano; Percepção.

REFERÊNCIAS

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio cultural. *In*: DAYRELL, J. (org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

GURSKI, R. É possível pensar a contrapelo o mal-estar na educação atual? *Correio da APPOA*, v. 220, p. 25-32, 2013. Disponível em: < <http://www.apboa.com.br/uploads/arquivos/correio/220.pdf> > Acesso em: 20/05/2019.

¹⁶ Psicóloga pela Universidade FUMEC, especialista em Neuropsicologia também pela Universidade Fumec e MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas - FGV. Mestre em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Área de pesquisa e atuação em educação, formação e identidade docente. Atualmente é docente e coordenadora do curso de Psicologia da Faculdade Promove. Faculdade Promove. E-mail: mrtupinamba@yahoo.com.br

¹⁷ Psicóloga e especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Integrante do Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade- Núcleo Norte de Minas. Possui as seguintes áreas de interesse para atuação e pesquisa: educação, relações sociais, gênero, raça e medicalização da vida. Faculdades Integradas do Norte de Minas. E-mail: laisafonseca78@gmail.com



APLICAÇÃO DO TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO NA PRÁTICA DE ESTÁGIO ORGANIZACIONAL

Elisangela Pereira de Oliveira¹⁸

Andresa dos Santos Furtado¹⁹

Mônica Queiroz de Oliveira²⁰

RESUMO

O objetivo desse relato é debater sobre o treinamento e desenvolvimento de líderes realizado no estágio de ênfase organizacional. O trabalho foi desenvolvido com um grupo de líderes de uma empresa de transporte coletivo, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte. O treinamento e desenvolvimento são importantes processos que visam capacitar o colaborador para melhorar o seu desempenho no cargo ocupado atualmente na empresa, ou vislumbrando cargos futuros. Trabalha-se o desenvolvimento de competências e habilidades específicas, úteis para o sucesso do profissional e da organização. Sendo assim, é de importante relevância a implementação de programas de desenvolvimento de líderes dentro das organizações. O estágio contou com encontros semanais com duração de duas horas cada, em que foram utilizadas dinâmicas de grupo, oficinas e ferramentas de acordo com os temas geradores, definidos no projeto. Foram abordados assuntos que abrangessem reflexões sobre o papel da liderança, autoconhecimento, perfil comportamental e desenvolvimento de competências. Diante das discussões realizadas nos encontros, das supervisões na faculdade e referencial teórico, foi possível observar a evolução dos participantes ao longo dos encontros, levando-os a identificar seus perfis, assim como pontos fortes e as necessidades de melhoria. Cada participante estabeleceu um plano de ação com objetivos, metas e prazos para desenvolvimento das competências desejadas. Ao final do processo de Treinamento e Desenvolvimento, foi entregue um Plano de Desenvolvimento Individual, sugerindo alguns pontos de melhorias. Foi possível observar que através do treinamento e desenvolvimento, os participantes do grupo apresentaram um importante crescimento em relação às habilidades e competências necessárias para liderança. Entretanto, é importante ressaltar que só o aprimoramento dessas competências não é o suficiente, em um mundo que está cada vez mais tecnológico e competitivo, percebe-se a necessidade de inovação e a busca constante de conhecimento para o sucesso profissional.

PALAVRAS-CHAVE:

Treinamento e Desenvolvimento; Competências; Prática de Estágio; Psicologia Organizacional.

REFERÊNCIAS

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas: O Novo Papel dos Recursos Humanos nas Empresas** -- 4.ed. -- Barueri, SP : Manole, 2014. Cap.12.

GRAMIGNA, Maria Rita. **Jogos de empresa e técnicas vivenciais** - 2. Ed. – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

18 Discente em Psicologia do 10º período na Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: elisangelaquintao@hotmail.com

19 Psicóloga, Pós-Graduada em Terapia Cognitivo Comportamental (PUC Minas) e Monitora de Estágio, Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: andresa.furtado@kroton.com.br

20 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela UFMG. Especialista em Psicologia do Trabalho pela UFMG. Professora e Supervisora de Estágio na Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: monicao@pitagoras.com.br



APRENDENDO A SER PSICÓLOGA(O) ESCOLAR

Larice Santos Silva²¹

Camila Pereira Teixeira²²

RESUMO

Este relato discorre sobre a importância que duas psicólogas atribuem à maneira como configurou-se o cotidiano das supervisões de um estágio curricular em Psicologia Escolar e Educacional para a formação geral do psicólogo. Nesse estágio, utilizávamos a perspectiva Histórico-Cultural, a qual confere importância fundamental à constituição do sujeito, considerando o contexto ao qual ele está inserido, pensando a relação existente entre o próprio sujeito e a sociedade, levando em conta o aspecto da mediação e do caráter histórico-cultural dos processos psíquicos. Compreendemos que o estágio em Psicologia é um cenário fértil para que os limites da formação técnica sejam ultrapassados, propiciando, também, uma formação ética, crítica e política do psicólogo. A experiência vivenciada nos fez entender que esse estágio se configurou como espaço possível para esse tipo de formação. Um dos enfoques era a formação continuada de educadores infantis, tendo como um dos elementos norteadores a escrita de cartas reflexivas endereçadas aos mesmos, problematizando cenas e práticas do cotidiano escolar. O desenvolvimento dessa escrita era um exercício constante de olhar generoso, atento, curioso e de suporte teórico de todos os envolvidos: estagiários e supervisora. As supervisões eram enriquecidas com: leitura conjunta dos diários de bordo, utilização de recursos estéticos e realização de equipes reflexivas. Percebemos que o nosso olhar foi se transformando, atentando-nos ao compromisso social que a Psicologia deve exercer, fazendo de nós, profissionais mais atentas a uma postura crítica. A construção desse espaço horizontal de supervisão, que destaca as singularidades, limites e possibilidades, engrandeceu e atribuiu novos significados à nossa experiência formativa.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia escolar e educacional; Estágio supervisionado; Formação do psicólogo.

REFERÊNCIAS

CONSELHO FEDERAL DE PSICÓLOGIA. Referências técnicas para Atuação de Psicólogas (os) na Educação Básica - Brasília: CFP, 2013.

REZENDE, Paula Cristina Medeiros e cols. Quando uma Psicologia escolar crítica vai à clínica. **Psicol Esc. Educ. (Impr.)** Campinas, v. 14, n. 1, p. 171-173, junho de 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000100019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 de maio de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572010000100019>.

21 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (2013), mestre em Psicologia do Desenvolvimento Humano e da Aprendizagem pela Universidade Federal de Uberlândia (2016). Atua como psicóloga clínica e docente no curso de Psicologia do Instituto Educacional Maria Ranulfa em Uberlândia-MG. Instituto Educacional Maria Ranulfa. E-mail: laricesantos.s@gmail.com

22 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (2013), especialista em Atenção ao Paciente em Estado Crítico, pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Universidade Federal de Uberlândia (2016). Prefeitura Municipal de Paulínia-SP. E-mail: tpcamila@live.com



ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR: PROJETO DE INTERVENÇÃO COM GRUPOS

Fabiane Cristina de Souza Alvim²³

Anelise de Oliveira e Resende²⁴

RESUMO

Introdução: O Projeto de intervenção com Grupos - Elaboração e execução de oficinas, tem como objetivo oportunizar o exercício de oficinas, amparada pela disciplina Intervenções com Grupos, em interlocução com disciplinas do período (quinto) e anteriores, dando o caráter de interdisciplinaridade horizontal e vertical. Busca-se favorecer o desenvolvimento de habilidades de organização e condução de grupos. **Metodologia:** A turma é dividida em grupos desenvolvendo a atividade a partir de uma área de atuação específica: educação, saúde, organizacional e social, com um professor orientador. A construção do Projeto acontece nas aulas de Intervenções com Grupos. Na parte escrita constam os itens necessários para a condução de uma oficina, bem como textos construídos pelo grupo demonstrando estudo da temática, análise do contexto e considerações éticas que se configuram como uma preparação para a prática. Na parte prática, o grupo simula a execução de um encontro nos moldes de oficina e os colegas de sala participam como ouvintes e/ou público alvo. Esta atividade é avaliada por uma banca, quanto a postura do grupo, adequação à proposta, a organização da atividade, o uso do arcabouço teórico na prática, a execução das técnicas escolhidas e sua pertinência ao contexto. Todos os integrantes do grupo desempenham a função de coordenador. A nota final da atividade é composta pela avaliação processual de acompanhamento do grupo, do Projeto e da execução da atividade, resultado utilizado nas disciplinas do período. **Resultados:** Os alunos avaliam a experiência de forma positiva. Os professores orientadores do estágio de Intervenções com grupo, percebem a evolução dos alunos, a partir da implantação da Atividade, considerando que os mesmos chegam mais preparados. **Conclusão:** Percebe-se a importância da articulação teoria e prática para que os alunos possam exercitar os conceitos apresentados em sala, colocando em prática, em ambiente seguro, os primeiros passos da vida profissional.

PALAVRAS-CHAVE:

Interdisciplinar; Intervenções; Grupos.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Lúcia *et al.* Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002.

_____. Oficinas em dinâmica de grupo – intervenção psicossocial. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2003.

23 Psicóloga, Psicanalista. Mestranda em Gestão Integrada de Territórios. Pós-graduação em Psicanálise Aplicada à Saúde Mental. Pós-graduação em Gestão da Clínica na Atenção Primária à Saúde. Associada à Associação Brasileira de Estudos e Prevenção ao Suicídio. Psicóloga do Núcleo de Saúde Mental Infanto-juvenil da Prefeitura de Ipatinga. Professora do curso de Psicologia da Faculdade Única de Ipatinga. Instrutora em treinamentos corporativos pela JCA Consultoria e Treinamentos. E-mail: souzafabianecristina@gmail.com

24 Psicóloga. Mestranda em Gestão Integrada de Territórios. Especialização em Gestão Estratégica de Recursos Humanos. Supervisora de Estágio, professora e coordenadora do curso de Psicologia da Faculdade Única de Ipatinga. Instrutora de Treinamentos e consultora em Gestão de Pessoas. E-mail: aneliseresende@yahoo.com.br



DAVIDOFF, Linda L. Introdução à Psicologia. São Paulo: Ed McGraw-Hill, 1983.

FADIMAN, J.; FRAGER, R. Teorias da Personalidade. São Paulo: Pioneira, 1986.



ATIVIDADE PRÁTICA DE OBSERVAÇÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL

Celso Francisco Tondin²⁵

Deruchette Danire Henriques Magalhães²⁶

Bianca de Araújo Liboreiro²⁷

Fernanda de Cássia Oscar²⁸

Martha Lages Rodrigues²⁹

Miriam Jhenifer Xavier Paiva³⁰

Samuel Augusto Diniz Silva³¹

RESUMO

Este relato apresenta a atividade prática de observação de espaços educacionais realizada junto ao componente curricular Psicologia Escolar e Educacional I (PPE I) do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. Objetiva-se destacar a contribuição deste componente para a formação de futuras psicólogas(os), principalmente no que se refere ao exercício do pensamento crítico e intercâmbio entre academia e comunidade. Numa perspectiva crítica, a PEE I promove uma contextualização teórica que preconiza aspectos sócio-históricos acerca da Educação e da instituição escolar bem como da Psicologia Escolar e Educacional como área de atuação profissional; e também possibilita o desenvolvimento de uma atividade prática (TONDIN *et. al.*, 2018). Esta atividade é realizada em escolas (públicas, preferencialmente ou privadas), organizações não governamentais e outros contextos educacionais. A estrutura da atividade envolve nove etapas, a saber: configuração da atividade, entrada na instituição, sessões de observação participante (com registro em diários de campo), definição de foco/demanda, entrevista, resumo expandido, seminário de socialização, avaliação da prática e devolutiva à entidade, sendo que todas as etapas são acompanhadas pelo docente responsável pela disciplina e um(a) ou dois (duas) monitores(as). São preservados cuidados éticos atinentes a um trabalho de cunho didático. É possível perceber que a atividade funciona como uma estratégia de ensino-aprendizagem plural e integral, pois promove o diálogo entre as bases teóricas estudadas em sala de aula e a diversidade das realidades escolares, e atenta os (as) estudantes para lidarem com atravessamentos institucionais e aspectos sociais e culturais que permeiam as práticas pedagógicas e as demandas psicológicas. Nesse sentido, busca-se quebrar o paradigma de práticas descontextualizadas ao passo que possibilita a formação de uma nova representação acerca do papel da(o) psicóloga(o) que atua em contextos educativos, a da(o) profissional comprometida(o) com a função social da educação e com o compromisso de transformação social.

25 Doutor em Psicologia. Professor adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: deruchettedhm3@gmail.com

26 Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: celsotondin@ufsj.edu.br

27 Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: biancaliboreiro07@hotmail.com

28 Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: fernanda.oscar2@gmail.com

29 Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: marthalages@yahoo.com.br;

30 Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: miriam.jhenifer@gmail.com

31 Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: samuelaugusto_diniz@hotmail.com



PALAVRAS-CHAVE:

Atividade prática; Ensino de Psicologia; Contextos educativos; Psicologia escolar e educacional.

REFERÊNCIAS

TONDIN, Celso Francisco *et al.* Atividade prática de observação de instituições educativas como estratégia de ensino de Psicologia Escolar e Educacional. *In: SOLIGO, Ângela et al. (Org.). Formação em Psicologia para a transformação psicossocial na América Latina.* 1. ed. Rio de Janeiro: Alfepsi, 2018. p. 181-193. v. 1.



CONTRIBUIÇÃO DA AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA NO DIAGNÓSTICO DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Paula Carolina Solano de Medeiros³²

Aline Paulino Teixeira³³

Larissa de Souza Salvador³⁴

RESUMO

A Neuropsicologia investiga a evolução humana atrelada aos comportamentos do cérebro em desenvolvimento. A avaliação neuropsicológica busca compreender o paciente em seu cotidiano, auxiliando na identificação de dificuldades cognitivas que prejudica a aprendizagem e integração social. O presente trabalho teve por objetivo avaliar uma criança de 09 anos de idade, do sexo masculino que teve um acidente hipóxico isquêmico nos primeiros meses de vida, apresentando sequelas que não foram muito bem delineadas até o presente momento. Ele foi submetido a testes neuropsicológicos com a intenção de verificar a hipótese de Transtorno do Desenvolvimento Intelectual (DI) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), sendo avaliadas funções cognitivas relacionadas à inteligência, funções executivas, habilidades viso espaciais e comportamentais. Os instrumentos utilizados foram: Escala Wechsler de Inteligência para Criança 4ª Edição (WISC-IV), Bateria Psicológica para Avaliação da Atenção (BPA), Inventário dos comportamentos de Crianças e Adolescentes entre 6/18 anos (CBCL), Teste de Desempenho Escolar (TDE), Teste dos Cinco Dígitos (FDT) e Figura Complexa de Rey. Além disso, foram utilizadas outras técnicas, como anamnese e análise de documentos médicos. Através dos resultados obtidos com a avaliação, nota-se que a criança apresenta critérios para DI e TDAH, ou seja, função intelectual significativamente abaixo da média, demonstrada por um quociente de inteligência (QI) inferior a 70 com prejuízo nas habilidades adaptativas em pelo menos duas áreas: comunicação, e rendimento escolar. Apresenta também pelo menos 06 (seis) sintomas para Desatenção e hiperatividade, de acordo com Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), sendo alguns deles: Dificuldade em prestar atenção, comete erros em tarefas, frequentemente recusa envolver em tarefas que exijam esforço mental e distraí facilmente. Contudo, a contribuição da avaliação neuropsicológica é traçar o perfil neuropsicológico da criança, investigando a presença de algum transtorno do desenvolvimento e traçar estratégias mais efetivas de intervenção.

PALAVRAS-CHAVE:

Neuropsicologia; Avaliação Neuropsicológica; Deficiência Intelectual.

32 Discente em Psicologia do 8º período, com formação em Tecnólogo em Recursos Humanos (UNA). Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: paulacarolina25@yahoo.com.br

33 Monitora de estágio, Pós-Graduanda em Avaliação Neuropsicológica na Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: aline.pteixeira@kroton.com.br

34 Orientadora. Doutoranda pelo PPG em Saúde da Criança e do Adolescente, UFMG. Mestre em Neurociências. Faculdade Pitágoras de Betim e Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: ssalvador.larissa@gmail.com



REFERÊNCIAS

CARVALHO, M.R.Q; MARTINS, A.A.S; SALAZAR, G.; HAASE, V.G. Genética e Genoma da Deficiência Intelectual. In:_____. (Org). **Neuropsicologia Do Desenvolvimento: Infância E Adolescência**.p.65-66.

HAASE. G, V. *et.al.* **Como A Neuropsicologia Pode Contribuir Para A Educação De Pessoas Com Deficiência Intelectual E/Ou Autismo?** Capa > v. 8, n. 2 (2016).

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... *et al.*]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [*et al.*]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014. P 33-59.

TRES, Fernanda; DERTELMANN,V.F.de Cibila. **Avaliação Neuropsicológica Em Crianças Com Deficiência Mental**. Acesso em: <http://www.ibapnet.org.br/congresso2011/trabalhos/1466120.pdf>. Acessado em 26 de maio de 2019.

VASCONCELOS, M.M. **Retardo Mental**. J. Pediatr. (Rio J.) vol.80 no.2 suppl.0 Porto Alegre Apr. 2004. Acesso em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572004000300010>



CONTRIBUIÇÕES DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E PROTAGONISMO ACADÊMICO NOS CURSOS DE PSICOLOGIA

Alcilene Lopes de Amorim Andrade³⁵

RESUMO

Relata-se neste trabalho, atividade pedagógica com a utilização de metodologias ativas entendidas como estratégias didáticas que colocam a acadêmica como principal agente de seu aprendizado. Neste contexto, a capacidade crítica e a reflexão são incentivadas pela professora, mediadora da aula, visando o protagonismo da aluna. O tema possui relevância social e acadêmica, considerando de um lado, a necessidade de efetivar a aprendizagem ativa e significativa durante a graduação, que requer práticas frequentes em ambientes ricos em oportunidades; de outro, a comunidade na qual a universidade está inserida demandando a aplicação do saber construído para o enfrentamento de diferentes desafios. Assim sendo, o objetivo é apresentar a importância do uso de metodologias ativas, com ênfase na ABP ou PBL, para o protagonismo das estudantes de Psicologia e superação da dicotomia teoria-prática. Para tal fim, realizou-se, além da revisão de literatura, pesquisa-ação, de abordagem qualitativa, classificada como descritiva quanto ao objetivo. Os resultados comprovam a efetividade do processo ensino-aprendizagem quando na ocorrência de situações didáticas nas quais as alunas aprendem de forma ativa, nas realidades e contextos vividos. A proposta aliou teoria-prática dos conteúdos das disciplinas Psicologia Escolar e Psicologia Comunitária, realizando, numa perspectiva interdisciplinar, em uma escola pública de Ensino Fundamental, o levantamento de necessidades, construção e operacionalização do projeto de intervenção. Conclui-se que as metodologias ativas contribuem para busca de soluções colaborativas, exigindo da docência e discente formas diferentes de movimentação interna e externa, fazendo com que ensinar e aprender se convertam em processos de constante pesquisa, reflexão, problematização da realidade e compartilhamento. Nesse sentido, o espaço da sala de aula se transforma em um território privilegiado de cocriação, em busca de soluções onde estudantes e professoras aprendem a partir de situações concretas, dialogando com as necessidades da comunidade local.

PALAVRAS-CHAVE:

Metodologias Ativas; Formação em Psicologia; Aprendizagem Significativa; Interdisciplinaridade

REFERÊNCIAS

BACICH, L.; MORAN, J. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org.). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

³⁵ FUPAC TO, Psicóloga, pós-graduada em Didática Metodologia de Ensino e em Psicologia clínica, Mestre em Educação, Pesquisadora em Psicologia Escolar e Educação, Professora do curso de Psicologia. E-mail: alcileneaguia@hotmail.com



CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para Atuação de Psicólogos(os) na Educação Básica.** Brasília: CFP, 2013

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2002

SILVA, Elza Maria Tavares. Futuros psicólogos: ensino e formação. Estudos de Psicologia. vol.17 n.3 Campinas Sept. /Dec. 2000

SCHRAM, Sandra Cristina e CARVALHO, Marco Antônio Batista. **O Pensar educação em Paulo Freire, para uma pedagogia de mudanças.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf> . Acesso em: 18 maio 2018



CUIDAR DE QUEM CUIDA: A EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO PSICOTERAPÊUTICO COM GUARDAS MUNICIPAIS

João Paulo dos Santos³⁶

Maria Inês de Gouvêa³⁷

Vânia Frade Bernardes³⁸

Luiz Felipe Viana Cardoso³⁹

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar as experiências de estágio em Psicologia na Guarda Municipal de Belo Horizonte. Diante de um cenário peculiar, face à hierarquia à qual estão sujeitos os profissionais desta instituição, foi criado um grupo psicoterapêutico a fim de oferecer um espaço de escuta e acolhimento às diversas demandas. Assim, quinzenalmente, os(as) estagiários(as) se reuniram com um grupo de cerca de 10 participantes para trabalhar questões sobre o universo deste trabalho. Cada encontro teve duração aproximada de duas horas e contou com o uso de técnicas de grupos como disparadoras para a livre circulação de fala entre os integrantes. Buscamos investir no potencial psicoterapêutico do grupo, com foco em suas relações, visando tornar o ambiente o mais salutar possível e, sobretudo, contribuir para aflorar o sentimento de pertença em cada participante. Em cada encontro, eram compartilhadas novas experiências que favoreciam evidente crescimento, tanto individual quanto coletivo, sendo relevante destacar que, o poder da escuta foi a estratégia utilizada por nós, estagiários(as), para quebrar barreiras preconceituosas de que “homem não chora”, ou que “aqueles que protegem são mais fortes e, portanto, intocáveis”. Dentre as demandas trazidas pelo grupo, buscamos refletir sobre a pressão por qual lidam os guardas civis, tais como a ansiedade e a angústia frente à posse de arma, as cobranças institucionais, a hierarquização das relações, o adoecimento pelo trabalho, o estresse e o risco durante as operações, o atravessamento das questões familiares, o abuso do álcool e outras drogas, dentre tantas outras que fazem parte do universo dos profissionais de segurança pública. Enfim, cumpre-nos a grata satisfação de reconhecer que, diante de nós, inicialmente, encontrava-se escudos e couraças, mas com a devida compreensão, concluímos, ao final, que não eram senão almas humanas que nos afetaram e que afetamos com o simples e complexo poder da escuta.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicoterapia de Grupo; Guardas Municipais; Segurança Pública; Escuta; Acolhimento.

36 Discente do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: joaopaulopmjp@hotmail.com

37 Discente do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: bernardesefrades@hotmail.com

38 Discente do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: mariainesines@yahoo.com.br

39 Psicólogo e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Professor do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: luizfelipevcardoso@gmail.com



REFERÊNCIAS

AFONSO, M. Lúcia M (Org). **Oficinas em dinâmica de grupo**: um método de intervenção psicossocial. Belo Horizonte: Edições do campo social, 2000.

MARTINS, S. M. V; AMATUZZI, M. M. (2005). **Grupo de crescimento**: uma prática sob o enfoque fenomenológico. In V. A. A, Camon (Org.), *As várias faces da Psicologia fenomenológico-existencial* (p.85-96). São Paulo: Ed Pioneira.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



DE ASSISTENTE A ANALISTA A PARTIR DO PLANEJAMENTO DE CARREIRA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Roberta dos Santos Oliveira⁴⁰

Mônica Queiroz de Oliveira⁴¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é abordar o Planejamento de Carreira a partir do relato de experiência de estágio de ênfase em Psicologia Organizacional, realizado em uma Clínica Escola. O mercado de trabalho está em constante desenvolvimento, exigindo que as pessoas se preparem para as mudanças e que as organizações busquem um investimento em desenvolvimento humano. Neste cenário, o Planejamento de Carreira se apresenta como um importante recurso para que o profissional defina seus objetivos e trace metas para alcançá-los, dentro de um prazo estipulado. O processo de Planejamento de Carreira foi desenvolvido com uma profissional que atuava no cargo de Assistente de Logística em uma empresa multinacional e que pleiteava, em curto prazo, assumir a vaga de Analista. O processo contou com oito encontros, em que foram utilizadas ferramentas e intervenções com foco no objetivo trazido pela profissional, que pôde mapear suas competências e identificar quais precisaria desenvolver para corresponder ao perfil do cargo desejado. Ao decorrer do processo, a profissional buscou se capacitar para atender aos requisitos mínimos exigidos pela empresa para o cargo de Analista, Gestão e Supervisão. Ao final dos encontros, ela conseguiu alcançar seu objetivo, sendo promovida para o cargo de Analista de Logística. Diante dessa experiência, foi possível perceber que o melhor plano de carreira é aquele que atende as necessidades e objetivos do cliente e que busca compreender seu ciclo de vida pessoal e profissional, avaliando os seus próprios valores e entendendo suas necessidades e as da organização. É importante salientar que um planejamento de carreira não garante que o profissional obterá êxito, entretanto, irá proporcionar um senso de direção, com ações claras que estejam de acordo com os objetivos estabelecidos. O uso de ferramentas adequadas, o comprometimento do cliente e o preparo técnico do aplicador também fazem toda a diferença nesse processo.

PALAVRAS-CHAVE:

Planejamento de Carreira; Gestão de Carreira; Logística; Psicologia Organizacional; Prática de Estágio.

40 Discente em Psicologia do 9º período na Faculdade Pitágoras de Betim.

41 Orientadora. Psicóloga, Mestre em Psicologia pela UFMG. Especialista em Psicologia do Trabalho pela UFMG. Professora e Supervisora de Estágio na Faculdade Pitágoras de Betim.



REFERÊNCIAS

Bastos, A. V. B. **Carreira Ocupacional: um fenômeno a desafiar a pesquisa sobre as relações entre indivíduos, trabalho e organizações.** Revista Organizações & Sociedade, 2000. 7 (17), 113-115.

Vitorio, Donato. **Introdução à Logística - Perfil do Profissional de Logística.** Ed. Ciência Moderna, 2010.



DEPRESSÃO PÓS-PARTO E SEU SURGIMENTO

Alyne Amaral Santos⁴²

Emylle Cristine Alves Veloso⁴³

Álvaro Parrela Piris⁴⁴

RESUMO

Introdução: A gravidez é o início de um novo ciclo na vida da mulher, torna-se um período de grandes mudanças. Sendo assim o período puerpério é considerado muito delicado pois nesta etapa muitas mulheres tem pensamentos que não estão preparadas para serem mães. **Objetivo:** Analisar e compreender os fatores que podem influenciar no surgimento da depressão pós-parto. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada a partir das bases de dados portal da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Scielo onde foi realizada uma pesquisa das produções dos anos entre 2015 a 2018, com o tema “depressão pós-parto” utilizando os filtros das bases de dados LILACS and INDEX Psicologia - Periódicos técnico-científicos e o operador booleano “and” aplicando os descritores “pós-parto”, “gestação” e “depressão”. Obtendo assim um total de 30 artigos, sendo que após leitura e análise foram selecionados uma amostra final de 4 artigos. **Resultados e Discussão:** Em análise, estudo e discussão dos artigos, identificou-se que a gestação é um período de grandes emoções, com isso muitas mulheres se deparam com sentimentos de culpa, pensamentos que não irão dar conta, insatisfação e inutilidade, sendo considerado muitas vezes prejudiciais e causadores de transtornos emocionais para a mulher que se tornou mãe. Foram observados sendo mais frequentes no período puerpério, podendo ser influenciadores na depressão pós-parto, se não cuidados. **Conclusão:** Com este estudo percebeu-se a necessidade de criar políticas públicas voltadas para a saúde da mulher, como um apoio nos períodos que se encontram em maior vulnerabilidade, pois com um diagnóstico precoce é possível criar ações preventivas para minimizar sofrimento em tornar-se mãe, visto que se não tratada pode trazer transtornos emocionais que acarretam principalmente nos cuidados primários com o filho que são considerados primordiais para os primeiros dias de vida.

PALAVRAS-CHAVE:

Puepério; Depressão pós- parto; Gestação.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Alesandra da Rocha; Araujo, Tereza Cristina Calvacanti Ferreira de. Depressão pós-parto: uma revisão sobre os fatores de risco de proteção. **Psic., Saúde & Doenças**. Lisboa, v.18, n.3, p.828-845, dez. 2017.

ALVARENGA, Patrícia *et al.* Variáveis sociodemográficas e saúde mental materna em contexto de vulnerabilidade social. **Psic., Saúde & Doenças**. Lisboa, v.19, n. 3, p. 776-788, dez. 2018

HOLLIST, Cody S *et al.* Depressão pós-parto e satisfação conjugal: impacto longitudinal em uma amostra brasileira. **Rev. bras. med. fam. comunidade**. Rio de Janeiro, v.11, n.38 p.1-13, jan./dez. 2016.

42 Estudante de Psicologia das Faculdade de Saúde e Humanidades Ibituruna- FASI. E-mail: emylle47@gmail.com

43 Estudante de Psicologia das Faculdade de Saúde e Humanidades Ibituruna- FASI. E-mail: lyneamaral2@hotmail.com

44 Orientador e Professor das Faculdade de Saúde e Humanidades Ibituruna- FASI. E-mail: alvaroparrela@yahoo.com.br



ESTÁGIO SUPERVISIONADO BÁSICO – INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS

Aline Ferreira da Silva⁴⁵

Jacina Santos Dias⁴⁶

Woochiton Ramos Lopes Pereira⁴⁷

Leila Aparecida Silveira⁴⁸

RESUMO

A alfabetização de idosos não busca somente ensinar a “ler e a escrever”, mas criar possibilidades para que o indivíduo ou o grupo possa exercer a leitura e a escrita de maneira a se inserir de modo participativo na sociedade. A Psicologia permite uma educação libertadora que desenvolve as competências necessárias ao enfrentamento dos desafios do envelhecimento e fortalece a coragem de romper para compor o novo, apesar das limitações psicológicas, físicas e neurológicas. O presente trabalho é um relato da experiência do Estágio supervisionado básico II do Curso de Psicologia da Funorte- Faculdades Integradas do Norte de Minas. Teve como objetivo fazer uma intervenção psicossocial com idosos, de modo a fornecer subsídios para uma ressignificação acerca do envelhecimento. Participaram do estágio voluntariamente 28 idosas, com idades entre 60 a 80 anos. Foram utilizados dois instrumentos técnico-metodológicos: a oficina psicossocial e o grupo operativo. Segundo Afonso (2006) a oficina psicossocial é um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. O grupo operativo criado por P. Rivière é definido por um conjunto de pessoas, com um objetivo comum de discussões e tarefas, que são colocadas em funcionamento por um coordenador, cuja finalidade é obter, dentro do grupo, uma comunicação que se mantenha ativa, ou seja, criadora. O trabalho estimulou a conversação em grupo, melhorando assim o relacionamento interpessoal, a partir de valores como o respeito, a paciência. Como resultado houve melhorias nas habilidades cognitivas, ajudando assim no processo de alfabetização, além de ressignificar a velhice, sendo ela uma etapa de crescimento pessoal, a qual é fundamental desfrutar com autonomia e dignidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Velhice; Educação; Psicologia.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L. M. (Org.). Oficinas em Dinâmica de Grupo: um método de intervenção psicossocial. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

45 Faculdades Integradas do Norte de Minas; Acadêmica(s) do 9º Período de Psicologia. E-mail: alinesilva30@live.com

46 Faculdades Integradas do Norte de Minas; Acadêmica(s) do 9º Período de Psicologia. E-mail: contatowoochiton@gmail.com

47 Faculdades Integradas do Norte de Minas; Acadêmica(s) do 9º Período de Psicologia. E-mail: jacinasantos@yahoo.com.br

48 Professora das Faculdades Integradas do Norte de Minas- FUNORTE. E-mail: leilasilveiramoc@gmail.com



PICHON-RIVIÈRE, E. Teoria do vínculo. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RABELO, A. A. Processos Grupais. *In*: COELHO, A. G.; RABELO, A. A. Psicologia Social. Montes Claros: Unimontes, 2010.



ESTRATÉGIAS FORMATIVAS EM UM ESTÁGIO CLÍNICO DE ORIENTAÇÃO PSICANALÍTICA NO ATENDIMENTO À CRIANÇAS AUTISTAS

Jéssyca Carvalho Lemos⁴⁹
Maria Gláucia Pires Calzavara⁵⁰

RESUMO

Este resumo apresenta estratégias de ensino na área da Psicologia Clínica de orientação psicanalítica, com enfoque no atendimento às crianças autistas. O referido trabalho é desenvolvido no âmbito de um Serviço de Psicologia Aplicada, correspondendo a um estágio supervisionado oferecido aos estudantes de graduação. Este trabalho teve início após a percepção de uma demanda regional por atendimento gratuito a crianças autistas. A fim de atendê-la, portanto, foi iniciado um grupo de estudos orientado por docente do Departamento de Psicologia, a fim de preparar teoricamente os estudantes para a temática do autismo e a forma como a Psicanálise a compreende e atua. Partindo de estudos de autores como Ribeiro (2005), Laurent (2014), Maleval (2017), entre outros, foi estruturado um caminho formativo para os estudantes. Após algum tempo de realização do grupo, os estagiários foram sendo encaminhados à prática clínica. Para tanto, partiu-se da ideia da “Prática entre vários” (Di Ciaccia, 2005) de modo que os atendimentos ocorreram em duplas, inicialmente formadas com a professora. No trabalho em dupla, há duas posições: um analista que atua de forma mais ativa junto à criança e um que registra a sessão e permanece mais passivo. Considera-se que a atuação em duplas seja importante, primeiramente por permitir uma transferência mais dissolvida e, logo, menos invasiva para o sujeito autista, que em geral apresenta dificuldades no relacionamento com o outro e na comunicação. Já pelo lado dos estagiários, a presença da professora ou de um colega mais experiente permite uma espécie de transmissão clínica, o que possibilita aprendizado e gera maior segurança. Nesse sentido, pode-se dizer que tais estratégias formativas (grupo de estudos e atendimentos em dupla) favorecem a formação clínica dos estudantes, além de garantir um atendimento de qualidade aos usuários do Serviço.

PALAVRAS-CHAVE:

Autismo; Psicanálise; Psicologia Clínica; Formação em Psicologia.

REFERÊNCIAS

DI CIACCIA, A.A prática entre vários. *In: ALTOÉ,S. (Org.). Psicanálise, Clínica e Instituição*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2005. P.34-54.

LAURENT, Éric. **A batalha do autismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MALEVAL, Jean Claude. **O autista e sua voz**. Editora Blucher, 2017.

RIBEIRO, Jeanne Marie de Leers Costa. **A criança autista em trabalho**. 7 Letras, 2005.

49 Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: j.carvalho.lemos@bol.com.br

50 Professora adjunta do Departamento do Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: glauciacalzavara@gmail.com



EXPERIÊNCIA DO PLANTÃO PSICOLÓGICO NA DELEGACIA DE MULHERES DE TEÓFILO OTONI

Paula Lins Khoury⁵¹

Ana Karoline de Souza Pereira⁵¹

Caroline Campos da Costa Pincer⁵¹

Karla Fábria Ramos dos Santos⁵¹

Larissa Barbosa Vieira⁵¹

Nicolly Rodrigues Rocha⁵¹

Thamirys Pereira Vieira⁵¹

Sara Gusmão Andrade⁵¹

Iris Cristiane dos Santos Costa⁵¹

Adâmatha Meireles Araújo⁵¹

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma experiência que iniciou como projeto de extensão em parceria com o Ministério Público, Polícia Civil e Militar e demais Instituições de Ensino da cidade de Teófilo Otoni. Formou-se um Grupo de Trabalho entre estas instituições com o objetivo de realizar ações de combate à violência doméstica. A primeira ação desenvolvida foi o Plantão Psicológico na Delegacia Especializada de Atendimento a Mulher (DEAM). Esta experiência demonstrou a relevância da atuação da Psicologia no acolhimento às mulheres, assim como contribuiu para o fluxo de atendimento na Delegacia. Isto resultou na mudança da ação que antes era um projeto de extensão, para estágio curricular do curso, sendo dividido em duplas e ao longo dos dias da semana e dos turnos. O plantão psicológico pode ser concebido como espaço propício para atendimento a qualquer pessoa que necessite, onde a ideia central é oferecer a quem procura a possibilidade de acolhimento e de ser ouvida, buscando oferecer um auxiliando-a no processo de enfrentamento da situação de violência. Todavia, a partir dessa escuta poderão ser trabalhadas questões que por ventura possam emergir sendo de qualquer natureza, não havendo espaço para julgamentos. A partir da escuta, é possível realizar o encaminhamento para Núcleo de Práticas Psicológicas da Faculdade para dar continuidade aos atendimentos. Por meio do plantão psicológico a mulher, recebe informações e orientações sobre a rede de proteção vigente disponível para as mulheres, promove reflexões, sendo possível promover a resignificação das emoções e sentimentos vivenciados. Desta forma, conclui-se que as atividades desenvolvidas neste estágio abrem um novo espaço de escuta e cuidado às mulheres, sendo possível oferta-las um lugar subjetivo a partir do seu discurso. Foi possível também perceber a contribuição da Psicologia para prevenção das violências institucionais que as mulheres sofrem ao procurarem ajuda.

PALAVRAS-CHAVE:

Estágio; Violência Contra a Mulher; DEAM; Plantão Psicológico.

51 Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni – UNIPAC/TO Curso de Psicologia. E-mail: psicologia@unipacto.com.br



REFERÊNCIAS

DEBERT, G. G.; **As Delegacias de Defesa da Mulher: judicialização das relações sociais ou politização da justiça?**. Apresentado em: Encontro Internacional Vida em Família: uma perspectiva comparativa sobre crimes de honra, Campinas, 25-27 ago. 2004

DESLANDES, S. F. **Prevenir a violência**: um desafio para profissionais da saúde. Rio de Janeiro: Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Carelli, 1994.

FERRARI, D. C. A. **Atendimento psicológico a casos de violência intrafamiliar**. In: FERRARI, D. C. A.;

MOTA, J. C.; VASCONCELOS, A. G. G.; ASSIS, S. G. **Análise de correspondência como estratégia para descrição do perfil da mulher vítima do parceiro atendida em serviço especializado**. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 799-809, 2007.

NEVES, A.; ROMANELLI, G.; **A violência doméstica e os desafios da compreensão interdisciplinar**. Campinas. Estudos de Psicologia. P. 299-306. 2006

SCHRAIBER, L. B. **Violência contra a mulher**: estudo em uma unidade de atenção primária à saúde. São Paulo: Departamento de Medicina da USP, 2002.

VECINA, T. C. C. **O fim do silêncio na violência familiar**: teoria e prática. São Paulo: Agora, 2002. p. 160-173.



EXPERIÊNCIAS COM ORIENTAÇÃO DE ESTÁGIOS EM SAÚDE COLETIVA: ESTUDANTES DE PSICOLOGIA SE APROXIMA DO SUS

Ana Rita Castro Trajano⁵²

RESUMO

Em tempos de confronto com o projeto neoliberal para a saúde, o SUS tem sofrido ataques ao seu projeto de universalidade, integralidade e participação social, o que se apresenta como desafio para movimentos sociais de defesa da Reforma Sanitária no Brasil (CEBES, 2019). Como docente da UEMG/Divinópolis/Psicologia, responsável pelo Ensino e Orientação de Estágios em *Psicologia e Saúde Coletiva*, vamos construindo junto com estudantes a aproximação do SUS, com ênfase na inter / transdisciplinaridade e no cuidado compartilhado (PNH, 2006), compreendendo o sentido da universalidade e integralidade do SUS, como projeto de saúde em defesa da vida e da justiça social. O Método da Roda como dispositivo de análise / intervenção é experimentado em diálogo com Grupos Operativos de Pichon Rivière e Círculos de Cultura de Paulo Freire. Aprende-se a lidar com a diversidade e multiplicidade de sujeitos e saberes, em práticas de Acolhimento / Estratégia de Saúde da Família em articulação com a Educação e a Assistência Social. Avaliamos que a Saúde Coletiva abre novas possibilidades de aprendizagem e intervenção em espaços de trabalho do SUS, contribuindo para a humanização e transformação das práticas em saúde.

PALAVRAS-CHAVE:

SUS; Saúde Coletiva; Psicologia; Estágios.

REFERÊNCIAS

CEBES. **Manifesto Por que Defender o SUS?** Disponível em: <http://cebes.org.br/2014/07/manifesto-por-que-defender-o-sistema-unico-de-saude/> Consulta em 28/05/2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. **Política Nacional de Humanização (PNH): HumanizaSUS.** Documento Base - 4 ed.- Ministério da Saúde: Brasília, 2008. Documentos da PNH podem ser acessados em www.redehumanizasus.net.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. **Um método para análise e Co-Gestão de Coletivos.** São Paulo: Ed. HUCITEC, 2005.

BARAMBLITT, Gregório (org.). **Grupos: teoria e técnica.** RJ: Edições Graal, 1982

BLEGER, José. **Temas de Psicologia: Entrevista e Grupos.** SP: Martins Fontes, 1980

FREIRE, Paulo. (1998) **Pedagogia da Autonomia.** - 9 ed.- Paz e Terra, SP

52 Docente da UEMG / Divinópolis / Psicologia. Doutorado em Educação / UFMG; Graduação e Mestrado em Psicologia / UFMG. Experiências com Ensino, Pesquisa e Extensão no campo de estudos sobre relações entre Saúde, Trabalho e Educação. Experiências com Consultoria e Análise Institucional em diferentes espaços de trabalho do SUS e da Educação. E-mail: trajanoanarita@gmail.com



FREIRE, Paulo. (1987) **Pedagogia do Oprimido**.- 17 ed.- Paz e Terra, RJ.



FEMINILIDADES, MASCULINIDADES E CULTURA: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

Walter Aristóteles Oliveira Miez⁵³

Sara Angélica Teixeira da Cruz Silva⁵⁴

Míria Moraes Dantas⁵⁵

Luciano Almeida Starling Lopes⁵⁶

Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento⁵⁷

RESUMO

Gênero é um elemento polissêmico e por isso, amplamente discutido sob diferentes olhares e correntes teóricas. Scott (1995) define gênero como um componente de percepção dos corpos baseado na diferenciação sexual, sendo também uma significação primária de poder. Contrária a uma essencialização, Bento (2017) vincula gênero às práticas sociais e em como o ser atua no mundo e se reconhece nele através das suas relações. Sua reflexão sobre performance elucidada que as práticas generificadas são criadas e apropriadas a partir da microcultura. Propondo discutir e articular concepções tradicionais e contemporâneas sobre Gênero, ofertou-se uma disciplina optativa no curso de Psicologia, da Universidade Federal de Minas Gerais, durante o período 2019/1, que aborda principalmente as noções de feminilidades e masculinidades nos processos culturais. Também foram trazidos para análise conceitos importantes como masculinidade hegemônica, decolonialidade, interseccionalidades e lugar de fala, garantindo a visibilidade de diferentes observâncias e vivências sobre as dimensões de feminilidades e masculinidades. Os temas foram tratados em aulas expositivas e dialogadas, com exposição de vídeos e articulação do conteúdo a produções cinematográficas. Desse modo, por parte dos alunos era necessária a leitura prévia dos textos indicados em cronograma para fomentar a participação ativa e discussão em sala, tendo o estudo dirigido como o método avaliativo escolhido para analisar as construções feitas pelos alunos/as a respeito dos temas abordados. Através desse material e da prática realizada em sala levantou-se questionamentos sobre as práticas sociais, tais como preconceito, exclusão e violência, e a busca sobre possíveis ações e articulações sociais e políticas diante desses fatos vividos cotidianamente. Assim, foi possível analisar a importância do tema na formação em Psicologia, para que se repense práticas sociais naturalizadas e excludentes, tendo em vista que o psicólogo é peça fundamental enquanto articulador na mudança social.

53 Mestrando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, especialista em Psicologia do Trânsito e graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Compõe o Núcleo de Pesquisa Memórias, Representações e Práticas Sociais. E-mail: waltermiez@gmail.com

54 Doutoranda e mestre em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atua no Núcleo de Pesquisa Memórias, Representações e Práticas Sociais. E-mail: sarangelicapsi@gmail.com

55 Mestranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. Trabalha com os seguintes temas: representações sociais, feminismos, ruralidades e cibercultura. E-mail: miriamoraes.p@gmail.com

56 Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, atuou como bolsista de Iniciação científica pelo Núcleo de Pesquisa Memórias, Representações e Práticas Sociais Foi monitor da disciplina de Feminilidades, Masculinidades e Cultura lecionada por Dra. Ingrid F. Gianordoli-Nascimento. E-mail: lucistarling@gmail.com

57 Professora do Dep. de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordena o Núcleo de Pesquisa em Representações, Memória, Identidades e Práticas Sociais do Dep. de Psicologia da FAFICH - UFMG. Possui Mestrado e Doutorado em Psicologia pela UFES. E-mail: ingridfariagian@gmail.com



PALAVRAS-CHAVE:

Feminilidades; Masculinidades; Cultura; Gênero; Psicologia.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador. EDUFBA, 2017

Scott, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, vol. 20, nº. 2, 1995.



IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO CURRICULAR NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DE PSICOLOGIA

Ana Carolina de Faria Oliveira⁵⁸

Ellen Ramos do Amaral⁵⁹

Gabriela Cassiana Pereira⁶⁰

Alberto Mesaque Martins⁶¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discorrer acerca da vivência de estágio curricular supervisionado realizado pelos estudantes de Psicologia do 9º período da Faculdade Pitágoras de Betim na Atenção Primária à Saúde como participantes da equipe do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) no primeiro semestre de 2019, no município de Betim/MG. Para tanto, abordaremos sobre a importância e necessidade da realização de estágios curriculares em instituições públicas de saúde na atenção primária pensando na atuação do psicólogo nesse contexto que ainda é escasso diante da alta demanda. Ao longo do trabalho será abordado o aprendizado e conhecimento acadêmico adquirido na prática de estágio, as dificuldades observadas, tanto para o estagiário quanto para o profissional de saúde. As práticas do NASF podem ser consideradas recentes e, diante disso, enfrenta dificuldades, como por exemplo, comunicação e trabalho com as equipes do Programa Saúde da Família (PSF), que por vezes mostra um distanciamento entre as mesmas. Observam-se também uma sobrecarga de trabalho destinada aos profissionais de saúde. No entanto pode-se observar o empenho dos profissionais na Atenção Primária para realização de melhorias para o usuário como atendimentos multiprofissionais, atividades de grupos e visitas em escolas para melhor acolhimento de crianças e adolescentes. Com a realização deste estágio pode-se aprender o funcionamento na Atenção Primária à Saúde, qual é a rede de apoio que os profissionais podem utilizar e como ela é solicitada. Além disso, como é a atuação de cada profissional de ensino superior nas UBS e a importância da perspectiva do profissional de Psicologia nas reuniões de matriciamento. Conclui-se então que os estágios na Atenção Primária têm total importância na formação acadêmica de Psicologia devido a conhecimentos práticos adquiridos, visando o funcionamento das UBS e do primeiro contato do usuário com a saúde.

PALAVRAS-CHAVE:

NASF; Psicologia; Atenção Primária à Saúde; UBS.

58 Graduanda em Psicologia do 9º período da faculdade Pitágoras em Betim. E-mail: anacarolina.95@hotmail.com

59 Graduanda em Psicologia do 9º período da faculdade Pitágoras em Betim. E-mail: ellenamaral01@outlook.com

60 Graduanda em Psicologia do 9º período da faculdade Pitágoras em Betim. E-mail: gabi.cassianapereira@gmail.com

61 Psicólogo (UNA), mestre e doutor em Psicologia (UFMG). Professor do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras em Betim. E-mail: alberto.martins@pitagoras.com.br



REFERÊNCIAS

CASTRO, Marden Gomes; MOREIRA, Daiana de Jesus. O Núcleo de Apoio à Saúde Da Família (NASF) como porta de entrada oficial do psicólogo na atenção básica. *TransFormações em Psicologia*, 2009, Vol. 2, nº 2, 51-64. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/transpsi/v2n2/a03.pdf>. Acessado em Maio de 2019.

LIVEIRA, Isabel Fernandes de *et al.* O psicólogo nas unidades básicas de saúde: formação acadêmica e prática profissional. *Interações*, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 71-89, jun. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-29072004000100005&script=sci_abstract&tlng=en. Acessado em Maio 2019.

Ministério da Saúde. **Núcleo de Apoio à Saúde da Família** – Volume 1: Ferramentas para a gestão e para o trabalho cotidiano, Cadernos de Atenção Básica, nº 39. Brasília – DF 2014.

Ministério da Saúde. **Saúde Mental**. Cadernos de Atenção Básica, nº 34. Brasília – DF 2013.

LICENCIATURA EM PSICOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL E DESAFIOS REGIONAIS

Maria Lúcia Vidal Mattos⁶²

Adriana Sperandio Ventura de Castro⁶³

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar a proposta pedagógica do Curso de licenciatura em Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Este está fundamentado nas necessidades sociais e econômicas regionais e na Resolução Nº 5, de 15 de março de 2011 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. A Formação em licenciatura da Psicologia é ofertada com carga horária de 1016 horas distribuídas nas disciplinas presenciais: Libras; Didática Geral; Políticas Públicas da Educação; Sociologia da Educação; Estrutura e Funcionamento do Ensino; Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva; Didática Especial em Ensino de Psicologia; Educação e Novas Tecnologias; Seminários em Educação; Estágio Supervisionado I: Ambiente Escolar; Estágio Supervisionado II: Educação Não-Formal; Estágio Supervisionado III: Ensino de Psicologia e Atividades Complementares. Os Estágios específicos para a Formação do Professor é realizado em três semestres letivos, sendo a carga horária dividida em atividades práticas e em supervisões da prática. O estágio realiza-se nas áreas de formação: educação infantil, educação de jovens e adultos, educação e diversidade, ensino médio e ensino fundamental, contextos de educação informal. Dentre um universo de seis IES na cidade somos a única a oferecer a licenciatura na formação do psicólogo. É um diferencial que marca a formação deste profissional em nosso município e região. Este diferencial promove uma qualidade diferenciada na formação para os alunos que poderão vir atuar no contexto educacional, seja na licenciatura ou como psicólogo escolar. Enfrentamos desafios na formação do professor de Psicologia: escassez na literatura de reflexões e debates em relação ao ensino e à formação de professores de Psicologia; desvalorização desse profissional no meio acadêmico; pouca produção de pesquisas sobre cursos de Licenciatura em Psicologia. No momento nos deparamos com a possibilidade da licenciatura em Psicologia ser ofertada no formato de EAD.

PALAVRAS-CHAVE:

Licenciatura Psicologia; Desafios; Contextos educacionais.

REFERÊNCIAS

Barros, C. Reflexões sobre a formação de professores de Psicologia. Temas em Psicologia - Sociedade Brasileira de Psicologia, Ribeirão Preto, v.15, n.1, número especial: Formação do Professor de Psicologia, 2007,

62 Psicóloga; Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRI/ ECO; Psicóloga Escolar no município de Juiz de Fora (1983 / 2016); Professora das Disciplinas de Psicologia Escolar; Didática Aplicada ao Ensino da Psicologia; Coordenadora e Supervisora de Estágios Básicos e Específicos do Bacharelado; Supervisora de Estágios da Licenciatura; Membro da ABEP/ Minas. E-mail: mluciamattos@gmail.com

63 Graduada em Serviço Social e Psicologia. Mestre em Educação e em Letras. Coordenadora do curso de Psicologia do CES/JF. Representante Docente no Comitê de Ética em Pesquisa. Supervisora do Estágio Supervisionado Básico, professora de Introdução à Metodologia Científica e Trabalho de Conclusão de curso I. E-mail: psicologia@cesjf.br



Cirino, S.D.; Knupp, D.F.D; Lemos, L.S. As novas diretrizes curriculares: uma reflexão sobre a licenciatura em Psicologia. Temas em Psicologia - Sociedade Brasileira de Psicologia, Ribeirão Preto, v.15, n.1, número especial: Formação do Professor de Psicologia, 2007, p.23-32.

Conselho Regional de Psicologia. Novos Parâmetros Retiram Psicologia do Ensino Médio Jornal de Psicologia, CRP-SP, ano 17, n. 118, set/out 1999.

Conselho Regional de Psicologia. Projeto quer reinserir Psicologia no currículo do Ensino Médio. Jornal de Psicologia, CRP-SP, ano 19, n. 129, jul/ago 2001

Leite, S. A. da Silva. O ensino da Psicologia no 2º grau. Psicologia, Ciência e Profissão, 6(1), p.9-12, 1986.



NIZAÇÃO DE ARQUIVOS COMO PRÁTICA DE ENSINO DE PSICOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Rodolfo Luís Leite Batista⁶⁴

Élida Maria da Silva⁶⁴

RESUMO

Esta comunicação discute a organização de arquivos como prática de ensino de História da Psicologia, a partir de experiência de estágio curricular em um centro universitário de Barbacena, Minas Gerais. As Diretrizes Curriculares Nacionais vigentes dispõem que conhecimentos, habilidades e competências concernentes aos fundamentos epistemológicos e históricos da Psicologia devam ser articulados, a fim de capacitar o estudante a avaliar criticamente as diferentes perspectivas teóricas dessa ciência (BRASIL, 2011). O estágio apresentado acontece desde o 2º semestre de 2017 junto ao Setor de Psicologia da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Barbacena e objetiva: organizar o arquivo de prontuários psicológicos acumulado ao longo da história da entidade mediante alocação adequada dos documentos e criação de base de dados informatizada; conhecer a produção acadêmica acerca de práticas psicológicas e educativas concernentes à Educação Especial e Inclusiva; a partir de práticas de conservação e preservação, discutir a produção e arquivamento de documentos psicológicos. De início, os estudantes foram informados a respeito de técnicas de preservação e conservação de documentos e sua importância para a produção historiográfica. Em seguida, passou-se para a transposição das informações dispostas em “cadernos de registro” para arquivo digital, a organização alfabética de prontuários e seu arquivamento em condições adequadas. Atualmente, realiza-se a transferência física do arquivo e, em parceria com estudantes de Ciência da Computação, uma base de dados *online* está em fase de criação. Essa experiência tem permitido reconhecer a importância da perspectiva histórica para a compreensão das formas de atuação profissional do psicólogo. Os estagiários têm refletido sobre as transformações sofridas pelas práticas profissionais e a produção de documentos psicológicos e seu arquivamento como forma de construção de fontes históricas. Espera-se que projetos de pesquisa possam ser realizados, diversificando-se as estratégias formativas nesse centro universitário e ampliando a produção historiográfica no Campo das Vertentes.

PALAVRAS-CHAVE:

Ensino de Psicologia; História da Psicologia; Estágio curricular; Arquivos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 5, de 15 de março de 2011. **Diretrizes Curriculares Nacionais para cursos de graduação em Psicologia**, Brasília, DF, mar. 2011.

64 Centro Universitário Presidente Antônio Carlos. E-mail: rodolfoforllb@gmail.com; elidams06@gmail.com



NOVAS DEMANDAS PARA A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: A QUESTÃO DA CIBERCULTURA

Gislaine Leoncio Motti⁶⁵

Luiz Paulo Rocha Vinhal⁶⁶

Flaviane da Costa Oliveira⁶⁷

Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento⁶⁸

RESUMO

A cibercultura se anuncia em novas dinâmicas de interação e comunicação, mediadas por recursos tecnológicos, que afetam inúmeros campos da vida em sociedade - seja nos âmbitos econômico, político ou pessoal (LEMOS, 2015). Tal cenário fomenta inúmeras questões acerca da subjetividade e das relações sociais contemporâneas frente as interações virtuais. A disciplina “Processos Psicossociais na Cibercultura”, ofertada no primeiro semestre de 2018 à graduação em Psicologia da UFMG, buscou promover um olhar crítico sobre características da relação entre tecnologia, sujeito e sociedade. Refletimos sobre a importância atribuída, pelos alunos, à temática da cibercultura frente a sua formação acadêmica e profissional, ponderando sobre novas temáticas e demandas para os currículos em Psicologia (AMENDOLA, 2014). Ao final da disciplina aplicamos um questionário avaliativo e propusemos a construção de um memorial reflexivo sobre os impactos das discussões em suas concepções prévias acerca da cibercultura. Para o tratamento dos dados foram empregados recursos de análise de conteúdo com o auxílio do software IRAMUTEQ (SALVIATI, 2017). Em relação à formação acadêmica, 92,9% consideraram a discussão relevante ou totalmente relevante. A totalidade dos estudantes reconheceu possíveis efeitos para a atuação profissional futura. Dentre as temáticas trabalhadas, as de maior interesse foram: real e virtual; sociabilidade no ciberespaço; Psicologia e cibercultura; dimensões de tempo e espaço; e interatividade. Os alunos gostariam de aprofundar-se nas seguintes temáticas: cyberbullying e relações interpessoais e afetivas. Possíveis influências identificadas na atuação profissional futura relacionam-se à utilidade prática do aporte teórico, impactos do digital no cotidiano e compreensão sobre as interações sociais na contemporaneidade. A disciplina possibilitou a construção, ainda que temporária, de um espaço de reflexão conjunta para discentes e docentes - cenário que possibilitou alterações na visão dos alunos sobre a cibercultura, reforçando a necessidade de uma formação em Psicologia atenta aos novos processos e demandas presentes na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE:

Cibercultura; Formação em Psicologia; Prática docente.

65 Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: gisamotti@gmail.com

66 Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: lpvinhal@hotmail.com

67 Professora e doutora. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: lpvinhal@hotmail.com

68 Professora e doutora. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: flavianecoliveira@gmail.com



REFERÊNCIAS

AMENDOLA, M. F. Formação em Psicologia, Demandas Sociais Contemporâneas e Ética: uma Perspectiva. **Psicol. cienc. prof.** Brasília, v. 34, n. 4, p. 971-983, dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000400971&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 maio 2019.

LEMOS, A. **Cibercultura**. 8ª ed. Editora Sulina: Porto Alegre, 2015.

SALVIATI, M. E. **Manual do Aplicativo Iramuteq** (versão 0.7 Alpha 2 e R Versão 3.2.3). Planaltina: 2017. Disponível em: <http://iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati>. Acesso em: 29 maio 2019.



O APRENDIZADO NA PSICOLOGIA E A PRÁTICA DO IR ALÉM: UM DIÁLOGO ENTRE ARTE, CIÊNCIA E PROFISSÃO

Paulo Frederico Medeiros Clementino⁶⁹

Fabiana da Silva Melo⁷⁰

João Paulo Faustino Santiago⁷¹

RESUMO

A contemporaneidade é marcada por inúmeras mudanças e no meio acadêmico não é diferente. Estamos rodeados de estímulos que podem mudar o nosso foco e nos fazer dispersar rapidamente, sendo um grande desafio para docentes e discentes buscar meios para obter um aprendizado de qualidade. Com o intuito de proporcionar um melhor entendimento da disciplina Teorias da Personalidade I, em uma proposta de apresentação de trabalho, foi produzido um longa-metragem realizado por discentes do curso de Psicologia intitulado: “Psicopatia: Uma produção acadêmica”. Com caráter acadêmico e científico, o longa-metragem foi produzido e dirigido de forma independente sob supervisão e orientação do mestre da disciplina e buscou apresentar um verdadeiro enfoque sobre a realidade que gira em torno das ações de um psicopata e os diversos graus que esse transtorno de personalidade possui. O referido trabalho visa contribuir de forma científica para alunos, profissionais das áreas da Psicologia, psiquiatria, direito, dentre outras áreas afins. Utilizando-se dos recursos audiovisuais, essa experiência proporcionou aos discentes uma melhor compreensão sobre o tema abordado em sala de aula, que por sua vez, resultou na criação de um canal no YouTube intitulado “Vidas Humanas” que tem por objetivo ir além da sala de aula, oferecendo conteúdos acadêmicos e promovendo, assim, diversas formas de aprender e apreender os conteúdos estudados.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia; Aprendizado; Arte.

REFERÊNCIAS

Hare, R. D. (2003). **The Hare Psychopathy Checklist Revised** (2. Ed.). Toronto, Canada: Multi-Health Systems.

Hare, R. D., Hart, S. D. & Harpur, T. J. (1991). **Psychopathy and the DSM-IV criteria for Antisocial Personality disorder**. *Journal of Abnormal Psychology*, 100, 391-398.

69 Psicólogo pela Universidade Federal de Minas Gerais, Pós-graduado em Educação pela Universidade Federal Fluminense, Pós-graduado em neurociência pela Universidade de Santo Amaro, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João Del Rei. E-mail: paulofrederico@inexpsi.com.br.

70 Discentes do 5º Período de Psicologia da Faculdade/UNA Divinópolis. E-mail: fabianamelo2006@gmail.com

71 Discentes do 5º Período de Psicologia da Faculdade/UNA Divinópolis. E-mail: faustino.joaopaulo7@gmail.com



O CÓDIGO DE ÉTICA COMO REFERÊNCIA PARA O DISCENTE DE PSICOLOGIA

Marcelo Soares Cotta⁷²

RESUMO

A palavra ética é muito utilizada no senso comum e popularmente é um tema do qual quase todos dizem que sabem o que é, mas complicam-se ao tentar explicar. A ética está intrinsecamente relacionada à ligação entre os indivíduos, ou seja, vincula-se à sociedade como um todo. Pode-se dizer que é o estudo da conduta humana, ou a busca da conduta humana voltada para o bem e para o correto (VAZ, 2012). A ética fala de *ethos*, de comportamento, de costumes que se tornam normativos para um grupo social. Na atualidade não faltam acidentes ocorridos por violação ética que são transportados para outras categorias como acaso, destino, fatalidade (LIBANIO, 2015). O Conselho Federal de Psicologia aprovou o Código de Ética Profissional do Psicólogo através de sua resolução 010/05 que visa assegurar uma prática psicológica que apresente um padrão de conduta que fortaleça o reconhecimento social de sua categoria. Assim sendo, esta resolução é fonte de orientação e embasamento também para os discentes do curso de Psicologia. Na Universidade Federal de São João del-Rei o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), que é o local responsável pela coordenação dos estágios curriculares do curso de Psicologia, tem como um de seus desafios transmitir a importância do conteúdo do código de ética. Na atualidade capitalista os psicólogos, muitas vezes, são chamados a ocupar lugares de técnicos normalizadores, justificando e reafirmando ordenamentos que funcionam sobre a anulação da subjetividade (GONDAR, 2004). São convocados para responder as demandas institucionais, quando seu lugar é de defender o respeito, promover a liberdade, a dignidade do ser humano, sempre apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos. O SPA é um lugar privilegiado para se observar como os futuros psicólogos lidam com as diretrizes que devem guiar o exercício de sua profissão.

PALAVRAS-CHAVE

Ética; Código de ética do psicólogo; Serviço de Psicologia Aplicada.

REFERÊNCIAS

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005. **Resolução nº 010**, de 21 de julho de 2005. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Disponível em: http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/codigo_etica.pdf. Acesso em: 27 de fevereiro de 2019.

GONDAR, Jo. Ética, moral e sujeito. *In: Sujeito do Direito, Sujeito do Desejo: direito e psicanálise*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

⁷² Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, psicólogo da Universidade Federal de São João del-Rei. Atua no Serviço de Psicologia Aplicada do curso de Psicologia da UFSJ. E-mail: marcelocotta@ufsj.edu.br



LIBANIO, João Batista. **A ética do cotidiano**: obra póstuma do teólogo João Batista Libanio. São Paulo: Paulinas, 2015.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de filosofia IV**: introdução à Ética Filosófica. São Paulo: Edições Loyola, 2012.



O PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO DISPOSITIVO DE ESCUTA PARA JOVENS APRENDIZES

Priscila dos Reis Mendes⁷³

Luiz Felipe Viana Cardoso⁷⁴

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar as experiências do Projeto “Se cuida, Jovem”, estágio de Plantão Psicológico realizado em uma instituição de formação de jovens aprendizes de uma cidade da região metropolitana de Belo Horizonte. O Plantão Psicológico é uma forma de atendimento psicoterapêutico mediante a demanda espontânea dos clientes para trabalhar questões emergenciais. Os atendimentos não se configuram como um processo terapêutico, visto que podem ocorrer, geralmente, entre um a três dependendo da procura dos(as) interessados. Neste sentido, o acolhimento no Plantão Psicológico se limita a uma intervenção psicológica emergencial, acolhendo quem procura no momento de necessidade do mesmo, para se trabalhar questões emergentes. Neste estágio, os plantões foram oferecidos semanalmente por estagiários(as), em horários determinados, para um público de jovens aprendizes entre 14 e 21 anos. Esses jovens fazem parte de uma formação e preparação para a entrada no mercado formal de trabalho. No decorrer dos atendimentos, temos nos deparados com questões comuns ao universos desses jovens, tais como a construção da identidade, a expectativa pelo primeiro emprego, a relação familiar, as pressões sociais e do núcleo familiar, sexualidade, violências física, sexual e moral, conduta profissional, uso e abuso de drogas, projeto de vida, dentre outras. Como resultados, temos verificado que o “Se cuida Jovem” tem sido um espaço para que os jovens possam ressignificar suas questões e conflitos em um ambiente de acolhimento psicológico seguro, em um momento no qual os mesmos têm que se depararem com escolhas e experiências importantes de sua vida, como o universo do mercado de trabalho. Aos estagiários(as), tem sido ofertado uma experiência diversificada de formação como psicólogo(a).

PALAVRAS-CHAVE:

Plantão Psicológico; Psicologia Humanista; Escuta; Acolhimento; Jovens aprendizes.

REFERÊNCIAS

LOPES, Daniela Rodrigues Pereira Balestre; RUBIRA, Micheli Correia Rodrigues; PIFFER, Rosislaine Dias; SANTOS, Laízi da Silva. O adolescente e o plantão psicológico escolar. **Psicologia.pt Portal dos Psicólogos**. 2017. ISSN 1646-6977.

MAHFOUD, Miguel. (org.) **Plantão Psicológico: novos horizontes**. São Paulo: editora CI, 2004.

73 Discente do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: priscila.reis@kroton.com.br

74 Psicólogo e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Professor do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: luizfelipevcardsoso@gmail.com



O PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO SERVIÇO DE ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA ESCOLA

Mateus Ferreira de Almeida⁷⁵

Roberto Carlos de Jesus Júnior⁷⁶

Amanda Beatriz de Sousa Soares⁷⁷

Luiz Felipe Viana Cardoso⁷⁸

RESUMO

Neste trabalho pretendemos retratar a experiência com o Plantão Psicológico desenvolvido em uma escola pública de Belo Horizonte, a partir do Estágio Específico de Psicoterapia Individual e de Grupo, na abordagem Fenomenológica Existencial-Humanista, do Centro Universitário UNA. A prática do Plantão na escola parte do conceito de clínica ampliada e da compreensão do contexto escolar como um espaço relevante para a implementação de tal proposta. Para tanto, tomamos como embasamento teórico os textos: “O adolescente e o plantão Psicológico” e “Plantão Psicológico como modalidade de atendimento em Psicologia Escolar: limites e possibilidades”, que levantam questões importantes acerca da execução do Plantão no espaço escolar; o compromisso da Psicologia em expandir o conceito de clínica; o fomento à leitura crítica a respeito das construções dos sujeitos sem considerar preceitos datados e a relevância de uma escuta especializada para o acolhimento de demandas emergentes. O atendimento no Plantão abrange a todos(as) os(as) alunos(as) matriculados(as) na referida escola, que o demandam espontaneamente. A experiência de atendimento no espaço em que o sujeito está inserido possibilita melhor compreensão da constituição das relações, e, considerando o espaço escolar como dinâmico e diverso, são elementos que contribuem para o auxílio da construção de possibilidades com o sujeito de forma empática. O Plantão Psicológico atua como uma modalidade de atendimento fundada numa escuta acolhedora e facilitadora e dos desdobramentos do processo de encontro –, sob o referencial teórico da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), oferecido de tal maneira que permite criar condições e potencialidades desses sujeitos acolhidos neste espaço, para que eles se fortaleçam e posteriormente ressignifiquem novas possibilidades. Assim, o plantão estará disponível sempre que algum(a) aluno(a) precisar. Reconhecemos que esta modalidade no campo escolar apresenta grandes desafios e se faz necessárias produções científicas e pesquisas que corroborem a efetividade desta forma de intervenção.

PALAVRAS-CHAVE:

Estágio Psicoterapia; Plantão Psicológico; Escola; Existencial-Humanista; Abordagem Centrada na Pessoa.

75 Discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Belo Horizonte. Estagiários(as) da Clínica-Escola de Psicologia. E-mail: mateusferreira197@gmail.com

76 Discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Belo Horizonte. Estagiários(as) da Clínica-Escola de Psicologia. E-mail: robertorcjj15@gmail.com

77 Discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Belo Horizonte. Estagiários(as) da Clínica-Escola de Psicologia. E-mail: sou-sa.amandabeatriz@gmail.com

78 Psicólogo e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Belo Horizonte. E-mail: luiz.cardoso@prof.una.br



REFERÊNCIAS

BEZERRA, E. do N. Plantão psicológico como modalidade de atendimento em Psicologia Escolar: limites e possibilidades. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 14 n. 1 p. 129-143, 2014.

LOPES, Daniéla Rodrigues Pereira Balestre; RUBIRA, Micheli Correia Rodrigues; PIFFER, Rosislaine Dias; SANTOS, Laízi da Silva. O adolescente e o plantão psicológico escolar. **Psicologia.pt Portal dos Psicólogos**. 2017. ISSN 1646-6977.

MAHFOUD, Miguel. (org.) **Plantão Psicológico: novos horizontes**. São Paulo: editora CI, 2004.

TASSINARI, M. A. (1999). **Plantão Psicológico Centrado na Pessoa como Promoção de Saúde no Contexto Escolar**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://apacporgbr.files.wordpress.com/2017/01/art2081.pdf>



ORIENTAÇÃO ÀS QUEIXAS ESCOLARES: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO NA PSICOLOGIA DA UFMG

Deborah Rosária Barbosa⁷⁹

Renato Batista da Silva⁸⁰

RESUMO

Desde os anos 1990 se discute uma nova modalidade de atuação do psicólogo educacional e escolar que é chamada de Orientação às Queixas Escolares (OQE). As queixas escolares são aquelas cujo foco é o processo de escolarização. Em OQE os psicólogos devem buscar atender todos os envolvidos na escolarização. É sabido que as queixas escolares são grande parte das demandas que aparecem nos serviços públicos e particulares de Psicologia. Na UFMG, desde o ano de 2015, é oferecida a OQE no serviço-escola da Psicologia. Este resumo se refere a um relato desta experiência que atualmente é realizada como extensão universitária com articulação ensino-pesquisa-extensão. O método utilizado é o atendimento em OQE para crianças do ensino fundamental, preferencialmente, segundo ciclo (3º ao 6º ano). É feita uma avaliação psicoeducacional para verificação das demandas das queixas e após, a intervenção. Como extensão universitária os estagiários atendem de uma a duas crianças e realiza-se supervisões semanais dos casos e relatórios de acompanhamento. De todo modo a criança, seus pais e a escola (incluindo professores e equipe gestora) são atendidos de forma a problematização destas queixas. Como resultados têm-se que a demanda encaminhada é de crianças com queixas de: a) rendimento escolar; b) comportamento e relações interpessoais; c) aspecto afetivo emocional; etc. Muitas crianças encaminhadas, de fato, não apresentam distúrbios ou transtornos de desenvolvimento e aprendizagem sendo que, são na verdade vítimas da produção do fracasso escolar. O trabalho tem sido de problematizar essas demandas e intervir na rede de relações que produzem essas queixas, buscando o rompimento da cristalização e sua superação com vistas a produção de sucesso escolar. Em conclusão entendemos que esta prática de extensão é fundamental na formação do futuro psicólogo por unir ensino-pesquisa-extensão e possibilitando ao mesmo a aprendizagem de uma modalidade de atenção psicológica tão essencial para sua prática profissional.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia Escolar; Orientação às Queixas Escolares; Extensão.

79 Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Ciências pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da USP. Mestre em Psicologia Escolar pela PUC de Campinas. Licenciada, bacharel e psicóloga pela UFU. E-mail: deborahbarbosa@ufmg.br

80 Graduando em Psicologia (9º período), cursando formação complementar em Pedagogia – Organização da Educação – e Formação Transversal em Inclusão e Acessibilidade. Participa da Comissão de Psicologia Escolar e Educacional do CRP-MG. E-mail: acaixadorenato@gmail.com



REFERÊNCIAS

BARBOSA, D.R. Estudos para uma história da Psicologia Educacional e Escolar no Brasil. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

DAZZANI, M.V.M. et.al. Queixa escolar: uma revisão crítica da produção científica nacional. Revista Quadrimestral da ABRAPEE, SP, v.18, n.3, 421-428, 2014.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Carta de Serviços sobre estágios e serviços-escola. Brasília: CFP, 2013.

RIBEIRO, M. J.; SILVA, S. M. C.; RIBEIRO, E. E. T. Avaliação qualitativa de crianças com queixas escolares: contribuições da Psicologia educacional. Interações, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 75-92, jan./jun. 1998.

SCORTEGAGNA, P. & LEVANDOWSKI, D. C. Análise dos encaminhamentos de crianças com queixa escolar da rede municipal de ensino de Caxias do Sul. Interações, 9 (18), 127-152, 2004.

SANTOS, A.A.C. & SOUZA, M.R.P. Cadernos Escolares: Como e o que se registra no contexto escolar?. Psicologia Escolar e Educacional, Uberlândia, MG,

SOUZA, B.P. (Org.). Orientação à queixa escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SOUZA, M.P.R. A queixa escolar e a formação do psicólogo. 1996. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1996.



OS DESAFIOS DO PRIMEIRO ATENDIMENTO EM UMA CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA

Camila Cristina Lobato⁸¹
Luiz Felipe Viana Cardoso⁸²

RESUMO

Buscamos neste trabalho refletir sobre as implicações do primeiro atendimento durante a formação em Psicologia. A experiência do primeiro atendimento é um momento que traz para a(o) estagiária(o) múltiplos sentimentos, tais como insegurança e ansiedade, gerados pela expectativa da melhor condução do caso no que diz respeito às questões éticas e técnicas no processo. Assim, a partir da vivência obtida no estágio de atendimento clínico na Abordagem Fenomenológica Existencial-Humanista, do Centro Universitário UNA, buscaremos relatar os desafios e implicações da formação de uma psicoterapeuta durante seus primeiros atendimentos. Dentre as questões trazidas pela experiência do estágio estão a dificuldade no gerenciamento dos sentimentos e emoções do lugar de psicoterapeuta, a preocupação por uma a condução clínica que não caía em uma simples atitude de aconselhamento, assim como o desafio do estabelecimento de um bom vínculo com o cliente. Nesse sentido, ao buscar conduzir o processo psicoterapêutico de forma a potencializar a autonomia do sujeito, é preciso lidar com as nossas angústias e ansiedades, sobretudo no que diz respeito ao desafio de se oferecer um serviço psicológico. Assim, a busca por uma atitude fenomenológica nos permite vivenciar uma clínica pautada pela suspensão de nossos juízos e valores, mantendo uma postura verdadeiramente ética frente as demandas do sujeito. Na medida em que passamos a caminhar junto ao nosso cliente, tomando a condução psicoterapêutica como algo que se constrói na relação, possibilitamos o processo de crescimento do mesmo, assim como o nosso próprio desenvolvimento enquanto psicoterapeuta. Concluimos que embora existam diversas técnicas e teorias que estruturam a prática psicoterápica, é na relação com o cliente que nós tornamos psicoterapeutas.

PALAVRAS-CHAVE:

Estágio Psicoterapia; Clínica-Escola; Existencial-Humanista; Primeiro atendimento.

REFERÊNCIAS

CARRENHO, E.; TASSINARI, M.; PINTO, M. A. **Praticando a abordagem centrada na pessoa: dúvidas e perguntas mais frequentes**. São Paulo: Carrenho Editorial, 2010.

ERTHAL, T. C. S. **Treinamento em psicoterapia vivencial**. Campinas: Livro Pleno, 2004.

FEIJO, A. M. L. C. de. **A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial**. 2ª ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2010.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

81 Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Belo Horizonte. Estagiária da Clínica-Escola de Psicologia. E-mail: camilacristina.lobato@gmail.com

82 Psicólogo e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Belo Horizonte. E-mail: luiz.cardoso@prof.una.br



OS IMPACTOS ÉTICOS-POLÍTICOS NA FORMAÇÃO DO(A) PSICOTERAPEUTA

Mike Alexander de Paula Pinto⁸³

Mateus Ferreira de Almeida⁸⁴

Lara Monteiro Moreira⁸⁵

Luiz Felipe Viana Cardoso⁸⁶

RESUMO

Neste trabalho pretendemos refletir sobre os impactos ético-políticos na formação do (a) psicoterapeuta existencial-humanista. O tema foi escolhido a partir da necessidade de se pensar questões que abordam o cotidiano do (a) psicoterapeuta; questões estas que estão intrinsecamente ligadas ao objeto de trabalho: o sujeito. Para tanto, nos subsidiamos a partir das discussões promovidas na disciplina de “Estágio Específico de Psicoterapia Individual e de Grupo na abordagem Existencial-Humanista”. Objetiva-se expandir o viés crítico da atuação do psicoterapeuta na abordagem existencial-humanista por meio de uma leitura contextualizada dos fenômenos estruturais que afetam a sociedade, e, em consequente, a construção do sujeito. No que diz respeito ao método, a construção deste trabalho se dá a partir das leituras dos textos: “Treinamento em Psicoterapia Vivencial” e “Praticando a Abordagem Centrada na Pessoa”, que nos convidaram a pensar na construção do sujeito sócio histórico, onde encontramos nas discussões dos aspectos ético-políticos um importante subsídio para a nossa formação enquanto psicoterapeutas. Observamos, durante a prática do Estágio de Psicoterapia, que o nosso ímpeto de pesquisa ao alinhar o debate entre as relações ético-políticas e os seus desdobramentos no contexto social contemplou, também, instâncias como a própria academia, com o fomento do viés crítico junto à análise de fenômenos sociais complexos. Este movimento proporcionou a nós, psicoterapeutas em formação (formação que pode ser lida como contínua), a possibilidade de vislumbrar na teoria existencial-humanista sua ampla articulação e fluidez no que diz respeito à forma como se observa o sujeito, que se constrói continuamente em meios também mutáveis, sendo necessário para os profissionais da área que acompanhem tal estruturação social. Por fim, entendemos que a escuta psicológica ultrapassa os limites individuais, ao abarcar também os fenômenos sociais implicados na existência dos sujeitos, tais como os aspectos culturais, políticos, econômicos e sociais.

PALAVRAS-CHAVE:

Estágio curricular; Princípios ético-políticos; Clínica-Escola; Psicoterapia; Existencial-Humanista.

83 Discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Belo Horizonte. Estagiários (as) da Clínica-Escola de Psicologia. E-mail: maike.a.p.p@gmail.com

84 Discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Belo Horizonte. Estagiários (as) da Clínica-Escola de Psicologia. E-mail: mateusferreira197@gmail.com

85 Discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Belo Horizonte. Estagiários (as) da Clínica-Escola de Psicologia. E-mail: lamonteiro@gmail.com

86 Psicólogo e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Belo Horizonte. E-mail: luiz.cardoso@prof.una.br



REFERÊNCIAS

CARRENHO, E.; TASSINARI, M.; PINTO, M. A. **Praticando a abordagem centrada na pessoa: dúvidas e perguntas mais frequentes**. São Paulo: Carrenho Editorial, 2010.

ERTHAL, T. C. S. **Treinamento em psicoterapia vivencial**. Campinas: Livro Pleno, 2004.

FEIJO, A. M. L. C. de. **A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial**. 2ª ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2010.



PROJETO INTEGRADOR IDENTIDADE E DIVERSIDADE: ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA ATRAVÉS DA GAMEFICAÇÃO

Márcio Rocha Damasceno⁸⁷

RESUMO

O presente trabalho surgiu no primeiro período do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACIG, na cidade de Manhuaçu/MG, no Projeto Integrador I onde a Construção da identidade em diversas perspectivas psicodinâmicas pudessem ser abordadas e o entendimento da diversidade existente nos sujeitos na atualidade. O desenvolvimento do projeto foi integrar as disciplinas, seus conteúdos e a proposta apresentada com a finalidade de articular e também estabelecer uma aproximação da teoria com a prática. A prática foi a construção de jogos (Gameficação – uma inovação acadêmica que proporciona reflexão, tornando o aluno mais proativo e protagonista no processo, interagindo e cooperando para uma sociedade mais forte e com qualidade) que pudessem trabalhar os conceitos de IDENTIDADE E DIVERSIDADE. Essa articulação auxilia o discente a entender a importância das disciplinas, bem como perceber o caráter interdisciplinar da prática e também a aproximação de conceitos tão singulares à Psicologia. **Objetivo:** Articular os conceitos das disciplinas cursadas no primeiro período do curso de Psicologia com uma prática de intervenção comunitária junto às crianças e adolescentes do CAF – Casa de Apoio à Família, no Bairro São Francisco, em Manhuaçu/MG. **Método:** Foi realizada atividades em sala de aula, possibilitando o conhecimento aprofundado dos temas abordados. Em seguida a turma foi dividida em 6 grupos que propuseram diversos jogos e atividades para a realização da intervenção e em seguida confeccionaram os jogos (gameficação). Após o término das atividades, os grupos aplicaram os jogos em sala de aula, para verificação dos resultados e analisar expectativas. **Conclusão:** As disciplinas cursadas durante o período da prática, contribuíram para a realização das atividades, proporcionando uma articulação com os temas abordados: IDENTIDADE E DIVERSIDADE, contribuindo para a prática Psicológica.

PALAVRAS-CHAVE:

Identidade; Diversidade; Projeto Integrador; Interdisciplinaridade.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês B. **Psicologias**. São Paulo: Ed. Saraiva, 6ª Ed. 2015.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: Makron Books Ltda. 3.ed. 2001.

LAURENTI, Carolina, e BARROS, Mari Nilza F. **Identidade: Questões conceituais e contextuais**. Disponível em: <http://www.robertexto.com/archivo7/identidade.htm> Acesso em: 02 de janeiro de 2018.

⁸⁷ Professor e Coordenador do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACIG – Manhuaçu – MG, Brasil. E-mail: marcio.psicanalista@gmail.com



MASCARENHAS, M. **Projeto Integrador**. Disponível em: <https://www.linhadireta.com.br/publico/images/pilares/a46df992560bce6187e922e3311793a0.pdf> Acesso em: 02 de fevereiro de 2018.

WEITEN, Wayne. **Introdução à Psicologia**. Temas e variações. São Paulo: Cengage Learning, 3.ed. 2016.



PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL DO IDOSO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Marina Almeida Santos⁸⁸

Tainá Dutra de Faria⁸⁹

Natália Nunes Scoralick Lempke⁹⁰

RESUMO

O objetivo desse trabalho é apresentar um relato de estágio específico de estudantes do curso de Psicologia inseridas no projeto FAPAM Sênior da Faculdade de Pará de Minas. Tal projeto, que teve início no segundo semestre de 2018, enquadra-se na modalidade “Universidade Aberta para a Terceira Idade” (UnATI). A proposta de estágio, intitulada “Promovendo o desenvolvimento saudável do idoso”, tinha como objetivos específicos estimular as habilidades cognitivas e promover reflexões sobre temas de interesse dos idosos, tais como: relacionamentos familiares, direitos dos idosos, lazer e entretenimento, desafios do envelhecimento e projeto de vida. O único critério de participação no projeto era ter idade igual ou superior a 60 anos. As atividades foram estruturadas, inicialmente, em 10 encontros grupais, de aproximadamente duas horas de duração, com 10 idosos. Nos primeiros cinco encontros foram trabalhadas atividades de estimulação cognitiva com foco na memória; nos outros cinco foram trabalhados temas de interesse dos participantes através de recursos como dinâmicas, músicas, palestras. Com o decorrer das atividades houve a solicitação dos idosos em estendê-las. Assim, foram acrescentados mais dois encontros que tiveram como objetivos proporcionar momentos de convivência e lazer entre os participantes; as atividades desses encontros consistiram na exibição do filme “Senhor Estagiário” e posterior discussão sobre ele. Durante o projeto e, especialmente no dia do encerramento, os idosos evidenciaram a satisfação e prazer de participarem das atividades do FAPAM Sênior, bem como demonstraram interesse em permanecer vinculados ao projeto. Para as estagiárias o projeto proporcionou trocas de experiências e muito aprendizado com os idosos, despertou, também, o interesse em continuar o trabalho com esse público e gratidão pela convivência com eles.

PALAVRAS-CHAVE:

Idosos; Universidade Aberta para a Terceira Idade; Promoção da Saúde.

REFERÊNCIAS

PAPALIA, Diane. **Desenvolvimento Humano**. 12. Ed. – Porto Alegre: AMGH, 2014.

ZIMERMAN, Guite. **Velhice Aspectos Biopsicossociais**. Editora Artmed, 2000.

88 Graduada em Psicologia pela Faculdade de Pará de Minas. E-mail: nin.ni.n@hotmail.com

89 Graduada em Psicologia pela Faculdade de Pará de Minas. E-mail: taina_dfaria@hotmail

90 Psicóloga. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Faculdade de Pará de Minas. E-mail: nataliascoralick@yahoo.com.br



RELATO DE EXPERIÊNCIA CLÍNICA: A IMPORTÂNCIA DO MANEJO COMO PROCESSO TERAPÊUTICO NO PLANTÃO PSICOLÓGICO

Anna Karolina de Jesus Lemos⁹¹

Cleidilene Angélica Lelis Maia⁹²

Andreza Caroline Ferreira⁹³

Raquel Maria Marques da Silva Inácio⁹⁴

Mônica Eulália da Silva Januze⁹⁵

Alberto MESAQUE Martins⁹⁶

RESUMO

O objetivo desse relato de experiência é discutir o manejo da relação terapêutica no estágio de plantão psicológico oferecido em uma clínica-escola. O plantão psicológico é uma modalidade de atendimento psicológico que tem caráter breve, dispensa a necessidade de agendamento prévio e oferece acolhimento às pessoas que buscam pelo serviço. Trata-se de uma prática clínica contemporânea, o que torna relevante discutir os aspectos de sua aplicação. Através dos atendimentos realizados, das discussões nas supervisões e da revisão teórica foi possível refletir que o sujeito chega ao atendimento em uma necessidade de dizer de sua angústia, buscando um auxílio e respostas para os problemas vivenciados, e para que isso aconteça é importante destacar a postura do terapeuta, que deve propiciar um ambiente acolhedor, com uma escuta atenta, qualificada, cuidadosa e empática, focando nas questões apresentadas pelo paciente, onde ambos buscam uma compreensão da problemática relatada. Podemos dizer que através destas qualificações do terapeuta é possível criar uma relação terapêutica, onde através do manejo auxilia o cliente a lidar com suas questões. O terapeuta enquanto facilitador, deve desta forma, compreender a demanda trazida, apresentando em um estado de congruência e aceitando o outro incondicionalmente. Diante do exposto foi possível refletir que o plantão psicológico, apesar de ser um processo mais breve, pode produzir efeitos terapêuticos no sujeito a medida em que o auxilia a clarear as questões trazidas, vislumbrando possibilidades e recursos internos, antes não percebidos, e trazendo maior compreensão sobre suas questões existenciais. Nesse processo, se estabelece uma relação em que o terapeuta se apresenta como um facilitador, possibilitando que o sujeito possa compreender e ressignificar sua demanda psíquica, à medida que se sente verdadeiramente ouvido e acolhido.

PALAVRAS-CHAVE:

Plantão psicológico; Manejo; Relação terapêutica; Vínculo.

91 Discente em Psicologia do 9º período. E-mail: Karol_lemos96@hotmail.com

92 Discente em Psicologia do 9º período. E-mail: cleidilenealm@yahoo.com.br

93 Discente em Psicologia do 9º período. E-mail: andrezacarolineferreira@hotmail.com

94 Monitora. Psicóloga, Monitora de Estágio. E-mail: raquel.inacio@kroton.com.br

95 Orientadora. Psicóloga, Doutora em Psicologia pela PUC-Minas (2018), e Pós-Doutorado em andamento em Estudos Psicanalíticos UFMG/FAFICH/PSILACS. Professora e Supervisora de Estágio na Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: monicaesilva@yahoo.com.br

96 coordenador. Psicólogo, Doutor em Psicologia por esta mesma universidade (UFMG). Coordenador de Estágio na Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: alberto.martins@pitagoras.com.br



REFERÊNCIAS

ALVES, Renata Cristina Rodrigues; MORALES, Ghoerber. **Vínculo terapêutico no plantão psicológico: uma discussão sob a perspectiva da análise do comportamento.** Revista de Psicologia, 12 jul. 2012. Disponível em: <<http://blog.newtonpaiva.br/psicologia/wp-content/uploads/2012/08/pdf-e2-46.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2019.

SOUZA, Alisson da Silva; CARNEIRO, Virgínia Teles. **O plantão psicológico numa perspectiva Humanista-fenomenológica.** Revista Extensão e Cidadania, v. 4, n. 7, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/recuesb/article/viewFile/6707/pdf_412>. Acesso em: 20 de maio de 2019



SAÚDE MENTAL E ARTE: O CAPS AD EM TELAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Fernando Franco Lopes⁹⁷

Gustavo de Castro Oliveira⁹⁸

Karem Martins Pereira⁹⁹

Maria Carolina de Melo Mendonça¹⁰⁰

Marcelo Gonçalves Campos¹⁰¹

RESUMO

Visando a conclusão do estágio básico do curso de Psicologia, da Faculdade de Pará de Minas (FAPAM), os alunos devem elaborar e colocar em prática uma intervenção de baixa ou média complexidade nos dispositivos nos quais tenham sido introduzidos durante esse processo de aprendizagem. Assim, os estagiários inseridos na Atenção Secundária em Saúde Mental, depois de seis meses de vivências dentro do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas de Pará de Minas, desenvolveram o projeto intitulado “Saúde Mental e Arte: O CAPS AD em Telas”. A iniciativa teve como base os princípios da Reforma Psiquiátrica, que objetivam, para além da mera reorganização administrativa dos locais de tratamento, a construção de um novo modelo de atenção à saúde mental e um novo lugar social para a loucura, como coloca Amarante (1996). Partindo então das observações feitas dentro do CAPS AD, constatou-se a possibilidade da realização de pintura em telas como forma de atender aos anseios dos usuários por outras oficinas terapêuticas, ao mesmo tempo proporcionar um ambiente de expressão singular e oportunizar, por meio de uma posterior exposição dessas obras, um momento para a desconstrução dos estigmas que circundam os indivíduos desse serviço e para se pensar em um novo lugar social para os mesmos. O projeto contou com 4 encontros no CAPS AD para a produção artística, um outro encontro para o feedback dos usuários, e depois a exposição realizada na FAPAM, que teve apoio da prefeitura local e foi aberta ao público. A intervenção permitiu reafirmar a importância da Reforma Psiquiátrica e do modelo de atenção à saúde mental de portas abertas, no qual o paciente é tratado de maneira humanizada, enquanto agente ativo no seu tratamento, apostando sempre na autonomia desse sujeito e na sua reinserção social.

PALAVRAS-CHAVE:

Saúde Mental; CAPS AD; Estágio.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. **O homem e a serpente**: outras histórias para a loucura e a psiquiatria. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

97 E-mail: ferfllopes@hotmail.com

98 E-mail: gustavo.castro66@hotmail.com

99 E-mail: karenmartins.km@gmail.com

100 Acadêmicos do 7º período do curso de Psicologia da Faculdade de Pará de Minas – FAPAM. E-mail: mariacarolinamelo@outlook.com.br

101 Professor e orientador de estágio do curso de Psicologia da Faculdade de Pará de Minas – FAPAM. Mestre em Psicologia – UFSJ, Especialista em Teoria Psicanalítica – UFMG, Psicólogo – UEMG. E-mail: marcelopsiccampos@gmail.com



TRABALHO INTERDISCIPLINAR: AMPLIAÇÃO DO OLHAR DO PSICÓLOGO EM FORMAÇÃO PELA LITERATURA DE CORDEL

Carolina Mota¹⁰²

Karina Fideles¹⁰³

RESUMO

O trabalho interdisciplinar surge como uma possibilidade de formação profissional integrada, em consonância com as diretrizes curriculares para cursos de graduação em Psicologia (2004) cujas competências devem garantir domínio básico de conhecimentos psicológicos e a capacidade de utilizá-los em diferentes contextos. Neste sentido, pretende-se estimular os graduandos a conhecerem melhor a realidade na qual estão inseridos, levando-os à reflexão das possibilidades de atuação e a abrangência da ciência psicológica. A metodologia consiste na divisão da turma em grupos que devem selecionar três reportagens de jornais, sendo de abrangências internacional, nacional e regional, durante dois meses. A posteriori os grupos escolhem uma reportagem para produzir uma literatura de cordel relacionando a temática escolhida com uma ou mais disciplinas em curso ou de semestres anteriores. Tal proposta de trabalho é feita aos alunos do 7º período do curso de Psicologia da PUC Minas Betim. A Literatura de Cordel configura-se pela estrutura em versos impressos em pequenos folhetos ilustrados com xilogravuras com o objetivo de ser declamados. É construída de acordo com um vasto repertório de formas poéticas fixas que delimitam a quantidade de sílabas poéticas, de versos e a disposição das rimas na estrofe. Após a proposição durante 11 (onze) semestres consecutivos foram produzidos mais de 50 (cinquenta) cordéis com as mais diversas temáticas, tais como empoderamento feminino, racismo, políticas públicas, desastres ambientais e inclusão social. Pode-se notar os impactos positivos na formação dos alunos de Psicologia, uma vez que se colocam a observar o cotidiano e se atentar para problemas sociais, sendo inevitável colocar em perspectiva a concepção de homem contemporâneo e as ações e intervenções psicológicas.

PALAVRAS-CHAVE:

Trabalho interdisciplinar; Literatura de cordel; Formação em Psicologia.

REFERÊNCIAS

Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Disponível em: : <http://www.ablc.com.br/o-cordel/cordeis-digitalizados/>

PETRAGLIA, Izabel. Edgar Morin: **A Educação e a Complexidade do Ser e do Saber**, 10ª. ed. [rev. e ampl.], Petrópolis, Vozes, 2008.

102 Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas Betim, Psicóloga. Doutora em Administração - PPGA da PUC Minas; Professora do PPGA - Programa de Pós-Graduação em Administração da PUC – Minas; Professora Adjunto IV do Curso de Psicologia; Membro do NERHURT - Núcleo de Estudos em Recursos Humanos e Relações de Trabalho. E-mail: cmmotasantos@gmail.com

103 Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas Betim Psicóloga Clínica e Educacional, Doutora em Educação, Professora Adjunto IV da FAPSI PUC Minas, Coordenadora Adjunta da Clínica Escola de Psicologia da PUC Minas Betim. E-mail: kfideles@hotmail.com



SANTOS, Akiko. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação**: cinco princípios para resgatar o elo perdido. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.



VITRINE DE ESTÁGIOS: UMA RESPOSTA À DEMANDA DOS GRADUANDOS DE PSICOLOGIA DA UFMG

Gislaine Leoncio Motti¹⁰⁴

Luciano Almeida Starling Lopes¹⁰⁵

Cassandra Pereira França¹⁰⁶

RESUMO

A Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, define o Estágio como um “ato educativo escolar supervisionado” que objetiva a preparação para a atuação futura no mercado de trabalho (BRASIL, 2008). Levando em consideração os apontamentos da Lei do Estágio a respeito das condições a serem atendidas tanto da parte da Instituição de Ensino Superior quanto da parte concedente, o CEPE (2009) regulamenta o Estágio como atividade obrigatória e/ou complementar na Grade Curricular dos cursos de Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais. A partir de tal cenário, foi identificada uma problemática específica da formação em Psicologia - cujo percurso exige a integralização de elevada quantidade de horas, mas não garante os ajustes das condições de realização do Estágio tal qual previsto na Lei supracitada. Surge, então, um desafio para os estudantes quando se trata de obter experiências enriquecedoras em seus currículos profissionais. O projeto “Vitrine de Estágios”, desenvolvido por um grupo de alunos da graduação, tem como proposta ensinar a oferta de estágios de qualidade que sejam endossados pelo corpo docente e pelo Colegiado de Psicologia da UFMG. Inicialmente, uma avaliação descritiva via questionários anônimos será realizada pelos alunos que já passaram pela experiência dos estágios externos em instituições concedentes, sejam estas públicas ou privadas. Em seguida, pretende-se realizar visitas institucionais aos campos de estágio a fim de investigar, por meio de um roteiro de entrevista, aspectos referentes às suas formas de atuação, princípios e características gerais, bem como esclarecer qual é o plano de estágio que oferecem aos alunos e o suporte para realizá-lo com presteza. Neste sentido, o produto final que o projeto visa alcançar é a oferta de uma plataforma virtual que sirva como um espaço de referência acessível aos graduandos de Psicologia da UFMG que pretendem pleitear vagas em estágios externos.

PALAVRAS-CHAVE:

Formação em Psicologia; Estágios; Grade curricular.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm. Acesso em: 23 maio 2019.

CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Resolução nº 02/2009, de 10 de março de 2009**. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proplan/wp-content/uploads/Resolu%C3%A7%C3%A3o-n%C2%B0-02-2009-atualizado-dia-23-05-2016.pdf>. Acesso em: 30 maio 2019.

104 Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: gisamotti@gmail.com

105 Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: lucistarling@gmail.com

106 Professora e Doutora. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: cassandrapranca@gmail.com

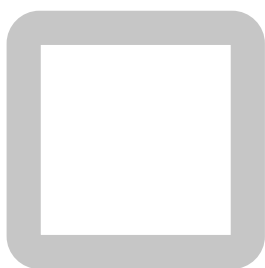


CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO; & ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE PSICOLOGIA. **Carta de serviços sobre estágios e serviços-escola**. Brasília, DF: Autor, 2013. Disponível em: <http://www.crpsp.org/fotos/pdf-2015-10-05-17-06-26.pdf>. Acesso em: 27 maio 2019.



EIXO 2

PESQUISA



(IN)VISIBILIDADES NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Aline Campolina Andrade¹⁰⁷

Celso Francisco Tondin¹⁰⁸

RESUMO

Este trabalho parte da controvérsia em torno das questões da diversidade sexual ocorrida na discussão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tematizando as violências e os preconceitos a fim de identificar e analisar como os termos gênero e orientação sexual (des)aparecem nesse processo. A pesquisa documental cartográfica mapeou as quatro versões da Base e matérias veiculadas em diversos sítios que manifestam uma disputa de sentidos. A partir do Enfoque das Epistemologias da Política Educativa (MAINARDES; GANDIM, 2013) a BNCC é considerada em sua articulação com um posicionamento epistemológico; pressupõe, assim, uma ética. A Abordagem do Ciclo de Políticas, proposta por Stephen Ball como “epistemometodologia”, permite pensar a construção da BNCC como atravessada por um jogo de forças nos contextos de: influência; produção do texto; prática; resultados/efeitos; estratégias de ação. O desaparecimento gradual dos referidos termos a partir da terceira versão do documento até sua completa omissão na versão aprovada nos convocam a pensá-lo no contexto de recusa ou de fomento de relações de violências e preconceitos na escola. Esta omissão é significada como censura, busca por equilíbrio ou oposição a ideologias. Se a educação é um processo de produção da existência humana (SAVIANI, 2015), que tem a potência de representar diversamente o humano (CROCHÍK, 2011), a escola pode ser criadora de diferença (SOUZA; TEBET, 2017). O apagamento dos termos omite (re)existências, servindo a uma produção determinada de corpos e de relações no contexto de mercantilização da educação, que vende formas “corretas” de ser, agir e se relacionar. A diferença transformada em desvio é substituída pelo termo “diversidade”; apaziguada em uma neutralidade forjada, o que impede o olhar para o outro e para si mesmo (ABRAMOWICZ; RODRIGUES; CRUZ, 2011). Isso permite considerar possibilidades de ressignificação da Base nos currículos, projetos pedagógicos e nas relações que constituem a imprevisibilidade do cotidiano escolar.

PALAVRAS-CHAVE:

Base Nacional Comum Curricular; Preconceitos; Violências; Gênero; Orientação sexual.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A.; RODRIGUES, T. C.; DA CRUZ, A. C. J. A diferença e a diversidade na educação. **Revista Semestral do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, São Carlos v. 1, n. 2, p. 85-97, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/38/20>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

CROCHÍK, J. L. Preconceito e inclusão. **WebMosaica**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 32-42, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/view/22359/13016>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

107 Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: aline.linecampolina@hotmail.com

108 Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: celsotondin@ufsj.edu.br



MAINARDES J.; GANDIM L. A. A abordagem do ciclo de políticas como epistemologia: usos no Brasil e contribuições. *In*: ALMEIDA, M. D. L. P.; TELLO, C. (Orgs.). **Estudos epistemológicos no campo da pesquisa em política educacional**. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 143-167.

SAVIANI, D. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 286-293, jun. 2015. Disponível em: <<https://rigs.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/13575/9519>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SOUZA, R. M.; TEBET, G. G. C. Diversidade, diferença e mal-estar: ensaio para novos modos de pensar o ato educativo. **Políticas Educativas**, Santa Maria, v. 11, n. 1, p. 107-122, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/Poled/article/view/77080/44156>>. Acesso em: 01 jun. 2019.



A ANOREXIA E A ADOLESCÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

Daianne Prates¹⁰⁹

Dayane Pena¹¹⁰

Isnara Gomes¹¹¹

RESUMO

O presente artigo refere-se às elaborações do projeto de iniciação científica intitulado “A anorexia e a adolescência: contribuições da psicanálise”, no qual é proposto a articulação entre a anorexia e a adolescência sob o enfoque das teorias e clínicas psicanalíticas de Freud e Lacan. Buscou-se apresentar a construção histórica do conceito de anorexia nos âmbitos da psicopatologia e psicanálise ao longo dos anos; trabalhar o conceito de “adolescência”, suas implicações na vida do sujeito e, por conseguinte, a articulação entre a anorexia e a adolescência sob o enfoque psicanalítico. A escolha por um trabalho psicanalítico como a anorexia se direciona à compreensão de que o sintoma traz uma mensagem de um sujeito em sofrimento e assim, surge uma demanda direcionada ao analista, possibilitando a análise. Utilizando a metodologia de pesquisa explicativa, sob a perspectiva do trabalho de um conceito, resgata-se a associação entre a patologia e a cultura, trazendo em evidência a evolução conceitual da anorexia e, posteriormente, em fase crucial esta é relacionada à adolescência, na construção da subjetividade, constituindo-se esta relação com objeto de nosso estudo. Esta pesquisa ressalta as contribuições acadêmicas e sociais frente à complexidade e gravidade do sintoma anoréxico na adolescência, além de elucidar o aspecto da formação profissional acadêmica do futuro psicólogo, através da expansão do conhecimento, do raciocínio teórico e clínico em psicanálise e outros campos relevantes para a atuação profissional como a psicopatologia e a saúde mental.

PALAVRAS-CHAVE:

Anorexia; Adolescência; Psicanálise.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. **O adolescente e o Outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BIDAUD, E. **Anorexia mental, ascese, mística: uma abordagem psicanalítica**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

CANGUILHEM, G. *Dialectique et philosophiedunom chez Gaston Bachelard*. **Revue International de Philosophie**. Paris, 1963.

109 Graduanda em Psicologia na UniDoctum. E-mail: daiprates@hotmail.com

110 Psicóloga (UFSJ), Mestra em Psicologia (UFSJ), doutoranda em Psicologia pela PUC/MG e professora do curso de Psicologia da UniDoctum. E-mail: dayannepena@hotmail.com

111 Graduanda em Psicologia na UniDoctum. E-mail: isnaragomes@gmail.com



DOMINGUES, M. R. C.; DOMINGUES, T. L. C.; BARACAT, J. Uma leitura psicanalítica da adolescência: mudança e definição. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**. Ano VII, n.12, São Paulo, Maio de 2009. Disponível em: < http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/Q311xFKbubqXqki_2013-5-13-12-49-37.pdf>. Acesso em: 07 set. 2018.

FREUD, S. (1895). Emmy von N. In **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1895a). Rascunho G. In **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1905). Fragmento da análise de um caso de histeria. In **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1905a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade In **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1918[1914]). História de uma neurose infantil. In **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GIL, A. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LACAN, J. (1938). **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1984.

LACAN, J. (1956-1957). O seminário: a relação de objeto (Vol. 4). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, J. (1957-1958). **O seminário: as formações do inconsciente** (Vol. 5). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, J. (1964). **O seminário: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. (Vol. 11). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LADEIRA, T. F.; COPPUS, A. N. S. Anorexia e adolescência: **uma articulação à luz da psicanálise**. Belo Horizonte. 2016

RECALCATI, M. (2007). **La última cena: anorexia y bulimia**. Buenos Aires: Del Cifrado.

SILVA, A. N.; BASTOS, A. Anorexia :**Uma Pseudo-Separação Frente a Impasses na Alienação e na Separação**. Psic. Clin. Rio de Janeiro, vol. 18, n.1, p.97 - 107, 2006

WEINBERG,C. Do Ideal Ascético ao Ideal Estético: **A Evolução Histórica da Anorexia Nervosa**. Rev. Latinoam. Psicop. Fund., São Paulo, v. 13, n.2, p. 224-237. 2010



A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO(A) NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ONG – REDE CIDADÃ

Polyana Teixeira Rosa Gonçalves¹¹²

Ana Luiza Brandão Leal¹¹³

RESUMO

Este estudo refere-se a um relato de experiência dos Estágios Básicos curriculares realizados no decorrer do ano de 2018. As atividades dos estágios ocorreram na ONG – Rede Cidadã da cidade de Pará de Minas – MG, esta Instituição de Ensino Superior busca através de seus cursos a transformação social por meio da integração entre trabalho, vida e formação pessoal. Considerando essa lógica o trabalho é entendido como fonte de renda e condição básica para que as pessoas se tornem autores da própria história. Para a realização desses estágios utilizou-se de observações, entrevistas semiestruturadas, conversas informais em momentos oportunos com os profissionais da rede, com os jovens aprendizes, bem como de questionários de pesquisa. Os questionários aplicados nos jovens aprendizes buscaram levantar informações sobre o perfil desse público. Além disso, também serviu para coletar informações acerca de temáticas a serem trabalhadas pela estagiária de Psicologia. Sendo assim, foram apontados pelos alunos diversos temas e, dentre eles, a intervenção realizada abordou os seguintes: Como se portar em uma entrevista de emprego; Desenvolvimento de habilidades de comunicação e elaboração de currículo. Para trabalhar as temáticas foram empregadas técnicas de dinâmica de grupo e rodas de conversas. A partir de tais experiências, conclui-se que a intervenção realizada na ONG – Rede Cidadã teve um resultado positivo, pois os jovens contribuíram com as discussões e se envolveram com a proposta do trabalho. Além disso, nos retornos fornecidos pelos jovens aprendizes da referida instituição percebeu-se por meio de seus relatos que gostaram das temáticas abordadas na intervenção e das discussões realizadas e, acrescentaram que poderão utilizar tais informações em algum momento de suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE:

Estágios Básicos; ONG – Rede Cidadã; Formação Profissional.

REFERÊNCIAS

FAPAM. **Manual de Estágios Básicos Curso de Psicologia Ingressantes 2016**. Pará de Minas, 2016.

SAMPAIO, J.R. (1995). **As três faces da Psicologia do Trabalho**. *Psique*, Belo Horizonte, 5 (1), 60-66.

112 Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Pará de Minas – FAPAM. E-mail: rosapoliana@hotmail.com

113 Professora e orientadora de estágio do curso de Psicologia da Faculdade de Pará de Minas – FAPAM. Doutoranda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: analuiza_brandao@hotmail.com



SPECTOR, Paul E. **Psicologia nas Organizações**. Tradução Cristina Yamagami. 4ª ed. São Paulo. Saraiva 2012.

ZANELLI, José Carlos. ANDRADE-BORGES, Jairo Eduardo. BASTOS, Antonio. **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. 2ªed. Porto Alegre: Artmed, 2014.



A CHEGADA DE UM FILHO COM DEFICIÊNCIA NO CONTEXTO FAMILIAR

Ana Luiza Brandão Leal Oliveira¹¹⁴

Bruna Luísa Silva Galvão¹¹⁵

Cristiane Aparecida Pereira Caires¹¹⁶

RESUMO

O presente artigo tem como propósito conhecer o processo de estruturação familiar, diante da notícia e chegada de um bebê com deficiência, bem como apresentar os principais anseios e as dificuldades vivenciadas pelos pais e/ou cuidadores em relação a essa nova realidade que se apresenta. A chegada de um filho no seio familiar gera inúmeras expectativas, fantasias, incertezas e necessidades de mudanças em sua dinâmica. A chegada de um filho com deficiência acentua todos esses processos e produz na família uma necessidade de reorganização dos sentimentos e estruturação. Percebe-se que o profissional de Psicologia pode contribuir muito, tanto na notícia do diagnóstico, quanto no acompanhamento da família e da criança. A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica que, a partir de um vasto levantamento em livros e artigos científicos, foi possível organizar e problematizar o conhecimento acerca do tema proposto. Com a elaboração deste artigo foi possível perceber que a família tem fundamental importância na abertura de probabilidades de crescimento e no favorecimento do desenvolvimento da criança com deficiência. O profissional psicólogo também tem um importante papel no momento de reorganização familiar auxiliando na adaptação de todos os membros frente à nova realidade que se estabelece.

PALAVRAS-CHAVE:

Pessoa com deficiência; Reorganização familiar; Infância.

REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, M. L. T. M. *et al.* Conceituando deficiência. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 97-103, 2000.

BAPTISTA, Makilim Nunes; TEODORO, Maycoln L. M (org.). **Psicologia de Família: teoria, avaliação e intervenções**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BARBOSA, Maria Angelica Marcheti. **Compreendendo o mundo-vida da mãe com um filho deficiente**. 2000. 188 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2000.

BAZON, Fernanda Vilhena Mafra; CAMPANELLI, Eloísa Amicucci; BLASCOVI-ASSIS, Silvana Maria. A importância da humanização profissional no diagnóstico das deficiências. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 6, n. 2, dez. 2004.

114 Faculdade de Pará de Minas – FAPAM. E-mail: analuiza_brandao@hotmail.com

115 Faculdade de Pará de Minas – FAPAM. E-mail: bruninhagalvao257@hotmail.com

116 Faculdade de Pará de Minas – FAPAM. E-mail: crispereiracaires@hotmail.com



BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde da pessoa com deficiência**: diretrizes, políticas e ações. [S. l.]. Disponível em: <http://portalsms.saude.gov.br/saude-para-voce/saude-da-pessoa-com-deficiencia/acoes-e-programas/rede-de-cuidados-a-pessoa-com-deficiencia>. Acesso em: 06 jul. 2018.

EIZIRIK, Cláudio L.; BASSOLS, Ana Margareth S. **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

FALKENBACH, Atos Prinz; DREXSLER, Greice; WERLER, Verônica. A relação mãe/criança com deficiência: sentimentos e experiências. **Ciência; Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 2065-2073, dez. 2008.

FIAMENGHI JR.; Geraldo A.; MESSA, Alcione A. Pais, filhos e deficiência: estudos sobre as relações familiares. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, DF, v. 27, n. 2, p. 236-245, 2007.

FRANCO, Vítor; APOLÓNIO, Ana Maria. Desenvolvimento, resiliência e necessidades das famílias de crianças com deficiência. **Revista Ciência Psicológica**, Montevideo, n. 8, 2009.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GÓES, Fernando Antônio de Barros. Um encontro inesperado: os pais e seu filho com deficiência mental. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, DF, v. 26, n. 3, p. 450-461, 2006.

GOFFMAN, E. Estigma. **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOMES, Ana Maria Paula Marques. A importância da resiliência na (re) construção das famílias com filhos portadores de deficiência: o papel dos profissionais da educação/reabilitação. **Saber (e) Educar**, Porto, n. 11, p. 49-71, 2006.

GRAUNGAARD, Anette Hauskov; SKOV, Liselotte. Why do we need a diagnosis? A qualitative study of parents' experiences, coping and needs, when the newborn child is severely disabled. **Child: care, health and development**, Inglaterra, v. 33, n. 3, p. 296-307, 2007.

HÖHER, Sígla Pimentel; WAGNER, Angélica Dotto Londero. A transmissão do diagnóstico e de orientações pais de crianças com necessidades especiais: a questão da formação profissional. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 113-125, 2006.

INFANTE, Francisca. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In: MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suárez. **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 23-38.

LAGO, Cristiane Pilar. **Manifestações psicológicas em mães de crianças portadoras de fissuras lábio – palatal**. 2001. 167 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2006.



LEMES, Lucyana Conceição; BARBOSA, Maria Angélica Marcheti. Comunicando à mãe o nascimento do filho com deficiência. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 441-445, 2007.

LUNARDI, Bruna; CÍRICO Larissa Jaqueline; COLDEBELLA, Nádia. Vivências sentimentos e experiências de mães frente à deficiência de seus filhos. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, 10., 2011, Maringá. **Anais [...]**. Maringá: UEM, 2011, p. 4120-4139. Disponível em: http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/x_conpe.pdf. Acesso em: 09 maio 2019.

MALDONADO, Maria Tereza. **Psicologia da gravidez**. Rio de Janeiro: Jaguatirica Digital, 2013.

MALDONADO, Maria Tereza. **Psicologia da gravidez-parto e puerpério**. 16. ed. São Paulo: Saraiva 2002.

MÂNGIA, Elisabete Ferreira; MURAMOTO, Melissa Tiekko; LANCMAN, Selma. Classificação Internacional de Funcionalidade e Incapacidade e Saúde (CIF): processo de elaboração e debate sobre a questão da incapacidade. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 121-130, maio/ago. 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Centro de Documentação e Informação do Portador de Deficiência. **Programa de ação mundial para as pessoas deficientes**. São Paulo: ONU 1982.

PANIAGUA, A.S; MONTES, M.O; JIMENEZ, E.F **Psicologia Diferencial**. São Paulo: UNED, 2004.

PEREIRA, Priscila Krauss; LOVISI, Giovanni Marcos. Prevalência da depressão gestacional e fatores associados. **Rev Psiq Clín**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p. 144-153, 2008.

REGEN, Mina. **Mães e filhos especiais**: relato de experiências com grupos de mães de crianças com deficiência. Brasília, DF: Corde 1993.

ROMERO, Emilio. **Neogênese**: o desenvolvimento pessoal mediante na psicoterapia. São José dos Campos: Della Bídia, 5. ed. 2015.

SÁ, Sumaia Midlej Pimental; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Compreendendo a família da criança com deficiência física. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 68-84, 2006.

SALES, Filipe. A influência Familiar no desenvolvimento das pessoas com deficiência. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 16, n. 1 e 2, 2017.

SIKORA, Denise. Algumas considerações sobre a deficiência e o papel da família e da escola. **Analecta**, Guarapuava, v. 11, n. 2, p. 23-39, 2010.

SILVA, Mara Regina Santos da *et al.* Processos que sustentam a resiliência familiar: um estudo de caso. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 18, n.1, p. 92-99, jan./mar. 2009.

SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. Psicologia positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SOUZA, Luciana Gomes Almeida de; BOEMER, Magali Roseira. O ser-com o filho com deficiência mental: alguns desvelamentos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 26, p. 209-219, jul./dec. 2003.



VENDRUSCULO, Larissa Ester Bartz. **Descoberta da deficiência do filho: o luto e a elaboração dos pais.** 33 f. Monografia (Graduação Psicólogo) - Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2014.

WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar.** São Paulo: Roca, 2005.



A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ESTIGMA EM MASCULINIDADE

Pedrita Reis Vargas Paulino¹¹⁷

Itamar Martins Firmino¹¹⁸

Ivaldo Francisco de Oliveira Neto¹¹⁹

RESUMO

O estudo sobre o masculino e seus pensamentos sociais não são uma pauta constante, quando há em sociedade um machismo velado e a delimitação do que se considera masculino. Produzir conhecimento acessível e esclarecedor acerca da produção do estigma em masculinidade é de grande contribuição para o meio acadêmico e, principalmente, para a sociedade, uma vez que a compreensão do fenômeno e do processo aumenta a capacidade e possibilidade de produzir práticas e saberes, alinhados. O presente trabalho apresenta-se enquanto uma revisão teórica sobre estigma e masculinidade, a fim de basear um grupo operativo com homens, bem como um projeto de iniciação científica sobre a construção do estigma em torno da masculinidade por meio do processo de interação social e das normativas de gênero. Busca nas bases Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) CAPES, Scielo, Redalyc e Google Acadêmico por artigos a partir dos descritores masculinidade, gênero, estigma, violência, relações sociais e identidade. Seleção de 25 artigos a partir de mais de 104 resultados por meio de leitura do resumo, buscando os que melhor se encaixavam aos objetivos do projeto. No grupo, manteve-se uma abordagem imparcial no direcionamento das discussões a fim de evitar interferências na dinâmica. Pelo caráter bem definido da masculinidade há muitos pontos que convergem entre si. Há consenso com relação a importância dos estudos feministas para o surgimento de estudos sobre o masculino e de demais mecanismos sociais que o definem, bem como forte crítica às construções que concedem ao masculino um lugar de vítima na história de sua construção. A revisão sugere a importância da discussão sobre masculinidade e normas de gênero para a compreensão das relações sociais, a formação de um grupo de discussão entre homens significa possibilitar a escuta e a reflexão sobre o tema das identidades e masculinidades.

PALAVRAS-CHAVE:

Masculinidades; Estigma; Gênero; Psicologia.

117 Doutoranda e mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Possui graduação em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2011). Pesquisadora do NUPES (Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde - UFJF). Professora da Faculdade Governador Ozanam Coelho - Ubá. Psicóloga Clínica na Casule Saúde e Bem-estar. E-mail: pedrita.paulino@fagoc.br

118 Facilitador de Oficinas de Acolhimento no CRAS Santana. Atua como tutor presencial da Universidade Federal de Juiz de Fora no Pólo UAB Cataguases no curso de Licenciatura em Computação. Graduando em Bacharelado em Psicologia pela Faculdade Governador Ozanam Coelho. Aluno Bolsista do Projeto de Iniciação Científica na FAGOC. Coordenou a Biblioteca Digital Josué Inácio Peixoto, onde atuava como agente cultural, gestor de projetos (Instituto Francisca de Souza Peixoto). E-mail: itamarmfirminopsif@gmail.com

119 Graduando em Bacharelado em Psicologia; reconhecido com o prêmio aluno destaque FAGOC, que outorga ao mesmo o título de melhor aproveitamento acadêmico, no segundo e terceiro período, consecutivamente, no ano de 2017 e 2018; bolsista de Iniciação Científica nos projetos Avaliação de Habilidades Sociais em contextos educacionais e Construção social do estigma em masculinidade pela Faculdade Governador Ozanam Coelho. Graduando em Licenciatura à distância em Letras Português e Inglês pelo Centro Universitário Cesumar - UNICESUMAR. E-mail: ivaldoneto1@gmail.com



REFERÊNCIAS

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Tre Janeiro: LTC. 1975).



A IMPORTÂNCIA DA PSICOTERAPIA PARA ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: SENSO COMUM OU LEGALIDADE

Ana Cláudia Soares Silva¹²⁰

Ariana Alves Rates Silva¹²¹

Glória Mara de Oliveira¹²²

Isadora Vilaça Ferreira¹²³

Márcio Pereira¹²⁴

Maria Cecília Resende Silva¹²⁵

RESUMO

O projeto intitulado **A Importância da Psicoterapia para estudantes de Psicologia: senso comum ou legalidade**, em desenvolvimento na Unidade Divinópolis/UEMG, aprovado no Edital PAPq 01/2019, com previsão de término para 15 de dezembro do corrente ano, visa compreender a necessidade da psicoterapia para estudantes de Psicologia durante sua formação acadêmica e a relação com a qualidade no exercício profissional. Acredita-se que nem todos os psicólogos fizeram psicoterapia durante sua formação acadêmica e isso não desfaz sua competência no exercício da profissão. A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, cuja metodologia é a revisão bibliográfica, a análise de documentos de órgãos competentes quanto à formação do psicólogo (MEC, CEE, CFP) e a entrevista estruturada com os estudantes e professores da Unidade Divinópolis do curso de Psicologia, como, também, com 30 profissionais liberais que atuam em outros campos da Psicologia. A pesquisa documental ainda está em processo, como também a aplicação da entrevista estruturada. A pesquisa bibliográfica inicial aponta que a formação profissional do psicólogo não é distinta da pessoal e os dois estão em estreita relação, Contudo, a psicoterapia pessoal para a formação do estudante seria uma experiência importante, e que traz um impacto através das atitudes daí decorrentes que irão contribuir de forma ímpar para a profissão (Moura, 1999). Diante disso, os estudantes de Psicologia são incentivados a se submeterem ao tratamento psicológico como condição desejável e que implementa a sua formação. Meira e Nunes (2005, p. 342) apontam que, quanto à formação da atitude clínica,

120 (Voluntária) graduanda do 5º período matutino de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG, voluntária do projeto “a importância da psicoterapia para estudantes de Psicologia: Senso Comum ou legalidade”, fomentado pelo Edital PAPq 01/2019/UEMG. E-mail: klaudia.gbi@hotmail.com

121 (Voluntária), graduanda do 5º período de Psicologia matutino da Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG, voluntária do projeto “A Importância Da Psicoterapia Para Estudantes De Psicologia: Senso Comum Ou Legalidade”, fomentado pelo Edital PAPq 01/2019/UEMG. E-mail: arianaalves9321@gmail.com

122 (Voluntária), graduanda do 5º período de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais. Voluntária de projeto fomentado pela PAPq. Pós-graduada em Psicologia da Educação – PUC, Graduada em Pedagogia – Universidade de Itaúna. Supervisora Técnica de Cultura e Esportes do SESI Itaúna. E-mail: gloriaramara@gmail.com

123 (Voluntária), auxiliar de Departamento Pessoal na Empresa Preconta Contadores. Graduanda do 5º período de Psicologia matutino da Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG, voluntária do projeto “A Importância Da Psicoterapia Para Estudantes De Psicologia: Senso Comum Ou Legalidade”, fomentado pelo Edital PAPq 01/2019/UEMG. E-mail: isadoraferreiravilaca@hotmail.com

124 (orientador da Pesquisa): Formado em Psicologia, Pedagogia, Mestre em Educação/UNISAL/SP; Doutorando em Educação/UNINI/ Puerto Rico; Lato Sensu Educação Especial e Inclusiva, Psicopedagogia Clínica e Institucional, Psicopedagogia com ênfase em Neurociência e dificuldades de aprendizagem; professor universitário (Pedagogia e Psicologia), coordenação de curso (Pedagogia), experiência em pesquisa e extensão. E-mail: marcio.marcio@uemg.br

125 (Bolsista), graduanda do 5º período de Psicologia matutino da Universidade Estadual de Minas Gerais/UEMG, bolsista do projeto “A Importância Da Psicoterapia Para Estudantes De Psicologia: Senso Comum Ou Legalidade”, fomentado pelo Edital PAPq 01/2019/UEMG. E-mail: cecillia.resende@yahoo.com



“engloba a psicoterapia pessoal do estudante, o conhecimento teórico e a prática clínica supervisionada. Estes fatores estão intimamente ligados, uma vez que os conhecimentos teóricos só podem ser internalizados e processados em uma psicoterapia pessoal que torne possível o conhecimento do mundo interno e a utilização dos recursos pessoais na investigação e compreensão dos processos psíquicos”.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicoterapia; Formação; Estudante; Legalidade; Profissão.

REFERÊNCIAS

AGUIERRE, A. M. B., HERZBER, E., PINTO, E. B., BECKER, E., CARMO, H. M. S. & SANTIAGO, M. D. E. **A Formação da atitude clínica no estagiário de Psicologia**. Psicologia USP, 11 (1), 49-62, 2000.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2ª ed. São Paulo, SP: Pioneira, 1999.

BANACO, Roberto Alves. **O impacto do atendimento sobre a pessoa do terapeuta**. V.1, n. 2, Temas em Psicologia. Ribeirão Preto, 1993. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000200010. Acesso em: 01/11/2018.

BAPTISTA, M. N., YOSHIMOTO, L. W., MONELLO, M. R., BAPTISTA, R. W. & BERTI, A. **Nível e Fontes de Estresse em alunos de Psicologia**. PsicoUSF, 3 (1), janeiro/junho 61-76, 1998

BOLLAS, C. **Forças do destino: psicanálise e idioma humano**. Rio de Janeiro: Imago.1992

FALEIROS, E. A. **Aprendendo a ser psicoterapeuta**. Psicologia: Ciência e Profissão, 24 (1), 14-27, 2004.

FREITAS, F. A. **Diferentes perspectivas diante da conduta do estagiário em Psicologia no contexto clínico**. Psicologia: Teoria e Prática, 2008, 10(2), 31-43. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v10n2/v10n2a03.pdf>. Acesso em: 01/11/2018.

GIL, ANTÔNIO CARLOS. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, R; E CRUZ, J. **Estudo do stress e do burnout no exercício profissional da psicologia em Portugal**. Braga: Centro de Estudos de Investigação e Psicologia, Universidade do Minho, 1999.

HALEY, J. **Aprendendo e ensinando terapia**. Porto Alegre: Artmed, 1998

HANNS, L. A. **Regulamentação em debate**. Psicologia Ciência e Profissão - Diálogos, 1 (1), 6-13. 2004.

KICHLER, Giselda Faes, SERRALTA, Fernanda Barcellos. **As implicações da Psicoterapia Pessoal na Formação em Psicologia**. V. 45, n.1, PP 55-64, jan.mar, 2014. Disponível em: <http://revista-seletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/12531>. Acesso em: 01/11/2018.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E.D. **A Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 2ªed. Rio de Janeiro. EPU, 2013.



MEIRA, Cláudia Hyala Mansilha Grupe e NUNES, Maria Lúcia Tiellet. **Psicologia Clínica, Psicoterapia e o Estudante de Psicologia**. Paidéia, 2005, 15(32), 339-343

MOURA, C. B. **Avaliação de uma experiência com o ensino de habilidades clínicas para alunos do primeiro ano de Psicologia**. Revista Estudos de Psicologia, 16 (1), 17-34., 1999.

REIS, Luis Charles, CRUZ, Camila Campos Marçal. **A importância da psicoterapia para a formação e atuação do psicólogo clínico**. Revista Brasileira de Ciências da Vida. V.6, n.2, mar. 2018. Disponível em: file:///C:/Users/Marcio/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/662-1-1804-1-10-20180321%20(1).pdf. Acesso em: 01/11/2018.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. 2ªed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1975.

ROGERS, C. **Terapia Centrada no Cliente**. Lisboa: Edial, 2004. (obra original publicada em 1951).



A IMPORTÂNCIA DOS OBJETOS COMO MEDIADORES NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS

Stéphanie Alves Furtado Badaró¹²⁶
Maria Glauca Pires Calzavara¹²⁷

RESUMO

Essa é a questão que pretendemos desenvolver a partir de um projeto de pesquisa em andamento na UFSJ, em que a construção de objetos mecânicos, de produção de peças, de criação de narrativas, de interação com robôs e sua programação poderá ajudar na direção de tratamento das crianças autistas. Verifica-se na prática clínica e nas produções autísticas que o objeto é muito importante para o sujeito, na medida em que transcende à experiência sensorial, estando relacionado à uma maneira peculiar de se organizar num mundo que lhe é estranho. É sabido que, em decorrência dos processos de constituição subjetiva, o modo autístico de se relacionar com a alteridade é um modo que rechaça o Outro, mas que, reconhece a presença deste, embora se revele insuportável. O modo de tratamento do Outro é, portanto, um desafio que convoca psicanalistas interessados em sua práxis, buscar alternativas que possam moderar para a criança autista a presença intrusiva do Outro. O objetivo deste trabalho é investigar o uso de objetos como mediadores de uma invenção particular do sujeito autista e para isso, o método utilizado é a pesquisa teórica em psicanálise. Iremos partir da consideração de que os objetos sintomáticos das crianças, longe de serem nocivos e descartados em nome de uma socialização forçada e que não leve em consideração os interesses do sujeito, eles podem ser uma maneira justamente de possibilitar uma direção de tratamento, conforme as narrativas de alguns autistas que apresentaram sua experiência a partir de monografias autobiográficas. Os resultados da pesquisa, em andamento, ainda não podem ser observados, mas acreditamos que esse projeto pode abrir uma nova linha de pesquisa com impactos sociais e tecnológicos no tratamento de crianças com psicopatologias graves, gerando tanto conhecimento como novas metodologias de atendimento clínico.

PALAVRAS-CHAVE:

Autismo; Objeto; Psicanálise; Direção do tratamento.

126 Graduanda em Psicologia pela UFSJ, bolsista do CNPq e faz parte do grupo de estudos psicanalíticos em autismo na UFSJ. E-mail: steafurtado@gmail.com

127 Doutora em Educação pela Faculdade de Educação - FAE-UFMG (2012), na linha de pesquisa: Psicologia, psicanálise e educação. Doutorado sanduíche de março a novembro de 2009 no programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ, com orientação da professora Dra. Ana Maria Jacó Vilella com bolsa, concedida através do edital CAPES/PROCAD 2007. Realizou estágio de Pós-Doutoramento no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) sob a orientação da profa. Dra. Angela Vorcaro. Professora Adjunto IV da Universidade Federal de São João Del-Rei. (UFSJ). Experiência na Clínica psicanalítica com crianças. Trabalho de Implantação de uma Clínica de Crianças autistas e neuróticas graves no âmbito da UFSJ. Como docente ministra aulas na área clínica e supervisiona alunos em estágios na área clínica psicanalítica infantil e clínica do autismo. Graduação em Psicologia pela Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei (1988), especialização e em Fundamentos Filosóficos da Psicologia e Psicanálise pela Unicamp, mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG-2000). Coordena o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicanálise- NUPEP -Núcleo - Práxis da Clínica Psicanalítica. Membro da Linha de Pesquisa do Programa de Pós Graduação em Psicologia PPGPSI -UFSJ - Fundamentos Teóricos e Filosóficos da Psicologia. E-mail: glauciacalzavara@gmail.com



REFERÊNCIAS

BLEULER, E. (1911). Dementia Praecox order die Gruppe der Schizophrenien. In: KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

DOR, J. (1985). O estágio do espelho e o Édipo. In Dor, J. **Introdução à leitura de Lacan o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREUD, S. (1915) Os instintos e seus destinos. In Freud, S. **Obras completas volume 12**. São Paulo: Cia das Letras, 2010

GRANDIN, T.; SCARIANO, M.M. **Uma menina estranha:autobiografia de uma autista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HIGASHIDA, N. **Palavras de um menino que rompem o silêncio do autismo. O que me faz pular**. Rio de Janeiro: Intrínseca,2014.

KANNER, L (1943). Os distúrbios autistas do contato afetivo. In ROCHA, P.S.(org.) **Autismos**. São Paulo:Escuta,1997.

LACAN, J. (1998). Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval. In LACAN, J., Escritos(pp. 843-864). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1960)

LAZNIK, M. C. (2005). A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito. Salvador: Ágalma.

MALEVAL, J-C.(2009a) O autista e a sua voz. São Paulo:Blucher, 2017.

MALEVAL, J-C. (2009b, agosto) Os objetos autísticos complexos são nocivos?. **Psicologia em Revista**. 15(2), (223-254).

RIBEIRO, M. A. C. (2012, jul./dez. 4) O sujeito autista e seus objetos. **A peste**.4 (2), (77-89).

TUSTIN, F. (1972). Autismo e Psicose Infantil. Rio de Janeiro:Imago, 1975.

VORCARO, A.; FERREIRA, T. (2017). O tratamento psicanalítico de crianças autistas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

A IMPORTÂNCIA E O SENTIDO DA OFICINA TERAPÊUTICA PARA OS USUÁRIOS NO CAPS I

Luciene da Cunha¹²⁸

Fernanda Bicalho Pereira¹²⁹

RESUMO

A partir de uma experiência de estágio supervisionado no Centro de Atenção Psicossocial I, localizado na Zona da Mata Mineira, o presente relatório busca evidenciar a importância e o sentido da oficina terapêutica para os usuários. Com o advento do paradigma psiquiátrico e a evidência da subjetividade no processo terapêutico, foi possível delinear a superação dos hospícios para compor uma assistência integral e resolutiva. As oficinas terapêuticas mostram-se importantes meios de expressão e comunicação não verbal. Estes espaços proporcionam um ambiente de produção significativa, articulando a subjetividade ao mundo real e concreto do usuário. Durante as atividades do Estágio Básico Supervisionado foram realizadas observações sobre o funcionamento do CAPS I, tanto no período, além de entrevistas com funcionários e usuários. Os relatos dos usuários sobre suas vivências cotidianas no CAPS I, pôde-se evidenciar o quanto eles têm a dizer sobre seu universo. Sentimentos foram acessados e expressos de diversas formas, possibilitando uma compreensão da singularidade dos sujeitos envolvidos durante as atividades desenvolvidas na oficina terapêutica. É perceptível que as atividades propostas na oficina terapêutica contribuem de forma significativa para com a qualidade de vida dos usuários, sendo observado interação, companheirismos, carisma, atenção, o desenvolvimento de habilidades manuais, de acordo com a singularidade de cada um participante. As oficinas se caracterizam por um momento de descontração, interação e aprendizagem entre usuários e funcionários do serviço de saúde mental. A oficina terapêutica é uma oportunidade de desenvolvimento de habilidades corporais e realização de atividades produtivas, de forma a contribuir para a reabilitação, inserção, inclusão e reabilitação dos sujeitos ali envolvidos. Mas também é um espaço propício para manifestação de sentimentos e pensamentos dos mesmos de maneira singular, de forma verbal e lúdica.

PALAVRAS-CHAVE:

Reforma Psiquiátrica; CAPS I; Oficinas Terapêuticas.

128 Discente do 7º período do curso de Psicologia; Fernanda é psicóloga, mestra em Saúde e Enfermagem e docente do curso de Psicologia.
E-mail: fernandabicalhopereira@gmail.com

129 Faculdade Vértice - Univértix. E-mail: lcalucienecunha@yahoo.com



A INVISIBILIDADE DAS TRANSMASCULINIDADES NO BRASIL E A LUTA PELA GARANTIA DE DIREITOS

Amanda Zaniratti Prado¹³⁰

Andrea Moreira Lima¹³¹

RESUMO

A concepção de criação e aplicação de políticas públicas tem constantemente se expandido da definição inicial de algo universal e generalista para a compreensão das necessidades múltiplas individuais e particulares de diversos nichos sociais. Essa expansão tem se dado, sobretudo, pela atividade ávida de movimentos sociais de minorias que buscam ter suas demandas assistidas. Quando se pauta as demandas particulares de identidades transgêneras, percebe-se uma visão muitas vezes reducionista, focando as discussões apenas nas identidades das mulheres trans e travestis, o que causa certa invisibilidade das identidades dos homens trans e demans transmasculinidades. Assim, o presente estudo buscou visibilizar essas demandas e levantar um panorama das atuais políticas públicas voltadas para esse nicho no Brasil, identificando as possíveis lacunas, as estratégias políticas para a desinvisibilização, bem como para uma maior compreensão dessa realidade. A pesquisa teve como referencial teórico a Psicologia Social Crítica e baseou-se na metodologia de revisão bibliográfica narrativa. Os resultados apontaram a existência de uma crescente mobilização de lideranças transmasculinas que têm voltado os olhos da sociedade para as suas identidades e particularidades, dando a tônica de que as necessidades do público trans vão muito além daquelas para as identidades femininas. Essa visibilidade, ainda inicial, já demonstra um movimento de criação de programas e iniciativas do Estado para aprimoramento e desenvolvimento de atenção às necessidades do homem trans no cenário nacional, tais como o aprimoramento das técnicas cirúrgicas e a proposição de projetos de lei que visem inclusivamente o homem trans na afirmação de seus direitos como cidadão. Assim, a pesquisa evidenciou o papel fundamental dos movimentos sociais transmasculinos nessa expansão de percepção e do papel altamente relevante do diálogo entre intersecções de direitos, gênero e sexualidade para o alinhamento de demandas e pautas importantes que toquem a realidade das transmasculinidades.

PALAVRAS-CHAVE:

Transexualidade; Transmasculinidade; Políticas públicas; Psicologia Social Crítica;

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guilherme. “Homens Trans”: novos matizes na aquarela das masculinidades? Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, maio 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200012/22858>>. Acesso em: 07 de jun. de 2018.

130 Psicóloga social e clínica, graduada pelo Centro Universitário UNA, trabalha com estudos de sexualidade e gênero junto à população transgênera e transexual, aliando a clínica ao desenvolvimento de pesquisas sobre as intersecções sujeito – meio dessa população. E-mail: a.zaniratti@gmail.com

131 Doutora em Psicologia Social pela UFMG, com período de doutoramento no Centro de Estudo Sociais da Universidade de Coimbra/Portugal. Vice-Presidenta da Associação Brasileira de Psicologia Social - Regional Minas Gerais e Professora do Centro Universitário UNA. E-mail: andrea.m.lima10@gmail.com



ALMEIDA, Guilherme; MURTA, Daniela. Reflexões sobre a possibilidade da despatologização da transexualidade e a necessidade da assistência integral à saúde de transexuais no Brasil. *Sex., Salud Soc. (Rio J.)*, Rio de Janeiro, n. 14, ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872013000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 ago. 2018.

ARAN, Márcia; MURTA, Daniela. Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às re-descrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. *In: Physis*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 15-41, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 de out. de 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS - ABGLT. Manual de Comunicação LGBT. Ferdinando Martins, Lilian Romão, Liandro Lindner, Toni Reis. (Org.) Disponível em: <<https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf>>. Acesso em: 07 de jun. de 2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS - ANTRA. Mapa de casos de assassinatos de Travestis, Mulheres Transexuais e Homens Trans no território brasileiro no ano de 2017. S/D. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>>. Acesso em: 08 de jun. de 2018.

ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pillar. Identidades trans no contexto de transnacionalização do Movimento Transgênero e diáspora queer. V Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – ABEH, Natal/RN, nov. 2010. Disponível em: <<http://nigs.paginas.ufsc.br/files/2012/01/TRANSEXUALIDADE-E-MOVIMENTO-TRANSG%3%8ANERO-NA-PERSPECTIVA-DA-DI%3%81SPORA-QUEER-Simone-%3%81vila-e-Miriam-Pillar-Grossi.pdf>>. Acesso em: 08 de out. de 2018.

BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 256p.

BENTO, Berenice. Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova. *Ciência & Saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 10, p. 2655-2664, Oct. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012001000015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de out. de 2018.

BRASIL. DECRETO Nº 90/2015. Susta os efeitos do inteiro teor da Resolução nº 11, de 18 de dezembro de 2014, e nº 12, de 16 de janeiro de 2015, do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais - CNCD/LGBT, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, Brasília, DF, jan. 2017. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1340766.pdf>>. Acesso em 12 de out. de 2018.



BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 07 de jun. de 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº1.707, de 18 de agosto de 2008. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), o Processo Transexualizador, a ser implantado nas unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil. Brasília. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1707_18_08_2008.html>. Acesso em: 27 de out. de 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº2.803, de 19 de novembro de 2013. Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil. Brasília. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/61945495/dou-secao-1-21-11-2013-pg-25>>. Acesso em: 30 de out. de 2018.

BRASIL, Supremo Tribunal Federal. Decisão sobre tema nº761/DF – Distrito Federal. Relator: Min. Dias Toffoli. Recurso extraordinário em que se discute, à luz dos arts. 1º, IV; 3º; 5º, X, e 6º da Constituição, a possibilidade alteração do gênero feminino para o masculino no assento de registro civil de pessoa transexual, mesmo sem a realização da cirurgia de transgenitalização para redesignação de sexo. Acórdãos, 15 Ago. 2018. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/jurisprudenciaRepercussao/verAndamentoProcesso.asp?incidente=4192182&numeroProcesso=670422&classeProcesso=RE&numeroTema=761#>>. Acesso em: 21 de set. de 2018.

BRAZ, Camilo; SOUZA, Érica Renata de. Antropologia e políticas de saúde para homens trans no Brasil contemporâneo – diálogos entre duas pesquisas. *In*: 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2016, João Pessoa. Anais eletrônicos... João Pessoa, 2016. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/30rba/admin/files/1466447472_ARQUIVO_BRAZeSOUZA-AntropologiaepoliticadesaudeparahomenstransnoBrasilcontemporaneo-GT16.pdf>. Acesso em: 16 de jun. de 2018.

BUTLER, Judith P. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 287p.

CAMBRIDGE, University Press. Transphobia. Cambridge online dictionary, Cambridge Dictionary online. 08 set 2018. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/transphobia>>. Acesso em: 09 de set. de 2018.

CARVALHO, Diego Souza de. Trans-políticas em trans-contextos: transexualidade, clínica e identidades. *Século XXI – Revista de Ciências Sociais*, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 65-90, dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/17038>>. Acesso em: 12 de out. de 2018.

CARVALHO, Mario; CARRARA, Sérgio. Em direito a um futuro trans? contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, n. 14, p. 319-351, Ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872013000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 de out. de 2018.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalismo. Resolução n. 1.482/97, 1997. Disponível em: <http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482_1997.htm>. Acesso em: 19 out. 2018.



CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis. Resolução n. 01/2018, 2018. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/01/resolucao_cfp_01_2018.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

COSTA, Carina B. S.; MENDES, Johnathan B. A influência dos discursos religiosos na manutenção da cultura cisheteronormativa: uma análise de conteúdo. 56p. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas, Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2018.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. 2009. “De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro”. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, nº 3, p. 54-81. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2933/293322974004/>>. Acesso em: 20 de set. de 2018.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Gulhon Albuquerque. 22ª ed. São Paulo: Edições Graal, 2012. 176p.

FREITAS, Rafaela Vasconcelos. Homens com T maiúsculo. Processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a transversalidade da internet. 121p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

LANE, Sílvia Tatiana Maurer; CODO, Wanderley. Psicologia social - o homem em movimento: A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LEONY, M. C. Homofobia, controle social e política pública de atendimento. 2006. 116 f. Monografia (Pós-graduação Lato Sensu em Gestão Estratégica em Segurança Pública). Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2006.

LIMA, Andréa Moreira. Política Sexual: os direitos humanos LGBT entre o universal e o particular. 1ª ed. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017. 300p.

LIMA, Aluísio Ferreira de; CIAMPA, Antonio da Costa; ALMEIDA, Juracy Armando Mariano de. Psicologia social como psicologia política?: A proposta de psicologia social crítica de Sílvia Lane. Revista Psicologia Política, São Paulo, v. 9, n.18, p. 223-236, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2009000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 de nov. de 2018.

LIONÇO, Tatiana. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios. Physis, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 43-63, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 de out. de 2018.

MACHADO, Frederico Viana; PRADO, Marco Aurélio Máximo. Movimentos homossexuais: a constituição da identidade coletiva entre a economia e a cultura. O caso de dois grupos brasileiros. Interações, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 35-62, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 jun. 2018.



MANCINI, Marisa Cotta; SAMPAIO, Rosana Ferreira. Quando o objeto de estudo é a literatura: estudos de revisão. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, São Carlos, v. 10, n. 4, Dec. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35522006000400001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 de jun. de 2018.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, Junho 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 de out. de 2018.

MOLINA, Luana Pagano Peres. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. *Antíteses*, Londrina, v. 4, n. 8, p. 949-962, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/download/7153/9668>>. Acesso em: 18 de jun. de 2018.

MOREIRA, Walter. Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção. *Janus*, Lorena, v. 1, n. 1, p. 19-31, 2004. Disponível em: <<http://www.unifatea.edu.br/seer/index.php/janus/article/viewFile/1/1>>. Acesso em: 12 de jun. de 2018.

NAZARÉ, Marcela Peregrino Bastos De. O Movimento Homossexual Brasileiro: da clandestinidade à esfera pública. *Revista Urutágua - Revista Acadêmica Multidisciplinar*, Maringá/PR, n. 24, p. 40-49, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/laboratorio/ojs/index.php/Urutagua/article/view/10630/7121>>. Acesso em: 28 de set. de 2018.

NERY, João W.; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências. *História Agora*, v. 2, p. 60-80, 2013. Disponível em: <http://www.academia.edu/25143217/TRANSHOMENS_NO_CIBERESPA%C3%87O_ARTICULA%C3%87%C3%83O_E_VISIBILIDADE_1>. Acesso em: 02 de dez. de 2018.

SILVA, A. G. F. D. *et al.* A relação entre Estado e políticas públicas: uma análise teórica sobre o caso brasileiro. *Debates*, Porto Alegre/RS, v. 11, n. 1, p. 25-42, jan./abr. 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/viewFile/72132/41081>>. Acesso em: 17 de out. de 2018.

SILVEIRA, Esalba Maria Carvalho. *De Tudo Fica Um Pouco: A Construção Social Da Identidade Do Transexual*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/409>>. Acesso em: 19 de jun. de 2018.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: uma revisão da literatura. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 16, p. 20-45, Dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222006000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de nov. de 2018.



A PRESENÇA DO PENSAMENTO PSICANALÍTICO NO CONTEXTO HOSPITALAR: DOS IMPASSES À PRÁTICA

Maria Luiza Nunes¹³²

Michele Lorrane Rosa¹³³

Paula Ferreira Gonçalves¹³⁴

RESUMO

Introdução: A psicanálise surgiu dentro o contexto Hospitalar a partir das experiências de Freud, que analisando o inconsciente percebeu que muito teria para agregar com a medicina. Ainda assim existe uma luta relativa à difusão da Psicanálise frente diversidade prática da Psicologia. Pensando no contexto Hospitalar evidencia-se que o intuito da Psicanálise é trabalhar com o sofrimento do paciente, que se propaga em sua maioria referente ao adoecimento, podendo estar relacionado também para, além disso. O adoecimento é uma travessia, onde a Psicanálise pode apoiar -se no processo. Mesmo com as dificuldades do hospital é possível realizar esse trabalho. Junto ao adoecimento existem questões subjetivas as quais se ignoradas prejudicam a evolução do tratamento da doença. **Metodologia:** Realizou uma revisão bibliográfica com os descritores psicanálise, Psicologia hospitalar e Freud. Analisados materiais referentes a artigos e capítulos de livros selecionados a partir do pensamento Psicanalítico. Foram excluídos resenhas, artigos internacionais e incompletos. **Resultados e Discussão:** O hospital é um ambiente que apresenta várias questões, como as dificuldades para o atendimento psicológico, o barulho, falta de privacidade e diversas demandas. Na maioria das vezes os atendimentos são solicitados pela família ou a equipe profissional. Esses são realizados através da escuta ativa com o intuito de acolher o paciente. **Conclusão:** A Psicanálise se faz eficaz no contexto hospitalar, incluindo todos os envolvidos, a equipe, os familiares e pacientes. As técnicas utilizadas pela psicanálise durante o atendimento no hospital, trazem significado para a situação, favorecendo assim a passagem pelo processo de adoecimento. Se tratando de um local que leva o sujeito a encontrar-se com sua subjetividade e questionar sua existência e valores, auxilia com que a passagem pela doença seja vivida de forma significativa e sem danos maiores.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia hospitalar; Psicanálise; Adoecimento;

REFERÊNCIAS

ELIAS, Valéria de Araújo. Psicanálise no hospital: algumas considerações a partir de Freud. **Revista da SBPH**, v. 11, n. 1, p. 87-100, 2008.

KAMESRS, MARCON, MORETTO. Desafios atuais das práticas em hospitais e nas instituições de saúde. *In*: MADER, B.J. **Fundamentos em Psicologia da Hospitalar e da Saúde**. São Paulo: Editora Escuta, 2016.p. 47-63.

132 Graduanda do curso de Psicologia (UNIPAM) – UNIPAM. E-mail: marialn@unipam.edu.br

133 Graduanda do curso de Psicologia (UNIPAM). E-mail: michelerosa@unipam.edu.br

134 Professora do curso de Psicologia (UNIPAM). E-mail: paulafg@unipam.edu.br



MORETTO, Maria Livia Toutinho. **A PRESENÇA DO PENSAMENTO FREUDIANO NO CAMPO DA SAÚDE.** Por que Freud, 2017. ZAGADONI.



A REDUÇÃO DE DANOS ENQUANTO POLÍTICA DE AMPARO AOS ADOLESCENTES USUÁRIOS DE DROGAS

Bianca Camila Gonçalves Moreira¹³⁵

Carolina Dal-Col Vianna¹³⁶

Elizangela Aparecida Andrade de Paula¹³⁷

Isabela Teodoro dos Santos¹³⁸

Luisa Giarola Silva¹³⁹

Luiza Andrade Pereira Ferrer Silva¹⁴⁰

Rafael Luiz Gonçalves Moreira¹⁴¹

Rogéria Araújo Guimarães Gontijo¹⁴²

RESUMO

Trata-se de um estudo referente à redução de danos e a compreensão do seu conceito, como tratamento alternativo no que diz respeito ao abuso de drogas lícitas e ilícitas por parte dos adolescentes, a fim de apontá-la como caminho mais viável em detrimento das políticas de abstinência, como clínicas de internação e comunidades terapêuticas, que foram adotadas durante décadas e ainda hoje demandam espaço. Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas em artigos de portais como Scielo e Pepsic, compondo margem teórica no que concerne o adolescente e as substâncias psicoativas, analisando o modo pelo qual se relacionam e de que forma a reabilitação pode ou não surtir efeitos positivos na saúde psíquica do sujeito. Dessa forma, percebeu-se que, devido às particularidades do período da adolescência e às novas concepções da Psicologia quanto ao tratamento de psicopatologias e dependência química após a Reforma Psiquiátrica, a redução de danos torna-se uma defesa dos psicólogos e uma luta contra o aprisionamento do indivíduo. Contudo, vê-se, atualmente, um novo plano governamental de mudanças na Política de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas excluindo, assim, o protagonismo dessa prática interventiva e recorrendo a métodos arcaicos que ferem o direito de ir e vir do cidadão e reforça um estigma que marginaliza o sujeito da sociedade. Por tudo isso, o artigo visa também potencializar, no meio acadêmico, o debate acerca da redução de danos, explanando seus benefícios e as suas principais contribuições para a melhoria do grupo social que se destaca na utilização das entorpecentes, os adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE:

Redução de danos; Drogas; Adolescentes; Saúde Mental;

135 Graduanda do curso de Psicologia/UEMG-Unidade de Divinópolis, 3º período matutino. E-mail: biancacamila.goncalves@outlook.com

136 Graduanda do curso de Psicologia/UEMG-Unidade de Divinópolis, 3º período matutino. E-mail: carolinadalcolviana@gmail.com

137 Graduanda do curso de Psicologia/UEMG-Unidade de Divinópolis, 3º período matutino. E-mail: elizandrade1010@gmail.com

138 Graduanda do curso de Psicologia/UEMG-Unidade de Divinópolis, 3º período matutino. E-mail: santostisa99@gmail.com

139 Graduanda do curso de Psicologia/UEMG-Unidade de Divinópolis, 3º período matutino. E-mail: luhgiarola@gmail.com

140 Graduanda do curso de Psicologia/UEMG-Unidade de Divinópolis, 3º período matutino. E-mail: luizaferrer01@outlook.com

141 Graduanda do curso de Psicologia/UEMG-Unidade de Divinópolis, 3º período matutino. Universidade do Estado de Minas Gerais – Divinópolis. E-mail: rafael.pb@outlook.com

142 Doutora em Psicologia pela UFMG; Mestre em Psicologia pela PUC; Especialista em Psicopedagogia e especialista em educação especial pela UFMG; professora e orientadora da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento II da UEMG. Professora e orientadora na Universidade do Estado de Minas Gerais – Divinópolis. Professora e orientadora na Universidade do Estado de Minas Gerais – Divinópolis. E-mail: raggontijo@hotmail.com



REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE REDUDORAS E REDUTORES DE DANOS (ABORDA). **O que é a ABORDA?** Disponível em: <<http://abordabrasil.blogspot.com/#>>. Acesso em: 29 maio 2019.

ASSUMPÇÃO Jr., F. B. Abuso e dependência de drogas na adolescência. *In: Adolescência - Normal e Patológica*. 1. ed. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2013.

CÉSAR, M. R. A. **A invenção da “adolescência” no discurso psicopedagógico**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

FORMENTI, L.; PIRES, B. Política de drogas de Bolsonaro adotará abstinência como regra no País. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 11 abr. 2019. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,politica-de-drogasdebolsonaroadotaraabstinienciacomo-regra-no-pais,70002788539>>. Acesso em: 25 mai. 2019.

FURLANETO, A.; MARTINS, E. ‘Guerra às drogas’: governo Bolsonaro aposta em abstinência para tratar dependentes químicos. **O Globo**, São Paulo, 28 abr. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/guerra-as-drogas-governo-bolsonaro-aposta-em-abstinencia-para-tratar-dependentes-quimicos-23627528>>. Acesso em: 25 mai. 2019.

GALLATIN, J. E. Adolescência e Psicologia do Desenvolvimento: Contribuições de G. Stanley Hall. *In: Adolescência e Individualidade: Uma Abordagem Conceitual da Psicologia da Adolescência*. Trad. Antônio Carlos Amador Pereira, Rosane Amador Pereira. 1. ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda, p. 19-49. 1978.

GARCIA, M. L. T.; LEAL, F. X.; ABREU, C. C. Uma política antidrogas brasileira: velhos dilemas. **Psicol Soc**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 267-276, ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 mai. 2019.

JOIA, J. H. O psi e o jurídico: periculosidades e internação compulsória. *In: As tóxicas tramas da abstinência: compulsoriedades das internações psiquiátricas de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social*. Dissertação – PUC. São Paulo, p. 21-46. 2014

MACÊDO, S. **Políticas Públicas: o que são e para que existem**. Disponível em: <<https://al.se.leg.br/politicas-publicas-o-que-sao-e-para-que-existem/>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

MARQUES, A. C. P. R.; CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, v. 22. 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MN). **Página Institucional**. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html>. Acesso em: 29 mai. 2019.

SILVA, A. G. da; RODRIGUES, T. C. do L.; GOMES, K. V. Adolescência, vulnerabilidade e uso abusivo de drogas: a redução de danos como estratégia de prevenção. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 15, n. 33, ago. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000200007>. Acesso em: 06 jun. 2019.



OZELLA, S. **Adolescências construídas** – a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003.

PAPALIA, D. E.; *et. al.* **Desenvolvimento Humano**. 8. ed. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Art-med, 2006.



A VIRTUALIDADE DO ABUSO SEXUAL À LUZ DA PSICANÁLISE: ASPECTOS JURÍDICOS E SOCIAIS

Ana Clara Campidel Targino¹⁴³

Ana Maria Mazon Araujo¹⁴⁴

Eliza de Medeiros Soares¹⁴⁵

Gabriela Correia Teixeira¹⁴⁶

Giovanna de Almeida Santos¹⁴⁷

Júlia Gabriela Antunes Fonseca¹⁴⁸

Juliana de Oliveira Moreira¹⁴⁹

Pricila Scalioni Moreira¹⁵⁰

Rogéria Araújo Guimarães Gontijo¹⁵¹

RESUMO

A pesquisa em questão aborda a temática do abuso sexual na adolescência no contexto virtual, a partir de uma revisão bibliográfica, seguindo uma fundamentação psicanalítica. Ademais, tangue uma análise crítica ao eixo jurídico e social dessa problemática, tendo em vista a ineficiência dos recursos legislativos que não acompanham o desenvolvimento tecnológico. É discorrido sobre a definição e as características do abuso sexual na adolescência, bem como a distinção entre abusador e pedófilo. Além disso, apresenta-se a visão do adolescente perante essa violência e explora a romantização do relacionamento “sugar”. Por fim, as considerações psicanalíticas são feitas baseadas nas perspectivas de Sigmund Freud e Anna Freud. A problemática do abuso sexual no período da adolescência é muito pouco discutida, graças à noção de que, por essa fase trazer o despertar para a sexualidade, o adolescente pode ser visto como alguém que já pode manifestá-la. Nessa perspectiva, a legislação brasileira se faz bastante omissa no sentido de proteger o adolescente contra essa violência, principalmente com os novos meios de forta-

143 Graduanda em Psicologia, pela UEMG - Unidade Divinópolis. Voluntária no projeto “Avaliação da iniciação científica e tecnológica na formação de Pesquisadores em uma universidade estadual do centro-oeste de Minas Gerais” pelo Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (PAPq). Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: anaclara._98@hotmail.com

144 Graduanda em Psicologia, pela UEMG - Unidade Divinópolis, com início em 2018 e término previsto para 2022. Graduação incompleta em Pedagogia na Universidade Federal de São João del Rei no período de 2016 a 2017. Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: anamazon.19@gmail.com

145 Graduanda do curso de Psicologia pela UEMG – Unidade Divinópolis. Voluntária do projeto O Saber, o Aprender e o Fazer na Perspectiva Inclusiva pelo PROINPE em 2018. Bolsista do projeto Reestabelecimento da autoestima em mulheres durante o tratamento do câncer em 2019 pelo PAEX Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: eliza.ms@outlook.com

146 Graduanda do curso de Psicologia (3º Período matutino) da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Divinópolis, com início em 2018 e com término previsto para 2022. Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: gabrielinhact@gmail.com

147 Graduanda do curso de Psicologia pela UEMG - Unidade Divinópolis. Voluntária do projeto O Saber, o Aprender e o Fazer na Perspectiva Inclusiva pelo PROINPE em 2018. Bolsista do projeto Apoio às Escolas Regulares do Ensino Fundamental Educação Especial e Inclusão: O Professor de Apoio pelo PAEX. Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: gi.almeida133@gmail.com

148 Graduanda em Psicologia pela UEMG - Unidade Divinópolis. Bolsista no projeto “Avaliação da iniciação científica e tecnológica na formação de Pesquisadores em uma universidade estadual do centro-oeste de Minas Gerais” em 2019 pelo Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (PAPq). Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: juliagabs25@gmail.com

149 Discente em Psicologia pela UEMG – Unidade Divinópolis. Atuou como voluntária no projeto O Saber, o Aprender e o Fazer na Perspectiva Inclusiva pelo PROINPE. Bolsista do projeto Apoio às Escolas Regulares do Ensino Fundamental Educação Especial e Inclusão: O Professor de Apoio, pelo PAEX. Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: juliana_oliveiram@outlook.com

150 Graduanda do curso de Psicologia pela UEMG – Unidade Divinópolis. Membro do Centro Acadêmico de Psicologia. Tesoureira da Atlético de Saúde. Bolsista do Projeto Sua beleza em foco pelo PAPQ. Voluntária do projeto restabelecimento da autoestima em mulheres durante o tratamento do câncer pelo PAEX. Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: pricilascalionitp@gmail.com

151 Orientadora. Graduada em Psicologia pela UEMG, onde também formou-se especialista em Educação Especial e em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Mestre em Psicologia pela PUC – Minas. Doutora em Psicologia pela UFMG. Atualmente é professora do Curso de Psicologia na UEMG e FAGED. Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: raggontijo@hotmail.com



lecimento do abuso propiciados pela internet. Assim, o estudo elaborado tem como objetivo a conscientização do abuso na rede virtual, em específico na adolescência, e a investigação das leis que amparam essa temática. Fica claro que a legislação brasileira vigente não está preparada pra lidar contra crimes cibernéticos, em especial o abuso sexual contra adolescentes, já que não tem acompanhado o desenvolvimento tecnológico. O abuso virtual deve ser visto para além da produção de conteúdo pornográfico e precisa ser levado em conta uma vez que tem impacto emocional, psicológico e sexual na vida da vítima, sendo a adolescência um período crítico na elaboração dessas vivências.

PALAVRAS-CHAVE:

Abuso sexual; Adolescência; Virtualidade; Psicanálise; Pesquisa;

REFERÊNCIAS

ADED, Naura Liane de Oliveira *et al.* **Abuso sexual em crianças e adolescentes: revisão de 100 anos de literatura.** Rev. psiquiatr. clín., São Paulo, v. 33, n. 4, p. 204-213, 2006.

ASSOCIATION, American Psychiatric. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 948 p.

BITTENCOURT, Rodolfo Pacheco Paula. **O anonimato, a liberdade, a publicidade e o direito eletrônico.** 2006. Disponível em: <<https://rodolfoppb.jusbrasil.com.br/artigos/371604693/o-anonimato-a-liberdade-a-publicidade-e-o-direito-eletronico>>. Acesso em: 24 maio 2019.

COSTA, Thabata Filizola. **Desafios para a investigação de crimes digitais.** 2016. Disponível em: <<https://thabatafc.jusbrasil.com.br/artigos/351838651/desafios-para-a-investigacao-de-crimes-digitais?ref=serp>>. Acesso em: 24 maio 2019.

COUTINHO, Isadora Caroline Coelho. **Pedofilia na Era Digital.** In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIV, n. 91, ago 2011. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10082>. Acesso em: maio 2019.

CRESPO, Marcelo. **O abuso sexual de menores e o equivocado uso do termo ‘pedofilia’.** 1 jul 2015. Disponível em: <<https://canalcienciascriminais.com.br/o-abuso-sexual-de-menores-e-o-equivocado-uso-do-termo-pedofilia/>>. Acesso em: 26 maio 2019.

D’AGOSTINO, Rosanne. **ECA: 25 anos depois.** 2015. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/politica/2015/eca-25-anos-depois/>>. Acesso em: 25 maio 2019.

FARINAS, Mariana. **A diferença entre pedofilia e abuso infantil: Transtorno é diferente da prática.** 25 de jun. de 2018. Disponível em: <<https://medium.com/sexualidade/a-diferen%C3%A7a-entre-pedofilia-e-abuso-infantil-4340def350e>>. Acesso em: 23 maio 2019

FEDERAL, Ministério Público. **A lei garante a proteção contra o abuso e a exploração sexual.** 2016. Disponível em: <http://www.turminha.mpf.mp.br/direitos-das-criancas/18-de-maio/copy_of_a-lei-garante-a-protecao-contra-o-abuso-e-a-exploracao-sexual>. Acesso em: 15 maio 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.



IBGE mostra que 34,8% da população brasileira acessam a internet. [S. l.], 11 dez. 2009. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/ibge-mostra-que-348-da-populacao-brasileira-acessam-a-internet/n1237609665051.html>. Acesso em: 23 maio 2019.

LORENZI, Gisella Werneck. **Uma Breve História dos Direitos da Criança e do Adolescente no Brasil**. 2016. Disponível em: <http://fundacaotelefonica.org.br/promenino/trabalho infantil/noticia/uma-breve-historia-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-no-brasil/>>. Acesso em: 25 maio 2019.

MARTINS, Paulo César Ribeiro; JUMA MAHMUD MUSTAFA BAJA, Sahar; FERREIRA, Paulo César. **Pedofilia: Do real para o virtual**. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIII, n. 79, ago 2010. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7970>. Acesso em: maio 2019.

Pfeiffer L, Salvagni EP. **Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência**. *J Pediatr (Rio J)*. 2005;81(5 Supl):S197- S204.

PFEIFFER, L.; SALVAGNI, E. P. **Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência**. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 81, n.5, p. 197-204, 2005.

PROCÓPIO, Carla. **Todo abusador é pedófilo?: A minoria dos casos de exploração e abuso sexual de menores é praticado por um pedófilo sexual**. set 2018. Disponível em: <https://procopiovasconcelos.jusbrasil.com.br/artigos/620397760/todo-abusador-e-pedofilo>>. Acesso em: 26 maio 2019

ABUSO SEXUAL INFANTO-JUVENIL: BREVES IMPLICAÇÕES E DESCRIÇÕES SOBRE A REALIDADE DO MUNICÍPIO DE PARÁ DE MINAS-MG

Maria Eduarda Lima Oliveira¹⁵²

Silvane de Fátima Mendes¹⁵³

Eunaihara Lúgia Lira Marques¹⁵⁴

RESUMO

O abuso sexual infanto-juvenil é um ato traumático e que pode resultar em severas consequências emocionais, físicas, comportamentais e sociais. É considerado um problema de saúde pública devido os impactos negativos sofridos pelas vítimas e familiares e ao aumento do índice de ocorrência. Dessa maneira, este estudo tem como finalidade compreender e evidenciar os aspectos de incidência, as consequências e fatores protetivos relacionados à agressão sexual sofridas por crianças e adolescentes, buscando estabelecer uma interface entre a Psicologia e o direito. Para isso, além do levantamento bibliográfico, realizou-se uma breve entrevista estruturada com sete profissionais de Pará de Minas-MG, envolvidos nesta temática, a fim de conhecer a realidade do nosso município. Os resultados encontrados na literatura foram consonantes com os apontados pelos profissionais. De modo geral, percebe-se um aumento considerável de casos, sendo quase inevitável a ocorrência de sequelas prejudiciais ao desenvolvimento das vítimas. Entretanto, o estudo evidencia que a proteção e a denúncia, assim como outras ações são importantes ferramentas de escassear ou extinguir este tipo de violência, e que todos nós de alguma forma somos responsáveis para o combate de tal crime. Ademais ressalta-se que por ser um tema de grande necessidade e repercussão, faz se necessários mais estudos que aprofundem ou abarque outros aspectos que não foram abordados.

PALAVRAS-CHAVE:

Adolescência; Abuso Sexual; Infância; Psicologia Jurídica.

REFERÊNCIAS

AMAZARRAY, Mayte Raya; KOLLER, Silvia Helena. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Psicologia: reflexão e crítica**. Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 559-578, 1998.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

152 Acadêmica do décimo período de Psicologia da Faculdade de Pará de Minas, estagiária do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA)- Fapam e voluntária na Delegacia Regional de Pará de Minas. Fapam- Faculdade de Pará de Minas.

153 Acadêmica do décimo período de Psicologia da Faculdade de Pará de Minas, estagiária no CASMUC- Centro de Atenção a Mulher e da Criança e voluntária na Delegacia Regional de Pará de Minas. Fapam- Faculdade de Pará de Minas.

154 Professora da Faculdade de Pará de Minas. Mestre em Psicologia pela UFMG, Especialista em Neuropsicologia pela FACINTER, Graduada em Psicologia.Fapam- Faculdade de Pará de Minas.



_____. **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder.** São Paulo: Iglu, 1989.

BALBINOTTI, Cláudia. A violência sexual infantil intrafamiliar: a revitimização da criança e do adolescente vítimas de abuso. **Direito e justiça**, v.35, n. 1, p. 5-21, 2009.

BORGES, Jeane Lessinger; DELL'AGLIO, Debora Dalbosco. Abuso sexual Infantil: Indicadores de Risco e Consequências no Desenvolvimento de Crianças. **Revista Interamericana de Psicologia**. v. 42, n. 3, p. 528-536, 2008.

BRANDÃO, Débora Vanessa Caús; DE PAULA, Fernando Shimidt. O sexo e a Lei. In: DIEHL, Alessandra; VIEIRA, Denise Leite. **Sexualidade: do prazer ao sofrer**. 2. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2017.

BRASIL [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil** : texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. 35. ed. Brasília, DF : Câmara dos Deputados, 2012. (Edições Câmara).

_____. Lei n. 13.431, de 4 de Abril de 2017. Estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Brasília, DF, **Diário oficial da União**. 05 abr. 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13431.htm>. Acesso em: 05 abr. 2018.

_____. Lei n. 8.069, de 13 de Junho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, **Diário Oficial da União**, 16 de jul. de 1990.

_____. Lei n. 8.072, de 25 de Julho de 1990. Dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do art. 5º, inciso XLIII, da Constituição Federal, e determina outras providências. Brasília, DF, **Diário Oficial da União**, 26 jul. 1990.

_____. Ministério dos Direitos Humanos. Disque100: disque direitos humanos. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/disque100/disque-direitos-humanos>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

CAREGNATO, Rita; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v. 15, n.4, out./dez. 679-84. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

COELHO, Tatiana. Maioria dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes ocorre em casa; notificações aumentaram 83%: dados do Ministério da Saúde entre 2011 e 2017 revelaram perfil das vítimas e dos agressores. Casos continuam subnotificados. **G1**, 29 jun. 2018. Ciência e saúde. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/maioria-dos-casos-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-ocorre-em-casa-notificacao-aumentou-83.ghtml>>. Acesso em: 28 set. 2018.

COSTA, Liana Fortunato; PENSO, Maria Aparecida; ALMEIDA, Tânia Mara Campos. Intervenções psicossociais a partir da Justiça: garantia de direitos humanos para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. In: MALUSCHKE, Günther; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia Sursis Nobre Ferro; HERMANN, Klaus. **Direitos Humanos e violência: desafios da ciência e da prática**. Fortaleza: Fundação Konrad Adnauer, 2004. p. 259-272.



DEUS, Andreia Saraiva de; LOPES, Marcelo Leandro Pereira. Análise dos aspectos jurídicos e psicológicos do abuso sexual contra crianças e adolescentes. **Revista do curso de Direito da FSG**, v. 6, n. 12, p. 9-23, 2012.

FERREIRA, Maria Helena Mariante. Violência Sexual. *In*: DIEHL, Alessandra; VIEIRA, Denise Leite. **Sexualidade: do prazer ao sofrer**. 2. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2017.

FORTES, Casé. **Todos contra a pedofilia**. Belo Horizonte: Arraes, 2015.

FURNISS, Tilman. **Abuso Sexual da Criança: uma abordagem multidisciplinar: manejo, terapia e intervenção legal integrados**. Porto Alegre: Artes médicas, 1993.

GAVA, Lara Lages; SILVA, Doralúcia Gil da; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Sintomas e Quadros Psicopatológicos identificados nas perícias em situações de abuso sexual infanto-juvenil. **Psico**, v.44, n.2, p. 235-244, 2013.

GONÇALVES, Hebe Signorini; BRANDÃO, Eduardo Ponte. **Psicologia Jurídica no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2011.

GRECO, Rogério. **Curso de Direito Penal: parte especial**. 12. ed. Niterói: Rio de Janeiro: Impetus, 2015. v. 3.

HABIGZANG, Luísa Fernanda *et al.* Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília. v. 21, n. 3, p. 341-348, set./dez. 2005.

_____.*et al.* Caracterização dos sintomas do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) em meninas vítimas de abuso sexual. **Psicologia clínica**. Rio de Janeiro. v. 22, n. 2, p. 27-44. 2010.

_____.; CAMINHA, Marina Gusmão. **Abuso Sexual contra criança e adolescente: conceituação e intervenção clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LEVY, Lídia; AYRES, Lygia; ARANHA, Stella. **Livro didático de Psicologia Aplicada ao Direito**. Rio de Janeiro: Editora Estácio de Sá, 2014.

LIMA, Jeanee; DESLANDES, Suely. **A notificação compulsória do abuso sexual contra crianças e adolescentes: uma comparação entre os dispositivos americanos e brasileiros**. Rio de Janeiro: Interface- Comunic, 2011.

LÓPEZ, Emílio Mira Y. **Manual de psicologia Jurídica**. Campinas, SP: Servanda Editora, 2015.

NASCIMENTO, Maria Inês Corrêa. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos direitos Humanos**. Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948. Brasília, DF: Representação da UNESCO no Brasil, 1998. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2018.



PELISOLI, Cátula; PICCOLOTO, Luciane Benvegno. Prevenção do abuso sexual infantil: Estratégias cognitivo-comportamentais na escola, na família e na comunidade. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 6, n. 1, p. 108-137, 2010.

PEREIRA, Tânia da Silva. **Direito da criança e do adolescente**: uma proposta interdisciplinar. 2. ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2008.

ROEHRING, Lidiane D. *et.al.* **Caderno de Psicologia Jurídica**. Curitiba: Unificado, 2017.

SELL, Mariléia; OSTERMANN, Ana Cristina. A construção da significação da experiência do abuso sexual infantil através da narrativa: uma perspectiva interacional. **Delta**, v. 31, n. 2, p. 307-332, 2015.

SILVA, Denise Maria Perissini da. **Psicologia Jurídica no Processo Civil Brasileiro**: a interface da Psicologia com o direito nas questões de família e infância. 3. ed. rev., atual. ampl. Rio de Janeiro: Forense, 2016.

WAINER, Ricardo *et. al.* **Terapia Cognitiva focada em esquemas**: integração em Psicoterapia. Porto Alegre: Artmed, 2016.

WHITBOURNE, Susan K.; HALGIN, Richard P. **Psicopatologia**: perspectivas clínicas dos transtornos psicológicos. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Report of the consultation on child abuse prevention**. Geneva: World Health Organization, 1999.

YOUNG, Jeffrey E.; KLOSKO, Janet S.; WEISHAAR, Marjorie E. **Terapia do esquema**: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ANÁLISE DE PROCESSOS DE HIERARQUIZAÇÃO E INFERIORIZAÇÃO SOCIAL: PRECONCEITO CONTRA HOMENS GAYS NA UNIVERSIDADE

Welligton Magno da Silva¹⁵⁵

Celso Francisco Tondin¹⁵⁶

Isabela Saraiva de Queiroz¹⁵⁷

RESUMO

O presente estudo em andamento (2018-2020), submetido ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), busca compreender como o preconceito, enquanto mecanismo de manutenção das relações de poder e hierarquização social (PRADO & MACHADO, 2008), atua no contexto da universidade, frente à realidade de estudantes universitários não-heterossexuais. Acredita-se que as vivências de preconceito e discriminação próprias de quem se expressa a partir de sexualidades não-heterossexuais interferem diretamente no processo educativo, nas relações estabelecidas na Universidade, no desempenho e motivação acadêmica, adaptação ao este contexto. Participarão deste estudo seis alunos regularmente matriculados em cursos de graduação da UFSJ, nas diferentes áreas do conhecimento (ciências humanas, exatas e biológicas). A metodologia desta pesquisa é qualitativa. Essa técnica de pesquisa pode ser caracterizada como uma ferramenta com a qual o investigador faz uma enunciação de conhecimentos pautada principalmente em perspectivas reivindicatórias/participatórias (CRESWELL, 2010). Segundo essa perspectiva, a pesquisa precisa estar ligada e conter uma agenda de ação política que vise à transformação da realidade social. Além disso, deve necessariamente entrar em pauta aspectos específicos de questões sociais, como por exemplo, “delegação de poder, desigualdade, opressão, dominação, supressão e alienação”. A escolha da entrevista narrativa, para este estudo como técnica possível em pesquisas qualitativas para produção dos dados justifica-se por se acreditarmos que o relato de homens *gays* universitários sobre suas trajetórias e experiências no contexto da Universidade poderá oferecer elementos capazes, através da produção discursiva, de posicioná-los historicamente enquanto sujeitos produtores de suas experiências (SCOTT, 1999; QUEIROZ & PRADO, 2018). Atualmente, a pesquisa encontra-se no estágio de revisão bibliográfica. Espera-se que este estudo contribua para as transformações na realidade social e acadêmica de alunos LGBTs, promovendo ações que vão ao encontro da garantia de direitos e permanência desses estudantes na Universidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Preconceito; Diversidade Sexual; Universidade.

155 Mestrando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. Membro do Núcleo de Estudos em Gênero, Raça e Direitos Humanos (NEGAH/UFSJ). Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: welligthon@hotmail.com.br

156 Doutor em Psicologia (PUCRS). Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. É membro do Grupo de Pesquisa Conhecimento, Subjetividade e Práticas Sociais desta Universidade. Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: celsotondin@ufs.edu.br

157 Doutora em Psicologia Social (UFMG). Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Gênero, Raça e Direitos Humanos (NEGAH/UFSJ). Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: isabelasq@gmail.com



REFERÊNCIAS

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

QUEIROZ, Isabela Saraiva de; PRADO, Marco Aurélio Máximo. Pesquisa narrativa com mulheres que usam drogas: uma experiência etnográfica feminista. **Psicologia Usp [online]**, São Paulo, v. 29, n. 2, p.226-235, jun. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v29n2/1678-5177-pusp-29-02-226.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2019.

SCOTT, Joan W.. Experiência. *In*: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **Falas de gênero**. Santa Catarina: Mulheres, 1999. p. 21-55. Disponível em: <http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scott-Experiencia.pdf>. Acesso em: 28 maio 2019.

AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE E O CONTROLE DO TABAGISMO: INTERVENÇÕES COMPORTAMENTAIS

Jennifer Garcia Brandão¹⁵⁸

Fernanda Lima Alves das Neves¹⁵⁹

Thais Alves¹⁶⁰

Acrísio Luiz Gonçalves¹⁶¹

RESUMO

O tabagismo é considerado uma condição crônica, responsável pela maior causa das mortes evitáveis no mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2011). No Brasil, especificamente, são cerca de 200 mil mortes anuais decorrentes do consumo do tabaco (BRASIL, 2017). De acordo com o Programa Nacional de Controle ao Tabagismo, o profissional de psicologia deve atuar nas unidades públicas de saúde como um dos principais mediadores no tratamento do tabagismo, seguindo o referencial das abordagens cognitivas e comportamentais (BRASIL, 2002; BRASIL, 2004). Tais abordagens têm recebido destaque por sua comprovada eficácia, atestada por agências de saúde em todo o mundo, por exemplo, pelo Ministério da Saúde do Brasil e pela *American Psychiatric Association*. (HAGGSTAR; CHATKIN; CAVALET-BLANCO; RODIN; FRITSCHER, 2001; AZEVEDO *et al.*, 2009; PAI; PRASAD, 2012; MESQUITA, 2013). Assim, o presente trabalho teve como objetivo compreender os processos comportamentais que regulam e mantêm o vício de tabaco e, conseqüentemente, descrever métodos e estratégias analítico-comportamentais para o tratamento do tabagismo, aliando a pesquisa às discussões psicossociais sobre o referencial da redução de danos. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica narrativa (ROTHER, 2007). Como resultado, o trabalho destaca que a dependência psicológica (comportamental) pode se constituir como um entrave à cessação do comportamento de fumar, e apresenta estratégias terapêuticas para lidar com essa dependência (MARINHO-CASANOVA; GAVAZZONI, 2011; MIGUEL, 2011; BANACO, 2013). Desse modo, além de esclarecer a contribuição da Terapia Analítico-Comportamental no tratamento do tabagismo, a presente pesquisa apresenta resultados relevantes para a área da Psicologia, de forma mais ampla, em sua atuação comprometida com o enfrentamento dos problemas de saúde pública contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE:

Tabagismo; Dependência psicológica; Terapia analítico-comportamental; Políticas públicas de saúde; Redução de danos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Renata Cruz Soares de *et al.*, Grupo terapêutico para tabagistas: resultados após seguimento de dois anos. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 55, n. 5, p. 593-596, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-42302009000500025>.

158 Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário UNA. Centro Universitário UNA. E-mail: jgarcia.brandao@gmail.com

159 Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário UNA. Centro Universitário UNA. E-mail: nevessfernanda@hotmail.com

160 Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário UNA. Centro Universitário UNA. E-mail: thais2tap@gmail.com

161 Psicólogo, Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Centro Universitário UNA. E-mail: acrissio@yahoo.com.br



BANACO, Roberto Alves. Teoria Comportamental. *In*: ZANELATTO, Neide A.; LARANJEIRA, Ronaldo (Orgs.). **O tratamento da dependência química e as terapias cognitivo-comportamentais: um guia para terapeutas**. Porto Alegre: Artmed, 2013, pp. 135-152.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria GM/MS/Nº 1.575 de 29 de agosto de 2002**. Brasília, Distrito Federal: Diário Oficial da União de 03 de setembro de 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria GM/MS/Nº 1.035 de 31 de maio de 2004**. Brasília, Distrito Federal: Diário Oficial da União de 01 de junho de 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer - INCA. **Tabagismo: um grave problema de saúde pública**. Rio de Janeiro: INCA, 2017.

HAGGSTAR, Fábio Maraschin; CHATKIN, José Miguel; CAVALET-BLANCO, Daniela; RODIN, Vanessa; FRITSCHER, Carlos Cezar. Tratamento do tabagismo com bupropiona e reposição nicotínica. **J. Pneumologia**, v. 2, n. 5, p. 265-261, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-35862001000500005>.

MARINHO-CASANOVA, Maria Luiza; GAVAZZONI, Juliana Acciolly. Tratamento Analítico-Comportamental do Tabagismo. *In*: NUNES, Sandra Odebrecht Vargas; CASTRO, Márcia Regina Pizzo de (Orgs.). **Tabagismo: Abordagem, prevenção e tratamento**: Londrina: EDUEL, 2011, pp. 195-214.

MESQUITA, Alex Andrade. Avaliação de um programa de tratamento do tabagismo. **Rev. Bras. Ter. Comport. Cogn.**, v. 15, n. 2, p. 35-44, 2013.

MIGUEL, André de Queiróz Constantino. Manejo de Contingências. *In*: DIEHL, Alessandra; CORDEIRO, Daniel Cruz; LARANJEIRA, Ronaldo (Orgs.). **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Porto Alegre: Artmed, 2011, pp. 311-318.

OMS – ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Informe sobre la epidemia mundial de tabaquismo**. Advertencia sobre los peligros del tabaco, 2011. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/70681/1/WHO_NMH_TFI_11.3_spa.pdf. Acesso em: 27 nov. 2016.

PAI, Anuradha; PRASAD, Shesha. Attempting tobacco cessation: an oral physician's perspective. **Asian Pac J Cancer Prev**, v. 13, n. 10, p. 4973-7, 2012. DOI: 10.7314/apjcp.2012.13.10.4973.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. enferm.**, v. 20, n. 2, p. iv-v, jun. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.

ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Márcio Rocha Damasceno¹⁶²

Italla Maria Pinheiro Bezerra¹⁶³

Luiz Carlos de Abreu¹⁶⁴

RESUMO

O presente trabalho aborda a violência contra a mulher, enfatizando os aspectos psicológicos desta temática, visto que um grande número de mulheres no contexto mundial são vítimas de variadas manifestações de violência. O estudo evidencia a violência psicológica nos relacionamentos, através de agressões verbais e humilhações que são prejudiciais para a autoestima e a saúde mental da mulher, mas também muito silenciada, a ponto de muitas das vítimas permanecerem nesses relacionamentos, caracterizados como abusivos. Considerando a violência contra a mulher como uma preocupante situação de saúde pública cada dia mais em evidência, torna-se extremamente relevante, abordar os aspectos psicológicos por trás dessa violência.

Objetivo: Abordar os aspectos psicológicos por trás da violência contra a mulher, que representa uma das principais ameaças à saúde, refletindo um padrão de abuso contínuo, que perpassa gerações, denunciando a desigualdade de gênero, em diferentes aspectos como os sociais, ambientais, culturais e econômicos. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa na Base de Dados MEDLINE realizada de acordo com a declaração de relatórios preferenciais para avaliações sistemáticas e metanálises (PRISMA), através dos descritores *Violence against women AND Psychological violence AND Psychoanalysis AND Women*; sendo filtrados os resultados por especificidade em título e resumo, além de selecionar apenas estudos disponíveis em sua versão completa e realizada com seres humanos. **Conclusão:** A violência direcionada ao sexo feminino associa-se a diversas dificuldades no funcionamento psicológico e no bem-estar emocional da vítima, bem como a necessidade de medidas de proteção contra o parceiro que a agride. Nessa conjuntura, o acompanhamento psicológico à vítima torna-se essencial e que essa intervenção não seja isolada, já que o olhar multiprofissional pode contribuir com resultados mais eficazes.

PALAVRAS-CHAVE:

Violência contra a mulher; Violência psicológica, Psicanálise; Mulheres.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A., LORENÇO, L, M. Como a violência doméstica/intrafamiliar foi vista ao longo do tempo no Brasil: breve contextualização. Perspectivas em Psicologia: **Revista de Psicologia y Ciencias Afines**, 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/4835/483549016003/index.html>

162 Centro Universitário UNIFACIG – Manhuaçu – MG, Brasil. E-mail: marcio.psicanalista@gmail.com

163 Faculdade de Medicina do ABC (FMABC). Santo André- SP, Brasil. Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM). Vitória, ES. E-mail: itallamaria@hotmail.com

164 Faculdade de Medicina do ABC (FMABC). Santo André- SP, Brasil. Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM). Vitória, ES. E-mail: cdh.fsp@gmail.com



BARROS, E, N., *et al.* Prevalência e fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres de uma comunidade em Recife/Pernambuco, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2016, vol.21, n.2, pp.591-598. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/?term=Prevalence+and+factors+associated+with+intimate+partner+violence+among+women+in+Recife%2FPernambuco%2C+Brazil>

BARUFALDI, L, A., *et al.* Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. **Ciênc. saúde coletiva** vol.22 no.9 Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/?term=Gender+violence%3A+a+comparison+of+mortality+from+aggression+against+women+who+have+and+have+not+previously+reported+viol%3%AAnCIA>

BRASIL. Código Penal Brasileiro. **Lei nº 13.104/2015**. Março. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf

CASIQUE CASIQUE L, FUREGATO ARF. Violence against women: theoretical reflections. **Rev Latino-am Enfermagem**, 2006. Disponível em: www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17294031

DANTAS-BERGER, S., GIFFIN, K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? Rio de Janeiro: **Cad. Saúde Pública** vol.21 no.2, 2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/?term=Violence+in+conjugal+relations%3A+concealing+and+taking+sexual+violence+for+granted>

DAY, V, P., *et al.* Violência doméstica e suas diferentes manifestações. Rio Grande do Sul: **Rev. Psiquiatr.**, 2003, vol.25, pp.9-21. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81082003000400003>

GIFFIN, Karen. Violência de gênero, sexualidade e saúde. Rio de Janeiro: **Cad. Saúde Pública** [online], vol.10, p.S146-S155, 1994. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1994000500010>

JEWKES, R. Intimate partner violence: causes and prevention. **The Lancet**, 359(9315), 1423–1429, 2002. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11978358>

KARAKURT, G., *et al.* Impact of Intimate Partner Violence on Women’s Mental Health. Author manuscript; available in **PMC** 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4193378/>

LEITE, F, M, C., *et al.* Violência contra a mulher em Vitória, Espírito Santo, Brasil. Rio de Janeiro: **Rev Saúde Pública** 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5396495/>

LEVY, L., GOMES, I. C. Relação Conjugal, Violência Psicológica E Complementaridade Fusional. Rio de Janeiro: **Psic. Clin.**, Vol.20, N.2, P.163 – 172, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n2/a12v20n2.pdf>



MACHADO, Ondina Maria Rodrigues; DERESENSKY, Ernesto (Orgs.). **A violência: sintoma social da época**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2013.

MARQUES, S, S., *et al.* Strategies for identification and coping with the violence situation by intimate partners of pregnant women. **Rev. Gaúcha Enferm.** 2017, vol.38, n.3, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.03.67593>

MENDONÇA, M, F, S., LUDERMIR, A, B. Intimate partner violence and incidence of common mental disorder. **Rev Saúde Pública** 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5396502/>

NETTO, L, A., *et al.* Mulheres em situação de violência pelo parceiro íntimo: tomada de decisão por apoio institucional especializado. Porto Alegre: **Rev. Gaúcha Enferm.** vol.36, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472015000500135&lng=en&nrm=iso&tlng=en

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência**. Washington: OMS; 2010. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359_por.pdf?sequence=3

RIBEIRO, Celina Marques. Intervenção psicológica em mulheres vítimas de violência doméstica. Salvador: **Revista Brasileira de Psicologia**, 04, 2017. Disponível em: <http://revpsi.org/wp-content/uploads/2018/02/Ribeiro-2017-Interven%C3%A7%C3%A3o-psicol%C3%B3gica-em-mulheres-v%C3%ADtimas-de-viol%C3%A2ncia-dom%C3%A9stica.pdf>

ROSA *et al.* A Violência Conjugal Contra a Mulher a Partir da Ótica do Homem Autor da Violência. São Paulo: **Saúde Soc.** v.17, n.3, p.152-160, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300015&lang=pt

SILVA, L.L. *et al.* Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface -Comunic., Saúde, Educ.**, v.11, n.21, p.93-103, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000100009

VALE, S, L, L., *et al.* REPERCUSSÕES PSICOEMOCIONAIS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: PERFIL DE MULHERES NA ATENÇÃO BÁSICA. **Rev Rene.** 2013; 14(4):683-93 Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3240/324028459004.pdf>



AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: O QUE A PSICOLOGIA TEM A DIZER SOBRE ISSO?

Eliane de Siqueira Gonçalves¹⁶⁵

Thais Rocha Silva¹⁶⁶

Stela Maris Bretas Souza¹⁶⁷

RESUMO

A presente pesquisa se refere a um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Psicologia do Unileste. Esse trabalho justifica-se na busca de maiores compreensões sobre a temática, procurando contribuir com a atuação profissional, tendo possibilidades de fomentar discussões, vislumbrando reflexões que ampliarão o conhecimento psicológico e consequentemente, colaborarão para o trabalho de profissionais da área. Essa pesquisa procurou identificar a perspectiva e as contribuições da Psicologia em relação à automutilação em adolescentes. Como objetivos específicos buscaram-se caracterizar a adolescência na contemporaneidade; compreender a automutilação a partir do corpo, identificar causas da problemática, e ainda, expor as possíveis intervenções para a autolesão subsidiados pela Psicologia. A metodologia foi um estudo descritivo de delineamento bibliográfico e a análise de conteúdo, como técnica de tratamento de dados. As informações foram extraídas da base de dados da Biblioteca Virtual de Psicologia, com publicações no período de 2010 a setembro de 2018, selecionando 14 materiais. Os resultados obtidos demonstraram que a automutilação é uma prática utilizada pelos adolescentes para se aliviarem dos conflitos internos que sofrem, devido as pressões da sociedade e da família, além das transformações da puberdade. Considera-se que esta violência que o sujeito pratica contra si mesmo, é uma forma de expressar no corpo o que não se consegue dizer pelas palavras. Além disto, notou-se que a Psicologia tem tentado compreender a automutilação, em torno de suas causas. Sendo estas, voltadas para a influência do contexto social contemporâneo. E a partir desse entendimento a Psicologia tem buscado estratégias para lidar com jovens que se encontram nesta situação, entre elas, estão às intervenções em rede.

PALAVRAS-CHAVE:

Adolescência; Corpo; Automutilação; Psicologia.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLI, Patricia Lourenco. **O Corpo na adolescência**. 2014. 29f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/2901>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

165 Graduada em Psicologia pelo Unileste (2018). Atuou como estagiária em Psicologia, na modalidade Saúde Mental e Processos Clínico, em Queixa Escolar e Aconselhamento. Possui vivências de práticas em extensões relacionadas a Violência e Queixa Escolar. Realizou pesquisa sobre automutilação e adolescência e a utilização de histórias na Psicologia. Graduada em Psicologia pelo Unileste. E-mail: elianesiqueira13@outlook.com

166 Graduada em Psicologia pelo Unileste. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais- Unileste-MG

167 Graduação em Habilitação Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1990) e Licenciatura em Psicologia pela PUC Minas. É especialista em Psicologia Educacional e Psicopedagogia. Possui ainda, mestrado em Psicologia pela PUC Minas (2008). Atualmente é professora dos cursos de Psicologia e Pedagogia do Unileste. Psicóloga, Mestre em Psicologia Social, profa. dos cursos de Psicologia e Pedagogia Psicologia do Unileste. E-mail: stela.maris.bretas@gmail.com



BRASIL. **Lei nº. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.** Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília: Imprensa oficial, 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9610.htm>. Acesso em: 21 maio. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde.** Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2018.

CAMARGO, Fernanda Carolina *et al.* Violência autoinfligida e anos potenciais de vida perdidos em Minas Gerais, Brasil. **Texto contexto-Enferm.**, Florianópolis, v. 20, p.100-107, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072011000500013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 abr. 2018.

CARRETEIRO, Teresa Cristina. Sofrimentos sociais em debate. **Psicologia USP**, v.14, n. 3, p. 57-72. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n3/v14n3a06.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

CEDARO, José Juliano; NASCIMENTO, Josiana Paula Gomes do. Dor e Gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 203- 223, ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642013000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 nov. 2018.

CLAUMANN, Gaia Salvador *et al.* Prevalência de pensamentos e comportamentos suicidas e associação com a insatisfação corporal em adolescentes. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 1, p. 3-9, mar. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852018000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 nov. 2018.

FONTENELE, Luciana Queiroz; MIRANDA, Luciana Lobo. Adolescência(s): Produções e Atravessamentos Discursivos em Análise. **Trends Psychol.**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 3, p. 969-982, set. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2358-18832017000300969&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 nov. 2018.

FREITAS, Elisa Aires Rodrigues de; SILVA, Luiz Carlos Avelino da. Escritas de si mesmo: os adolescentes e seus blogs. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 139- 157, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 nov. 2018.

GEA, Marcela Rezende. **Corpos marcados: adolescência e ideias na contemporaneidade.** 2013. 81 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-30072013-095819/.../Gea_me.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar.** Rio de Janeiro: IBGE, Convênio: Ministério da Saúde, com apoio do Ministério da Educação, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2018

GIUSTI, Jackeline Suzie. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno com transtorno Obsessivo-compulsivo.** 2013. 184 f. Tese (Doutorado)-Faculda-



de de Medicina de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-03102013-113540/pt-br.php>>. Acesso em: 2 mar. 2018.

JUCA, Vlândia dos Santos; VORCARO, Angela Maria Resende. Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 246-252, ago. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642018000200246&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 nov. 2018.

KERNIER, Nathalie de; CUPA, Dominique. Adolescência: muda psíquica à procura de continentes. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 453- 467, set. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982012000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 nov. 2018.

MATHEUS, Tiago Corbisier. O sujeito adolescente e a ameaça de exclusão na contemporaneidade. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 82-93, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142012000100007-&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 nov. 2018.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; OLIVEIRA, Nathiële Araújo. Da hipótese de uma adolescência generalizada e seus desafios para a educação. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 533-540, dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572017000300533&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 7 nov. 2018.

MOREIRA, Lenice Carrilho de Oliveira; BASTOS, Paulo Roberto Haidamus de Oliveira. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 445-453, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300445&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 nov. 2018.

NUNES, Carolina Portugal de Sousa. **Auto-dano e ideação suicida na população adolescente: Aferição do Questionário de Impulso, Auto-dano e Ideação suicida na Adolescência (QIAIS-A)**. 2012. 169 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/1985>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

OLIVEIRA, Adriano Machado; MACHADO, Márcia. A adolescência e a espetacularização da vida. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 529-536, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822015000300529&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 nov. 2018.

OLIVEIRA, Humberto Moacir de; HANKE, Bruno Curcino. Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 295-310, ago. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982017000200295&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 nov. 2018.

OLIVEIRA, Tainá Almeida. **Automutilação do corpo entre adolescentes: um sintoma social ou alerta de transtorno mental?**. 2016. 20 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)-Escola de Medicina e Saúde Básica, Salvador, 2016. Disponível em: <<http://www7.bahiana.edu.br//jspui/handle/bahiana/326>>. Acesso em: 15 abr. 2018.



REIS, Maurício de Novais. Automutilação: o encontro entre o real do sofrimento e o sofrimento real. **Polêmica**, v. 18, n. 1, p. 50-67, 2018. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/36069/25688>>. Acesso em: 9 jun. 2018.

TOSTES, Guilherme Wykrota. **Dor cortante: sofrimento emocional de pessoas que se autoleisionam**. 2017. 138 pf. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: <<http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/947/2/GUILHERME%20WYKROTA%20TOSTES.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2018.

SILVA, Priscilla Menezes. **Automutilação na adolescência: o acesso a tratamento médico como direito fundamental**. Rio de Janeiro, p 1-15, 2012. Disponível em: <<http://www.mtuadosmagistrados.com.br/sitemutua/wpcontent/uploads/2014/07/AUTOMUTILACAONAADOLESCENCIA.pdf>>. Acesso em: 10 mar. de 2018.

VIEIRA, Marcos Girardi; PIRES, Marta Helena Rovani; PIRES, Oscar Cesar. Automutilação: intensidade dolorosa, fatores desencadeantes e gratificantes. **Rev. Dor**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 257-260, dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132016000400257&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 9 jun. 2018.

VILHENA, Junia de. Corpo como tela... navalha como pincel. A escuta do corpo na clínica psicanalítica. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 691-706, dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142016000400691&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 nov. 2018.



COMO OS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL COMPREENDEM O BRINCAR?

Tayná dos Santos Faria¹⁶⁸

RESUMO

O trabalho tem por objetivo apresentar resultados do trabalho de conclusão de curso da graduação de Psicologia da PUC Minas. O tema inicial da pesquisa foi a compreensão do professor da Educação Infantil sobre o brincar na escola. Como método de pesquisa, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com os professores e observação participante nas turmas de uma UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte). Esta pesquisa surgiu diante a questionamentos sobre como o brincar tem sido considerado na Educação Infantil e como tem se dado o processo de formação das crianças a partir da brincadeira. Considerou o papel do professor e a sua compreensão sobre tal tema no seu trabalho, buscando conhecer como o brincar na escola dialoga com o processo de formação profissional e pessoal do próprio professor. Diante da discussão sobre o uso do brincar na escola e a relação entre professor e aluno, é preciso compreender como tem se dado a formação dos professores que lidam diariamente com as crianças. Sendo assim, é preciso destacar a importância de uma formação do professor onde a prática seja regida por uma postura ética e crítica, favorecendo o desenvolvimento das crianças e possibilidades que contribuam para isso, como por exemplo, o brincar. Os autores que nortearam o diálogo prático-teórico ao longo do trabalho compõem uma base de revisão sobre o brincar a partir de uma perspectiva do desenvolvimento, abrangendo as questões culturais e psicossociais das crianças. Conclui-se que os professores da Educação Infantil têm muito conhecimento acerca do brincar e defendem que seus alunos desenvolvam tal atividade, mas devido a vários atravessamentos presentes na instituição e o pensamento arraigado da sociedade, voltado para a produção, a brincadeira nem sempre ocorre de maneira primordial na vida das crianças.

PALAVRAS-CHAVE:

Brincar; Educação Infantil; Infância; Formação de Professores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Decreto no 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Regulamenta o Art. 80 da LDB (Lei n. 9.394/96). Diário Oficial da União, Brasília, 12 fev. 1998.

_____. 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8.069/90. Ministério da Justiça, Brasília, DF

168 Psicóloga formada pela PUC Minas. Pós-graduanda em Psicomotricidade pela PUC Minas. Estudiosa sobre a infância e o brincar. Atua na clínica com atendimentos voltados para o público infantil, é mediadora em uma casa de brincar de BH, além de realizar palestras e formações para educadores. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: taynafariapsi@gmail.com



_____. Lei 4.024, 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União** 1961; 22 dez.

_____. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e Bases para a Educação Nacional**. DOU de 23 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. RESOLUÇÃO N. 5, de 17 de DEZEMBRO DE 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: 2009.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, DF: MEC, SEB, DICEI, 2013.

FRÓIS, Érica Silva. **As Práticas da Criança na Contemporaneidade: O Brincar Analógico e Digital: uma perspectiva acerca do corpo no processo de subjetivação infantil**. 2010. 129 f. Dissertação de Mestrado- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez editora, 2017. 208 p.

MONTEIRO, Adriana Torres Máximo; CARVALHO, Levindo Diniz. “As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças: culturas infantis e produção simbólica. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 6, n. 3, p. 632-657, 2011.

PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

PIAGET, J. e INHELDER, B. **A psicologia da criança**. 5.ed. São Paulo: Difel, 1978. VIGOTSKI, L. S. (2012c). El problema del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. *In*: L. S. Vygotski, Obras Escogidas III: Problemas del desarrollo de la psique (pp. 11 - 46). Madrid: Machado Grupo de Distribución. (Texto original publicado em 1931).

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1997.

WALLON, H. (2005). A evolução psicológica da criança (C. Carvalho, Trad.). Lisboa: Edições 70, LDA. (Texto original publicado em 1941).



DIREITOS SEXUAIS E DIREITOS REPRODUTIVOS: REFLEXÕES ACERCA DA ATUAÇÃO DE PSICÓLOGAS(OS) NAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Déborah David Pereira¹⁶⁹

Géssica Claudino Alves¹⁷⁰

Leiliana Aparecida de Sousa¹⁷¹

Luciana Maria Silva Franco¹⁷²

RESUMO

Este trabalho objetiva discutir a atuação de psicólogas/os em políticas públicas na garantia de acesso aos Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos (DSDR), considerados uma dimensão dos Direitos Humanos (GESSER, 2013). Enfoca-se, especificamente, a atuação em ambulatórios do processo transexualizador, unidades prisionais que recebem a população LGBT, maternidades, bancos de leite, serviços de abortamento legal e serviços de reprodução assistida. A metodologia incluiu o levantamento de normativas e mapeamento de serviços e psicólogas/os, além de entrevistas com nove profissionais. Tais dados foram coletados pelo Crepop/MG, com a participação de duas estagiárias de Psicologia, ao longo da pesquisa Atuação profissional de psicólogas/os em políticas de DSDR, coordenada nacionalmente pelo Crepop/CFP. O campo dos DSDR é marcado pela junção de lutas e reivindicações de diversos grupos. O Feminismo lança as primeiras ideias que vão construir o conceito de Direitos Reprodutivos (LEMOS, 2014), servindo de base para o conceito de Direitos Sexuais – este de autoria compartilhada por diferentes movimentos sociais, como o LGBT. A inserção da/o psicóloga/o nessa área parece estar acontecendo mais de forma empírica do que a partir de um interesse em atuar nos aspectos que perpassam estes direitos. Sem desconsiderar que a prática gera conhecimento, avalia-se que, quando a atuação está desacompanhada de uma reflexão crítica sobre o fazer, corre-se o risco da/o psicóloga/o distanciar-se da dimensão ético-política que deveria sustentar o trabalho. Vale mencionar, por outro lado, que a participação das estudantes inseridas no Programa de Estágio do Crepop favoreceu um aprofundamento teórico dessas participantes, de modo a contribuir para o aumento do interesse na temática e para a qualificação das futuras profissionais. A vivência do processo de investigação também desperta outras perguntas de pesquisa, bem como incentiva as estagiárias a compartilhar informações com outros estudantes e profissionais sobre a interface entre a Psicologia e o campo dos DSDR.

PALAVRAS-CHAVE:

Direitos Sexuais; Direitos Reprodutivos; Políticas Públicas.

169 Graduada do curso de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e estagiária no Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (Crepop/ CRP-MG). Conselho Regional de Psicologia (CRP-MG). E-mail: deborahdavidp@gmail.com

170 Graduada em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e estagiária do Crepop/CRP-MG. E-mail: gessica.claudino@hotmail.com

171 Psicóloga referência técnica do Crepop/CRP-MG. Conselho Regional de Psicologia (CRP-MG). E-mail: leiliana.crepop@crp04.org.br

172 Psicóloga referência técnica do setor de Apoio às Comissões do CRP-MG. Conselho Regional de Psicologia (CRP-MG). E-mail: luciana.comissoes@crp04.org.br



REFERÊNCIAS

CESSER, Marivete. Políticas públicas e direitos humanos: desafios à atuação do Psicólogo. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 33, n. spe, p. 66-77, 2013.

LEMOS, A. Direitos sexuais e reprodutivos: percepção dos profissionais da atenção primária em saúde. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 101, p. 244-253, jun. 2014.



ENCONTROS DOS FEMINISMOS COM A PSICOLOGIA SOCIAL CRÍTICA: POR UMA PSICOLOGIA SOCIAL FEMINISTA

Dayanna Maria Dos Santos Souza¹⁷³

Elys Aline Brandão Silva¹⁷⁴

Andréa Moreira Lima¹⁷⁵

RESUMO

Ao historicizar o percurso da Psicologia Social Crítica, bem como o das teorias e dos movimentos feministas, no contexto mundial e no âmbito brasileiro, é percebido semelhanças ideológicas e atravessamentos sociais, culturais e políticos que demarcaram encontros dessas epistemologias ao longo de seu desenvolvimento. Além disso, as abordagens feministas são reconhecidas como aportes metodológicos e teóricos imprescindíveis para (re)construção da Psicologia Social Crítica (SAAVEDRA; NOGUEIRA, 2006). No entanto, no âmbito acadêmico há diferentes concepções da relação desses dois pressupostos epistemológicos (BORGES, 2014). Deste modo, o presente estudo teve como objetivo analisar a contribuição das teorias e dos movimentos feministas para a Psicologia Social Crítica, prioritariamente, no Brasil, sistematizando avanços e desafios para uma Psicologia Social Feminista. Para tal, foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa, de caráter qualitativo, a partir de um estudo da literatura específica sob a interpretação e análise crítica. Além disso, com o intuito de enfatizar a epistemologia feminista (LINO; MAYORGA, 2017; PINTO, 2010), foi priorizado o levantamento e análise de produções científicas produzidas ou compartilhadas com mulheres. Dessa forma, foi possível observar, nas fontes analisadas, que a Psicologia Social Crítica, assim como as teorias feministas, está cada vez mais comprometida em analisar seu objeto de pesquisa, considerando marcadores sociais – tais como gênero, raça, classe e sexualidade-, problematizando paradigmas científicos e tradições culturais que validam relações sociais assimétricas e opressoras. E, nesse sentido, uma Psicologia Social Crítica é uma Psicologia Social Feminista. Contudo, esse termo ainda não é formalmente reconhecido e utilizado na vertente crítica da Psicologia Social, cabendo às psicólogas pesquisarem, debaterem e se posicionarem sobre a pertinência do uso estratégico e político desse termo para a visibilidade da parcialidade de gênero no saber-fazer da Psicologia e para a construção de uma ciência e profissão mais representativa, pluralista e democrática.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia Social Feminista; Psicologia Social Crítica; Feminismos; Teorias Feministas; Gênero.

173 Psicóloga, formada pelo Centro Universitário UNA, possui experiência no âmbito das políticas públicas com ênfase em direitos humanos e prevenção a criminalidade. Atua nos seguintes temas: Feminismo, Políticas Públicas, Psicologia Jurídica e Direitos Humanos. Centro Universitário UNA. E-mail: dsantos.souza26@gmail.com

174 Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário UNA (2019), técnica em Psicologia na Subsecretária de Direitos Humanos, vinculada a Secretária de Desenvolvimento Social do Estado de Minas Gerais. Atua nos seguintes temas: Psicologia Social Crítica, Relações de gênero e Políticas Públicas. Centro Universitário UNA. E-mail: elysalineb@gmail.com

175 Doutora em Psicologia Social pela UFMG, com período de doutoramento no Centro de Estudo Sociais da Universidade de Coimbra/Portugal. Membro da diretoria ampliada da ABRAPSO - Regional Minas Gerais e Professora do Centro Universitário UNA. Atua nos seguintes temas: Gênero, Feminismos, Sexualidades, Diversidade sexual, Direitos Humanos e Políticas Públicas. Centro Universitário UNA. E-mail: andrea.m.lima10@gmail.com



REFERÊNCIAS

BORGES, L. S. **Feminismos, teoria queer e Psicologia Social Crítica: (re)contando histórias...** *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 280-289, ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 maio 2019.

LINO, T. R.; MAYORGA, C. **Mulheres, ciência e a escrita de si: desafios epistemológicos da enunciação de mulheres na ciência contemporânea.** *Cadernos De Estudos Culturais, Campo Grande*, v. 2(18), p. 155-177. 2017.

PINTO, C. R. J. **Feminismo, história e poder.** *Rev. Sociol. Polit.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun.2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 Maio 2019.

SAAVEDRA, L.; NOGUEIRA, C. **Memórias sobre o feminismo na psicologia: para a construção de memórias futuras.** *Memorandum.*Belo Horizonte, out. 2006.



ENTRE A PRODUÇÃO CIENTÍFICA E A ATUAÇÃO EXTENSIONISTA: IMPASSES AO ALIAR PESQUISA E EXTENSÃO

Déborah David Pereira¹⁷⁶

Elisa Eduarda Sousa de Melo¹⁷⁷

Laura Cristina Eiras Coelho Soares¹⁷⁸

RESUMO

O presente trabalho objetiva refletir sobre a intersecção entre pesquisa e extensão a partir da experiência de extensionistas-pesquisadoras da Psicologia no contexto de uma assistência judiciária. Orientada pela perspectiva da Psicologia Social Jurídica, tal atuação consiste em atendimentos conjuntos com estagiários do Direito no plantão da assistência judiciária em casos relacionados, principalmente, ao Direito de Família, saúde mental e violência doméstica (LOPES; MAIA; SOARES, 2018). Associadamente às práticas elencadas e aos casos atendidos, emergem questionamentos e demandas de aprofundamento teórico que justificam a realização de pesquisas. Os resultados atingidos por meio das intervenções na extensão também convocam à produção e à comunicação científica. Entretanto, há uma dificuldade de compreender a viabilidade da execução das orientações recebidas pelo comitê local de pesquisa a respeito de aspectos éticos que devem ser observados na construção de um projeto de pesquisa aliado ao referido projeto de extensão, sobretudo no que tange à utilização de relatórios de atendimento produzidos por extensionistas que respeitam o anonimato e às formas de obtenção de consentimento dos participantes. Soma-se a isso o fato de ainda não serem suficientemente contempladas em resoluções específicas (CNS, 2016) as singularidades das pesquisas no campo das Ciências Humanas e Sociais. Em vista desses entraves, em um cenário de atuação no qual não se pode prever quais sujeitos estarão envolvidos, quais situações serão vivenciadas, quais intervenções serão realizadas e seus efeitos ou, ainda, quais perguntas serão suscitadas, tem sido um desafio desenvolver pesquisa, embora diversas e relevantes possibilidades de investigação científica sejam identificadas.

PALAVRAS-CHAVE:

Pesquisa; Extensão; Psicologia Social Jurídica.

176 Graduanda do sétimo período do curso de Psicologia da UFMG. Atua como estagiária no Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP) do CRP-MG. Possui interesse e experiência nos campos da Psicologia Social Jurídica, da saúde coletiva e do ensino de Psicologia. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: deborahdavidp@gmail.com

177 Graduanda do quinto período do curso de Psicologia da UFMG. Atua como extensionista bolsista na Divisão de Assistência Judiciária (DAJ) da UFMG. Possui interesse e experiência na área de extensão no campo da Psicologia Social Jurídica e do ensino de Psicologia. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: elisameloo11@gmail.com

178 Professora adjunta de Psicologia Social do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG. Doutora e mestra em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: laurasoarespsi@yahoo.com.br



REFERÊNCIAS

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE - CNS. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. 2016. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html>. Acesso em: 26 mai. 2019.

LOPES, J. B. S.; MAIA, E. S.; SOARES, L. C. E. C. Interdisciplinaridade entre Psicologia e Direito: grupo de estudos como ferramenta de aprendizagem. **Revista Docência do Ensino Superior**, v. 8, n. 2, p. 44-59, 10 dez. 2018.



ESTUDO DE CASO SOBRE O MANEJO DA AUTOAGRESSÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE MÉTODOS DE INTERVENÇÃO

Alice Lara Bibiano¹⁷⁹

Glaucele Pereira De Oliveira¹⁸⁰

Aline Paulino Teixeira¹⁸¹

Larissa de Souza Salvador¹⁸²

RESUMO

O presente trabalho discute o uso da Eletroconvulsoterapia (ECT) em um caso de Transtorno do Espectro autismo (TEA) e suas possíveis contribuições para a atuação da Psicologia. O TEA é um transtorno invasivo do neurodesenvolvimento que afeta a capacidade de comunicação e interação social, com a presença de interesses restritos e padrões estereotipados de comportamento. Em quadros mais graves, podem ser verificadas ainda a presença de comportamentos de autoagressão. A Psicologia comportamental tem apresentado grande sucesso no tratamento e manejo de comportamento nestes casos, entretanto, particularidades de alguns quadros fazem com que o nível de sucesso seja baixo ou inexistente. O intuito deste estudo foi relatar a história de um jovem, de 26 anos, com TEA e autoagressão graves. No presente caso, após diversas intervenções sem sucesso através de programas intensivos de manejo de comportamento, foi proposto o uso do ECT como uma alternativa para a diminuição de comportamentos de autoagressão. A ECT é um procedimento que consiste na indução de convulsões generalizadas, com duração de 20 a 150 segundos, pela passagem de uma corrente com baixo potencial elétrico pelo cérebro. O procedimento ocorre sob supervisão médica e anestesia geral, não sendo comprovada nenhum tipo de seqüela devido ao uso do procedimento. São recomendadas de 8 a 12 sessões para que os ganhos com o procedimento sejam estabelecidos. No presente caso o paciente apresentou a extinção dos comportamentos de autoagressão após a realização de 12 sessões de ECT. Os ganhos se mantiveram até o presente momento, o que possibilitou ao paciente uma redução das intervenções que eram anteriormente necessárias. Além disso, com a diminuição do quadro grave de autoagressão poderá ser possível a retomada de intervenções que promovam a maior funcionalidade e qualidade de vida do paciente através de recursos da Psicologia que poderão promover novas possibilidades ao paciente.

PALAVRAS-CHAVE

Eletroconvulsoterapia; Autismo; Estudo de Caso.

179 Discente em Psicologia do 8º período. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail:laraalice18@gmail.com

180 Discente em Psicologia do 8º período. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: grau.poliveira@gmail.com

181 Monitora de estágio, Pós-Graduanda em Avaliação Neuropsicológica. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: aline.pteixeira@kroton.com.br

182 Orientadora. Doutoranda pelo PPG em Saúde da Criança e do Adolescente, UFMG. Mestre pelo PPG-Neurociências. Psicóloga UFMG.

Pesquisadora colaboradora do Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento (LND). Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: ssalvador.larissa@gmail.com



REFERÊNCIAS

G1. **Jovem autista larga tratamento por falta de profissionais no Sul de MG.** Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2013/09/jovem-autista-larga-tratamento-por-falta-de-profissionais-no-sul-de-mg.html/> Acesso em: 27 de maio de 2019.

HAMER, Bruna Laselva; MANENTE, Milena Valelongo; CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho. **Autismo e família: revisão bibliográfica em bases de dados nacionais.** Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 31, n. 95, p.169-177, abr.2014.

NINIKOLOV, R; JONKER, J. LAWRENCE, S. **Autismo: tratamentos psicofarmacológicos e áreas de interesse para desenvolvimentos futuros.** Rev Bras Psiquiatr. 2006;28(Supl I):S39-46.

PERIZZOLO, Juliana *et al.* **Aspectos da prática da eletroconvulsoterapia: uma revisão sistemática.** Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul – SPRS, Porto Alegre, p.327-334, 17 jul. 2003.

RILEY, Alex. **O que há por trás do estigma do tratamento com eletrochoque, eficaz contra depressão grave.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-44375266/> Acesso em: 27 de maio de 2019.

ROSA, M.A. **Eletroconvulsoterapia na atualidade e na Santa Casa de São Paulo.** Arq Med Hosp. Fac. Cienc. Med. Santa Casa São Paulo 2008; 53(3):130-2

SALLEH, M.A. *et al.* **Eletroconvulsoterapia: critérios e recomendações da Associação Mundial De Psiquiatria.** Rev. Psiq. Clín. 33 (5); 262-267, 2006

SHIPZAWA, P. *et al.* **Eletroconvulsoterapia Para O Tratamento De Depressão Psicótica Refratária Em Paciente Com Desnutrição Grave: Estamos Esquecendo A Ect?** Revista Debates Em Psiquiatria - Jul/Ago 2014.

TED-ED. **The truth about electroconvulsive therapy (ECT)** – Helen M.Farrell. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AcmarVpo2xE/> Acesso em: 27 de maio de 2019.

TV, NeurologiaePsiquiatria. **“Eletrochoque”. Entenda sobre a convulsoterapia (ECT)** com Maria Fernanda Caliani. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m9bX0W0KE2E/> Acesso em: 27 de maio de 2019.



FEMININOS E FEMINISMOS: UMA TRAJETÓRIA SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DO “SER MULHER”

Erika Vidal de Faria¹⁸³

RESUMO

Neste trabalho pretende-se realizar uma revisão de literatura sobre as representações do feminino da antiguidade à contemporaneidade, chamando a atenção do leitor sobre o lugar de dejetivo destinado à mulher na ordem simbólica como consequência das influências discursivas da religião e da ciência em consonância com a estrutura misógina da sociedade. Tais discursos vigentes foram utilizados para legitimar o lugar subalterno na construção do “ser mulher”, diante disso, intenta-se, num segundo momento, apontar para as mudanças na representação do feminino e da mulher através das três ondas do movimento feminista. Este se apresentava primeiramente como agente de um discurso pautado na igualdade entre homens e mulheres, posteriormente na diferença entre eles, e atualmente realiza um rompimento com essas duas insígnias binárias, afastando assim a biologia do processo de subjetivação feminino e masculino, concebidos como uma construção e um devir. Buscaremos portanto, salientar quais os efeitos destas novas construções teóricas na sociedade, as quais, apostamos, vem promovendo um deslizamento dos significados do feminino ao longo do tempo. Além disso, alvitra-se perpassar por algumas formulações da filósofa e precursora dos estudos de gênero, Judith Butler, como pano de fundo de nosso debate, afinal, a autora propõe uma recusa à visão essencialista do “ser mulher” ou “ser homem” pois a noção de gênero é socialmente construída e não anatômica relacionada. Judith Butler visa assim, uma abertura para uma construção variável de identidades. Quais são os efeitos desta visão na discussão atual sobre o feminino? Buscaremos promover uma discussão questionando os fatores sociais, políticos e históricos que auxiliam na construção da feminilidade.

PALAVRAS-CHAVE

Feminino; Feminismo; Representação social; Gênero; Mulher.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980. (Trabalho original de 1949).

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

183 Psicóloga clínica. Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UNA. Mestranda em Estudos Psicanalíticos pela UFMG. Atuação de trabalho e pesquisa em Psicanálise com ênfase nas seguintes áreas de interesse: Freud, Lacan, sexualidade, letra, literatura, escrita e feminino. Realizou trabalhos envolvendo direitos humanos, políticas públicas e usuários da rede de saúde mental. Foi extensionista no projeto “Sessão Clínica de Psicanálise” no Centro Universitário Una e co-coordenadora do grupo de estudos “O feminino no cinema e na literatura - uma articulação com a Psicanálise”. Atualmente é pesquisadora colaboradora do LAPSI - Laboratório de estudos psicanalíticos: clínica e temas contemporâneos pelo Centro Universitário UNA. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: eriikavf@hotmail.com



FUENTES, Maria Josefina Sota. **As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

KHEL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade**. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. 1 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

MAGALHÃES, T. A. L. DE. **O papel da mulher na sociedade**. Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, v. 75, p. 123-134, 1 jan. 1980.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política**. Psicol. estud., Maringá, v. 11, n. 3, p. 647- 654, dez. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722006000300021>. Acesso em: 08 ago. 2018.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. **Ser mulher na Idade Média**. Textos de história, vol. 5, nº 1. Brasília, 1997.

OLIVEIRA, Laís P. R. de; CASSAB, Latif A. **O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas**. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, ISSN 2177- 8248, 2017. Disponível em: < http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_La%C3%ADs%20Paula%20Rodrigues%20de%20Oliveira%20e%20Latif%20Cassab.pdf>. Acesso em: 23 abril. 2018.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007

SILVA, André Candido da; MEDEIROS, Márcia Maria de. **SEXUALIDADE E A HISTÓRIA DA MULHER NA IDADE MÉDIA: a representação do corpo feminino no período medieval nos séculos X a XII**. Revista Eletrônica História em Reflexão, Dourados, v. 7, n. 14, jan. 2014. ISSN 1981-2434. Disponível em: < <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2946/1635>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. **Feminismo radical – pensamento e movimento**. Revista Travesias – Educação, Cultura, Linguagem e Arte, v. 2, n. 3, 2008.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das mulheres e as representações do feminino**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 924, set. 2009.



FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E SAÚDE DO (A) ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Isabela de Lima Nogueira¹⁸⁴

Celso Francisco Tondin¹⁸⁵

RESUMO

Trata-se de um projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (mestrado) da Universidade Federal de São João del-Rei, cujo objetivo é compreender de que forma a formação acadêmica afeta a saúde do (a) estudante de graduação em Psicologia. Esta pesquisa se origina de um projeto de iniciação científica de tema semelhante no qual constatou-se a carência de estudos da área acerca da temática. Ancorada nos pressupostos teóricos da Psicologia Escolar Educacional Crítica (PATTO, 1984; 2000), coadunam-se com a realização de um mapeamento institucional (OLIVEIRA, 2011). Trata-se de um estudo exploratório-descritivo que será realizado por meio de revisão bibliográfica, de análise de documentos relacionados à formação em Psicologia (de modo especial as Diretrizes Curriculares Nacionais), ao curso em questão e às políticas de assistência estudantil, e de entrevistas com diversos atores (gestores, docentes e discentes) desse contexto, com enfoque no principal envolvido, o (a) estudante de Psicologia, buscando conhecer a dinâmica de funcionamento de uma universidade pública do interior de Minas Gerais, bem como de seu curso de graduação em Psicologia, e sua interface com a saúde discente. No momento, a pesquisa encontra-se na fase de revisão bibliográfica. Já foram encontrados estudos apontando incidência da Síndrome de *Burnout* (TARNOWSKI e CARLOTTO, 2007) em alunos de cursos de Psicologia, que está atrelada aos fatores estressores presentes no período de graduação e a evidência da necessidade de se pensar em modalidades de apoio a este estudante (AQUINO, 2013), demonstrando, então, a pertinência da realização da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia Escolar e Educacional Crítica; Formação em Psicologia; Saúde do estudante de Psicologia.

REFERÊNCIAS

AQUINO, H. P. **O pensamento crítico do estudante de psicologia sobre sua formação**. 2013. 132f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

OLIVEIRA, C. B. E. de. **A atuação da Psicologia Escolar na Educação Superior: proposta para os Serviços de Psicologia**. 2011.

PATTO, M. H. S. **Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à Psicologia Escolar**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

184 Psicóloga, mestranda em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: isabelalimanogueira@yahoo.com.br

185 Professor no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: celsotondin@ufsj.edu.br



PATTO, M. H. S. **Produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

TARNOWSKI, M.; CARLOTTO, M. S.. Síndrome de Burnout em estudantes de Psicologia. **Temas em Psicologia**, v. 15, n. 2, p. 173-180, 2007.



FORMULAÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR ENQUANTO QUEIXA E A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA: UMA INVESTIGAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA

Larissa Linhares de Freitas¹⁸⁶

Alexandre Britto Pereira¹⁸⁷

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a caracterização do fenômeno compreendido como queixa escolar por parte de psicólogos, bem como o manejo dessa queixa na atuação profissional. Para tanto, utilizou-se como método a pesquisa bibliográfica exploratória, a fim de realizar essa compreensão por meio de pesquisas de campo anteriormente publicadas na plataforma da BVS-Psi que foram avaliadas por meio da análise de conteúdo. Primeiramente levantou-se o aspecto histórico da construção do fracasso escolar e, em seguida, uma interlocução entre a Psicologia Sócio-Histórica e a Psicologia Escolar Crítica que foram as áreas em que os conhecimentos produzidos embasaram essa pesquisa. Conforme Bock (2015), a visão e os pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica contribuíram para a construção de uma nova visão da subjetividade humana e conseqüentemente da relação desta com o contexto escolar. E em relação à Psicologia escolar crítica Patto (2015) nos chama a atenção para o fenômeno do fracasso escolar e sua construção histórica, social e cultural, evidenciando a relação dessas duas perspectivas na compreensão do fenômeno da queixa escolar explorada nessa pesquisa. Por fim, a pesquisa propriamente dita que contou com seis artigos para a amostra final que foi analisada por meio de duas questões direcionadoras. Como resultado, observou-se que a causa do fracasso escolar, ou seja, das dificuldades e problemas escolares que são formulados por meio da queixa escolar, é considerada, em grande parte, como proveniente unicamente do aluno e/ou de sua família; a escola é citada poucas vezes nessa interlocução. Já o manejo se concentra em atendimentos individuais, grupais, orientação de pais e, raramente, contato com a escola. O que nos leva a concluir que embora a Psicologia tenha avançado teoricamente e metodologicamente as concepções e práticas por vezes ainda se encontram embasadas em pressupostos tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE:

Atuação profissional; Perspectiva sócio-histórica; Queixa escolar.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em

Psicologia. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (orgs.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

186 Graduada em Psicologia pela Faculdade de Pará de Minas (FAPAM). E-mail: larissa_lfreitas@outlook.com

187 Docente do curso de Psicologia da FAPAM -Faculdade de Pará de Minas, Mestre em Psicologia Social pela Faculdade de Minas Gerais UFMG, Graduado em Psicologia pela UFMG. E-mail: alexandre.pereira@fapam.edu.br



PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar**: histórias de submissão e rebeldia. 4 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.



GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, REFLEXIVIDADE E LÓGICAS DAS COMPETÊNCIAS NO TRABALHO EM POLÍTICAS PÚBLICAS

Mônica Soares da Fonseca Beato¹⁸⁸

RESUMO

Introdução: O objetivo desta pesquisa de doutorado foi investigar como os currículos e as práticas formativas na graduação em Psicologia abordam a questão das competências profissionais no campo das políticas públicas. A noção de competência(s) na formação (Ramos, 2014; Zarifian, 2009) e o correlato debate conceitual sobre formação reflexiva no ensino superior (Zeichner, 1983 e 2008) são temáticas relevantes, porém escassas nas diversas instâncias que abordam a formação em Psicologia. Por isso, constituem a base conceitual da presente tese. **Metodologia:** Foram realizados dois estudos de caso, um deles sobre um curso de graduação em IES pública e outro em IES privada, entre 2013 e 2015. A análise de documentos curriculares foi integrada à análise de 28 entrevistas semiestruturadas com estudantes, docentes e egressos. **Resultados e discussão:** O Curso da IES pública ainda se apropriava pouco das DCN e do debate sobre competências profissionais, sobretudo quanto aos tensionamentos que surgem no ciclo das políticas públicas. O currículo carecia de mecanismos para se chegar ao perfil generalista, interdisciplinar e com inserção na rede. Apontamos, contudo, condições e movimentos favoráveis a mudanças. Quanto ao curso da IES particular, o PPP já favorecia a operacionalização do currículo, devido ao fortalecimento do corpo docente como grupo, com a criação de consensos em relação ao novo modelo. A potência do currículo para integrar “gestão” e “cuidado” foi um argumento forte na fala de egressos e docentes, mas não tanto entre os graduandos. Isso indica certa recaptura das ênfases pelas áreas clássicas. As políticas públicas consistiam no tema mais estudado, dadas as características do *campus*, além do perfil de muitos docentes e discentes. **Conclusão:** Entendemos que as DCN abrem caminho para a formação crítica e reflexiva em relação às competências nas políticas públicas, mas pela análise dos dois casos, vimos que o refinamento conceitual é indispensável.

PALAVRAS-CHAVE:

Graduação em Psicologia; Currículo; políticas públicas; Reflexividade; Competência(s).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Resolução CNE/CES 8/2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia.** Diário Oficial da União, Brasília, 18 maio 2004.

RAMOS, M. **Filosofia da práxis e práticas pedagógicas de formação de trabalhadores.** *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 207-218, 2014.

¹⁸⁸ Doutora em Psicologia pela PUC Minas, Mestre em Psicologia Social pela UFMG e Graduada pela UFSJ. Já trabalhou como docente universitária, psicóloga do SUS e técnica de referência do Crepop/CRP-MG. Realiza Estágio Pós-doutoral no Programa de Pós em Psicologia da PUC Minas, além de atuar como psicoterapeuta, facilitadora de grupos e supervisora. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: msoaresbeato@gmail.com



ZARIFIAN, Philippe. **Le travail et la compétence: entre puissance et contrôle**. Paris : Éditions PUF, 2009. (Coleção Le travail humain).

ZEICHNER, K. Alternative paradigms of teacher education. **Journal of Teacher Education**, v. 34, n. 3, p. 3-9, 1983.

ZEICHNER, K. **Formação de professores para a justiça social em tempo de incerteza e desigualdades crescentes**. In: DINIZ-PEREIRA, J. ZEICHNER, K. **Justiça social: desafio para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



GRUPO DE INTERVENÇÃO DE PACIENTES COM TOC (TRANSTORNO OBSESSIVO COMPULSIVO)

Priscila Fabíola Henrique de Paula¹⁸⁹

Daiane Franca Ribeiro¹⁹⁰

Emiliana da Conceição Silva¹⁹¹

Márcio Rocha Damasceno¹⁹²

Ludmila Vitor Lopes de Souza¹⁹³

RESUMO

Introdução: A realização deste trabalho surgiu devido à grande percepção do Transtorno Obsessivo Compulsivo, na Zona Rural do Município de Pedra Bonita/MG, numa população com idade entre 20 e 42 anos. O transtorno Obsessivo Compulsivo é caracterizado por dois tipos: ideias obsessivas e rituais compulsivos. As obsessões são ideias ou imagens que vem à mente do indivíduo sem controle, não conseguindo evita-las. Nas compulsões o indivíduo se sente obrigado a executar os rituais, mas caso evite os rituais, a presença da ansiedade é muito maior. **Objetivo:** Criar grupos terapêuticos com a finalidade de avaliar as manifestações de obsessão e rituais compulsivos que possam acontecer em situações indesejadas e orientá-las. **Método:** Trata-se de uma intervenção Cognitivo- Comportamental voltada para o tratamento de pessoas que apresentarem os sintomas do transtorno Obsessivo Compulsivo, através de intervenções grupais e trocas de experiências. **Resultados:** Através dos grupos terapêuticos, entre as mulheres entre 20 e 42 anos de idade, moradoras da zona rural, os esclarecimentos e o controle de seus comportamentos indesejáveis, o lidar com as situações de ansiedade se torna imprescindível para o bom resultado. **Conclusão:** De acordo com a análise realizada à demanda do município, é possível perceber a grande importância de estarmos trabalhando com o grupo de pessoas com a intervenção psicológica Cognitiva Comportamental, para pessoas que sofrem com o Transtorno Obsessivo Compulsivo, para o bem estar físico, psíquico e emocional destes pacientes.

PALAVRAS-CHAVE:

Transtorno Obsessivo Compulsivo; Qualidade de vida; Psicoterapia.

REFERÊNCIAS

Campos, M.C., & Mercadante, M. 2000. **Transtorno Obsessivo-Compulsivo**. Revista Brasileira de Psiquiatria, 22 (2), 1-8

Knapp, P. 2004. **Terapia Cognitivo-Comportamental na Prática Psiquiátrica**. Porto Alegre. Artes Médicas

189 Discentes do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACIG – Manhuaçu – MG. E-mail: priscilahenrique004@gmail.com

190 Discentes do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACIG – Manhuaçu – MG. E-mail: daianefranca952@gmail.com

191 Discentes do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACIG – Manhuaçu – MG. E-mail: emilianasilva479@gmail.com

192 Docente coordenador no curso de Psicologia no Centro Universitário UNIFACIG – Manhuaçu – MG. E-mail: marcio.psicanalista@gmail.com

193 Psicóloga na área de Terapia Cognitiva Comportamental na cidade Pedra Bonita - MG. E-mail: ludmyla_cehab@hotmail.com



INTERVENÇÃO PRECOCE NO AUTISMO SOB PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: RELATOS DE PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Helen Aparecida Esteves¹⁹⁴

Jéssica Lorena de Moraes¹⁹⁵

Jéssica Pâmela Alves da Silva Santana¹⁹⁶

Acrísio Luiz Gonçalves¹⁹⁷

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por déficits ou prejuízos persistentes na comunicação e na interação social, comumente aliados a padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (APA, 2014). Considerado um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, os sintomas do TEA têm início na infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário do indivíduo. O diagnóstico pode ser estabelecido a partir dos três anos de idade, embora seja possível identificar sinais de risco para o desenvolvimento deste quadro clínico antes dos seis meses de idade (MURARI; MICHELETTO, 2015; CAMARGOS JR., 2017). A identificação precoce dos sinais de risco de autismo é importante, principalmente, por permitir a antecipação da intervenção. Considerando essa realidade, o intuito da pesquisa foi descrever e analisar a intervenção precoce em crianças com TEA, a partir do relato de práticas profissionais de psicólogas(os). Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com 10 psicólogas (os) atuantes em Minas Gerais e que realizam atendimento a crianças de 0 a 4 anos com risco e/ou diagnóstico de TEA, a partir da perspectiva da Análise do Comportamento Aplicada – abordagem que, segundo a literatura nacional e internacional, tem contribuído eficazmente para a intervenção em casos de TEA (BRASIL, 2015). Em geral, as(os) psicólogas(os) entrevistadas(os) apontaram a importância de compreender adequadamente o desenvolvimento infantil para que seja possível o rastreamento dos sinais de risco para o diagnóstico do TEA. Os (as) profissionais entrevistados (as) destacaram, também, que uma intervenção bem-sucedida requer o estabelecimento de um plano de intervenção que considere as especificidades de cada caso e que estimule os familiares na adoção de uma postura ativa no tratamento.

PALAVRAS-CHAVE:

Transtorno do espectro autista; Desenvolvimento infantil; Análise do comportamento aplicada; Intervenção precoce; Treinamento de pais.

REFERÊNCIAS

APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5 – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

194 Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário UNA. Centro Universitário UNA. E-mail: he.esteves@hotmail.com

195 Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário UNA. Centro Universitário UNA. E-mail: jessicalorena.morais@gmail.com

196 Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário UNA. Centro Universitário UNA. E-mail: jessica.alvessantana@hotmail.com

197 Psicólogo, Mestre e Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Centro Universitário UNA. Centro Universitário UNA. E-mail: acrisio@yahoo.com.br



BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

CAMARGOS Jr., Walter. **Intervenções precoce no autismo**. Guia Multidisciplinar: de 0 a 4 anos. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2017.

MURARI, Silvia Cristiane; MICHELETTO, Nilza. Transtorno do espectro do autismo e identificação precoce de seus sinais no contexto das Unidades Básicas de Saúde. *In*: MELO, C. M. (Org.). **Psicologia e análise do comportamento: saúde e processos educativos**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015. p. 55-64.



JUVENTUDES, RELAÇÕES RACIAIS E DIVERSIDADE SEXUAL: ARTICULAÇÕES E DESAFIOS

Elenice Procópio Araújo¹⁹⁸

Marielle Costa Silva¹⁹⁹

Welligton Magno da Silva²⁰⁰

Celso Francisco Tondin²⁰¹

Isabela Saraiva de Queiroz²⁰²

RESUMO

Este trabalho objetiva abordar as articulações interdisciplinares entre protagonismo juvenil, relações raciais e diversidade sexual, fruto de um minicurso voltado à formação profissional, ministrado no 1º Encontro de Pós-graduação em Psicologia de Minas Gerais. Para isso, foi desenvolvida revisão de literatura de forma a construir uma análise crítica sobre as temáticas para apresentação de tais discussões. Dessa forma, entende-se por protagonismo juvenil como um princípio de ação educativa que por meio da criação de espaços e condições possibilitem o jovem o desenvolvimento como pessoa crítica e emancipada nos contextos em que está inserido (COSTA & VIEIRA, 2006). A partir dessa perspectiva, é possível repensar os espaços sociais como lugares para as múltiplas vivências da diversidade de corpos, sexualidades, raças, culturas e expressões da vida humana. Nesse sentido, pode-se compreender as relações raciais enquanto campo de possibilidades, tensões e desigualdades entre as raças, do ponto de vista social, uma vez que ainda hoje predomina o padrão branco, masculino e heterossexual, de forma que as vivências e saberes construídos por negros, negras e indígenas, muitas vezes são desqualificados e discriminados, sendo fundamental buscar desconstruir essas práticas cristalizadas (CAVALLEIRO, 2001). Assim, também é possível refletir sobre a diversidade sexual, enquanto possibilidade de existência humana, entendendo que a sexualidade é uma dimensão fundamental da constituição do sujeito. Falar sobre diversidade sexual é reconhecer, legitimar as experiências muitas vezes invisibilizadas e silenciadas pelos discursos/saberes até então hegemônicos (BICALHO, 2014). Entendendo o dever ético-profissional da Psicologia nas questões relacionadas às identidades de gênero, desconstrução do racismo e garantia de direitos aos jovens, conclui-se que o minicurso se propôs a ampliar o debate sobre essas temáticas, constituindo-se enquanto estratégia essencial para mobilizar novas reflexões e transformações sociais na atuação em Psicologia nos diversos contextos.

198 Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (UNILESTE). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), pela linha de pesquisa Instituições, Saúde e Sociedade. Bolsista de Mestrado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: elenicep.araujo@hotmail.com

199 Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (UNILESTE). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), pela linha de pesquisa Instituições, Saúde e Sociedade. Bolsista de Mestrado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: silva.marielle94@gmail.com

200 Graduado em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Mestrando do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), pela linha de pesquisa Instituições, Saúde e Sociedade. Bolsista de Mestrado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: welligthon@hotmail.com.br

201 Doutor em Psicologia (PUCRS). Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. É membro do Grupo de Pesquisa Conhecimento, Subjetividade e Práticas Sociais desta Universidade. E-mail: celsotondin@ufsj.edu.br.

202 Doutora em Psicologia Social (UFMG). Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Gênero, Raça e Direitos Humanos (NEGAH/UFSJ). E-mail: isabelasq@ufsj.edu.br.



PALAVRAS-CHAVE:

Protagonismo juvenil; Raças; Riversidade sexual; Gênero.

REFERÊNCIAS

BICALHO, P. P. G. *et al.* **Gênero e diversidade na escola:** práticas transversais, polifônicas, compartilhadas, inquietas. 2014. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. 143p.

BORTOLINI, A. *et al.* **Trabalhando diversidade sexual e de gênero na escola:** currículo e prática pedagógica.1.Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.144 p.

CAVALLEIRO, E. (Org). **Racismo e anti-racismo na educação:** repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001. 213p.

COSTA, A. C. G. da; VIEIRA, M.A. **Protagonismo juvenil:** adolescência, educação e participação democrática. 2.ed. São Paulo: FTD; Salvador, BA: Fundação Odebrecht, 2006. 344p.

LEITURA E ESCRITA NA ELABORAÇÃO DO TCC: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

Karine Aparecida Teixeira²⁰³

Regina Lúcia de Souza²⁰⁴

RESUMO

Estudos têm constatado crescente número de universitários ingressos ao ensino superior com dificuldade leitura e escrita, assim objetivou-se descrever percepção e sentimentos dos estudantes do curso de Psicologia sobre as dificuldades de leitura e escrita na produção do Trabalho de Conclusão de Curso. Realizou-se a pesquisa em uma Instituição de Ensino Superior, conforme orienta o Projeto Pedagógico de Curso – PPC dessa instituição, o TCC direciona o aluno a investigar um assunto de seu interesse, constituindo um momento de potencialização de habilidades e conhecimentos que adquiriu ao longo da vida acadêmica (CORONEL FABRICIANO, 2010). Na graduação em Psicologia, a pesquisadora participou de práticas, estágios e pesquisa de Iniciação Científica que resultaram na aproximação da área de Psicologia escolar, tornando-se possível constatar limitações na forma de ler e escrever dos estudantes de diferentes níveis de ensino, o que culminou na problematização do estudo. A relevância da pesquisa centrou-se na possibilidade de o curso conhecer as dificuldades de leitura e escrita dos estudantes de Psicologia, podendo aprimorar suas práticas metodológicas e proporcionar aos estudantes o desenvolvimento destas habilidades. Trata-se de uma pesquisa empírica, descritiva e exploratória. Realizou-se entrevistas semiestruturada com 8 universitários do 10º período do curso de Psicologia. Os dados foram analisados qualitativamente por meio da técnica de análise de conteúdo. Inicialmente os estudantes alegaram não ter dificuldade de leitura e escrita, mas ao longo da entrevista, as respostas dizem o contrário da informação inicial. Dos 8 entrevistados, apenas 1 estudante demonstrou não apresentar dificuldade de leitura, enquanto em relação a escrita, todos expressaram dificuldades com essa habilidade. O fator que mais contribuiu e dificultou na elaboração do TCC foram estímulo a leitura e dificuldade em aplicar a redação acadêmica, respectivamente. Concluiu-se a necessidade do curso em promover estratégias de intervenção que favoreçam a potencialização das habilidades de leitura e escrita acadêmica.

PALAVRAS CHAVE:

Leitura; Escrita; Trabalho de Conclusão de Curso.

REFERÊNCIAS

CORONEL FABRICIANO. **Projeto pedagógico do curso de Psicologia**. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Coronel Fabriciano – MG. 2010.

203 Graduanda em Psicologia no Centro Universitário do Leste de Minas Gerais - UNILESTE. Bolsista da FAPEMIG no Projeto de Iniciação Científica “Perfil de estudantes do curso de Psicologia que apresentam dificuldades de leitura”. Participou do Projeto de Iniciação Científica “Atuações do Psicólogo Organizacional”. Realiza estágio na Fundação Emalto. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. E-mail: tkarine02@gmail.com

204 Psicóloga. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Especialista em Neuropsicologia Clínica pelo IPAF Lev Vygotsky - Instituto de Psicologia Aplicada e Formação. Professora e Supervisora de Estágio em Psicologia Escolar Institucional do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. E-mail: reginalucia.souza@gmail.com



LGBTFOBIA E A EDUCAÇÃO: ESCOLA E CIDADANIA NO CONTEXTO DAS DIFERENÇAS

Wesley Frank da Silva Oliveira²⁰⁵

RESUMO

Introdução: A sexualidade humana, sobretudo em virtude de influências culturais e religiosas, têm sido fruto de profundas polêmicas e divergências no âmbito da sociedade contra aqueles que apresentam uma orientação divergente ao padrão de heteronormatividade. Condutas e comportamentos discriminatórios e preconceituosos tem se inserido em diversos espaços, com destaque ao ambiente escolar. Embora seja atribuição da escola o papel de formar cidadãos para a diversidade e as diferenças, o que se verifica na atualidade é que estes espaços necessitam revisar seus princípios e práticas em relação à sexualidade, contribuindo para a desconstrução de velhos e ultrapassados paradigmas. **Objetivo:** discutir acerca da sexualidade humana e a LGBTfobia no ambiente escolar, identificando as principais formas de discriminação sofridas pelos alunos LGBT, com ênfase nas diferenças e no direito à cidadania. **Metodologia:** para atingir ao objetivo proposto, o trabalho constituiu de um levantamento bibliográfico, a partir da consulta de materiais científicos e literatura que contemplassem a temática e as questões relativas a LGBTfobia e sua relação com a escola e a cidadania. **Resultados e discussão:** a partir de uma revisão sistemática da literatura, foi possível observar que a reprodução de ideias distorcidas acerca da orientação sexual, de modo especial no ambiente escolar, tem contribuído para o desenvolvimento e consolidação de um comportamento agressivo e violento contra os indivíduos LGBT. **Conclusão:** o atual cenário da LGBTfobia na sociedade faz com que seja urgente a adoção de medidas preventivas e que garantam que a diversidade sexual seja compreendida não sobre a abordagem das diferenças, mas dentro do contexto da inclusão e dos direitos humanos. Para que se obtenha êxito neste processo, é essencial que o trabalho tenha seu início no contexto das escolas. Tendo em vista este cenário, combater a LGBTfobia, seja na capacitação dos profissionais da educação, seja através da adoção de práticas pedagógicas que favoreçam o combate ao preconceito e a discriminação, restituindo direitos e garantindo a cidadania aos indivíduos LGBT.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação; Diferenças; LGBTfobia na Escola.

205 Graduado em Letras e Psicologia pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM). Pós-graduado em Gênero e Diversidade na Escola (NUH – UFMG). Professor de Educação Básica na rede estadual. Aluno da disciplina Seminário de Gênero e Sexualidade do Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). E-mail: wesleyfrankoliveira@hotmail.com



REFERÊNCIAS

BUENO, André da Silva, ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton. **Gênero, Educação e Sexualidade: Reconhecendo diferenças para superar [pré]conceitos.** Uberlândia: Editora dos Autores, 2016.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: Ministério da Educação, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista.** São Paulo: Editora Vozes, 2016.



MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORAS (ES): UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA

Fernanda de Cássia Oscar Otaciano²⁰⁶

Celso Francisco Tondin²⁰⁷

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo analisar o modo como o fenômeno da medicalização da infância é abordado no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São João del-Rei. Justifica-se a escolha desse tema devido à responsabilidade institucional da Universidade quanto à formação dos(as) estudantes e a escassez de referenciais que articulem medicalização e formação de professores(as). A coleta de dados se subdividiu em três etapas: pesquisa bibliográfica, análise documental e pesquisa de campo. Como resultados, na pesquisa bibliográfica foram encontrados 15 artigos, todos críticos à medicalização, nos quais as abordagens foucaultiana e histórico-cultural sobressaíram. Na parte documental, foram consultadas as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o Curso de Pedagogia e demais licenciaturas, e o Projeto Pedagógico do referido curso. Foi possível identificar que os documentos concebem a formação docente de maneira integral, devendo articular o trabalho pedagógico aos demais atores sociais e instituições que são componentes da rede de atenção social, sustentando um caráter desmedicalizante das práticas pedagógicas. Na pesquisa de campo, foram entrevistadas 18 estudantes e uma professora do curso em questão. Os dados foram analisados utilizando-se da Análise de Conteúdo, em que foram construídas sete categorias, das quais, na presente comunicação, três são analisadas. Das discentes entrevistadas, 66,67% não conseguiram definir o conceito de medicalização, direcionando suas ideias apenas à utilização de medicamentos. Foi possível constatar que as discentes possuem elementos iniciais de um conhecimento acerca do tema, entretanto, esses recursos são insuficientes, fazendo com que permaneçam com opiniões baseadas no senso comum, mesmo quando se apropriam de conceitos científicos. Ainda assim, em se tratando deste curso, existe muita potência de mudança desse aspecto. Entretanto, no tocante ao fazer cotidiano da formação outras questões podem ser (re)pensadas, de modo especial as possibilidades de diálogo com os demais cursos e a articulação transversal dos conhecimentos na matriz curricular.

PALAVRAS-CHAVE:

Medicalização; Psicologia e Educação; Formação de Professores; Infância.

REFERÊNCIAS

COORDENADORIA DO CURSO DE PEDAGOGIA. **Projeto Pedagógico (2010), versão atualizada.**

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CNE. Conselho Pleno. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. **Diário Oficial da União.** Brasília, DF, seção 1.

206 Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. É bolsista de Iniciação Científica por esta universidade, na qual pesquisa a temática da medicalização da Educação. Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: fernanda.oscar2@gmail.com

207 Doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, professor adjunto e chefe de Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Escolar, atuando em temas tais como políticas educacionais, violência escolar, inclusão escolar. Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: celsotondin@ufsj.edu.br



CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CNE. Conselho Pleno. Resolução CNE/CP nº 2, de 1 de junho de 2015. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, seção 1



NOVAS DIRETRIZES CURRICULARES DA PSICOLOGIA E O COMBATE AO RACISMO

Claudia Andrea Mayorga²⁰⁸

Fernando Lana Ferreira²⁰⁹

RESUMO

A Psicologia vem tentando reforçar seu papel como um agente transformador da sociedade brasileira. Sendo o racismo uma estrutura capaz de promover desigualdades, discriminação e humilhações à grande parcela da população nacional, o intuito desse documento é discutir como a Psicologia nacional ainda pode melhorar a formação das psicólogas e dos educadores da área para contribuírem no combate à discriminação racial. Monica Santana (2017, pg. 100) pesquisou as relações étnico-raciais na atuação de psicólogas inseridas nos serviços públicos de saúde mental em uma cidade do interior paulista. As profissionais que participaram da pesquisa admitiram que o racismo não foi uma questão abordada na graduação de modo que pudesse se tornar um marcador relevante no processo de análise de desigualdades. Pesquisadores têm garantido que a educação é uma aliada imprescindível no combate ao racismo. Munanga (2005, pg. 17) assevera que não existem leis capazes de eliminar os preconceitos existentes na sociedade. Por isso, ele afirma que a educação poderia oferecer para jovens e adultos um espaço para debaterem sobre as ideias racistas transmitidas pela sociedade, que pregam a inferioridade do negro e a superioridade do branco. O direito também é uma área fundamental na luta antirracismo no país. Alguns especialistas do setor certificam que muitos juristas estão pactuados conscientemente ou não com a manutenção de mecanismos discriminatórios, transformando assim a prática do racismo em um crime perfeito (SANTOS, 2013, p. 232). Alguns desses profissionais também demonstram incapacidade para entender a necessidade das ações afirmativas no Brasil (MOREIRA, 2017, pg. 16). Usando a sustentação teórica da pedagogia das ausências e das emergências, propomos uma discussão sobre a potencialidade de educar para a diversidade em uma sociedade marcada pelas desigualdades (SANTOS, 2002; GOMES, 2017). Seria oportuno também compartilhar as experiências ocorridas durante a ministração da disciplina Psicologia Social do Racismo na UFMG.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação; Psicologia; Racismo.

REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. 3ª reimpressão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MOREIRA, Adilson José. **O que é discriminação? Belo Horizonte: Letramento, Casa do Direito, Justificando**, 2017.

208 Doutora em Psicologia Social pela Universidade Complutense de Madri - Espanha com foco em estudo sobre gênero, política e feminismo. É professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Minas Gerais; Membros do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão Conexões de Saberes-UFMG. E-mail: mayorga.claudia@gmail.com

209 Mestrando em Psicologia Social na UFMG. E-mail: lana.psicologia@gmail.com



MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTANA, Mônica Feitosa. **“Muito além da cor da pele”**: psicologia, saúde mental e relações étnico-raciais em serviços públicos de saúde do município de Suzano, São Paulo. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 2017.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências** *In*: Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 63, 2002. P. 237-280.

SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. **Direitos humanos e as práticas de racismo**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.



O ENSINO E A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA EM UM PERIÓDICO ACADÊMICO: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Rodolfo Luís Leite Batista²¹⁰

RESUMO

Esta comunicação apresenta algumas reflexões acerca do ensino e formação em Psicologia a partir de pesquisa bibliográfica, realizada com editoriais e artigos da revista “Psicologia Ensino & Formação”, publicados entre 2010 e 2016. Esse periódico, entendido como uma estratégia de institucionalização de debates político-acadêmicos sobre esses temas no país, é editado pela Associação Brasileira de Ensino de Psicologia – ABEP. Essa entidade reúne profissionais, docentes, estudantes e demais interessados pela profissionalização da Psicologia e a presença desse campo de conhecimento nos diferentes níveis de educação escolar no país (WITTER, FERREIRA, 2005). O estudo de periódicos como fontes primárias permite descrever a dinâmica de um campo de conhecimento e seus meandros políticos (ARAÚJO, 2004). Desse modo, os editoriais e artigos estabelecem-se como gênero textual específico formado por elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais (MARINHO, 2010). Nesta pesquisa, os documentos foram recolhidos no Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia. Foram encontrados sete volumes, organizados em treze números. Durante o período investigado, a revista publicou três dossiês temáticos. Em 2012, não houve publicação. Esta análise mostra que professores doutores de universidades públicas e confessionais do Sudeste brasileiro predominam entre os autores dos documentos. Os temas trabalhados concernem principalmente ao ensino de Psicologia nos níveis Médio e Profissionalizante e à formação do psicólogo por meio de estágios na graduação. Neste momento, realiza-se a leitura, tabulação e sistematização dos artigos com vistas a identificação dos referenciais teórico-metodológicos, problemas e campos de estudo mais recorrentes na publicação. Essa análise possibilitará compreender as principais influências teóricas presentes e cotejar questões políticas envolvidas nos debates a respeito do ensino e formação em Psicologia. Espera-se que esta pesquisa bibliográfica possa contribuir para os debates empreendidos por uma comunidade político-acadêmica cada vez mais ampla.

PALAVRAS-CHAVE:

Ensino de Psicologia; Formação em Psicologia; ABEP; História da Psicologia.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. D. Gêneros textuais acadêmicos: reflexões sobre metodologias de investigação. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 1-2, n. 26, p. 21-27, 2004.

210 Psicólogo e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Especialista em Didática e Trabalho Docente pelo Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais. Atualmente, é doutorando pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e professor no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. Tem experiência nas áreas: História da Psicologia, Psicologia da Educação e Psicologia Fenomenológico-Existencial. Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. E-mail: rodolfo1lb@gmail.com



MARINHO, M. A. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 363-386, 2010.

WITTER, Geraldina Porto, FERREIRA, Adriana Aparecida. Formação do psicólogo hoje. *In*: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogo brasileiro**: construção de novos espaços. Campinas: Alínea, 2005. p. 15-39.



O MANEJO DA TRANSFERÊNCIA NO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO DE CRIANÇAS ABRIGADAS

Karine Fonseca da Cruz²¹¹

Mireny Barbosa Gomes Fonseca²¹²

RESUMO

Este trabalho apresenta o caso clínico de uma criança abrigada atendida através de um estágio curricular realizado no Núcleo de Assistência Integral à Criança (NAIC), instituição que visa trabalhar de forma integral as dificuldades enfrentadas pelas crianças em âmbito, escolar, social e psicológico. Para realizar a escuta da criança, definiu-se o atendimento clínico individual como uma forma de compreender as questões e dificuldades envolvidas no caso. I, é uma menina de onze anos que passou por diversos processos de grande vulnerabilidade social, hoje reside em um abrigo por ordem judicial. A criança passou por vários rompimentos de vínculos afetivos que fez com que houvesse dificuldades relacionais e de autoestima. Durante os atendimentos, expressou grande desejo de restabelecê-los. Assim, foram trabalhados de forma lúdica esses desejos e como poderiam se expressar. O trabalho se deu através do manejo da transferência, uma vez que a criança trazia questões sobre sua mãe biológica e demandava que a estagiária de Psicologia ocupasse esse lugar da função materna, Segundo Laplanche e Pontalis (2001), a transferência é um processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos numa relação analítica. Tal projeção pode ser entendida como um recurso para se encontrar, definir seu lugar. Apesar de ter sido préestabelecido o início e término dos atendimentos, a criança se mostrou muito envolvida. Nas últimas sessões, a criança chegou muito desanimada e apática. Relatou a possibilidade de passar um final de semana com uma família acolhedora, mas não se mostra animada, como se não quisesse este lugar para estar, e nem com tais pessoas. Os atendimentos foram realizados semanalmente, porém sempre deixando claro que chegariam ao fim, para que não ocorresse mais um rompimento repentino para tal criança. O trabalho foi encerrado, visto que o período de estágio chegou ao fim. O caso foi encaminhado a outro psicólogo presente na instituição, visando a continuidade do acompanhamento.

PALAVRAS-CHAVE:

Atendimento clínico; Criança abrigada; Transferência.

REFERÊNCIAS

PARREIRA, S.& JUSTO, J. A criança abrigada: considerações acerca do sentido da filiação _____
Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 2, p. 175-180, mai./ago. 2005

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.B. Vocabulário de Psicanálise, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

211 Graduanda em Psicologia da Faculdade Pitágoras de Divinópolis- MG. E-mail: karinefonseca84@yahoo.com.br

212 Psicóloga e especialista em saúde mental, mestre em Psicologia pela Puc Minas, docente na Faculdade Pitágoras de Divinópolis. E-mail: mirenypsi@hotmail.com



O QUE É SER HOMEM? TRADUÇÕES DA MASCULINIDADE FRENTE A VIOLÊNCIA

Fernanda Zorzam Santos²¹³

Simone Francisca de Oliveira²¹⁴

RESUMO

Introdução: O projeto de extensão “Junt@s: Mulheres e homens contra a violência de gênero”, através de convênio com o TJMG firmado em 2015, realizou atendimentos em grupo a homens autores de violência de gênero, acusados de acordo com a Lei Maria da Penha, que em 2 anos, atendeu em torno de 200 homens. Os encontros eram semanais, em grupos abertos, a proposta era promover um espaço de reflexão sobre a masculinidade perpassada pela violência. A partir da experiência como coordenadoras do grupo, no ano de 2017, realizou-se o projeto de iniciação científica, com o objetivo de analisar os possíveis impactos sobre as famílias dos homens atendidos. Foram realizadas visitas nas casas das famílias e entrevistas semiestruturadas, no intento de conhecer as histórias desses homens e suas famílias, os atravessamentos da violência em suas relações e as repercussões do percurso nos atendimentos do projeto de extensão, de maneira qualitativa. **Metodologia:** Análise dos resultados da pesquisa de iniciação científica, em articulação com os resultados da extensão através dos atendimentos em grupo com homens. **Resultados:** A iniciação científica evidenciou melhoria nas relações, uso da palavra para resolução de impasses, possibilidades de exercer a masculinidade a partir de posicionamentos não estereotipados, como afirmam Lattanzio e Barbosa (2016). Interessa-nos demonstrar como se deu a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, impactando na formação científica da(o) futura(o) psicóloga(o). **Conclusão:** As reflexões proporcionadas nos atendimentos reverberaram nos sujeitos e suas famílias, com relatos de fim ou diminuição das cenas de violência a partir de novos arranjos nas relações familiares e de gênero. Conclui-se que abrir espaços de reflexão sobre a masculinidade hegemônica e suas formas afirmação, potencializam mudanças a favor de relações não perpassadas por violência e agressividade.

PALAVRAS-CHAVE:

Masculinidade; Violência; Gênero; Pesquisa; Extensão.

REFERÊNCIAS

BOTTON, F. B. **As masculinidades em questão:** uma perspectiva de construção teórica. Revista vernáculo. n. 19 e 20, Paraná. 2007. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/viewFile/20548/13731>>

213 Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UNA (2018/2), participante do projeto de extensão: “Junt@s: mulheres e homens contra a violência de gênero” (2016-2018) e aluna bolsista da iniciação científica de mesmo nome (2017). Psicóloga clínica, estudos concentrados em gênero, masculinidade e violência a partir da teoria psicanalítica de Jean Laplanche. Centro Universitário UNA. E-mail: fernanda_zorzam@hotmail.com

214 Graduada em Psicologia pela UFMG, Mestre em Psicologia, pela UFMG, na área de concentração Psicologia Social. Atualmente, é professora na UNA, no curso de Psicologia. Coordena o projeto de extensão “Junt@s: mulheres e homens contra a violência de gênero”. Centro Universitário UNA. E-mail: si.fos@hotmail.com



COSTA. F; **Atendimento a homens autores de violência doméstica:** desafios à política pública. ISER. 1ª ed. Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <http://www.iser.org.br/site/wp-content/uploads/2013/11/homens_miolo_9nov_.pdf >

LATTANZIO. F, F; BARBOSA. R, R. **Grupos de gênero nas intervenções com as violências masculinas:** paradoxos da identidade, responsabilização e vias de abertura. ISER. 1ª ed. Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <http://www.iser.org.br/site/wp-content/uploads/2013/11/homens_miolo_9nov_.pdf >

SILVA. J, R. T. **Masculinidade e violência:** formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife. PE. 2014. Disponível em: <http://paradoxzero.com/zero/redor/wp-content/uploads/2015/04/686-4691-1-PB.pdf>



O SENTIDO DA VIDA PARA USUÁRIOS DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS DO CAPS AD DE PARÁ DE MINAS

Elvistran Fonseca Dias²¹⁵

Taynara Francielle Americo²¹⁶

Ana Cláudia Bernardes Guimarães²¹⁷

RESUMO

O presente artigo discorre sobre o sentido da vida para usuários de substâncias psicoativas do CAPS-AD da cidade de Pará de Minas – MG. O objetivo deste foi analisar a relação entre a experiência subjetiva do usuário de álcool e outras drogas do equipamento baseado na concepção do sentido da vida para Viktor Frankl. Trata-se de pesquisa qualitativa a partir da realização de entrevistas semiestruturadas, análise fenomenológica dos relatos e compreensão dos resultados sob a perspectiva do autor supracitado. Apreendeu-se que, apesar de cada vivência ser constituída de questões individuais, há certos aspectos comuns quanto ao uso de substâncias psicoativas que podem servir como uma forma de preencher o vazio existencial. Além disso, evidenciou-se elementos estruturantes, tais como: a vivência de dor no âmbito familiar que favoreceu o abuso de substâncias psicoativas, além da superação do sofrimento a partir da relação significativa com entes queridos; a experiência do trabalho como fator de motivação, sentido da vida e realização pessoal, o qual auxiliou na recuperação da dependência química; e a relação com o CAPS-AD enquanto suporte para o encontro inter-humano que vivifica o ser e possibilita o autocuidado. Concluiu-se que existe uma correlação entre o sentido ou a falta de sentido da vida e o uso abusivo de álcool e outras drogas. Percebeu-se que em cada relato está presente algum significado que serve de motivação para o distanciamento das substâncias psicoativas e encoraja o posicionamento perante o sofrimento advindo do vício, a partir, por exemplo, da busca por cuidado no CAPS-AD.

PALAVRAS-CHAVE:

CAPS-AD; Pesquisa Fenomenológica; Sentido da vida; Viktor Frankl.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**. Campinas. v. 27, n. 2, p. 259-268, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n2/a13v27n2.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2018.

215 Graduando em Psicologia pela Faculdade de Pará de Minas. Faculdade de Pará de Minas. E-mail: elvisfonseca1944@hotmail.com

216 Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Pará de Minas. Faculdade de Pará de Minas. E-mail: taynarafrancielle@hotmail.com

217 Docente do curso de Psicologia da Faculdade de Pará de Minas. Psicóloga da Prefeitura de Nova Lima-MG. Mestre em Psicologia Social. Pós-graduada em Psicologia Clínica existencial e gestáltica e do curso de aperfeiçoamento. Experiência Elementar em Psicologia. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: anaclaudiabg@gmail.com



BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. 2005. 12f. Dissertação (Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018

_____. Ministério da Saúde. Saúde Mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogos/os em Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas**. Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2014/01/CREPOP_REFERENCIAS_ALCOOL_E_DROGAS_FINAL_10.01.13.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.

FRANDOLOSO, F. **Dependência química: uma abordagem logoterapêutica**. Itajaí, 2008.

FRANKL, Viktor Emil. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia**. São Paulo: Paulus. (Trabalho original publicado em 1969), 2011.

FRANKL, Viktor Emil. **O Sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver**. 1.ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

FRANKL, Viktor Emil. **Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 39 ed. São Leopoldo, 2016. 223p.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial**. 6.ed. – São Paulo: Quadrante, 2016. 423p.

GARCIA, Frederico Duarte *et al.* **Pesquisa conhecer e cuidar 2015**. Imprensa Universitária da UFMG. Belo Horizonte, 2016.

GASPAR, Yuri Elias; MAHFOUD, Miguel. **Contribuições da fenomenologia para apreensão da articulação entre subjetividade e cultura: desafios e possibilidades**. In: IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, Rio Claro: 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Ana Cláudia Bernardes; MAHFOUD, Miguel. Experiência comunitária e realização pessoal em Alcoólicos Anônimos: uma pesquisa fenomenológica. SMAD, **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**.v. 12, n. 4, p. 231-239, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762016120000006>. Acesso em: 18 set. 2018.

MARQUES, Laura Boletta; HOLANDA, Adriano Furtado; SERBENA, Carlos Augusto. Vazio Existencial e o Abuso do Álcool: contribuições da logoterapia. **Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial**, p. 217-229, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/le/article/view/24395>>. Acesso em: 18 set. 2018.



MOREIRA, Neir; HOLANDA, Adriano. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, p. 345-356, set./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4010/401036083008.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

VAN DER LEEUW, Gerardus. **Fenomenología de la religión** (E. de laPeña, Trad.). México: Fondo de Cultura Económica, 1964.



O SUICÍDIO: UMA ANÁLISE OBSERVADA NO ÂMBITO ACADÊMICO

Isadora Pires Nunes²¹⁸

Marina Gomes Crato²¹⁹

Paula Ferreira Gonçalves²²⁰

RESUMO

Introdução: Segundo Rodrigues (2015) o suicídio consiste em um assunto antigo referente à saúde da população. As exigências enfrentadas pelos universitários como pressão psicossocial e acadêmica, muitas vezes acarretam em enfermidades, prejudicando o bem-estar mental e físico. (DANTAS; ALVES; BENVINDO; 2017). Esse projeto possui objetivo investigar o fenômeno suicídio, a partir do estudo na literatura e por meio da pesquisa de campo, buscando compreender possíveis causas e efeitos no âmbito universitário. **Metodologia:** O projeto trata-se de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo. A seleção de amostra terá como critérios: ser estudante universitário de ambos os sexos que esteja frequentando a universidade pelo menos um ano. A amostra será composta por 15 indivíduos. A coleta de dados será realizada por meio das entrevistas semiestruturadas e transcritas pelas pesquisadoras para investigar e compreender através do discurso obtido durante a entrevista, os comportamentos e afetos. As pesquisas referentes aos universitários que tentam suicídio são frequentes na literatura Brasileira. (SOUZA, MINAYO; MALAQUIAS, 2002). **Resultados:** Estimativas comprovam que esse fenômeno é a segunda maior causa de morte no Brasil, equivalendo um suicídio a cada 40 segundos (TERUEL; MARTÍNEZ; LEÓN, 2014). Desesperança, falta de pertencimento social e dificuldade de comunicação, estão sendo considerados fatores desencadeadores da idealização suicida (SANTOS *et al.*, 2017). **Discussão:** As mudanças que permeiam a vida dos universitários tornam-se alarmantes, pois muitos deles visualizam o suicídio como a única ou mais fácil e pronta solução dos problemas encontrados (GONÇALVES; FREITAS; SEQUEIRA; 2011). **Conclusão:** A importância desse estudo é investigar o fenômeno suicídio a visando encontrar caminhos de encontrar caminhos para minimizar os preconceitos, tabus e estigmas relacionados ao suicídio em especial no âmbito acadêmico (SCAVACINI, 2018). As pesquisas nessa vertente são escassas e evidência necessidade da criação de novos estudos, é importante ressaltar que essa pesquisa está em andamento.

PALAVRAS-CHAVE:

Tabu; Suicídio Universitário; Saúde Mental.

REFERÊNCIAS

BORGES, Daiane; NEVES, Darci. **Suicídio no Brasil, 2000 a 2012**, Scielo, v. 64, n.1, p.1-10,2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v64n1/0047-2085-jbpsiq-64-1-0045.pdf>. Acesso em: 14/01/2019.

218 Graduada em Psicologia, do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM. E-mail: isadoranp@unipam.edu.br

219 Graduada em Psicologia, do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM. E-mail: marinacrato@unipam.edu.br

220 Mestrada em Educação, da Universidade de Uberaba UNIUBE – docente do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM. E-mail: paulafg@unipam.edu.br



DANTAS, Héliida; ALVES, Maria; BENVINDO, Sávio. **Quebrando tabus: os fatores que levam o suicídio entre universitários**, revistas ufcg, n.2, p. 1- 13, 2017. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/383/pdf>. Acesso em: 14/01/2019.

GONÇALVES, A; FREITAS, P; SEQUEIRA, C. **Comportamentos Suicidários em Estudantes do Ensino Superior: Factores de Risco e de Protecção**. Millenium. p.149-159, 2011.

RODRIGUES, D.A.P.de. **A Experiência Subjectiva da Ideação Suicida em Estudantes Universitários numa Perspectiva Fenomenológico-Existencial**. 2015, 118f. (Dissertação de Mestrado em Psicologia) – Instituto Universitários Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. 2015. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/4488>. Acesso em: 23/01/2019. SCAVACINI, K.de. **O suicídio é um problema de todos: a consciência, a competência e o dialogo na prevenção e posvenção do suicídio**. 2018, 742f. (Dissertação de Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo Instituto de Psicologia, 2018. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-26102018_155834/publico/scavacini_do.pdf. Acesso em: 18/01/2019.

SOUZA, E. R; MINAYO, M. C. S.; MALAQUIAS, J. V. **Suicídio de jovens nas principais capitais do Brasil**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 673-683, 2002.

TERUEL, D. S.; MARTÍNEZ, J. A. M.; LEÓN, A. G. **Variables psicológicas asociadas a la ideación suicida en estudiantes**. International Journal of Psychology and Psychological Therapy, v.14, n.2, p.277-290, 2014. Disponível em: <http://www.ijpsy.com/volumen14/num2/388.html>. Acesso em: 23/01/2019.



O USO INDISCRIMINADO DE PSICOTRÓPICOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E SEUS IMPLICADORES

Bruno Alves Silva Costa²²¹

Ana Luisa Silva Ribeiro²²²

Alysson Assunção Andrade²²³

RESUMO

O presente trabalho busca, por meio de um olhar crítico, discutir o aumento do uso, muitas vezes indiscriminado, de psicotrópicos na contemporaneidade, apresentando implicadores que contribuem e influenciam para/com esse aumento, bem como destacar a constituição e os objetivos. Acredita-se que esses medicamentos ocupam um lugar de destaque quando atingem o tratamento da saúde mental que, por vezes, enfatizam os seus efeitos positivos. Entretanto, pouco se questiona sobre seus efeitos colaterais e o poder que exercem sobre o sujeito, assunto bastante discutido por autores apoiados na vertente psicanalítica. Parte-se da hipótese de que o uso destes medicamentos é provocado e influenciado pela medicalização da saúde mental, o aumento de diagnóstico de transtornos mentais, e também pela demanda do sujeito por um tratamento rápido das suas questões mentais, bem como a expectativa de produzir a extinção de sentimentos de desprazer oriundos da vida cotidiana. Esse fato ainda pode ser entendido como uma possibilidade do sujeito em não lidar com seus sintomas psíquicos. A partir disso, busca-se coletar dados através de uma pesquisa bibliográfica baseada em materiais já publicados que auxiliarão na discussão do tema.

PALAVRAS-CHAVE:

Contemporaneidade; Psicanálise; Psicotrópicos; Saúde Mental.

REFERÊNCIAS

ANGELL, Márcia. A epidemia de doença mental. **Rev. Piauí**. Ed 59. 2012. Disponível em: <<https://psicologianicsaude.files.wordpress.com/2012/11/revista-piauc3ad-59-a-epidemia-de-doenca-mental.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

ASSIS, Pablo de. **Uma Breve História Dos Psicofármacos**. 2012. Disponível em: <<http://pablo.deassis.net.br/2012/09/uma-breve-historia-dos-psicofarmacos/>>. Acesso em: 22 maio 2018.

BEUX, Mariana Totelli; KUJAWA, Israel. **O Uso Abusivo de Psicofármacos: Medicalização da Vida e Consequências Psicossociais**. 2016. Disponível em: <<https://soac.imed.edu.br/index.php/mic/ixmic/paper/viewFile/33/29>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

221 Graduando em Psicologia pela Faculdade de Pará de Minas-. E-mail: bruno-52alves@hotmail.com

222 Professora pela Faculdade de Pará de Minas. Mestre em Psicologia pela Pontifca Universidade Católica de Minas Gerais – PUC. E-mail: analuisaribeiro84@hotmail.com

223 Professor pela Faculdade de Pará de Minas. Doutorando em Psicologia pela Pontifca Universidade Católica de Minas Gerais – PUC. E-mail: alyssondecampos@hotmail.com



BRASIL. Senado Federal. Aumenta em 161% o consumo de medicamentos controlados no país., maio de 2015. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/05/20/aumenta-em-161-o-consumo-de-medicamentos-controlados-no-pais>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

BORGES, Amâncio. A paixão mediana no diagnóstico e tratamento de TDAH. **Revista Cartas de Psicanálise**. Ano 4. Volume 2. N 6. Dezembro de 2009. P. 154-159.

CARLINE, Elisaldo Araújo *et al.* Drogas Psicotrópicas – O que são e como agem. **Revista IMESC**, nº 3, 2001. P. 9-35.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. A crescente medicalização de esferas da vida preocupa a psicologia. **Jornal do Federal**, out. 2011. n.102, p. 8-9. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/03/Jornal_Federal_-_final.pdf>. Acesso em: 21 set. 2018.

CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Psicotrópicos - Venda de tranquilizantes sobe 42% no Brasil nos últimos cinco anos. São Paulo. Fevereiro de 2014. Disponível em: <<http://www.crfsp.org.br/noticias/5073-psicotropicos.html>>. Acesso em: 19 maio 2018.

FERRAZZA, Daniele de Andrade *et al.* A banalização da prescrição de psicofármacos em um ambulatório de saúde mental. **Paidéia**. Vol 20. N47. Set-Dez de 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v20n47/a10v20n47.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

FERREIRA, Carolina Mendes Bento. Nova Edição De Manual Aumenta Número de Transtornos Mentais. **Cienc. Cult.** vol.65 no.4 São Paulo. 2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000400008>. Acesso em: 29 maio 2018.

FÓRUM SOBRE MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE. 2018. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/medicalizacao/manifesto_forum.aspx>. Acesso em: 17 set. 2018.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1930), 1996.

FREUD, Sigmund. **O sentido dos sintomas**. *In*: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1915-1916/1969, vol. XVI.

FREUD, Sigmund. **Os caminhos para a formação dos sintomas**. *In*: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1915-1916/1969, vol. XVI.

GERHARDT, Taiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

KUARK, Fabiana; MALHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. – Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LAIA, Sérgio. A Classificação dos Transtornos Mentais pelo DSM-V e a Orientação Lacaniana. *In*: **CliniCAPS**, vol. 5, no. 15, 2011, p. 1-21.



NASÁRIO, Marcela; SILVA, Milena Mery. **O Consumo Excessivo de Medicamentos na Atualidade**. Fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Marcela-Nasario.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2018.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. O início da assistência aos alienados no Brasil ou importância e necessidades de estudar a história da psiquiatria. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, VII, 1, p 121-141. 2004.

OLIVEIRA, Douglas Félix de. **O Homem Comprimido**. 2013. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/2013/douglas_felix_oliveira-%207ed.pdf>. Acesso em: 18 set. 2018.

PACHECO, Maria Vera de Camargo. Esquirolo e o Surgimento da Psiquiatria Contemporânea. **Rev. Latinoam. Psicop. Fund.**, VI, 2, p 152-157. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142003000200152>. Acesso em: 22 set. 2018.

PAOLIELLO, Gilda. A direção do tratamento e o uso do psicofármaco. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam. [online]**. 1999, vol.2, n.3, pp.89-95. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1415-47141999003006>>. Acesso em: 21 set. 2018.

RIBEIRO, Ana Luisa Silva. **Um estudo sobre o lugar ocupado pelo psicofármaco no tratamento do mal-estar pós-moderno**. Belo Horizonte. 2015.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michael. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUBIÃO, Laura Lustosa. O Sintoma para além das doenças: a ética da psicanálise frente às novas nomeações diagnósticas. **Revista Curinga**. EBP-MG. N 29. P 69-79. Jul-Dez 2009.

SAÚDE MENTAL: É NECESSÁRIO AUMENTAR RECURSOS EM TODO O MUNDO PARA ATINGIR METAS GLOBAIS. **Organização Mundial da Saúde**. Junho de 2018. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_joomlabook&view=topic&id=210>. Acesso em: 13 set. 2018.

TAVARES, Mayara Barbosa; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. Sujeito e controle: uma análise da presença de fármacos de quadrinhos. **Revista Letras**, v.17, n. 20, jan./jun. 2015 – UTFPR – Curitiba.

VASCONCELLOS, Margareth. Considerações sobre os psicofármacos e o dito. **Revista Cartas de Psicanálise**. Ano 4. Volume 2. N 6. Dezembro de 2009. P.138-143.

PENSANDO A TRANSFERÊNCIA: MASCULINO E FEMININO EM GRUPOS DE CONVERSAÇÃO REALIZADOS NUMA INSTITUIÇÃO APAQUEANA

Bianca Ferreira Rodrigues²²⁴

Fuad Kyrillos Neto²²⁵

RESUMO

Nossa discussão se volta para as diferentes manifestações transferenciais em grupos de conversa o conduzidos por uma mulher e, posteriormente, por um homem. Trata-se de grupos compostos por sujeitos em priva o de liberdade numa institui o fundamentada na metodologia denominada Associa o de Prote o e Assistência aos Condenados (APAC), que visa   recupera o de presos por meio de uma terapêutica própria baseada na religião cristã, para que estes conheçam “os caminhos seguros e oportunos para uma vida cristã de absoluta normalidade” (OTTOBONI; FERREIRA, 2004, p. 15). Como método, utilizou-se a psicanálise aplicada na constru o de grupos de conversa o, e o trabalho de interpreta o foi realizado a partir da análise de fragmentos discursivos, privilegiando-se expressões, brechas e palavras cujo sentido pudesse desvelar o subentendido. Como resultado, viu-se que o grupo conduzido por uma analista se volta para a constru o de uma tipologia feminina e para a questão do que seria uma mulher, tendo como base o desejo de saber. Já o grupo conduzido por um homem construiu laços de identifica o que se manifestaram através da reafirma o da masculinidade, a partir do par de opostos ativo-passivo. Essa constata o permite sugerir que a peculiaridade do método APAC, que assevera a moral cristã em sua teoria e prática, encontra uma forte resistência nos processos psíquicos inconscientes. Essa resistência se faz presente nos discursos dos apenados que, sem o constrangimento das prescri es institucionais, em uma situa o grupal analítica, insistem em convergir seus discursos para a sexualidade, buscando a fru o da libido nas brechas do que lhes   permitido. Conclui-se que, numa institui o em que a moral cristã favorece o cerceamento da sexualidade, os sujeitos atualizam no analista suas fantasias primordiais como alternativa possível   manifesta o libidinal.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicanálise; Método APAC; Transferência; Sexualidade.

REFERÊNCIAS

OTTOBONI, M.; FERREIRA, V. A. **Parceiros da ressurrei o**. São Paulo: Paulinas, 2004.

224 Doutoranda em Psicologia pelo programa de p s-gradua o em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista CAPES. Mestre e graduada em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: biancaferreira025@gmail.com

225 Pós-doutor pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: fuadneto@ufs.edu.br



PERCEPÇÃO PRÁTICA/TEÓRICA RELATIVA AO EXERCÍCIO DA PSICOLOGIA EM UMA INSTITUIÇÃO DE SAÚDE – CIAS

Maria Luiza Nunes²²⁶

Joana Darc dos Santos²²⁷

RESUMO

Introdução: O Centro Integrado de Atenção à Saúde- CIAS atua como instituição de saúde, que trabalha com serviços voltados para a Saúde da Família, sendo formada por uma equipe multidisciplinar, e tem como função acolhimento de atendimentos intermediários entre os Postos de Saúde e a UPA. Além disso, a instituição disponibiliza também os serviços realizados pelos estagiários do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM. De tal maneira o presente trabalho vem fazer uma correlação teórica da Psicologia relacionada à inserção nas Unidades de Saúde com a prática vivenciada na instituição. **Metodologia:** Foram analisados artigos, dos últimos dez anos e excluídos trabalhos em língua estrangeira. Foram usados como descritores: Psicologia, unidades de saúde e saúde da família. Assentou-se uma análise crítica da literatura, com a experiência referente à vivência do estágio na mencionada instituição. **Resultados e Discussão:** Cogitando a caracterização de uma instituição de saúde, onde os profissionais trabalham de forma coletiva, cada qual com seu conhecimento de forma interdisciplinar, são evidentes os pontos significativos que a Psicologia exerce nesses espaços, que foi possível notar na quantidade considerável de encaminhamentos realizados no decorrer do estágio, além de que a presença da Psicologia gera de forma espontânea demandas vindas das áreas de dentro instituição e da equipe profissional. Ainda que insipiente a existência da Psicologia nesse contexto, é possível notar que o espaço para nossos trabalhos vem se ampliando. **Conclusão:** Frente essas considerações é necessário compreender o papel da Psicologia nas Unidades de Saúde, dado que cada nível tem as suas características e demandas diferentes, o que na prática de estágio é possível assimilar essa realidade com a teoria, referente aos atendimentos de emergência, encaminhamentos, trabalho de contra referência, e a cooperação de forma coletiva com todos os outros profissionais direcionando o melhor e mais íntegro cuidado aos pacientes.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia; Unidades de Saúde; Estágio profissionalizante.

REFERÊNCIAS

DIMENSTEIN, Magda *et al.* O apoio matricial em Unidades de Saúde da Família: experimentando inovações em saúde mental. **Saúde e sociedade**, v. 18, p. 63-74, 2009.

226 Graduanda do curso de Psicologia (UNIPAM) e estagiária do CIAS. Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM. E-mail: marialn@unipam.edu.br

227 Professora do curso de Psicologia (UNIPAM) e orientadora do estágio do CIAS. Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM. E-mail: odasa@unipam.edu.br



MORETTO, M. L. T. Dispositivos clínicos de atenção, acolhimento e atendimento psicológico nas instituições de saúde. *In*: PEREIRA, M. E. C. Fundamentos teórico-clínico para a práxis nas Instituições de Saúde. São Paulo: Editora Escuta, 2016. p. 129-137.

TONETTO, Aline Maria; GOMES, William Barbosa. A prática do psicólogo hospitalar em equipe multidisciplinar. **Estudos de Psicologia**, v. 24, n. 1, p. 89-98, 2007.



PERFIL DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO EM PSICOLOGIA DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL DO INTERIOR DE MINAS GERAIS

Juliana Marques Cury²²⁸

RESUMO

Na maioria dos cursos de graduação, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem sido o produto final exigido na formação, sendo uma ferramenta importante para desenvolver o raciocínio crítico do aluno, além de propiciar conhecimento científico relevante tanto para o meio acadêmico quanto para a sociedade. O objetivo geral desse trabalho foi explorar as principais características dos TCCs em Psicologia produzidos entre os anos de 2013 a 2017, de uma Universidade Federal do interior de Minas Gerais. Os objetivos específicos foram: (a) descrever os principais temas pesquisados pelos discentes e docentes do Curso de Psicologia; (b) identificar as subáreas dos TCCs com maior prevalência; (c) identificar os principais temas pesquisados; (d) identificar as principais metodologias empregadas nesses estudos. Tratou-se de um estudo descritivo-exploratório, orientado pela abordagem quantitativa, com coleta de dados realizada a partir da recuperação dos TCCs em Psicologia entre os anos de 2013 a 2017. Os dados foram analisados utilizando-se de técnicas de estatística descritiva. Foram recuperados um total de 228 TCCs, com as subáreas mais predominantes: Psicologia do Desenvolvimento Humano (n=65), Psicologia Social (n=60) e Tratamento e Prevenção Psicológica (n=38). A nuvem de palavras de acordo com os títulos dos TCCs, teve como termos mais prevalentes: estudo, saúde, familiar, Minas Gerais (MG), análise, Uberaba, vida, caso, criança e revisão. As palavras-chaves mais frequentemente adotadas foram: saúde, social, Psicologia, familiares, adoção, universidade-trabalho, ansiedade, psicanálise, criança, relações, profissional, vida, depressão e família. A abordagem mais utilizada nos TCCs foi a qualitativa (n=195). Esse estudo possibilitou-nos melhor elucidar o perfil de produções científicas do Curso de Psicologia de uma Universidade Federal, permitindo identificar potencialidades da graduação em Psicologia no que tange à formação de novos cientistas e profissionais comprometidos com a Prática e a Ciência Psicológica.

PALAVRAS-CHAVE:

Produção Científica; TCC; Pesquisa em Psicologia.

REFERÊNCIAS

GEVEHR, D. L.; FETTER, S. A.; KARPINSKI, R. L. Produção do conhecimento na universidade: reflexões e incumbências em torno do trabalho de conclusão de curso. *Educação & Formação*, v. 4, n. 1, p. 131–147, 2019. <https://doi.org/10.25053/redufor.v4i10.851>

SIMÕES, A. C.; ROCHA, M. M. V. Tendências temáticas da produção científica do curso de biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba de 2001 a 2010. *Biblionline*, v. 8, p. 235-249, 2012. Recuperado de <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/14211>

228 Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Núcleo de Avaliação Psicológica e Investigações em Saúde. E-mail: julianamarquescury@gmail.com



SOUSA, L. L.; LEMOS, J. R. Perfil dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Piauí - Campus Ministro Reis Velloso (Brasil). Revista ESPACIOS, v. 39, n. 29, 2018.



PESQUISA DE CLIMA ORGANIZACIONAL: UM ELO ENTRE O INDIVÍDUO E A ORGANIZAÇÃO

Jessica Roberta Cordeiro²²⁹

Maria Inês de Gouvêa²³⁰

Andrêsa Furtado²³¹

Mônica Queiroz de Oliveira²³²

RESUMO

A pesquisa de clima é uma ferramenta importante no processo de Gestão de Pessoas, que busca retratar a situação atual da empresa, identificando eventuais gargalos relacionados ao RH. A análise, o diagnóstico e as sugestões proporcionadas pela pesquisa podem impactar nos resultados da empresa e no nível de motivação de seus funcionários. O objetivo desse trabalho é discutir a importância da pesquisa de clima, aplicada em uma empresa, na grande BH, como prática de estágio supervisionado. Foi escolhido o Método de Pesquisa por Amostragem Estratificada, onde os estratos identificados estão representados na amostra na mesma proporção com que existem na população. O modelo adotado foi de um questionário e entrevista individual, através de perguntas objetivas e perguntas abertas, com cerca de cem funcionários. A separação dos funcionários por áreas de trabalho seguiu a divisão definida pela empresa, agrupando-os em áreas afins. As abordagens aos funcionários foram realizadas de maneira aleatória, onde os objetivos da pesquisa assim como o sigilo das informações eram passados aos participantes. O objetivo era colher informações e com base nos dados e sugestões coletadas, propor melhorias para o bem-estar dos funcionários bem como dos resultados da organização. As variáveis trabalhadas foram: Relações Interpessoais, Saúde e Segurança no Trabalho, Comunicação, Treinamento e Desenvolvimento, Supervisão e Liderança, Trabalho e Realização Profissional, Valorização e Reconhecimento. As perguntas abertas tinham como finalidade abrir ao entrevistado, um espaço para expor de forma livre suas sugestões, manifestando suas críticas. A percepção obtida como resultado dessa prática está associada a importância e contribuição da pesquisa de clima para a administração de possíveis conflitos, podendo minimizar impactos nas relações dentro da empresa bem como no nível de satisfação de seus funcionários. Percebe-se a extrema responsabilidade do profissional de RH na condução desse processo, preservando o sigilo e neutralidade, pautado por um importante domínio teórico.

PALAVRAS-CHAVE:

Pesquisa de Clima; Recursos Humanos; Organização; Trabalho.

REFERÊNCIAS

BOWDITCH, James L. **Elementos de Comportamento Organizacional**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

229 Autora. Discente em Psicologia do 9º período. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: je_jroberta7649@hotmail.com

230 Autora. Discente em Psicologia do 10º período. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: mariainesines@yahoo.com.br

231 Monitora. Psicóloga, Monitora de Estágio. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: andresa.furtado@kroton.com.br

232 Orientadora. Psicóloga, Mestre em Psicologia pela UFMG. Especialista em Psicologia do Trabalho pela UFMG. Professora e Supervisora de Estágio na Faculdade Pitágoras de Betim. Faculdade Pitágoras Betim. E-mail: monicao@pitagoras.com.br



PRÁTICAS LÚDICAS E REFLEXIVAS COMO PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Samara Alves Rodrigues²³³

Shalom Gomes Martins²³⁴

Tácila Tayane Soares Fernandes²³⁵

Stela Maris Bretas Souza²³⁶

Aline Cristiane Lemos Ferreira²³⁷

RESUMO

A violência, em suas diversas formas, tem ganhado proporção significativa na sociedade e refletido de forma alarmante no ambiente escolar. Nesse contexto, o *bullying*, como uma de suas expressões, é um grande desafio a ser enfrentado. Nessa perspectiva, a Psicologia Escolar desempenha um importante papel no enfrentamento do problema, pois atua na análise, compreensão e intervenção nessa complexidade de processos interativos. Diante dessa temática, este trabalho foi proposto e realizado como parte do Projeto Integrador e de Extensão do curso de Psicologia, do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, envolvendo as disciplinas Psicologia Educacional e Escolar e Psicopatologia Geral II. Realizada em uma escola municipal da cidade de Ipatinga, em Minas Gerais, a prática ocorreu entre os meses de setembro e novembro de 2018, sendo desenvolvida em três etapas: observação do contexto de sala de aula, elaboração e execução do projeto. Assim, teve-se como público-alvo crianças do Ensino Fundamental I, estudantes do turno vespertino, com idades entre 7 e 8 anos. Objetivando-se trabalhar com a prevenção da violência e, especificamente, do *bullying*, foram utilizadas estratégias lúdicas que envolveram brincadeiras, vídeos com desenhos animados, elaboração de histórias com fantoches e teatro, desenhos, manuais e construção de mural, promovendo também a reflexão sobre a violência no contexto escolar, a partir de rodas de discussão e reflexão. Diante disso, os resultados atingidos indicaram que o trabalho realizado possibilitou aos alunos uma maior compreensão da temática e maior capacidade de identificação de situações de *bullying*. A prática foi efetiva em promover não apenas a redução do risco à violência no ambiente escolar, mas também, o fortalecimento dos vínculos nele existentes, permitindo melhor qualidade das relações.

PALAVRAS-CHAVE:

Violência; *Bullying*; Psicologia Escolar; Relação Interpessoal; Atividades lúdicas.

233 Graduanda em Psicologia e pesquisadora de Iniciação Científica no Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UNILESTE. E-mail: samara.rodrigues@a.unileste.edu.br

234 Graduanda em Psicologia no Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UNILESTE. E-mail: shalom.martins@a.unileste.edu.br

235 Graduanda em Psicologia e pesquisadora de Iniciação Científica no Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. E-mail: tacila.fernandes@a.unileste.edu.br

236 Psicóloga, Mestre em Psicologia pela PUC Minas, Docente dos cursos de Psicologia e Pedagogia do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais - Unileste. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UNILESTE. E-mail: stela.souza@p.unileste.edu.br

237 Psicóloga (UFSJ), mestre em Psicologia (UFMG), Docente no curso de Psicologia do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais - Unileste. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UNILESTE. E-mail: aline.ferreira@p.unileste.edu.br



REFERÊNCIAS

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas: O novo papel do recursos humanos nas organizações**. Rio de Janeiro: Campus 1999.

DEMO, Gisela **Políticas de Gestão de pessoas das organizações: Papel dos valores pessoais e da justiça organizacional**, -3.ed-São Paulo:Atlas,2010.



PROTAGONISMO INFANTO JUVENIL NO BAIRRO BELVEDERE/DIVINÓPOLIS: ADOLESCÊNCIA, SAÚDE E CIDADANIA

Raquel Marisa Faccio Viotti²³⁸

André Amorim Martins²³⁹

RESUMO

O projeto de extensão Protagonismo Infanto Juvenil no bairro Belvedere/Divinópolis tem seu fomento pelo Programa de Apoio a Extensão (PAEx) desde o ano de 2015, proporcionando aos adolescentes do bairro Belvedere uma maior aproximação com os serviços de saúde e consequentemente uma promoção de saúde de forma efetiva. Destaca-se que grande parcela dos jovens do bairro vive em um contexto de vulnerabilidade social. Através de rodas de conversas semanais que ocorrem na Estratégia Saúde da Família (ESF) Belvedere os jovens possuem um local não apenas de amparo psíquico, mas também de reflexão crítica acerca dos temas que permeiam o seu cotidiano. O projeto no ano de 2018 também possuiu como objetivo visitas a espaços públicos e históricos de Divinópolis, fortalecendo o processo de cidadania e democracia dos adolescentes. A democracia é descrita por Norberto Bobbio (1997) como um processo constante, que necessita da exploração dos espaços públicos por aqueles que ainda não foram protagonistas. Através de idas as universidades da cidade, praças públicas e até mesmo o teatro municipal, houve um fortalecimento do processo de cidadania entre os adolescentes. Os resultados obtidos são, portanto, satisfatórios tanto para os participantes como para a equipe da ESF e a comunidade como um todo. Além de possibilitar melhorias na qualidade de vida do bairro e ascensão dos jovens como protagonistas de suas ações, o projeto os aproxima da unidade básica de saúde. A continuidade do presente projeto e a realização de outros que possibilitem o amparo dessa faixa etária se fazem necessárias para a efetivação do acesso aos direitos básicos do público infanto juvenil.

PALAVRAS-CHAVE:

Adolescência; Cidadania; Serviços de Saúde.

REFERÊNCIAS

CARMO, Michelly Eustáquia; GUIZARDI, Francini Lube. **O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social.** Cad. Saúde Pública, Brasília, 34(3): e00101417, 2018.

DIAS, Silvia Luci de Almeida, *et al.* **Estatuto da Criança e do Adolescente: aprendendo cidadania.** Inclusão Social, Brasília, v. 2, n. 2, p. 116-123, abr./set, 2007.

238 Discente do curso de Psicologia na Universidade do Estado de Minas Gerais UEMG Divinópolis/MG. Bolsista do projeto intitulado "Protagonismo Infanto Juvenil no bairro Belvedere/Divinópolis" no PAEx/UEMG 2018. Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG); Núcleo de Psicologia sobre Educação, Paz, Subjetividade e Trabalho. E-mail: quel_viotti@hotmail.com

239 ADocente do curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais UEMG Divinópolis/MG. Líder do grupo de pesquisa (CNPq/UEMG) Núcleo de Psicologia sobre Educação, Paz, Saúde, Subjetividade e Trabalho. E-mail: andre.martins@uemg.br



SANTOS, Victor Figueiredo; MARTINS, André Amorim. **Protagonismo infante juvenil no bairro belvedere**: Nos limites da cidade. Diálogos e interaccriones de la Psicologia en América Latina. Buenos Aires. 2016.



PROTAGONISMO JUVENIL E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Elenice Procópio Araújo²⁴⁰

Celso Francisco Tondin²⁴¹

RESUMO

A presente pesquisa está sendo desenvolvida no mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, na linha de pesquisa Instituições, Saúde e Sociedade. Nesta busca-se identificar e analisar as dimensões que colaboram ou não para o desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas ao protagonismo juvenil no contexto escolar. Percebe-se uma literatura que evidencia a invisibilidade juvenil nos mais diversos contextos dos quais faz parte, principalmente na escola, lugar privilegiado da presença destes jovens que se destaca, à medida que os adolescentes não são escutados em suas demandas e não participam da construção das práticas pedagógicas a ele destinadas. A proposta compreende que as pesquisas desenvolvidas na escola podem descrever possibilidades de atuação em tal campo, pois considera-se a pesquisa como prática social que deve ocorrer por meio de uma construção coletiva. O estudo se propõe a pesquisar com os adolescentes do ensino médio e profissionais da Educação, em uma perspectiva ativa que os considera autores, no contexto escolar. Se utiliza o referencial teórico da Psicologia Sócio-histórica e autores da Educação. Aqui considera-se o papel fundamental do Estado e de espaços públicos, tais como a escola em assegurar a garantia de direitos dos adolescentes. Esta pesquisa utiliza de uma metodologia empírica de caráter qualitativo, estando especificamente dentro do modelo de pesquisa-ação. A pesquisa acontece em uma escola da rede estadual de ensino, localizada em uma cidade do interior de Minas Gerais. Os dados estão sendo produzidos a partir de observação-participante, grupo focal e oficinas emancipatórias. Também se utiliza o diário de campo como instrumento para registro dos fatos, falas, bem como emoções, sentimentos, impressões e observações subjetivas da pesquisadora, enquanto possibilidade de pontuar questões importantes que surgirem no desenvolvimento da pesquisa. Realizar-se-á uma análise qualitativa dos dados produzidos por meio desta pesquisa, baseada na técnica de Análise do Discurso.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia Escolar e Educacional; Escola; Adolescência; Participação; Psicologia e Educação.

REFERÊNCIAS

Camacho, L. M. Y. (2004). A invisibilidade da juventude na vida escolar. **Perspectiva**, 22(02), 325-343. Recuperado em 20 de junho de 2017, de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9647/8875>.

240 Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (UNILESTE). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), pela linha de pesquisa Instituições, Saúde e Sociedade. Bolsista de Mestrado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: elenicep.araujo@hotmail.com

241 Doutor em Psicologia (PUCRS). Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. É membro do Grupo de Pesquisa Conhecimento, Subjetividade e Práticas Sociais desta Universidade. E-mail: celsotondin@ufsj.edu.br.



Costa, A. C. G., & Vieira, M. A. (2006). *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação* (2 ed.). São Paulo: FTD. Salvador: Fundação Odebrecht.

Flick, U. (2009). **Grupos Focais**. Porto Alegre: Bookman/Artmed. 53-122 e 149-182.

Fonseca, M. P., Teixeira, A. A. V. V., Ferreira, R. M., & Tomé, M. F. (2013) Gestão democrática e direção escolar: o uso correto de suas funções e habilidades. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**. 22, Ano XIII.

Gil, C. Z. V. (2012). Participação juvenil e escola: os jovens estão fora de cena? **Última Década**, 37, CIDPA Valparaíso, 87-109.

Pêcheux, M. (2012). **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Pontes Editores, Campinas, SP.

Rego, T. C. (2009). **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Vozes, Petrópolis, RJ.

Souza, R. M. (2006). **O discurso do protagonismo juvenil**. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Thiollent, M. (2000). **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Editora, (10. Ed.).

Vygotsky, L. S. (1988). **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO DE PSICOLOGIA EM UMA UNIDADE PRISIONAL DO MÉTODO APAC

Julia Pires Silva²⁴²

Larissa Batista Silveira Fortinho²⁴³

Luísa Helena Farão da Silva²⁴⁴

Luiz Felipe Viana Cardoso²⁴⁵

RESUMO

Buscamos neste trabalho apresentar as experiências de um estágio voluntário na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) de uma cidade da região metropolitana de Belo Horizonte. A APAC é uma instituição de terceiro setor que tem buscado ser uma alternativa ao sistema prisional brasileiro, por oferecer um método de “recuperação” de seus apenados por meio de um trabalho de reintegração social pautado na valorização humana. Nesta instituição, não há presença de polícia armada ou de agentes penitenciários e o preso, que é chamado de recuperando, é incluído em uma metodologia composta por 12 elementos, entre eles a participação da comunidade, a educação, a assistência à saúde, a família, o trabalho etc. As atividades do estágio consistem em acompanhar a rotina da instituição no que se refere ao serviço de Psicologia, no qual as estagiárias realizam atendimentos psicológicos individuais e entrevistas de acolhimento aos ingressantes da unidade. Dentre os resultados obtidos, apontamos a possibilidade de aprendizado de atendimento psicológico no contexto prisional, visto as peculiaridades que este contexto apresenta na formação acadêmica. Além disso, o estabelecimento de um vínculo terapêutico entre estagiárias e os recuperandos, tem permitido construir estratégias de intervenções dentro das instituições. Entre os desafios, encontram-se a experiência pessoal das estagiárias em confrontar suas idealizações e juízos de valores com a realidade encontrada.

PALAVRAS-CHAVE:

Sistema Prisional; APAC; Estágio; Reintegração Social; Psicologia Jurídica.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, R., & Hirdes, A. A percepção dos apenados a respeito do cárcere e da privação de liberdade. *R Enferm UERJ*, 14(3), 418–424, 2006.

FERREIRA, V. A. **Juntando cacos, resgatando vidas: valorização humana - base do Método APAC e a viagem ao mundo interior do prisioneiro: psicologia do preso.** Belo Horizonte: O Lutador, 2016.

242 Discentes do curso de Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). UNIVERSO – Universidade Salgado de Oliveira, Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) de Santa Luzia. Estagiárias da APAC Santa Luzia. E-mail: juliapires_1997@hotmail.com

243 Discentes do curso de Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). UNIVERSO – Universidade Salgado de Oliveira, Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) de Santa Luzia. Estagiárias da APAC Santa Luzia. E-mail: larissafortinho@gmail.com

244 Discentes do curso de Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). UNIVERSO – Universidade Salgado de Oliveira, Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) de Santa Luzia. Estagiárias da APAC Santa Luzia. E-mail: luisa.hfara@gmail.com

245 Psicólogo e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Psicólogo da APAC Santa Luzia. Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Belo Horizonte e da Faculdade Pitágoras de Betim. UNIVERSO – Universidade Salgado de Oliveira, Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) de Santa Luzia. E-mail: luizfelipecardoso@gmail.com



MAMELUQUE, M. da G. C. A subjetividade do encarcerado, um desafio para a psicologia. **Psicologia Ciência e Profissão**, 26(4), 620–631, 2006.

MIRANDA, S. L. De. A construção de sentidos no método de execução penal APAC. **Psicologia e Sociedade**, 27(3), 660–667, 2015.

OTTOBONI, M. **Vamos matar o criminoso?** Método APAC. 4a ed. São Paulo: Paulinas, 2014.



RELATO DE EXPERIÊNCIAS: PROMOÇÃO DA RESILIÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES PARTICIPANTES DE UM PROJETO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Camila da Silva Braz²⁴⁶

Sara de Paula Oliveira da Silva²⁴⁷

Natália Nunes Scoralick Lempke²⁴⁸

RESUMO

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano caracterizada por muitas mudanças físicas e sociais, além de inconstância emocional, pressão social e familiar, que geram conflitos e angústias. Caracteriza-se, também, por ser um período decisivo na vida do adolescente, uma vez que ele deverá tomar importantes decisões a longo prazo. O presente estudo tem como objetivo investigar em que medida um projeto de Orientação Vocacional/ Profissional contribui para o aumento da resiliência em adolescentes. Foi feito um estudo exploratório de natureza quantitativa. Participaram sete adolescentes, com idades entre 16 e 18 anos. Foram realizados 10 encontros de 2h de duração que abordaram os temas: autoconhecimento, profissões e mercado de trabalho. Partiu-se da hipótese de que através de um projeto estruturado, baseado no diálogo e reflexões, os indivíduos aumentariam o autoconhecimento tendo maior consciência de suas ações, viabilizando sua capacidade de adaptação frente a novas situações desafiadoras. Os participantes relataram que se sentiam mais seguros sobre a escolha profissional ao final do projeto, estando melhor informados sobre si e sobre as profissões. Além disso, estes adolescentes afirmaram que o projeto contribuiu para melhora da autoestima, autoconsciência e capacidade crítica para lidar com as situações, promovendo o aumento da resiliência das participantes.

PALAVRAS-CHAVE:

Adolescência; Orientação Vocacional; Resiliência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de, **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5. edição. São Paulo: Atlas, 2002.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia** / Ana Mercês Bahia Bock, Odair Furtado, Maria de Lourdes Trassi Teixeira. 14 edição – São Paulo: Saraiva, 2008.

246 Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Pará de Minas. FAPAM- Faculdade de Pará de Minas. E-mail: camilabrazz97@gmail.com

247 Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Pará de Minas. FAPAM- Faculdade de Pará de Minas. E-mail: saradepaula.sp@gmail.com

248 Professora do Curso de Psicologia da Faculdade de Pará de Minas, Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: nataliascoralick@yahoo.com.br



BOHOSLAVSKY, Rodolfo, 1942-1977. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**/ Rodolfo Bohoslavsky; tradução José Maria ValeijeBojart; revisão e apresentação Wilma Millan Alves Penteadou. - 13. ed.- São Paulo: Martins Fontes- selo Martins, 2015.- (Psicologia e pedagogia).

BRANDÃO, J. M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento. **A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens**¹. Paidéia, maio-ago. 2011, Vol. 21, No. 49, 263-27. B

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

COIMBRA, Renata Maria; MORAIS, Normanda Araujo de. **A resiliência em questão: perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção**. Renata Maria Coimbra; Normanda Araújo de Morais. Artmed, 2015.

EISENSTEIN, E. **Adolescência: definições, conceitos e critérios**. Adolesc Saúde. 2005. 2(2):6-7

FERREIRA, A. B. H. (1986). **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa** (2a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

LEVENTUS, Rosane Schotgues. **Orientação vocacional e clínicos e educativos carreira em contextos**. [Recurso eletrônico] – Porto Alegre: Artmed, 2016.e-PUB.

LIRA, Daniela Melo de Brito; SILVA, Regina CoelliAraujo. **Adolescência- Quando surgiu e para onde vai? Um Recorte Histórico e Psicossocial**. Revista Latino Americana de Psicologia corporal. Ano 4. n.6, p. 1-11. Abril/ 2017.

OLIVEIRA, Catiane de. **Reflexões da Psicologia acerca da adolescência: uma visão crítica**. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, Florianopolis. v.8, n.18. 2016.

PALMA, Ana Rita dos Santos. **Identidade Vocacional na adolescência: Família, Escola, Gênero, Estatutos de identidade**. ISPA- 2018.

POLETTI, M., &Koller, S. H. (2006). **Resiliência: Uma perspectiva conceitual e histórica**. In D. D. Dell'Aglio, S. H. Koller, & M. A. M. Yunes (Orgs.), Resiliência e psicologia positiva: Interfaces do risco à proteção (pp. 19-44). São Paulo: Casa do Psicólogo.

RAGGI, Nathália. **Juventudes na contemporaneidade: identidade, identificações, nomadismos**. Revista Brasileira- Adolescencia e conflitualidade. P. 78,93. n.2 (2010).

SANTOS, Juciane *et al.* **Atuação do psicólogo escolar: A Importância da orientação vocacional para os jovens do ensino médio**. Ciências humanas e sociais/ alagoas/v.4/n.3/p.135-146/ Maio 2018/ periódicos.set.edu.br

SANTOS, Oswaldo de Barros. **Orientação e desenvolvimento do potencial humano**. Oswaldo de Barros Santos. São Paulo: Livraria Pioneiro Editora, 1978.

SEIBEL Bruna Larissa, POLETTI Michele, KOLLER Silvia Helena. **Psicologia Positiva: Teoria, Pesquisa e Intervenção**. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2016.

SILVA, Lucy Leal Melo e André Jacquemin. **Intervenção em Orientação Vocacional/ Profissional: avaliando resultados e processos**/ Lucy Leal Melo Silva e André Jacquemin. São Paulo: Vetor, 2001.

SILVA, Magda Raquel Lopes da. Identidade vocacional, perspectiva temporal e satisfação com a vida na adolescência-FPCEUC. Junho, 2014.

SONOHARA, Marina TiemiKobiyama; GALLO, Alex Eduardo. **A Percepção do Adolescente sobre a Adolescência.** Iniciação Científica CESUMAR. Jan./Jun. 2012, v. 14, n. 1, p. 17-30.



TRIAGEM E ACOLHIMENTO: CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA COMO ESPAÇO DE ESCUTA E INTERVENÇÃO

Joana Cardoso Lopes Venâncio²⁴⁹

Jaqueline Duque Kreutzfeld Toledo²⁵⁰

RESUMO

Esta pesquisa traz a experiência no Estágio Supervisionado em Triagem e Acolhimento que ocorre no Centro de Pesquisas e Práticas em Psicologia Nise da Silveira, situado na própria instituição, realizado pela discente de Psicologia do Centro Universitário Governador Ozanam Coelho. A finalidade do Estágio é preparar os estagiários para a prática da Psicologia clínica, oportunizando vinte vagas para plantonistas, preenchidas com seleção dos interessados. Tem como especificidades a triagem (instrumento de entrada para o atendimento) e o acolhimento, um modo de atender mais prontamente aqueles que procuram o serviço com demandas de urgência, garantindo assim o acesso, a fim de encaminhar ao atendimento clínico os pacientes que realmente estiverem comprometidos e/ou possuem demanda específica, (GOMES, 2009). A relevância desta pesquisa é trazer uma reflexão da Psicologia enquanto teoria e prática inserindo o discente na forma de fazer Psicologia enquanto ciência e enquanto profissão. A ideia central do estágio é otimizar os atendimentos no Centro Nise, diminuindo a fila de espera e fazendo a triagem inicial dos novos pacientes imediatamente. Os casos de urgência são encaminhados aos estagiários do Estágio Clínico Concentrado e os casos considerados mais brandos, todos devidamente discutidos em supervisão, continuam em acolhimento com, no máximo, três sessões posteriores e, ao fim do acolhimento, caso necessário, são encaminhados à continuidade. Os atendimentos, e o acompanhamento em supervisão, possibilitam o engrandecimento da experiência clínica, e o amadurecimento dos métodos de escuta e da responsabilidade social, ampliando o leque de habilidades e competências do discente. Conclui-se assim, a importância do processo de acolhimento como um espaço de escuta e intervenção, que provoca o paciente a se atentar às suas questões e fazer uma análise mais profunda de sua queixa, aliviando angústia.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicanálise; Acolhimento; Clínica-escola; Psicologia clínica, Estágio.

249 Graduada do nono período em Psicologia pelo Centro Universitário Governador Ozanam Coelho (UNIFAGOC-Ubá), tem experiência de Estágio em Psicologia Social, Psicologia Escolar, Saúde Mental, Psicologia Jurídica, Psicologia Hospitalar e em Triagem e Acolhimento. Participou dos Projetos de Extensão “Grupo de Estudos em Terapia Cognitivo-Comportamental (GEPIA)”, “Grupo de Estudos em Ansiedade e Ansiedade Social”, “Grupo de Tímidos - Terapia Cognitivo Comportamental em Grupo para Ansiosos Sociais”, “A Produção de Instrumentos na Educação Fundamental”, “Terapia Cognitivo-comportamental com Foco em Ansiedade – Atendimento Clínico para Ansiosos” e “A Cidade, suas ciladas e os Modos de Subjetivação no Habitar e Transitar pela Urbe”. Foi monitora nas disciplinas “Teorias e Sistemas Psicológicos - Terapia Cognitivo Comportamental”, “Avaliação Psicológica” e “Teorias e Sistemas Psicológicos – Humanistas e Existenciais” (em andamento), no curso de Psicologia da UNIFAGOC. Participou da Organização do 2º Fórum de Discussão sobre as Políticas de Drogas das Regiões de Saúde de Ubá e Muriaé. Centro Universitário Governador Ozanam Coelho. E-mail: joanaclv2016@gmail.com

250 Psicóloga Clínica com ênfase psicanalítica, atua em consultório próprio, mantendo a tríade psicanalítica, análise, supervisão e formação teórica. Desde 2014 compõe o corpo docente do curso de Psicologia da UNIFAGOC, no qual orienta atividades de extensão voltadas para a prática clínica, é também orientadora de TCC e supervisora de estágio básico e concentrado. Ainda no ensino foi diretora do Instituto Teológico Quadrangular de 2009 a 2018. Contribui na comunidade através do conhecimento científico com palestras em empresas, escolas, igrejas e universidades com temas que levam reflexão sobre temas contemporâneos. Psicóloga Clínica pela Universidade Presidente Antônio Carlos (2008), pela qual foi premiada com a medalha “Zezinho Bonifácio”, em reconhecimento de sua conduta acadêmica exemplar e especialista em Gestão de Pessoas pelo Centro Universitário Governador Ozanam Coelho (2010). E-mail: jaqueline.toledo@fagoc.br



REFERÊNCIAS

GOMES, Natália Areias. **Critérios utilizados por trabalhadores para a inclusão de adolescentes em serviços públicos de saúde mental**. Orientador: Professora Titular Néia Schor. 166 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 2009.



YSÉ: A MULHER DE UM CERTO DESEJO

Gesianni Amaral Gonçalves²⁵¹

Luísa Aparecida Costa²⁵²

RESUMO

Sabe-se que a Psicanálise de Sigmund Freud não teria sua voz voraz se não fossem as históricas. Apesar de construir toda uma base epistemológica e uma clínica tão próxima do feminino, Freud ainda assim manteve em aberto o enigma do que é e o que quer uma mulher. Jacques Lacan, anos mais tarde, traz formulações mais esclarecedoras, contudo mantém o mistério em torno da dúvida freudiana, uma vez que o vazio da significação (o furo) é justamente uma das possíveis respostas para essa questão. Esse trabalho tem como objetivo geral fazer um recorte de uma, dentre as várias formulações que Lacan propõe acerca do feminino, por meio da revisão de literatura. Pretende-se analisar a figura de Ysé, personagem principal de *Partage du midi* (Partilha do meio dia), do dramaturgo francês Paul Claudel. Lacan apresenta esse caso de forma breve em *O Seminário, Livro 8: A transferência* e, na narrativa de Ysé encontra-se elementos importantes do que viria a ser para Lacan *aquela que se parece com o que é uma mulher*. Objetiva-se elucidar de forma sucinta, o que enuncia o aforismo lacaniano em que *A mulher não existe* e seus desdobramentos acerca do feminino. Ao contrário do que pode sugerir em um primeiro contato, o aforismo de Lacan em questão não reduz ou anula *A mulher* ou a condição feminina. Na verdade é uma afirmação que permite a condição feminina caminhar em indizíveis graus de liberdade. A partir do extravio de Ysé diante do que é simbolizável, Lacan aponta o que seria uma possível verdade da sexualidade feminina.

PALAVRAS-CHAVE:

Feminino; Gozo outro; Galo.

REFERÊNCIAS

CLAUDEL, Paul. **Théâtre I**. Paris: Gallimard, 1967.

FREUD, Sigmund. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923). *In: O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.177-184. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, Sigmund. Sexualidade Feminina (1931). *In: O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 257-279. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do ego(1921). *In: Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 18, p-p.89-182).

HADDAD, Izabel. **Uma mulher e seus extravios**. Belo Horizonte: Cas'a'screver, 2017.

251 Docente da UEMG Unidade Divinópolis/MG e da UNA Divinópolis. Mestre em Psicologia e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da FAFICH/UFMG. Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Divinópolis. E-mail: gesianni@terra.com.br

252 Discente do curso de Psicologia da UEMG Unidade Divinópolis/MG. E-mail: costaluisa90@gmail.com



LACAN, J. **A significação do falo (1958)**. In.: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. Deus e o gozo D'A Mulher (1972-73). In.: **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. O aturdito (1972). In **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. Le seminaire, livre XXII: RSI (1974- 1975). (Inédito).

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.



EIXO 3

ATIVIDADES DE EXTENSÃO E VIVÊNCIAS



A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO NÚCLEO DE PRÁTICAS JURÍDICAS: UM ESTUDO DE CASO

Gabriela dos Anjos Novaes²⁵³

RESUMO

Os Núcleos de Práticas Jurídicas (NPJ's), são espaços que oferecem serviços direcionados à população que não tem condições financeiras de arcar com as despesas processuais. Essa prática é assegurada pela portaria nº 1.886 de 30 de dezembro de 1994, que estipula a obrigatoriedade de implantação dos NPJ's nas diretrizes curriculares do curso de direito. É possibilitado nestes espaços o aperfeiçoamento das práticas, tendo a presença de outros profissionais para auxiliar em todo o processo de resolução das demandas. Dentre esses pode-se citar a Psicologia, que segundo Gonçalves e Souza (2011), tem um olhar além das demandas jurídicas, entendendo o quadro social do cliente a ser atendido. Nesses casos os estagiários são colaboradores no processo de acolhimento, mediação e atendimento individual dos clientes cadastrados no serviço. Tendo isso em vista, o presente artigo tem como objetivo relatar a experiência de estagiar em um NPJ de uma cidade do sudoeste baiano, o qual se justifica pela importância de relacionar prática e teoria, a fim de ajudar outros estagiários no seu percurso acadêmico. Dentre os casos atendidos, será relatado por meio de um estudo de caso o atendimento de uma criança de nove anos que já era acompanhada pelo serviço desde 2017, devido ao processo de divórcio dos seus pais e a disputa judicial pela sua guarda. Para a análise do mesmo foi utilizado a Teoria Existencial Humanista. Durante os atendimentos foi possível perceber uma possível alienação parental por parte da mãe, onde a criança mantinha determinados comportamentos e atitudes para ter sua provação, amor e aceitação. Ao fim do estágio foi possível perceber que a demanda para o processo psicoterápico não era da criança, e sim da mãe. A criança era influenciada a ter uma atitude que não condizia com a que estava instalada no seu campo fenomenal.

PALAVRAS-CHAVE:

Atendimento Infantil; Estudo de Caso; Psicologia Jurídica; Núcleo de Práticas Jurídicas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Portaria Ministerial nº 1.886, de 30 de dezembro de 1994**. Brasília, 1994. Disponível em: <<http://www.zumbidospalmares.edu.br/pdf/legislacao-ensino-juridico.pdf>> Acesso em: 17 maio. 2019.

GONÇALVES, C. M.; SOUZA, A. L. R. Relato de extensão em um núcleo de prática jurídica. **Revista Diálogos: Contribuições da extensão para a consolidação dos direitos humanos**, Brasília, v.16, n.2, dez 2012

253 Graduada e licencianda em Psicologia pelo Centro Universitário FG- UniFG. Pós-graduanda em Psicoterapia Infantil e Práticas Clínicas pela mesma instituição. Fundadora da primeira liga acadêmica do curso de Psicologia da UniFG, a Liga Acadêmica de Psicopatologia (LAP). Pesquisadora membro do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Psicanálise (NUEPPS), vinculado ao CNPq pela UniFG, com ênfase em psicanálise e educação. Atualmente atua como psicóloga clínica no Centro Integrado de Saúde CLINICOR em Espinosa, e no Instituto Luttiane em Montes Claros. Centro Universitário FG- UniFG. E-mail: psigabrielanovaes@hotmail.com



A BANALIZAÇÃO DO ABUSO SEXUAL POR MEIO DO DISCURSO MACHISTA

Wederson de Oliveira Garcia²⁵⁴

Camila Repolez Salgado²⁵⁵

RESUMO

O objetivo deste trabalho, de acordo com uma visão sistêmica, por se tratar de um fenômeno que ocorre nas relações, é discutir a questão da naturalização do abuso sexual por meio do discurso machista. A partir da experiência vivida no plantão psicológico da Faculdade Pitágoras-Betim, no qual um número expressivo de mulheres se queixou de terem sofrido tal violência na infância ou adolescência. Ao nosso ver, essa cultura que coloca o masculino em posição de superioridade em relação ao feminino, contribui para a manutenção da construção social em torno do papel que o homem deve desempenhar na sociedade, favorecendo a narrativa de que há uma posição de superioridade entre um sexo e outro, fazendo com que esse tipo de violência perpetue e se torne banalizada. Os homens são apontados como os principais autores das violências sexuais contra crianças e adolescentes, e, a partir desta constatação, verificamos que, a cultura machista, muito presente em nossa sociedade, produz a cultura do estupro que, são costumes transmitidos, aprendidos e normatizados, embasados na relação desigual de poder entre homens e mulheres que são transmitidos para as próximas gerações. Concluímos que, se faz necessário pensarmos em outras formas de masculinidade diante de tudo que foi exposto, que superem a padronização e a segregação e que permitam a manifestação de diversas identidades possíveis, e, também, sensibilidade para abordar o tema em outros ambientes e não somente no meio acadêmico, como ações de prevenção para que, formas veladas de incentivo à violência sexual e culpabilização da vítima, como o que aparece no discurso machista, não se perpetuem.

PALAVRAS-CHAVE:

Abuso sexual; Infância; Adolescência; Discurso machista.

REFERÊNCIAS

BRASIL 2013. Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes. Brasília, Secretaria de Direitos Humanos. Disponível em: http://www.comitenacional.org.br/files/anexos/08-2013_PNEVSCA-2013_f19r39h.pdf. Acesso em: 11/06/2016.

BOURDIEU, Pierre (1930-2002). A Dominação Masculina. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 160p.

254 Discente do 10º período do curso de Psicologia pela Faculdade Pitágoras – Betim. Com experiência de estágio em atendimento clínico individual, familiar, casal, grupos e plantão psicológico. Faculdade Pitágoras – Betim. E-mail: wedersongarciapsi@gmail.com

255 Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2007) e mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2010). Atualmente é professora e supervisora de estágio da Faculdade Pitágoras - Betim e psicóloga clínica. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica, Saúde Pública e Psicologia Social. Faculdade Pitágoras – Betim. E-mail: crepolez@yahoo.com.br



BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, VOLUME 49, DE JUNHO DE 2018.

CARDOSO, Isabela; VIEIRA, Viviane. A mídia na culpabilização da vítima de violência sexual: o discurso de notícias sobre estupro em jornais eletrônicos. EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 7, p. 69-85, dez.2014.

CARNEIRO, Stella Luiza Moura Aranha; CABRAL, Mara Aparecida Alves. “O silêncio dos inocentes”: abuso sexual intrafamiliar na infância. Rev. Epos, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178700X2010000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em: 11 nov. 2018.

FLORENTINO, B. R. B.; FLORENTINO, BRUNO RICARDO BÉRGAMO, Fractal: Revista de Psicologia, v. 27, n. 2, p. 139-144, maio-ago. 2015.

LIRA, Margaret Olinda de Souza Carvalho e *et al.* ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA E SUAS REPERCUSSÕES NA VIDA ADULTA. Texto contexto – enferm, Florianópolis, v. 26, n. 3, e0080016, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072017000300320&lng=pt&nrm=iso>. acessos em: 17 nov. 2018. Epub 21Set-2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072017000080016>.

MENESES, Fernanda Figueiredo Falcomer *et al.* Intervenção psicossocial com o adulto autor de violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes. Contextos Clínic, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 98-108, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198334822016000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em: 09 nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2016.91.08>.

SELL, Mariléia. A negociação da moralidade por meio da produção de justificativas na reconstrução da narrativa do abuso sexual de crianças e de adolescentes: um estudo situado. Rev. bras. linguist. apl., Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 873-898, Sept. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198463982015000300873&lng=en&nrm=iso>. Access on: 09 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-639820156270>.

SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 929, Apr. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2017000100009&lng=en&nrm=iso>. Access on: 09 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p9>.



A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CÁRCERE: A ESCUTA PSICOLÓGICA DOS ESTUDANTES DO CURSO DE PSICOLOGIA DA PUC MINAS NA APAC DE SANTA LUZIA

Patrícia Eliane de Melo²⁵⁶

Maria Carmem Schettino Moreira²⁵⁷

Ester Vitória Parreiras²⁵⁸

Gisele de Oliveira Turani²⁵⁹

Gustavo Simões Ramos²⁶⁰

Letícia Silva Fontinele²⁶¹

Luiza Agostini de Paula²⁶²

RESUMO

Entre as atividades de Extensão desenvolvidas pela PUCMINAS está o Programa (A)penas Humanos/Projeto APAC do Núcleo de Direitos Humanos da Pró-Reitoria de Extensão Universitária. Esse programa oferece aos recuperandos da APAC de Santa Luzia atividades relacionadas aos vários cursos de graduação da universidade tais como oficinas de leitura e escrita; oficinas de fotografia; oficinas de fisioterapia; conversas de orientação filosófica e teológica, orientação jurídica, etc. Particularmente, o Curso de Psicologia oferece um importante espaço semanal de escuta psicológica aos recuperandos em atividades tais como rodas de conversa e acompanhamento psicológico tanto no regime fechado quanto no regime semiaberto a quem se interessar. São trabalhados nas rodas de conversa temas que são escolhidos por sua relevância para os recuperandos. Acreditamos que o trabalho desenvolvido oportuniza, acima de tudo, a criação de um espaço que preza a polifonia tanto de vozes quanto de sentidos sobre o cárcere, além de oferecer aos extensionistas uma formação pautada pela ética e solidariedade. O planejamento das atividades é construído semanalmente entre os extensionistas e recuperandos com supervisão clínica dos professores-supervisores tanto no campo quanto a posteriori no espaço institucional acadêmico. Como atividade final, é solicitado aos extensionistas a elaboração de

256 Graduada em Psicologia. Mestrado em Educação. Doutorado e Pós-Doutorado em Psicologia Social. Professora Adjunta da PUCMINAS. Supervisora clínica do Programa (A)penas Humanos/Projeto APAC/Santa Luzia do Núcleo Direitos Humanos e Inclusão PUCMINAS. Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: patriciaelmelo@gmail.com

257 Graduada em Psicologia Especialista em Psicologia Escolar e Educacional. Mestrado em Psicologia. Professora Assistente IV da PUCMINAS. Supervisora de campo do Programa (A)penas Humanos/Projeto APAC/Santa Luzia do Núcleo Direitos Humanos e Inclusão PUCMINAS. Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: mcs14@terra.com.br

258 9º período de Psicologia PUCMINAS Experiência em: Monitoria no Museu de Ciências Naturais PUC Minas; extensão no Programa (A)penas Humanos; apresentação de trabalhos em eventos da universidade; curso de formação em gestalt-terapia e monitoria em grupo de estudos com a mesma temática. Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: esterparreiras77@gmail.com

259 Estudante do 6º período do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Extensionista do Programa (A)penas Humanos, vinculado ao Centro de Reintegração Social – APAC/Santa Luzia. Graduada em Letras – UFMG – 2006. Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: gisele.turani@gmail.com

260 Estudante do 6º período do Curso de Psicologia PUCMINAS. Experiência em Monitoria do Laboratório de Testes Psicológicos. Extensionista no Programa (A)penas Humanos, vinculado ao Centro de Reintegração Social – APAC/Santa Luzia. Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: gustavosimoesramos@gmail.com

261 Graduada em Psicologia, cursando 9º período pela PUC-Minas. Estagiou no Hospital Sansão Gomes, Maternidade Muriel Guedis e Fórum Desembargador M. S. como atividades extracurriculares. Participa do Projeto de extensão desenvolvido na APAC e no Projeto Interclínicas da dor. Foi monitora da RedePsi e da brinquedoteca do Museu da PUC- Minas. Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: leticia.fontinelli@gmail.com

262 Cursa o 6º período de Psicologia na PUC MINAS. Extensionista e monitora do Programa Programa (A)penas Humanos/Projeto APAC/Santa Luzia do Núcleo Direitos Humanos e Inclusão PUCMINAS. Monitora de Psicopedagogia. Anteriormente monitora de Monografia PUCMINAS. Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: izagostini@hotmail.com



relatórios e artigos científicos como forma de sistematização do trabalho desenvolvido. Esse grupo se mantém coeso e participativo, focado nas ações possíveis e futuras junto aos recuperandos do Sistema de Aprisionamento APAC de Santa Luzia. Trata-se de uma ação de vanguarda do curso de Psicologia da PUCMINAS em Minas Gerais que além de acreditar no processo de humanização do cárcere, milita a favor de uma ação psicossocial efetiva junto à população encarcerada.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia; Cárcere; Sistema de Aprisionamento Apac.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Lúcia Miranda. **Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde / Maria Lúcia M. Afonso (Org.)** Belo Horizonte: Casa do Psicólogo, 2006.

BRASIL. **Lei de Execuções Penais**. Lei nº. 7.210, de jul. de 1984.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado, 19ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir história nas prisões**. 3ª. Edição. Tradução portuguesa. Petrópolis-RJ. Editora: Vozes, 1984.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

OTTOBONI, Mário. **Ninguém é irrecuperável: APAC- a revolução do sistema penitenciário**. 2ed. 1997. São Paulo: Cidade Nova, 2001.

OTTOBONI, Mário. **Vamos matar o criminoso? Método APAC**. São Paulo: Paulinas, 2004.

OTTOBONI, Mário. **Seja solução, não vítima**. São Paulo: Cidade Nova, 2004



A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: REFLETINDO SOBRE AS NOVAS DIRETRIZES CURRICULARES

Camila da Silva Braz²⁶³

Sara de Paula Oliveira da Silva²⁶⁴

Natália Nunes Scoralick Lempke²⁶⁵

RESUMO

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano caracterizada por muitas mudanças físicas e sociais, além de inconstância emocional, pressão social e familiar, que geram conflitos e angústias. Caracteriza-se, também, por ser um período decisivo na vida do adolescente, uma vez que ele deverá tomar importantes decisões a longo prazo. O presente estudo tem como objetivo investigar em que medida um projeto de Orientação Vocacional/ Profissional contribui para o aumento da resiliência em adolescentes. Foi feito um estudo exploratório de natureza quantitativa. Participaram sete adolescentes, com idades entre 16 e 18 anos. Foram realizados 10 encontros de 2h de duração que abordaram os temas: autoconhecimento, profissões e mercado de trabalho. Partiu-se da hipótese de que através de um projeto estruturado, baseado no diálogo e reflexões, os indivíduos aumentariam o autoconhecimento tendo maior consciência de suas ações, viabilizando sua capacidade de adaptação frente a novas situações desafiadoras. Os participantes relataram que se sentiam mais seguros sobre a escolha profissional ao final do projeto, estando melhor informados sobre si e sobre as profissões. Além disso, estes adolescentes afirmaram que o projeto contribuiu para melhora da autoestima, autoconsciência e capacidade crítica para lidar com as situações, promovendo o aumento da resiliência das participantes.

PALAVRAS-CHAVE:

Adolescência; Orientação Vocacional; Resiliência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de, **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5. edição. São Paulo: Atlas, 2002.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia** / Ana Mercês Bahia Bock, Odair Furtado, Maria de Lourdes TrassiTeixeira. 14 edição – São Paulo: Saraiva, 2008.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo, 1942-1977. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**/ Rodolfo Bohoslavsky; tradução José Maria ValeijeBojart; revisão e apresentação Wilma Millan Alves Penteado. - 13. ed.- São Paulo: Martins Fontes- selo Martins, 2015.- (Psicologia e pedagogia).

BRANDÃO, J. M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento. **A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens**¹. Paidéia, maio-ago. 2011, Vol. 21, No. 49, 263-27.B

²⁶³ Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Pará de Minas. FAPAM- Faculdade de Pará de Minas. E-mail: camilabrazz97@gmail.com

²⁶⁴ Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Pará de Minas. FALPAM- Faculdade de Pará de Minas. E-mail: saradepaula.sp@gmail.com

²⁶⁵ Professora do Curso de Psicologia da Faculdade de Pará de Minas, Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: nataliascoralick@yahoo.com.br



- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.
- COIMBRA, Renata Maria; MORAIS, Normanda Araujo de. **A resiliência em questão: perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção**. Renata Maria Coimbra; Normanda Araújo de Moraes. Artmed, 2015.
- EISENSTEIN, E. **Adolescência: definições, conceitos e critérios**. *Adolesc Saúde*. 2005. 2(2):6-7
- FERREIRA, A. B. H. (1986). **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa** (2a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- LEVENTUS, Rosane Schotgues. **Orientação vocacional e clínicos e educativos carreira em contextos**. [Recurso eletrônico] – Porto Alegre: Artmed, 2016.e-PUB.
- LIRA, Daniela Melo de Brito; SILVA, Regina CoelliAraujo. **Adolescência- Quando surgiu e para onde vai? Um Recorte Histórico e Psicossocial**. *Revista Latino Americana de Psicologia corporal*. Ano 4. n.6, p. 1-11. Abril/ 2017.
- OLIVEIRA, Catiane de. **Reflexões da Psicologia acerca da adolescência: uma visão crítica**. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, Florianopolis*. v.8, n.18. 2016.
- PALMA, Ana Rita dos Santos. **Identidade Vocacional na adolescência: Família, Escola, Gênero, Estatutos de identidade**. ISPA- 2018.
- POLETTO, M., &Koller, S. H. (2006). **Resiliência: Uma perspectiva conceitual e histórica**. In D. D. Dell’Aglío, S. H. Koller, & M. A. M. Yunes (Orgs.), *Resiliência e psicologia positiva: Interfaces do risco à proteção* (pp. 19-44). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- RAGGI, Nathália. **Juventudes na contemporaneidade: identidade, identificações, nomadismos**. *Revista Brasileira- Adolescencia e conflitualidade*. P. 78,93. n.2 (2010).
- SANTOS, Juciane *et al*. **Atuação do psicólogo escolar: A Importância da orientação vocacional para os jovens do ensino médio**. *Ciências humanas e sociais/ alagoas/v.4/n.3/p.135-146/ Maio 2018/ periódicos.set.edu.br*
- SANTOS, Oswaldo de Barros. **Orientação e desenvolvimento do potencial humano**. Oswaldo de Barros Santos. São Paulo: Livraria Pioneiro Editora, 1978.
- SEIBEL Bruna Larissa, POLETTO Michele, KOLLER Silvia Helena. **Psicologia Positiva: Teoria, Pesquisa e Intervenção**. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2016.
- SILVA, Lucy Leal Melo e André Jacquemin. **Intervenção em Orientação Vocacional/ Profissional: avaliando resultados e processos/ Lucy Leal Melo Silva e André Jacquemin**. São Paulo: Vetor, 2001.
- SILVA, Magda Raquel Lopes da. **Identidade vocacional, perspectiva temporal e satisfação com a vida na adolescência-FPCEUC**. Junho, 2014.
- SONOHARA, Marina TiemiKobiyama; GALLO, Alex Eduardo. **A Percepção do Adolescente sobre a Adolescência**. *Iniciação Científica CESUMAR*. Jan./Jun. 2012, v. 14, n. 1, p. 17-30.



A HUMANIZAÇÃO NO CONTEXTO DE REABILITAÇÃO

Shalom Gomes Martins²⁶⁶

Tácila Tayane Soares Fernandes²⁶⁷

Patrícia Fátima Mendes Guedes²⁶⁸

RESUMO

Este trabalho é parte da prática de Estágio Básico Supervisionado II do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, realizada em um serviço de reabilitação que atende pacientes com deficiências físicas, motoras, sensoriais e visuais. A equipe multidisciplinar que compõe o serviço inclui enfermeiros, fisioterapeutas, médicos ortopedistas e oftalmologistas, psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais, além da equipe que atua na área de acolhimento/recepção dos usuários. A prática de Estágio teve início com um período observação da rotina do serviço para o levantamento de demandas referentes ao campo de atuação da Psicologia. A observação apontou a necessidade de se realizar um trabalho voltado para os profissionais do serviço, no sentido de estimular uma reflexão a respeito das relações humanas e da humanização no contexto da reabilitação. Esta proposta mostrou-se relevante, devido a tendência em se desconsiderar a qualidade do vínculo entre profissional e cliente nos processos de tratamento e de reabilitação. Sendo assim, teve-se como objetivo geral a promoção de um espaço de escuta, reflexão e sensibilização sobre a importância do cuidado humanizado e da qualidade da relação estabelecida com os pacientes, além de possibilitar um novo olhar para as singularidades no contexto de reabilitação. Diante disso, optou-se pelo trabalho em grupo como estratégia de intervenção e foram realizados dois encontros com a equipe, que abordaram questões relacionadas à relação profissional-usuário, como humanização, acolhimento e escuta. Além disso, refletiu-se acerca das relações entre profissionais e dos seus impactos na qualidade do serviço oferecido. Por fim, conforme proposto pelo nome, “Encontro Florescer”, foi possível identificar no público-alvo uma nova percepção sobre o cuidado e as relações humanas, especialmente em relação à escuta e ao acolhimento do outro sujeito, sendo ele um paciente ou um profissional.

PALAVRAS-CHAVE:

Reabilitação; Equipe Multiprofissional; Humanização; Psicologia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Edvânia dos Santos; FRANCISCO, Ana Lúcia. Ação psicológica em saúde mental: uma abordagem psicossocial. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 768-779, dez. 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 19 maio 2019.

266 Graduada em Psicologia no Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UNILESTE. E-mail: shalom.martins@a.unileste.edu.br

267 Graduada em Psicologia e pesquisadora de Iniciação Científica no Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UNILESTE. E-mail: tacila.fernandes@a.unileste.edu.br

268 Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce e docente do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UNILESTE. E-mail: patricia.guedes@p.unileste.edu.br



FERNANDES, Fernando Manuel Bessa; MOREIRA, Marcelo Rasga. Considerações metodológicas sobre as possibilidades de aplicação da técnica de observação participante na Saúde Coletiva. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, ed. 2, p. 511-529, 2013. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-73312013000200010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/xPxyWfgpxy9Dq6kgq6knnRc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2019.

MASSON, Nádida *et al.* Acolhimento e vínculo: tecnologias relacionais na produção da saúde. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, Vitória, v. 17, ed. 2, p. 103-110, 2015. DOI 10.21722/rbps.v17i2. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305379375_Acolhimento_e_vinculo_tecnologias_relacionais_na_producao_da_saude_User_embracement_and_attachment_relational_technologies_in_health_production. Acesso em: 30 maio 2019.



A IDEALIZAÇÃO NO PROCESSO DE ADOÇÃO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DOS ASPECTOS LEGAIS E PSICOSSOCIAIS

Brenda Bruna Lopes Batista²⁶⁹

Evely Najjar Capdeville²⁷⁰

Isabella Mariani Pinto²⁷¹

Leticia Pereira dos Santos²⁷²

Melissa Abade Guimarães²⁷³

RESUMO

Este trabalho resulta de experiência multidisciplinar de interlocução entre Psicologia, infância e sociedade a partir das disciplinas de Estágio Supervisionado, Métodos e Técnicas de Pesquisa e Antropologia, de estudantes do curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais – FCMMG, ocorrida durante o 2º semestre de 2018. O grupo investigou o tema da adoção de crianças e jovens, considerando as condições legais, materiais, psicológicas e sociais envolvidas nesse instituto. Perguntou-se: de que forma as expectativas dos adotantes interferem nas suas escolhas de adoção? Buscou-se identificar as idealizações dos sujeitos adotantes, perante as crianças e/ou adolescentes disponíveis para a adoção, bem como descrever o atual panorama do processo adotivo em todas suas etapas. Foi realizada pesquisa bibliográfica e documental, nas bases de dados Scielo e Lilacs, a partir das palavras-chaves: adoção, família, crianças e adolescentes, em língua portuguesa. Houve coleta de dados quali-quantitativos, a partir de observações em campo de estágio e uso de questionário autoaplicável contendo perguntas abertas e fechadas disponibilizado em formato eletrônico, na plataforma do *Google forms*. Foram obtidas, no total, 209 respostas. A análise quantitativa, com base no Cadastro Nacional de Adoção – CNA, identificou 5.033 crianças disponíveis para adoção, em todo o Brasil, no período de realização desse estudo, e 41.852 pessoas com intenção de adotar, demonstrando uma grande divergência entre idealização dos futuros pais e a realidade social. A interferência dos fatores sócio-históricos, legais, culturais e psicológicos nas idealizações dos adotantes, permite afirmar que a adoção ainda é cercada de preconceitos e críticas e reforça a importância de novos estudos.

PALAVRAS-CHAVE:

Adoção; Família; Criança; Adolescente; Psicologia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. **Três vivas para a adoção**: guia para adoção de crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: MAIS, 2018.

269 Acadêmica do 3º período no curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: brendabrunalopes@gmail.com

270 Psicóloga, Filósofa, Mestre em Educação, Vice-coordenadora ABEP-MG. E-mail: evelyncap@hotmail.com

271 Acadêmica do 3º período no curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: bella270200@gmail.com

272 Acadêmica do 3º período no curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: leticiacolatti@gmail.com

273 Acadêmica do 3º período no curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: melabafr@gmail.com



ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. Resolução Nº 85 de 3 de dezembro de 1986. **Declaração sobre os Princípios Sociais e Jurídicos Relativos à Proteção e ao Bem-Estar das Crianças, com Particular Referência à Colocação em Lares de Guarda, nos Planos Nacional e Internacional**, Nova Iorque, dez. 1986.

ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. Resolução nº 44, de 20 de novembro de 1989. **Convenção sobre os Direitos da Criança**, Nova Iorque, 20 Novembro 1989.

BAUMKARTEN, S. T.; BUSNELLO, F.; TATSCH, D. T. Adoção: conhecendo as expectativas e os sentimentos dos pais do coração. **Perspectivas em psicologia**, v. 17, n. 2, p. 03-19, 2013.

BRASIL. Lei Nº 3.071 de 1º de janeiro de 1916. **Código Civil dos Estados Unidos Brasileiros**, Rio de Janeiro, jan. 1916.

BRASIL. Lei Nº 3.133 de 8 de maio de 1957. **Atualiza o instituto da adoção prescrita no Código Civil**, Rio de Janeiro, mai. 1957.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília: Senado Feral: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. Lei Nº 8.069 de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**, Brasília, jul. 1990.

BRASIL. Lei Nº 10.406 de 10 de Janeiro de 2002. **Institui o Código Civil**, Brasília, jan. 2002.

BRASIL. Lei Nº 12.010 de 3 de agosto de 2009. **Dispõe sobre adoção**, Brasília, ago. 2002.

BRASIL. Lei Nº 13.509, de 22 de novembro de 2017. **Dispõe sobre adoção**, Brasília, nov. 2017.

GRUPO ACESSO. **Adoção passo a passo**. São Paulo: AMB - Associação dos Magistrados Brasileiros, 2008.

LEVISON, G. K. **Adoção: Clínica Psicanalítica**. 2ª. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

LEVISON, G. K. A curiosidade na adoção: terreno psíquico ou pantanoso? **Desidades**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 10-20, Junho 2015.

LEVY, L.; FÉRES-CARNEIRO, T. Famílias monoparentais femininas: um estudo sobre a motivação de mulheres que adotam. **Interação em Psicologia**, Paraná, v. 6, n. 2, p. 243-250, Jul./Dez. 2002.

MELHORAMENTOS. **Michaelis Dicionário Escolar Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2016. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 26 Outubro 26.

MELO, A. A. C. D. A. E.; PEREIRA, J. M. F.; BRANDÃO, S. N. **Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.

MESTRINER, A. Qual a diferença entre guarda, tutela, curatela e adoção? **JusBrasil**, 2018. Disponível em: <<https://angelomestriner.jusbrasil.com.br/artigos/214394924/qual-a-diferenca-entre-guarda-tutela-curatela-e-adocao>>. Acesso em: 29 Outubro 2018.



SCHETTINI, S. S. M.; AMAZONAS, M. C. L. D. A.; DIAS, C. M. D. S. B. Famílias adotivas: identidade e diferença. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 285-293, Mai./Ago. 2006.

SENADO FEDERAL. De Hamurabi ao século 21, uma prática universal. **Em Discussão!**, Brasília, v. 4, n. 15, p. 15-17, Maio 2013. Disponível em: <<https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/em-discussao/adocao/contexto-da-adocao-no-brasil/historia-da-adocao-no-mundo.aspx>>. Acesso em: 29 Outubro 2018.

WEBER, L. N. D. **Aspectos Psicológicos da Adoção**. 2ª. ed. São Paulo: Juruá, 2003.



A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA DAS NECESSIDADES ESPECIAIS NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO(A)

Emylle Cristine Alves Veloso²⁷⁴

Alyne Amaral Santos²⁷⁵

Maircon Rasley Gonçalves Araújo²⁷⁶

RESUMO

Introdução: Trata-se de um relato de experiência vivenciado em junho de 2018, durante atividade prática da disciplina de Psicologia das Necessidades Especiais, realizado com alunos de uma instituição pública de ensino da cidade de Montes Claros/MG, cujo objetivo foi oportunizar ao acadêmico compreender o papel do psicólogo no processo de inclusão da pessoa com Necessidade Educacional na sociedade e, mais especificamente, no contexto escolar. **Metodologia:** Foram realizados 5 encontros de campo, onde aconteceram entrevistas com professores e observação em sala de aula de um aluno que apresentava autismo. A observação objetivou-se compreender diferentes aspectos envolvidos nas dificuldades de aprendizagem. **Resultados:** Identificou-se que os professores e escola apresentam dificuldades em lidar com limitações advindas da deficiência apresentada pelos alunos com essa especificidade, sendo que muitas vezes não existem recursos específicos nem o profissional psicólogo nesse contexto educacional para que possa trabalhar essas questões, visto que, diante das demandas observadas e percebidas o profissional psicólogo poderia colaborar de forma eficiente e transformadora, auxiliando na resolução de problema e orientando profissionais da educação para saber lidar com crianças que apresentam alguma necessidade específica. **Discussão:** Os professores regentes de aulas, por muitas vezes não possuem uma formação específica e nem mesmo são capacitados para oferecer ensino adequado e inclusivo a estes alunos o que os colocam em uma posição desfavorável, além de prejudicar o processo de ensino aprendizagem e inclusão escolar (BARROS; SILVA; COSTA, 2015). **Conclusão:** Conclui-se que a disciplina Psicologia das Necessidades Especiais é de extrema importância para a formação de psicólogos, para que este tenha uma formação coerente com as demandas escolares, educacionais e possa auxiliar o atendimento de crianças com algum tipo de necessidade específica para que esse não seja apenas integrado nos contextos escolares, mas que se efetive a inclusão dessas crianças e então o propósito educacional se cumpra.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia das Necessidades Especiais; Formação de Psicólogos; Inclusão.

REFERÊNCIAS

BARROS, A.B; SILVA, S. M. M; COSTA, M. P. R. Dificuldades no processo de inclusão escolar: percepções de professores e de alunos com deficiência visual em escolas públicas. **Bol. Acad. Paulista de Psicologia**, São Paulo, Brasil - V. 35, n. 88, p. 145-163, 2015.

274 Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade de Saúde e Humanidades Ibituruna – FASI. E-mail: emylle47@gmail.com

275 Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade de Saúde e Humanidades Ibituruna – FASI. E-mail: lyneamaral2@hotmail.com

276 Professor do curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Norte de Minas – FUNORTE. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Psicologia Escolar e Educação Inclusiva - GPPEEI. E-mail: maircon@ymail.com



A INTERSETORIALIDADE: COMPARTILHAMENTO DE CUIDADO EM SAÚDE MENTAL NA REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Vanelle Rodrigues Fonseca²⁷⁷

Carla Patrícia Martins Cardoso²⁷⁸

RESUMO

Introdução: O cuidado em saúde mental na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) adota a intersectorialidade como importante ferramenta de articulação e compartilhamento de cuidado entre os diversos serviços da rede. Sendo possível, identificar a partir do compartilhamento de conhecimentos e responsabilidades entre os setores e/ou serviços envolvidos maior êxito no que se refere ao cuidado integral (REZENDE, BAPTISTA, FILHO, 2005). Este trabalho visa relatar sobre a experiência como Psicóloga residente no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família-Unimontes, no município de Montes Claros- MG, e o sobre as articulações intersectoriais desenvolvidas no âmbito da RAPS. **Metodologia:** Inicialmente foi realizada revisão bibliográfica da temática intersectorialidade, devido a necessidade de condução de casos complexos que dependiam da assistência de outros dispositivos de saúde, da assistencial social e educação. Participou-se de encontros de supervisão clínico-institucional e de reuniões intersectoriais para discussão de casos acompanhados pela psicóloga residente em seu território de atuação. A temática intersectorialidade foi selecionada pela residente como plano de desenvolvimento pessoal (PDP), durante o primeiro semestre de 2019. No que tange ao PDP, este caracteriza-se como instrumento de autoaprendizagem no qual o profissional detém o controle de seu próprio crescimento profissional, a partir da identificação de suas necessidades (SILVÉRIO, 2008). **Resultados e Discussão:** O estudo bibliográfico e experiências possibilitou identificar que a intersectorialidade tem como característica proporcionar diálogo entre os diversos setores que acompanham determinado caso; visando a resolutividade do mesmo a partir de trocas entre os serviços atuantes. Sendo estabelecidas pactuações possíveis frente as especificidades de cada serviço e das singularidades dos sujeitos assistidos. **Conclusão:** Foi possível concluir que a supervisão clínico-institucional e as reuniões intersectoriais constituem importantes ferramentas para gestão do cuidado em saúde de casos complexos. Favorecendo assim a integração entre diversos pontos da rede e a oferta de cuidado qualificado e integral aos sujeitos assistidos.

PALAVRAS-CHAVE:

Intersetorialidade; Rede de Atenção Psicossocial; Discussão de casos.

277 Psicóloga graduada pelas Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros-MG. Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: vaneller@hotmail.com

278 Psicóloga. Especialista em Saúde da Família pelo Programa de Residência Multiprofissional da UNIMONTES e Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela UNIMONTES. Atualmente é psicóloga da Prefeitura de Montes Claros-MG e exerce a função de preceptora da Residência Multiprofissional em Saúde da Família. Secretaria de Saúde do Município de Montes Claros. E-mail: carlamartins@yahoo.com.br



REFERÊNCIAS

REZENDE, Mônica de; BAPTISTA, Tatiana Wargas de Faria; FILHO, Antenor Amâncio (*in memoriam*). **O LEGADO DA CONSTRUÇÃO DO SISTEMA DE PROTEÇÃO SOCIAL BRASILEIRO PARA A INTERSETORIALIDADE**. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 13 n. 2, p. 301-322, maio/ago, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sip00011> . Acesso em: 28/02/2019

SILVÉRIO, João Batista. **Programa de educação permanente para médicos de família**. Revista Medica Minas Gerais, v.8, pag. S60-S66, 2008.



A POLÍTICA PÚBLICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL NAS NOVAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS

Joelma Cristina Santos²⁷⁹

RESUMO

A criação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) abriu um amplo espaço de atuação para o psicólogo, entretanto, a formação acadêmica em Psicologia ainda não corresponde suficientemente bem à prática neste campo, uma vez que, de modo geral, os cursos de graduação carecem de conteúdo em políticas públicas, especialmente, do que caracteriza o trabalho em assistência social. Com base na experiência prática e na revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Psicologia, realizada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), pela Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP) e pela Federação Nacional dos Psicólogos (FENAPSI), em 2018, entende-se a urgência de se pensar a formação do psicólogo para atuação no SUAS. Como método para esta análise, empregou-se o estudo documental das Diretrizes Curriculares Nacionais de 2011 (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2011) e da Minuta das Diretrizes Curriculares Nacionais de 2018 (CRP, 2018), em consonância com a Política Nacional de Assistência Social (BRASIL, 2005). Observou-se que a pouca clareza e o foco quase nulo atribuído às políticas públicas e aos princípios a elas relacionados, nas DCN publicadas em 2011, fez com que estas questões praticamente não fossem abordadas em muitos cursos de graduação em Psicologia (SANTOS, 2019). As DCN, propostas em 2018, incluíram itens específicos relacionados ao trabalho com políticas públicas, os quais podem inspirar a elaboração de projetos pedagógicos que favoreçam uma maior emergência de conteúdos e práticas direcionados a uma formação mais adequada à realidade de trabalho em assistência social e, conseqüentemente, ao aprimoramento da atuação profissional no contexto público. Enquanto se aguarda a publicação das novas DCN, vê-se a sua construção como algo extremamente positivo e que vem ao encontro das expectativas dos profissionais atuantes no SUAS, ao propiciar uma formação mais articulada às atuais demandas do cenário social e político brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE:

Políticas Públicas; Assistência Social; Formação em Psicologia; Diretrizes Curriculares Nacionais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 5**, de 15 de março de 2011. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 09 set. 2018.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional De Assistência Social – PNAS/2004 e Norma Operacional Básica – NOB/SUAS**. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/cnas/comissoes-tematicas/comissao-de-politica/>>

279 Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), na linha de pesquisa Processos Psicossociais e Socioeducativos. Atua no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) em Oliveira/MG. Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: joelma.psicologia@yahoo.com.br



norma-operacional-basica-de-recursos-humanos-do-suas-nob-rh-suas.pdf/view?searchterm=-nob%20rh>. Acesso em: 08 set. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Ano da formação em psicologia:** revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em psicologia. São Paulo: Conselho Federal de Psicologia/Associação Brasileira de Ensino de Psicologia/Federação Nacional dos Psicólogos, 2018. Disponível em: < <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/01/cartilha-Ano-da-Forma%C3%A7%C3%A3o-em-Psicologia.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2018.

SANTOS, J. C. Psicologia e política pública de assistência social: discussão sobre a formação acadêmica a partir da análise das Diretrizes Curriculares Nacionais. *In*: AMORIM, Flávia Zaratini; ISABEL, Jéssica Gabriella de Souza; SAADALAH, Márcia Mansur (Orgs.). **O fazer da Psicologia no Sistema Único de Assistência Social**. Belo Horizonte: Conselho Regional de Psicologia, 2019.



A PSICOLOGIA COM FAMÍLIAS NO SISTEMA DE JUSTIÇA: VIVÊNCIAS EXTENSIONISTAS

Gustavo Henrique dos Santos Lima²⁸⁰

Gilmara Sarita de A. Mendonça²⁸¹

Marcos Aurélio Trindade²⁸²

Fernanda Simplício Cardoso²⁸³

RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados parciais do projeto de extensão “Rebordando Histórias: a extensão com famílias no sistema de justiça”, cujo objetivo principal é realizar intervenções psicossociais com famílias judicializadas ou em vias de se tornarem, com a finalidade de promover o fortalecimento da convivência parental, sobretudo em contextos envolvendo a violência de gênero e o litígio conjugal. Trata-se de um recorte da prática de extensão realizada em parceria com o Programa de Efetivação dos Vínculos Familiares e Parentais – PROEVI, desenvolvido pela 2ª Promotoria de Justiça do Estado de Minas Gerais, envolvendo discentes do curso de Psicologia e Direito da PUC Minas. Pautado na abordagem psicossocial da família e na perspectiva freiriana, optou-se pela metodologia participativa, promovendo os grupos reflexivos com homens e mulheres – pais e mães-, que no momento não vivenciam a conjugalidade, mas possuem filhos em comum, menores de idade e supostamente, privados de um convívio parental ampliado. Definiu-se como metodologia a formação de dois grupos distintos, não permitindo que o par parental participasse junto, para evitar possíveis intercorrências. Estabeleceu-se cinco encontros quinzenais de uma hora e meia com cada grupo. Os temas discutidos foram Separação, Convivência parental, Mudança de rotinas, Novos relacionamentos, Perspectivas para o futuro. Até o presente momento, observou-se certa dificuldade dos participantes para aderirem à proposta, sendo uma das alegações o desânimo pelas tentativas frustradas de resolver a problemática familiar sem obter êxito. Questões relacionadas ao deslocamento para participarem do grupo, em horário que muitas vezes coincide com o trabalho também prejudicaram a adesão. Contudo, aqueles que permaneceram deram relatos positivos dessa experiência, sentindo-se mais seguros e esperançosos de alcançar o objetivo de convivência com a prole, conseguindo desvincular conjugalidade e parentalidade.

PALAVRAS CHAVE:

Judicialização; Relação Familiar; Abordagem psicossocial.

280 Graduando em Psicologia (1º Período) pela PUC Minas. Extensionista do projeto de extensão Rebordando Histórias da PUC Minas no Programa de Efetivação de Vínculos Familiares no Ministério Público de Minas Gerais. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: gustavo.hsl2001@gmail.com

281 Graduanda em Psicologia (8º Período) pela PUC Minas. Extensionista do Centro de Acompanhamento de Penas Alternativas. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: gilmarasarita@hotmail.com

282 Graduando em Psicologia (6º Período) pela PUC Minas. Extensionista do projeto de extensão Rebordando Histórias da PUC Minas no Programa de Efetivação de Vínculos Familiares no Ministério Público de Minas Gerais. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: marcos.trindade2014@gmail.com

283 Doutora em Psicologia Social pela UERJ. Professora do Departamento de Psicologia da PUC Minas. Psicóloga Judicial do TJMG. Coordenadora do projeto de extensão Rebordando Histórias da PUC Minas. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: fernandacsimplicio@gmail.com



REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, C. F. (Im)possibilidades de atuação da Psicologia jurídica em meio a judicialização das famílias. *In*: Munique Therense; Camila Felix Barbosa de Oliveira; André Luiz Machado das Neves; Márcia Cristina Henrique Levi. (Org.). **Psicologia Jurídica e Direito de Família. Para além da Perícia Psicológica**. 1ed. Manaus: UEA Edições, 2017, v. 1, p. 60-82.

MOREIRA, L. E.; TONELI, M. J. F. Paternidade Responsável: problematizando a responsabilização paterna. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, 25(2), p.388-398.2013.

SILVA, L.O. Diálogos com pais e mães separados: grupos reflexivos no sistema de justiça. **Nova Perspectiva Sistêmica**, Belo Horizonte, n.62, p.88-108, dezembro 2018.



A PSICOLOGIA NA UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gustavo César Fernandes Santana²⁸⁴

Paula Ferreira Gonçalves²⁸⁵

RESUMO

Introdução: As Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) são classificadas como unidades de saúde de média complexidade, sendo parte integrante de uma rede organizada de atenção às urgências e emergências. Estas funcionam 24 horas, objetivando a atenção à saúde. (PEREIRA, 2016, p.08). O trabalho objetiva relatar e refletir sobre as experiências vivenciadas durante as atividades realizadas na Unidade de Pronto Atendimento. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência. As atividades foram desenvolvidas com os estagiários do 9º período de Psicologia, na Unidade de Pronto Atendimento – UPA, na cidade de Patos de Minas – MG, no período de fevereiro à julho de 2019. Os atendimentos ocorreram nas alas de pediatria, leito, isolamento e Urgências e Emergências. Os estagiários realizam os atendimentos em duplas e semanalmente ocorre um rodízio entre os pontos de atendimento. **Resultados:** foi possível compreender o processo de trabalho de um psicólogo na unidade e desenvolver uma prática que proporcionasse um espaço e momento de escuta para os pacientes em situações de risco e internação na unidade. O desenvolvimento das práticas na UPA ocorreram-se por meio de busca ativa, de onde realizava-se perguntas diretas e indiretas para que despertasse o sujeito a falar, e com isso oferecer uma escuta terapêutica especializada. **Discussão:** entende-se, de acordo com Cherer, Quintana e Leite (2012) que o paciente ao comunicar-se, consegue desenvolver seus sentimentos, despertando os motivos de seu adoecer subjetivo. Sendo assim, a estratégia psicoterápica busca propor ao paciente conforto e atenção perante sua enfermidade, tornando-se possível compreendê-lo, respeitando sua subjetividade. **Conclusão:** a vivência nesta unidade permitiu aos estagiários a capacidade de desenvolver ações de prevenção e promoção da saúde psicológica e psicossocial do indivíduo, realizando seus serviços dentro do padrão de qualidade e dos princípios da ética.

PALAVRAS-CHAVE:

Atendimento Psicológico; Psicologia; Vivências.

REFERÊNCIAS

CHERER, E.Q; QUINTANA, A.M; LEITE, C.T. Repercussões psíquicas do adoecer: um relato de atendimentos na nefrologia hospitalar. **Psicologia: teoria e prática**, v.14, n.2, p.66,-73, 2012.

PEREIRA, L.P. **Relato de experiência:** humanização na atenção ao usuário em uma unidade de pronto atendimento. 2016, 20 f. (Trabalho de conclusão de curso) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande Do Sul – Campus Porto Alegre, Porto alegre, 2016.

284 Graduando em Psicologia, do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM. Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM.

E-mail: gustavocfs@unipam.edu.br

285 Mestranda em Educação, da Universidade de Uberaba UNIUBE – Docente do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM. Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM. E-mail: paulafg@unipam.edu.br



A PSICOLOGIA NO ÂMBITO DAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS: DESAFIOS E POTENCIALIDADES

Welker Marcelo Moura²⁸⁶

Tânia Regina Melo²⁸⁷

RESUMO

Frente a novas realidades e exigências da sociedade contemporânea, percebe-se que a Psicologia vem ampliando seu campo de atuação na medida em que presenciamos a inserção de psicólogos(as) nos mais variados tipos de organizações, tais como instituições particulares, governamentais e não-governamentais. As Organizações Não-Governamentais (ONGs) integram o Terceiro Setor e tem sido um dos campos mais recentes de atuação do(a) psicólogo(a). Via de regra, são espaços que carecem de compreensão no que diz respeito a *práxis* e aos aspectos teórico-metodológicos adotados pelos profissionais. O presente trabalho tem como objetivo principal caracterizar os desafios e as potencialidades do trabalho do(a) psicólogo(a) no contexto das ONGs. Para tanto, faremos um estudo descritivo, tipo relato de experiência, a partir da nossa experiência em uma ONG, que desenvolve atividades de educação profissional, assistência social, meio ambiente, esporte, cultura e lazer. Verifica-se que um dos desafios para atuação nas organizações do terceiro setor diz respeito a crise de identidade do(a) psicólogo(a), devido a formação precária que recebe para atuar em novos contextos, além da ausência de ofertas de formações continuadas. Além disso, é preciso ressaltar a sobrecarga de atividades, a precariedade dos vínculos empregatícios e das condições de trabalho que os profissionais enfrentam. Ainda, conforme aponta Galvão e Marinho-Araújo (2017), na maioria desses espaços tem-se a visão de que os sujeitos assistidos pelas instituições são “carentes”, o que acaba por recair em intervenções que não são da ordem do campo político, como as práticas de caridade e assistencialismo. Logo, acreditamos na potencialidade de uma prática em favor da construção da cidadania, a partir de uma perspectiva crítica e articulada com as políticas públicas vigentes. Ainda é preciso criar estratégias que de fato mostre a relevância do trabalho e a valorização da profissão nesse novo espaço de atuação dos (as) psicólogos(as).

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia; Terceiro Setor; Compromisso Social

REFERÊNCIAS

GALVAO, Pollianna; MARINHO-ARAUJO, Claisy Maria. Psicologia Escolar em ONGs: Desafios Profissionais e Perspectivas Contemporâneas de Atuação. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 467-476, Dec. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385572017000300467&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 de maio de 2019.

286 Bacharel em Psicologia pela Faculdade Pitágoras Divinópolis. Pós-graduado em Saúde Mental pela PUC Minas. Tem experiências nas áreas de Psicologia Clínica, Saúde Mental, Saúde Pública, Assistência Social e Terceiro Setor. Atualmente é professor na Faculdade de Educação da Região Missioneira. Faculdade de Educação da Região Missioneira. E-mail: welkermoura1@hotmail.com

287 Bacharel em Psicologia pela FACED Divinópolis. Pós-graduada em Psicologia Existencial Humanista pela UNA Divinópolis. Possui experiências nas áreas de Psicologia Clínica e Terceiro Setor. Integra o Grupo de Trabalho de Psicologia Escolar e Educacional CRP/MG na Subseção Centro-Oeste. Conselho Regional de Psicologia/MG. E-mail: taniaregina.psicologia@yahoo.com.br



A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER TRANSVERSALIZANDO A FORMAÇÃO ACADÊMICA EM PSICOLOGIA

Marcus Macedo da Silva²⁸⁸

RESUMO

Introdução: O presente trabalho apresenta uma experiência pedagógica da disciplina Psicologia Social em que são explorados os conceitos de Minorias Ativas e Representações Sociais tomando a violência contra a mulher como tema transversal. **Metodologia:** Além das estratégias didáticas tradicionais a articulação dos conceitos acima elencadas com o tema da violência contra a mulher, foi abordado através de algumas atividades de cunho científico e extensionista, tais como: produção de enquete, realização de Blitz Educativa e palestra para funcionárias da IES. **Resultados:** Trabalhando os conceitos de Representação Social e Minorias Ativas, tal como proposto por Serge Moscovici foi realizada uma enquete junto aos próprios estudantes visando identificar o conhecimento que possuíam em relação às violências tipificadas na Lei Maria da Penha. Extrapolando o âmbito da sala de aula foi desenvolvida por um grupo de estudantes uma Blitz Educativa durante três dias na faculdade e também junto aos banheiros femininos da instituição, sensibilizando sobre as violências contra a mulher. Por fim, um grupo de estudantes proferiu uma palestra para as funcionárias da faculdade, sendo trabalhado na oportunidade os tipos de violências contemplados na Lei Maria da Penha, além da história da mulher que levou o nome da lei. **Discussão:** As ações propostas possibilitaram o conhecimento das violências contra a mulher associando tal conhecimento à produção científica, bem como à prática junto a comunidade acadêmica. **Conclusões:** A experiência foi de grande relevância por trazer a articulação teoria e prática, contemplando de forma transversal o tema da violência contra a mulher a luz dos conceitos da Psicologia social.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia social; Violência contra a mulher; Formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

MOSCOVICCI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar; 1978.

MOSCOVICCI, S. **Psicologia das minorias ativas**. Rio de Janeiro: Editora Vozes; 2011.

SOUZA, L. C. G. **O lugar da psicologia social na formação dos psicólogos**. *Psicologia & Sociedade*; 21 (3): 383-390, 2009, Niterói/RJ. Acesso em: 04 de março de 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3093/309326733012.pdf>

288 Psicólogo; Pós-graduação em Psicopedagogia (Faculdade Saberes/ES); Pós-graduação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (ENSP-FIOCRUZ/RJ); Mestre em Educação e Inclusão Social (FaE/UFMG); Professor do Curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Governador Valadares; Psicólogo da Secretaria Municipal de Saúde de Governador Valadares. Faculdade Pitágoras de Governador Valadares/MG.



AÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE O FENÔMENO DO SUICÍDIO COM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Alexandre Rocha Araújo²⁸⁹

Amanda Amorim Antunes de Oliveira²⁹⁰

Cassius Caetano Rocha²⁹¹

Cérise Alvarenga²⁹²

RESUMO

Este trabalho objetiva compartilhar reflexões tecidas a partir das experiências de sensibilização, e conscientização que ocorreram em setembro de 2018 no Centro Universitário UNA (Barreiro), durante a “Semana de valorização à vida”. As atividades realizadas buscaram visibilizar o fenômeno social do suicídio e construir reflexões sobre a Saúde Mental no contexto universitário. Ocorreram rodas de conversa e intervenções (mural de recados, sarau poético musical e performance do “abraço”) em diferentes espaços do campus (entradas, salas de aulas no auditório) sendo desenvolvidas por estudantes de Psicologia em articulação com coordenador de curso, professores e tiveram como público alvo estudantes de diversos cursos de graduação. Durante a preparação e execução das atividades foi possível observar comportamentos diversos nos estudantes universitários que tanto expressaram um grande interesse pelo tema como o incômodo e/ou dificuldade em falar sobre ele. Nas rodas de conversa foi possível perceber que o fenômeno do suicídio está presente no cotidiano dos estudantes que relataram conhecer famílias e pessoas com ideação suicida e outras que consumaram o ato. O planejamento e a realização das atividades possibilitou mudanças na maneira de representar o fenômeno do suicídio, tanto nos estudantes proponentes como nos participantes das ações. Neste processo de transformação das representações sociais foi possível desenvolver reflexões que ampliaram a compreensão do suicídio como fenômeno complexo e multideterminado que precisa ser compreendido e situado historicamente, ultrapassando a ideia de fenômeno individual e privado no qual o sujeito que o comete muitas vezes é julgado e culpabilizado. Considera-se que as experiências provocaram a percepção e conscientização dos estudantes do campus Barreiro, abrindo um campo de reflexões sobre Saúde Mental no contexto universitário na perspectiva de uma atuação preventiva que pode envolver estudantes e profissionais de ensino como agentes de mobilização e transformação social no que diz respeito à temática do suicídio.

PALAVRAS-CHAVE:

Suicídio; Prevenção; Estudantes universitários; Saúde Mental

289 Professor UNA, Mestre em Administração Pública pela Fundação João Pinheiro; Amanda Amorim Antunes de Oliveira. E-mail: alexandre.r.araujo@prof.una.br

290 Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA – Barreiro; Cassius Caetano Rocha. E-mail: amanda.amorimoliveira@hotmail.com

291 Graduando do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA - Barreiro; Cérise Alvarenga. E-mail: cassius.c.rocha@gmail.com

292 Professora UNA, Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. E-mail: cerise.alvarenga@prof.una.br,



REFERÊNCIAS

CHACHAMOVICH, Eduardo *et al.* Quais são os recentes achados clínicos sobre a associação entre depressão e suicídio?. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 31, supl. 1, p. S18-S25, May 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462009000500004&lng=en&nrm=iso>. Access on 29 May 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462009000500004>

FIGUEIREDO, Mariana Dorsa e FURLAN, Paula Giovana. O subjetivo e o sociocultural na produção de saúde e autonomia. *IN: CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa e GUERREIRO, André Vinícius Pires. Manual de práticas de atenção básica: saúde ampliada e compartilhada.* São Paulo: Editora Hucitec, 2013.

OLIVEIRA, Fátima O. e WERBA, Graziela C. As representações sociais. *IN: JACQUES, Maria da Graça Correa et. al. Psicologia social contemporânea: livro-texto.* 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 104-117.

SAWAIA. Bader. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 3, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 maio. 2016.

SCARPARO, Helena Beatriz Kochenborger; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Psicologia social comunitária profissional. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe2, p. 100-108, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000500025&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: Junho. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000500025>.

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO COMO ESTRATÉGIA DA CLÍNICA AMPLIADA NO APRENDIZADO DO CUIDADO EM LIBERDADE

Cristiane Santos de Souza Nogueira²⁹³

RESUMO

Diante do compromisso ético de formar profissionais capazes de atuar na política pública de saúde mental conforme seus princípios e diretrizes, forjou-se, entre os anos de 2016 a 2018, o projeto de ensino que articulou teoria, pesquisa, extensão e estágio do Acompanhamento Terapêutico (BELLOC, 2017) como abordagem clínica privilegiada de se operar na consolidação dos projetos da Saúde Coletiva, da Atenção Psicossocial e da Redução de Danos (BRASIL: 2001 e 2004). Acredita-se na proposta da Clínica Ampliada e suas tecnologias leves (BRASIL, 2009) como forma de se garantir ao maior número de pessoas a possibilidade de acesso, acolhimento e vínculo na produção do Cuidado (COELHO; JORGE:2009). Contou-se com cerca de 40 estudantes de Psicologia, que participaram de encontros sistemáticos de estudos teóricos e supervisão além da realização de atividades de divulgação e disseminação do AT na região centro oeste. Cada acadêmico acompanhou 1 ou 2 pessoas, com frequência de realização conforme demanda de cada caso, partindo de três critérios previamente delimitados: portador de adoecimento mental grave e persistente, usuário dos serviços de saúde mental da cidade de Itaúna e que pudesse receber a prática do AT como forma de intervenção, contando ainda com os Técnicos de Referência desses usuários. Para os usuários acompanhados, esta experiência se revelou como promotora de protagonismo, pertencimento e inclusão social, de autonomia e contratualidade possíveis, ampliando sua condição de cidadania, contribuindo ainda para sua continência e estabilidade psíquicas. Para acadêmicos e profissionais o envolvimento no projeto possibilitou práticas e experiências de desinstitucionalização, de cuidado em liberdade e de garantia dos direitos humanos, que só se efetivaram pela concretização de vivências de trabalho interdisciplinar, em rede intersetorial, norteadas pela horizontalização e complexificação de olhares e construções, promovendo movimento e atualizações nos modos de cuidar em Saúde Mental.

PALAVRAS-CHAVE:

Acompanhamento Terapêutico; Clínica Ampliada; Saúde Mental.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Lei n. 10.216, de 6 de abril de 2001.** Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Diário Oficial da União, seção 1.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas.** Ministério da Saúde. 2.ed. ver. Ampl – Brasília: MS, 2004.

293 Psicóloga, especialista em Psicanálise e Direito, em Atenção Integral a Usuários de Álcool e Drogas e em Educação Permanente em saúde. Mestre em Psicologia/Processos de Subjetivação. Professora Universitária. Psicóloga da Rede de Saúde Mental da Prefeitura Municipal de Itaúna. Universidade do Estado de Minas Gerais – Divinópolis. E-mail: crispsi2@gmail.com



Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS. **Clínica ampliada e compartilhada**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BELLOC *et al.* (Orgs.). **Além dos Muros: Acompanhamento Terapêutico como Política de Saúde Mental e Direitos Humanos**. Porto Alegre: Rede Unida, 2017.

COELHO, Márcia Oliveira; JORGE, Maria Salete Bessa. **Tecnologia das relações como dispositivo do atendimento humanizado na atenção básica à saúde na perspectiva do acesso, do acolhimento e do vínculo**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, p. 1523-1531, Oct. 2009.



ADOLESCÊNCIA E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA

Tânia Regina Melo²⁹⁴

Welker Marcelo Moura²⁹⁵

RESUMO

Sabemos que a adolescência é o momento de transição para o mundo adulto que convoca ao sujeito adolescente a fazer muitas escolhas, dentre elas a escolha por uma profissão. Na maioria das vezes, a escolha do que “ser” na vida é motivo de muitos conflitos para o adolescente, pois além de ter que lidar com as suas dúvidas há os desejos da família, as expectativas da sociedade e, às vezes, a imposição de duras realidades de vida que impedem perspectivas de futuro (ZANINI et. al). Temos como objetivo relatar a experiência de um projeto de orientação profissional realizado por uma Organização Não-Governamental (ONG) em parceria com uma Instituição de Ensino Superior e Rede Socioassistencial (CRAS, CREAS, Conselho Tutelar, Escolas, Programa de Residência em Saúde do Adolescente, Centro Socioeducativo). Para a apresentação deste trabalho utilizamos como método o estudo descritivo, tipo relato de experiência. As oficinas foram realizadas ao longo do ano de 2018, com a participação de adolescentes entre 14 e 18 ano e foram conduzidas por estagiários (as) do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras Divinópolis sob a supervisão dos profissionais de Psicologia da ONG. No Projeto Orientar para Transformar, privilegiamos o uso da metodologia ativa, objetivando o protagonismo e a autonomia dos adolescentes na construção de seus aprendizados. Desse modo, não foi só trabalhado temas relacionados a orientação profissional, mas também assuntos de interesse e importância para o grupo. Concluímos que no contexto da orientação profissional com adolescentes é fundamental que o facilitador busque compreender o contexto social deste público e suas múltiplas dimensões, para que possa adotar intervenções mais efetivas e assertivas. Nesse sentido, compreendemos que o profissional de Psicologia, a partir de uma formação comprometida com o social, desenvolve uma função importante para aqueles que ainda não decidiram qual caminho seguir.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia; Adolescência; Orientação Profissional.

REFERÊNCIAS

ZANINI, B., FONSECA, A., QUEIROZ, B., FERAZZA, J., MALLMANN, L. Orientação profissional dos adolescentes e suas dificuldades para a elaboração de um projeto de vida. **Anais do EVINCI - UniBrasil**, Curitiba, Ano 3, fevereiro 2018. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisevinci/article/view/3271>>. Acesso em: 31 Maio. 2019.

294 Bacharel em Psicologia pela FACED Divinópolis. Pós-graduada em Psicologia Existencial Humanista pela UNA Divinópolis. Possui experiências nas áreas de Psicologia Clínica e Terceiro Setor. Integra o Grupo de Trabalho de Psicologia Escolar e Educacional CRP/MG na Subseção Centro-Oeste. Conselho Regional de Psicologia/MG. E-mail: taniaregina.psicologia@yahoo.com.br

295 Bacharel em Psicologia pela Faculdade Pitágoras Divinópolis. Pós-graduado em Saúde Mental pela PUC Minas. Tem experiências nas áreas de Psicologia Clínica, Saúde Mental, Saúde Pública, Assistência Social e Terceiro Setor. Atualmente é professor na Faculdade de Educação da Região Missioneira. Faculdade de Educação da Região Missioneira. E-mail: welkermoura1@hotmail.com



ADOLESCENTES, SEXUALIDADE E VULNERABILIDADE SOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lia Maraucci Meloni²⁹⁶

Camile Lima Soares²⁹⁷

Helena de Ornellas Sivieri-Pereira²⁹⁸

RESUMO

Sendo um período de intensas mudanças, a adolescência é entendida como um conglomerado de transformações que caminham em direção à maturidade, sendo um processo biopsicossociocultural. Portanto, lidar com esse segmento populacional em um ambiente de vulnerabilidade social é tarefa delicada, considerando as múltiplas vertentes que o compõe. Entre as áreas de prioridade no atendimento ao adolescente, estão os conflitos com a Sexualidade, tornando-a um das questões mais importantes na idade. Nesse sentido, objetivou-se proporcionar um espaço de diálogo e aprendizagem, no formato de um grupo de escuta, configurando um local onde um assunto pouco orientado como este pode vir à tona. O trabalho ocorreu em uma instituição de convivência para adolescentes em situações de vulnerabilidade social no interior de Minas Gerais, através do Estágio em Políticas Públicas, do curso de Psicologia da UFTM, durante o mês de maio de 2019. O encontro foi dividido em três momentos, de uma hora cada, formando-se grupos com a média de 10 a 15 participantes, acontecendo na quadra da instituição. Utilizou-se da técnica de grupos operativos para tratar da temática. O planejamento das atividades e coordenação do grupo foram desenvolvidos pelas estagiárias em Psicologia. A fim de abordar a sexualidade, foi desenvolvida a dinâmica do “homem biscoito”, que consiste no uso de uma imagem para explicar as diferenças entre identidade e expressão de gênero, sexo biológico e orientação sexual. Os participantes foram orientados sobre o significado de cada conceito, para depois montarem uma história e discutirem sobre a mesma. Através das discussões disparadas, pode-se observar que, no geral, todos os grupos demonstraram grande interesse no tema, trazendo tanto dúvidas quanto exemplos de suas vidas. Afinal, entende-se que há uma curiosidade e uma necessidade de tratar da sexualidade na adolescência, significando responder a muitas questões individuais, mas também educar jovens conscientes sobre as diferenças.

PALAVRAS-CHAVE:

Adolescente; Sexualidade; Grupo Operativo; Vulnerabilidade Social.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, M. A. **A educação em saúde na adolescência: grupos de discussão como estratégia de pesquisa e cuidado-educação.** Texto contexto - enferm., Florianópolis, 15(2), p. 205-211, 2006.

296 Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: lia_marauccimeloni@hotmail.com

297 Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: camilesoares@hotmail.com

298 Psicóloga, doutora em Psicologia pela USP/RP. Pós-doutorado em Educação pela UFSCar e pela Universidade do Minho (Braga/Portugal). Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: helena.sivieri@gmail.com



OLIVEIRA, S. G.; RESSEL, L. B. **Grupos de adolescentes na prática de enfermagem: um relato de experiência.** Cienc. Cuid. Saúde 9(1), p.144-148, 2010.

SILVA, S. C. *et al.* **Percepções de mulheres adolescentes acerca das diferenças de gênero: um estudo descritivo.** Online braz. Nurs, 13(2), p.259-67, 2014.

CANO, M. A. T; FERRIANI, M. G. C; GOMES, M. **Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico.** Ver. Latino-am. Enfermagem, 8(2), p.18-24, 2000.



AMPLIANDO A SALA DE AULA

Alessandra Luísa Teixeira²⁹⁹

Dulcilene Costa³⁰⁰

Elisane A. Santos Rodrigues³⁰¹

Gabrielly de Almeida Campos³⁰²

Isabella Cristina Carvalho Costa³⁰³

Isabella Maçal³⁰⁴

João Henrique Amaral Fontenelle³⁰⁵

Sueli Rodrigues³⁰⁶

Priscilla Moura Marques³⁰⁷

RESUMO

O presente relato é uma síntese de dois meses de trabalho em uma Escola Municipal de Belo Horizonte, quando então a Diretoria Regional de Educação/Pampulha, buscou apoio da Diretoria Regional de Saúde/Pampulha, com vistas a construir em conjunto ações de enfrentamento ao fenômeno cutting nas escolas, ou automutilação. As conversas iniciaram no mês de novembro de 2018 e dispuseram suas primeiras ações locais em março de 2019. No primeiro momento, buscou-se estudar o fenômeno, os propósitos de sua eclosão nas escolas, e quais seriam nossas hipóteses. Para tanto, reuniu-se referências técnicas da saúde, tais como enfermeiros, médicos, assistentes sociais e psicólogos, visando o fomento de ações de enfrentamento para o fenômeno. Firmou-se que desenvolveríamos ações em grupo, dentro da escola, com ênfase na escuta. Fizemos um recorte de 180 alunos, totalizando 6 grupos. O modelo de grupo proposto por Carl Rogers (2002) foi um grande aliado nesta trajetória. A ideia foi propor espaços de abertura à experiência e ressignificação de afetos, a fim de alcançar o crescimento pessoal e o aperfeiçoamento da comunicação dos envolvidos. Para o alcance dos objetivos, utilizou-se dinâmicas de grupo, roda de conversa, músicas e outras técnicas. Ao oportunizar um espaço de escuta e acolhimento, os alunos nos demandaram, antes de tudo, carinho e afeto. Mostraram-nos que seus sintomas são respostas à sociedade em que vivem. Uma saída em meio a tanta violência que os invade. Como resultados do trabalho, destacamos o maior autoconhecimento dos envolvidos e o fortalecimento do clima institucional. Contudo, acreditamos que nossa maior vitória foi implementar um espaço de manifestação da subjetividade do educando.

PALAVRAS-CHAVE:

Escola; Subjetividade; Educação.

REFERÊNCIAS

ROGERS, Carl R. 1902-1987. **Grupos de Encontro**/Tradução Joaquim Proença - 8ª Ed. São Paulo; Martins Fontes, 2002.

299 Diretoria Regional de Educação – Pampulha/SMED. E-mail: alessandra.teixeira@pbh.gov.br

300 Diretoria Regional de Educação – Pampulha/SMED. E-mail: dulcilene.costa@edu.pbh.gov.br

301 Diretoria Regional de Saúde – Pampulha/SMSA. E-mail: elisane.rodrigues@pbh.gov.br

302 Diretoria Regional de Saúde – Pampulha/SMSA. E-mail: gaerep@pbh.gov.br

303 Diretoria Regional de Saúde – Pampulha/SMSA. E-mail: nep-p@pbh.gov.br

304 Diretoria Regional de Saúde – Pampulha/SMSA. E-mail: dresp@pbh.gov.br

305 Diretoria Regional de Saúde – Pampulha/SMSA. E-mail: op.joaofontenelle@gmail.com

306 Diretoria Regional de Saúde – Pampulha/SMSA. E-mail: sueliasps@gmail.com

307 Diretoria Regional de Saúde – Pampulha/SMSA. E-mail: priscillammp25@gmail.com



ARTICULAÇÕES, CONSTRUÇÕES E REDE: UM ESTÁGIO DE ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR

Fernanda de Cássia Oscar Otaciano³⁰⁸

Celso Francisco Tondin³⁰⁹

Marcelo Soares Cotta³¹⁰

Bárbara Diniz Viana³¹¹

Bárbara Rocha Araújo³¹²

Débora Cássia da Silva Calixto³¹³

Daniele do Nascimento Portela³¹⁴

Larissa Arantes Rocha³¹⁵

Letícia de Souza Correia Santos³¹⁶

Luiza Santana Marques³¹⁷

Sofia Rezende Paes³¹⁸

RESUMO

Desde 2017 é desenvolvido o estágio de “Orientação à Queixa Escolar” no Curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), sendo seu referencial teórico-metodológico a Psicologia Sócio-Histórica (Luria, 1991; Leontiev, 1978), Pedagogia Histórica-Crítica (Saviani, 2008) e Orientação à Queixa Escolar (Souza, 2007). Esta modalidade de atendimento atua enquanto contraponto crítico nas tramas de relações de poder, posicionando-se de forma contrária ao modelo biomédico e perspectivas patologizantes na escola. Convida a investigar a produção histórica, social e as mediações que atravessam as queixas acerca do processo de escolarização, articulando diferentes os atores da rede (aluno, escola, família, e órgãos públicos de proteção social). Foi feito um levantamento junto às fichas de pedido de atendimento do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA). Foram identificadas queixas encaminhadas por 11 escolas públicas da cidade, destas, duas se interessaram na realização do trabalho. As atividades realizadas durante o estágio foram: leitura, fichamento e discussão dos textos em grupos de estudo; supervisões semanais; inserção nas escolas, realizando observações, análise de demandas,

308 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. É bolsista de Iniciação Científica por esta mesma Universidade, na qual pesquisa a temática da medicalização da Educação e estagiária em Orientação à Queixa Escolar. Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: fernanda.oscar2@gmail.com

309 Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, professor adjunto e chefe de Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Escolar, atuando em temas tais como políticas educacionais, violência escolar, inclusão escolar. Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: celstondin@ufsj.edu.br

310 Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, psicólogo da Universidade Federal de São João del-Rei. Atua no Serviço de Psicologia Aplicada do curso de Psicologia da UFSJ. Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: marcelocotta@ufsj.edu.br

311 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei e foi estagiária em Orientação à Queixa Escolar. Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: barbaradiniz@gmail.com

312 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei e foi estagiária em Orientação à Queixa Escolar. Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: fowllin@hotmail.com

313 Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei e foi estagiária em Orientação à Queixa Escolar. Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: deboracassia13@hotmail.com

314 E-mail: danielenscpotela@gmail.com

315 E-mail: larissarantes96@gmail.com

316 Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei e foi estagiária em Orientação à Queixa Escolar. Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: leticiascorreias@gmail.com

317 Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei e foi estagiária em Orientação à Queixa Escolar. Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: luizasm.x@gmail.com

318 Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei e foi estagiária em Orientação à Queixa Escolar. Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: sofiarpaes@gmail.com



elaboração de plano de ação e implementação de intervenções; participação em reuniões de módulos dos(as) professores(as); atendimento de crianças no SPA; e registro documental (prontuários e diários de campo). O trabalho alcançou sete turmas da educação infantil e do ensino fundamental, junto às quais realizamos observações, e em cinco delas também realizados trabalho de grupo com alunos, três crianças iniciaram atendimento no SPA, participamos de quatro reuniões de módulos com os(as) professores(as), de encontros periódicos com as direções/coordenações das escolas e duas reuniões com o psicólogo do CRAS. A compreensão acerca dos modos de relação entre professores, alunos, comunidade, equipe gestora e familiares pôde ser construída, o que possibilitou o reconhecimento dos limites dos fazeres educacional e psicológico, e as potencialidades e possibilidades inerentes ao cenário escolar, numa perspectiva de trabalho em rede.

PALAVRAS-CHAVE

Psicologia Escolar; Queixa Escolar; Rede; Processo de Escolarização; Estágio.

REFERÊNCIAS

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LURIA, A.R. *et al.* **Psicologia e pedagogia**: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. v. 1. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1991.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**. 10. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2008.

Souza, B. P. **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

AS RELAÇÕES FAMILIARES E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Mariana Silva Teixeira³¹⁹
Renata Cristine de Oliveira³²⁰

RESUMO

Salienta-se que o psicólogo desempenha um papel importante na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), conectando usuários, família, instituição e sociedade. Cabe ao psicólogo instigar reflexões sobre a inclusão, rompendo com estigmas. Este rompimento deve acontecer de forma ampla. Deve começar na família. O estigma de incapacitado e sem autonomia, muitas vezes, é usado por familiares de usuários da APAE, limitando-os ainda mais. Este relato é resultado do estágio curricular supervisionado realizado na APAE de Arcos/MG, iniciado em 28 de fevereiro de 2019, com término em 18 de junho de 2019. O objetivo geral do estágio é promover estratégias de desenvolvimento dos usuários, além de potencializar seu processo de inclusão com o apoio dos familiares. Dois usuários foram indicados pela equipe profissional da instituição para atendimentos individuais e com os familiares. Um possui 42 anos, com diagnóstico de esquizofrenia e deficiência intelectual moderada. O outro tem 40 anos, com síndrome de down. Os atendimentos individuais com os usuários acontecem semanalmente, com duração de 40 minutos. Os atendimentos familiares também possuem o mesmo tempo de duração. No entanto, acontecem de acordo com a demanda apresentada. Entre as atividades que foram realizadas até o momento, estão artesanatos variados, colagem, confecção de jogos, desenhos e pinturas. Em todas as atividades citadas, buscou-se a participação de familiares, seja na APAE ou em casa. Houve momentos em que os usuários iniciavam as atividades na APAE e terminavam em casa para que os familiares pudessem contribuir mais ativamente no desenvolvimento deles, desconstruindo estigmas. Verificou-se que os usuários, aos poucos, estão se tornando mais independentes em relação às suas tarefas diárias. Uma melhora na comunicação entre usuários/usuários, usuários/equipe, usuários/familiares e equipe/familiares está acontecendo, também, aos poucos. A escuta e as orientações direcionadas aos familiares, evidenciam que é necessário vivenciar a perspectiva inclusiva para além do espaço institucional.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação inclusiva; Estratégias de desenvolvimento; Relações familiares.

REFERÊNCIAS

COELHO, Maria Matos; COSTA, Anna Edith da. **A Educação e a formação humana: tensões e desafios na contemporaneidade**. Porto Alegre: Artmed, 04/2011. VitalSource Bookshelf Online.

FIGUEIREDO, Luana Marys Furtado; SILVA, Patrícia Costa dos Santos; SOUZA, André Luiz Thomaz de; SOARES, Evelise Aline; MESQUITA, Gema. Sentimentos ambivalentes da família frente à pessoa com necessidades especiais. **Arq Ciênc Saúde**, São José do Rio Preto, v. 21, n. 1, 2014, p.

319 Graduanda do 9º período do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Membro do coletivo PluraiS, que milita contra a violência. Adquiriu experiências referentes à educação inclusiva por meio de estágios realizados na APAE de Arcos/MG. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: marimarist@hotmail.com

320 Graduada em Psicologia pela FUNEDI/UEMG; pós-graduada em Educação Inclusiva pela UNICID; mestra em Educação, Cultura e Organizações Sociais pela FUNEDI/UEMG. Docente e supervisora de estágio no Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: renataoliveira@prof.una.br



60-65. Disponível em: <[http://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-21-1/ID-549-21\(1\)-\(Jan-Mar-2014\).pdf](http://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-21-1/ID-549-21(1)-(Jan-Mar-2014).pdf)>. Acesso em: 19 maio 2019.

GUZZO, Raquel Souza Lobo (Org.). **Psicologia escolar**: desafios e bastidores na educação pública. Campinas: Editora Alínea, 2014. 339 p.



ATENDIMENTO PSICOLÓGICO NO HOSPITAL GERAL: ELABORAÇÃO DO ADOECIMENTO DO CORPO

Bianca Julia Gonçalves Lisboa³²¹

Gesianni Amaral Gonçalves³²²

RESUMO

O estágio curricular supervisionado em um hospital geral da cidade de Divinópolis/MG visa oferecer aos internados, por meio do atendimento psicológico, a possibilidade e capacidade de elaboração da causa ali presente e uma melhora psíquica frente ao inesperado, promovendo assim saúde e bem-estar ao sujeito. Vale ressaltar que grande parte destes adoecidos não encontram acolhimento dentro das instituições de assistência à saúde, devido à escassez de tempo e de capacidade técnica advinda das equipes dispostas nas mesmas. Através dos atendimentos oferecidos pelos estagiários de Psicologia é possível ofertar um momento de fala, indo além do adoecimento do corpo, onde os mesmos, passam a verbalizar sobre causas que o adoecem. O estágio possui como objetivo principal a promoção de saúde pela oferta de espaço ao paciente e ao familiar, para que, a partir da construção verbal haja uma melhor elaboração frente a doença, fortalecendo o sujeito que se encontra vulnerável físico e psiquicamente. A psicanálise nasceu dentro de um hospital geral, a partir da demanda das pacientes histéricas ao pai dos saberes psicanalítico Freud. É a partir da ideia de pesquisa e conhecimento das variadas estruturas propostas por Lacan que atuamos oferecendo a análise dentro do hospital. Através desta possibilidade de atendimento e oferta de escuta, elaboração e fortalecimento psíquico frente a doença, foi possível diversas vezes, em atendimento, perceber a melhora da angústia frente a aceitação do adoecimento e da construção simbólica sobre o mesmo. Fato este que colabora com a estadia do paciente dentro da instituição e facilita os trabalhos multidisciplinares aplicados a ele. Os resultados obtidos são muito satisfatórios, tanto para os pacientes, como para a equipe multidisciplinar se estendendo aos familiares/acompanhantes.

PALAVRAS-CHAVE:

Atendimento; Adoecimento; Elaboração psíquica.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sonia. O hospital, o sujeito, a Psicanálise: questões desenvolvidas a partir de uma experiência de dezoito anos no NESA/UERJ. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 143-160, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582008000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 30 maio 2019.

CARVALHO, Simone. **O hospital geral: Dos impasses às demandas ao saber psicanalítico. Como opera a psicanálise?** Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (Dissertação de mestrado). Belo Horizonte, 2008.

321 Discente do curso de Psicologia da UEMG Unidade Divinópolis/MG. E-mail: lisboabiancag@gmail.com
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) unidade Divinópolis.

322 Docente da UEMG Unidade Divinópolis/MG. Mestre em Psicologia e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da FAFI-CH/UFMG. Núcleo de Estágio, atuação no estágio supervisionado. E-mail: gesianni@terra.com.br



ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO GRUPO DE GESTANTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cynthia Santos Meireles³²³

Samara Ferreira Gomes³²⁴

Anne Raissa Souza Brante³²⁵

RESUMO

Introdução: A atuação do psicólogo na Atenção Primária a Saúde (APS), prioriza as práticas coletivas, que promovam espaços de cuidados em saúde e participação social (MS, 2009). Nesse sentido, entende-se como ferramenta importante para este cuidado continuado os Grupos de Gestantes, que estão vinculados ao Programa de Assistência Integral à Mulher, no âmbito da atenção básica. Esta modalidade de assistência se constitui espaço de compartilhamento de expressões subjetivas e co-construção de sentidos que envolvam o período gestacional (MS, 2001). Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de Psicólogas residentes do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, com Grupos de Gestantes realizadas em Unidades Básicas de Saúde no município de Montes Claros- MG. **Metodologia:** Os encontros ocorreram entre os meses de Junho de 2018 e maio de 2019. O público alvo são gestantes cadastradas no território de abrangência das Unidades Básicas de Saúde, localizadas nos bairros Eldorado e São Judas. Os encontros ocorreram mensalmente, com duração de duas horas. Durante os encontros foram utilizadas dinâmicas de autoconhecimento, escuta terapêutica, educação permanente e reflexões acerca dos temas escolhidos pelas participantes, dentre eles: experiência da maternidade, mudanças no corpo, alimentação saudável, sentimentos vivenciados, parto-puerpério e cuidados com o bebê. **Resultados e Discussão:** Percebeu-se que a experiência com os Grupos de Gestantes aponta que a inserção do psicólogo nestes espaços possibilitou a produção de sentidos por meio da promoção do diálogo; facilitou a emergência de novas percepções das usuárias acerca do período gestacional; proporcionou o reconhecimento da identidade, bem como foi capaz de impulsionar o empoderamento feminino e materno. **Conclusão:** Conclui-se que a atuação do psicólogo em Grupos de Gestantes trata-se de um recurso de cuidado relevante para promoção do atendimento integral das necessidades da mulher grávida e demais pessoas envolvidas.

PALAVRAS-CHAVE:

Gravidez; Psicologia; Atenção primária a saúde.

323 Psicóloga graduada pela Faculdade de Saúde Ibituruna, Montes Claros-MG. Atua como Psicóloga no município de Montes Claros-MG através do programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família- Unimontes. Durante a graduação realizou estágio extracurricular na Prefeitura Municipal de Montes Claros- MG. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: cynthiameireles@outlook.com

324 Psicóloga graduada pela Faculdade de Saúde Ibituruna, Montes Claros-MG. Atua como Psicóloga no município de Montes Claros-MG através do programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família- Unimontes. Durante a graduação realizou estágio extracurricular na Prefeitura Municipal de Montes Claros- MG. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: samarafegomes@gmail.com

325 Especialista em Saúde da Família pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Possui graduação em Psicologia pela Faculdade de Saúde Ibituruna - FASI. Atualmente é preceptora do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da UNIMONTES, docente da FASI. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: anneraissasouzadiaz@gmail.com



REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Caderno de Atenção Básica: diretrizes do NASF. n.27. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília (DF), 2001.



AUTISMO E TRATAMENTO PSICANALÍTICO: UMA PRÁTICA DA CLÍNICA DA INVENÇÃO

Isabela de Lima Nogueira³²⁶

Maria Gláucia Pires Calzavara³²⁷

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência em estágio de atendimento clínico psicanalítico com crianças autistas. Tal estágio ocorre no serviço de Psicologia aplicada de uma universidade pública do interior mineiro. A demanda pelo trabalho desenvolvido com crianças autistas surgiu a partir de uma pesquisa realizada na região, na qual constatou-se a carência de serviços públicos especializados no tratamento desses sujeitos. É sabido que as dificuldades mais comuns nos autismos estão relacionadas à comunicação e à relação com o outro. Baseando-se, nas formulações da clínica psicanalítica e da prática entre vários (DI CIACCIA, 2007), as intervenções clínicas partem de “invenções”, frente aos enunciados do sujeito e a partir de um saber fazer na clínica com o imprevisto e a surpresa (Ribeiro, 2016). Esta é uma clínica cuja experiência não se reduz exclusivamente ao *setting* de tratamento, no entanto, sem perder de vista a orientação do caso a caso e os princípios da ética psicanalítica. Um caso paradigmático nesta clínica se deu a partir da dificuldade de uma criança permanecer no interior da sala de atendimento. A partir desta dificuldade, o campus da universidade foi o local possível para o atendimento desta criança. No entanto, há outros casos em que a separação da mãe no início é muito angustiante, então permite-se a permanência da mesma na sala de atendimento. Os atendimentos ocorrem em duplas de estagiários e aposta-se no brincar como ferramenta mediadora, sempre respeitando as particularidades e limites de cada caso. Além disso, vinculado a este trabalho, realiza-se também o atendimento aos familiares, ofertado a todos aqueles que possuem interesse. É notório o avanço realizado por estas crianças a partir do tratamento e além disso, a partir da fala dos pais em que relatam a inclusão dessas crianças nas escolas, a ampliação das relações sociais e, principalmente no desenvolvimento da comunicação verbal.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicanálise; Clínica; Autismo.

REFERÊNCIAS

DI CIACCIA, Antônio. **Inventar a psicanálise na instituição**. In: Trabalhos da escola da causa freudiana reunidos pela associação do campo freudiano. **Pertinências da psicanálise aplicada**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 69-75.

RIBEIRO, Jeanne Marie de Leers Costa. **A clínica do autismo em instituição**. In: Analítica, v. 5, n. 9. 2016. p. 100-107.

326 Mestranda em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: isabelalimanogueira@yahoo.com.br

327 Professora Adjunta no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: glauciacalzavara@gmail.com



CABELO NATURALMENTE CACHEADO E CRESPO: ESTUDO SOBRE REPRESENTATIVIDADE EM CRIANÇAS DE ATÉ 12 ANOS

Ana Caroline de Assis Ribeiro³²⁸

Andresa Oliveira Venceslau³²⁹

Evely Najjar Capdeville³³⁰

Naiara Alves de Heredia³³¹

Rúbia Caroline de O. Souza³³²

RESUMO

Este trabalho resulta de experiência multidisciplinar, ocorrida durante o 2º semestre de 2018, a partir da interlocução entre Psicologia, infância e cultura, a partir das disciplinas Estágio Supervisionado, Métodos e Técnicas de Pesquisa e Antropologia, de estudantes do curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais – FCMMG. O estudo problematiza o padrão social de beleza ancorado em referenciais eurocêntricos, nos quais predomina a presença de bonecas loiras, de olhos azuis e protagonistas brancos, alimentando a representação e a autoimagem de crianças e o não uso do cabelo naturalmente cacheado ou crespo na infância. Assim, este estudo busca identificar a possível interferência desses padrões e os aspectos culturais relacionados a essa representação e autoimagem. A pesquisa constituiu em investigação bibliográfica de artigos, nos bancos de dados Scielo e Google acadêmico, a partir das palavras-chave: cabelo, cacheado, crespo, infância, criança, afro e representatividade. Foi realizada observação em praças e locais públicos de BH, bem como entrevista não-estruturada com pais e responsáveis por crianças de até doze anos de idade, que se enquadravam nos critérios de inclusão da amostra. Apesar do movimento emergente que defende o uso do cabelo em sua forma natural e a transição capilar, percebe-se que a aceitação e o uso dos cabelos naturalmente cacheados ou crespos é algo relativamente novo na sociedade belorizontina. Grande parte dos entrevistados afirma encontrar dificuldades para cuidar do cabelo naturalmente cacheado ou crespo da criança. Evidenciou-se, ainda, que essas crianças não se sentem representadas por personagens de animações, histórias, brinquedos, músicas, novelas, entre outros. Os resultados sinalizam para a existência de preconceito enraizado na sociedade, dificultando o uso natural dos cabelos cacheados e crespos. Concluiu-se a necessidade de investimento focado na diversidade cultural e social para que a aceitação e uso do cabelo naturalmente crespo e cacheado seja incorporado à subjetividade infantil.

PALAVRAS-CHAVE:

Criança; Autoimagem; Representatividade; Psicologia; Cabelo cacheado e crespo.

328 Acadêmica do 5º período no curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: anaribeiro128@hotmail.com

329 Acadêmica do 5º período no curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: alvesandressa201344@gmail.com

330 Psicóloga, Filósofa, Mestre em Educação, Vice-coordenadora ABEP-MG. E-mail: evelyncap@hotmail.com

331 Acadêmica do 5º período no curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: naiaraly@gmail.com

332 Acadêmica do 5º período no curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: rubia.oliveirasouza@hotmail.com



REFERÊNCIAS

100 livros infantis meninas negras (site) [2018]. Disponível em: <<http://100meninasnegras.com/>> Acesso em: 15 nov. 2018.

CHAVES, Rosa Silvia Lopes; OLIVEIRA, Waldete Tristão. **“O Jefferson falou que o meu cabelo é feio, é ruim”**: cabelo crespo e empoderamento de meninas negras na creche. Florianópolis: Zero-a-Seis, 2018.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo**: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação, 2002.

MARIOSIA, Gilmara Santos; REIS, Maria da Glória. **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. Londrina: Estação Literária, 2011.

Modelo caribenha cria linha de bonecas negras com cabelo afro. **Folha de São Paulo** (site) [2018]. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2016/02/1741118-modelo-caribenha-cria-linha-de-bonecas-negras-com-cabelo-afro.shtml>> Acesso em: 08 nov. 2018.

População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos. **Agência IBGE notícias**, 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores>> Acesso em: 08 nov. 2018.

SANTOS, Nádia Regina Braga. **Do black power ao cabelo crespo**: a construção da identidade negra através do cabelo. 2015. 34f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Mídia, Informação e Cultura) - Escola de comunicações e artes, Universidade de São Paulo, 2015.

TIPOS DE CABELO: como identificar o seu? **Cabelo Afro**, 2015. Disponível em: <<http://cabeloafro.com.br/conheca-o-seu-cabelo-a-tabela-de-tipos-de-cabelo/>>. Acesso em: 06 out. 2018.



CAFÉ COM PROFESSOR@S: UM ESPAÇO ABERTO E DEMOCRÁTICO PARA TROCAS ENTRE UNIVERSITÁRI@S

Andreia Cristina Barreto³³³

Hallan Lincoln Santana³³⁴

Joyce Grazielle Fernandes³³⁵

RESUMO

Ávidos por transformar a realidade, muitos estudantes esperam de seus mestres uma atitude crítica em relação à sociedade (CALEGARE 2010). Nesta perspectiva nasce o projeto “Café com Professor@s”, O Projeto teve início em 2016 como uma iniciativa de um grupo de alunos do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA, com o intuito de produzir discussões que perpassem conteúdos acadêmicos e assuntos atuais visando se constituir enquanto um espaço complementar à sala de aula, popularizando o espaço acadêmico, a troca de conhecimento e a integração da comunidade escolar. A proposta desse trabalho é apresentar o Projeto “Café com Professor”, uma experiência interdisciplinar que oferece debates envolvendo professores e especialistas em diversas áreas do conhecimento, de maneira gratuita, a estudantes universitários. O “Café com Professor@s vem de encontro a uma lógica de ensino acadêmico massificado, em que os educadores têm previamente uma ementa e deve segui-la para se cumprir um cronograma teórico que muitas vezes não dá espaço à um aprofundamento das discussões dentro de sala de aula. A partir do pressuposto de uma Psicologia crítica, é de extrema importância que alunos de instituições de ensino superior, participem de espaços de discussão sobre as diversas facetas sociais multifatoriais, que engloba as relações humanas e que age de forma dialética com o sujeito e que por consequência interfere em seu meio. Em sua estrutura o projeto prioriza espaço de fala aos alunos e alunas, com a maior parte do tempo das rodas de conversas voltadas as perguntas para os palestrantes convidados, promovendo assim uma interação do palestrante com o público visando construir uma horizontalidade na relação aluno e professor. Ao longo destes dois anos de atuação do projeto, este espaço tem se legitimado como espaço aberto e democrático fomentando as discussões propostas pelos próprias alunas e alunos.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia Social critica; Estudante Universitário; Rodas de Conversa; Ensino Superior.

333 Graduada em Psicologia pela PUC-Minas (2004), Mestre em Gestão Social e Educação (UNA, 2012). Atualmente é professora e coordenadora da Pós-graduação do Centro Universitário UNA. Coordena o projeto acadêmico “Café com o Professor”. Atuou 10 anos na área de Direitos Humanos, especialmente com políticas públicas para Crianças e Adolescentes. Centro Universitário Una. E-mail: andreia.barreto@prof.una.br

334 Acadêmico de Psicologia (UNA), atualmente Estagiário de Psicologia na Clínica Aprendizagem e Cia, Conselheiro da Juventude na Prefeitura de Contagem, fundador e coordenador do projeto “Café com o Professor” e do “Café Empreendedor” do Centro Universitário UNA, pesquisador discente da Iniciação Científica Núcleo de Pesquisa do Mestrado da UNA. Centro Universitário Una. E-mail: hallanlincolnpsi@gmail.com

335 Graduada em Psicologia UNA, participa do projeto de extensão “Junt@s: Mulheres e homens contra a violência do gênero”, participou do projeto de iniciação científica “A construção da autonomia de mulheres em situação de violência doméstica”, Integrante do projeto acadêmico “Café com Professor”, apresentou trabalho no XXI Encontro da ABRAPSO Minas. Centro Universitário Una. E-mail: fernandes-joyce@outlook.com



REFERÊNCIAS

CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguilar. Abordagens em Psicologia Social e seu ensino. **TransForm. Psicol. (Online)**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 30-53, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-106X2010000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 jun. 2019.



CAPACITAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE QUALIFICAÇÃO DO CUIDADO NOS SERVIÇOS RESIDENCIAIS TERAPÊUTICOS

Poliana de Souza Dias³³⁶

Rhayane Maria Medeiros Ribeiro do Carmo³³⁷

Adelson Bruno dos Reis Santos³³⁸

RESUMO

As Residências Terapêuticas (RTs), surgem após a Reforma Psiquiátrica Brasileira como recurso estratégico na desinstitucionalização de pessoas com sofrimento mental, que passaram por longas internações em hospitais psiquiátricos e de custódia. Tratam-se de moradias em que se objetiva o resgate da cidadania e autonomia, desconstruindo, desta forma, as lógicas manicomiais arraigadas na vida desses sujeitos. O direito à moradia, a autonomia e a reabilitação psicossocial, como objetivo e estratégia terapêutica, ganham, portanto, um caráter desafiador para a equipe de profissionais que juntos irão construir e executar um projeto singular terapêutico para cada morador. Para tanto, tal dispositivo conta com uma equipe mínima, dentre eles os cuidadores. O presente relato de experiência se propõe a discutir a pertinência observada em uma RT de capacitação destes trabalhadores em especial, que estão às voltas com os cuidados dos moradores. É necessário ressaltar a lacuna no processo de qualificação destes profissionais para o campo da saúde mental e que impactam no cuidado ofertado por eles aos moradores. Desta maneira, ressaltamos a importância da oferta de espaços formadores, considerando as dificuldades notadas no manejo, por parte destes profissionais, destes sujeitos. Consideramos ser este um aspecto relevante para se cumprir a finalidade a que se propõe este dispositivo, tendo em conta que é por meio do cuidado cotidiano que se corre o risco de se adotar posturas que colocam em risco o projeto terapêutico do morador e que, desta maneira, poderão ir em uma linha contrária ao processo de promoção da autonomia deste sujeito.

PALAVRAS-CHAVE:

Residência Terapêuticas; Capacitação; Cuidador; Desinstitucionalização.

REFERÊNCIAS

AVELLAR, L. Z.; NETO, P. M. R. Conhecendo os cuidadores de um serviço residencial terapêutico. Conhecendo os cuidadores de um serviço residencial terapêutico. *Mental*, Barbacena, v. 7, n. 13, p. x, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272009000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 31 mai 2019.

336 Autora. Graduanda em Psicologia e Estagiária na Residência Terapêutica. Faculdade Pitágoras Betim. E-mail: psdias.psi@gmail.com

337 Co-autora. Psicóloga, Especialista em Saúde Mental; Monitora de Psicologia; Psicóloga Clínica no Cersam. Faculdade Pitágoras Betim e Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. E-mail: rhayane.carmo@kroton.com.br

338 Co-autor. Mestre em Psicologia; Especialista em Saúde Mental; Graduado em Psicologia; Professor dos cursos de Psicologia das Faculdades Pitágoras Betim e Venda Nova. Faculdade Pitágoras Betim e Venda Nova. E-mail: adelson.



BRASIL, Ministério da Saúde. Gabinete Ministerial. Portaria nº 106 de 11 de fevereiro de 2000: Institui os serviços residenciais terapêuticos. Brasília: Ministério da Saúde, 2000. Disponível em: <

BRASIL, Ministério da Saúde. Gabinete Ministerial. Portaria nº 106 de 11 de fevereiro de 2000: Institui os serviços residenciais terapêuticos. Brasília:

Ministério da Saúde, 2000. Disponível em: <<http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2015/marco/10/PORTARIA-106-11-FEVEREIRO-2000.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. Residências terapêuticas: o que são, para que servem. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/120.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2019.

JUNIOR, H. P. O.; SILVEIRA, M. de F. A. Residências terapêuticas: pesquisa e prática nos processos de desinstitucionalização. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/pgwpg/pdf/silveira-9788578791230.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2019.



COLETIVO PLURAI S

Ana Carolina do Couto Paiva de Oliveira³³⁹
Dayrelly Kitaara Regina Silva Barroso³⁴⁰
Felipe Antônio Amaral Mesquita³⁴¹
Geovana Rita de Miranda³⁴²
Henriqueta Regina Pereira Couto³⁴³
Júlia Gabriela Ferreira³⁴⁴
Mariana Silva Teixeira³⁴⁵
Natália Marins Bezerra³⁴⁶
Priscila Santos Araújo³⁴⁷
Priscilla Oliveira Coimbra³⁴⁸
Rafaela das Graças Ferreira³⁴⁹
Tatiany Rodrigues de Alcântara Fiuza³⁵⁰
Thamara Nogueira da Silva Fraga³⁵¹
Victor Augusto Alves Silva³⁵²

RESUMO

O PluraiS é um grupo de estudantes militantes da UNA Bom Despacho/MG, que surgiu no dia 14 de março de 2018, data em que a vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes foram executados no Rio de Janeiro/RJ, para conscientizar criticamente os universitários acerca de problemas sociais como preconceito, racismo e marginalização de minorias, dando visibilidade a quem é posto à margem da sociedade. A temática central do PluraiS é a violência em todos

339 Graduada em Direito pelas Faculdades Integradas do Oeste de Minas – FADOM; pós-graduada em Direito Empresarial pelas Faculdades Integradas do Oeste de Minas – FADOM; graduanda do 5º período do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Coordenadora do Coletivo PluraiS. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: carolinacpo@yahoo.com.br

340 Graduada do 4º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Integrante da comissão da Mulher do Coletivo PluraiS, que milita contra a violência. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: dayrellybarroso@gmail.com

341 Graduando do 6º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Coordenador de vendas e integrante da Comissão de Gênero e Diversidade do Coletivo PluraiS. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: felipematiasamaral@gmail.com
342 Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG; pós-graduanda em Direitos Humanos em Educação pela UNIFRAN Pólo Bom Despacho/MG. Secretária e integrante da Comissão de Gênero e Diversidade do Coletivo PluraiS. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: geo-zinha@hotmail.com

343 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais; mestre em Educação pelo CEFET/MG. Professora e coordenadora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: henriquetacouto@prof.una.br

344 Graduada do 5º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Integrante da Comissão de Gênero e Diversidade do Coletivo PluraiS. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: juliagabriela072@gmail.com

345 Graduada do 9º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Coordenadora de mídias sociais e integrante da Comissão da Mulher do Coletivo PluraiS. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: marimarist@hotmail.com

346 Graduada do 9º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Tesoureira e integrante da Comissão de Questões Raciais do Coletivo PluraiS. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: nataliamarins29@hotmail.com

347 Graduada em Serviço Social pela Faculdade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC – de Bom Despacho/MG; graduanda do 5º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Vice-coordenadora e integrante da Comissão da Mulher do Coletivo PluraiS. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: ferreira.rafaela@outlook.com.br

348 Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Integrante da Comissão de Questões Raciais do Coletivo PluraiS. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: priscilagmaraujo@hotmail.com

349 Graduada do 5º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Integrante da Comissão da Mulher do Coletivo PluraiS. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: prica.psi@gmail.com

350 Graduada do 5º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Integrante da Comissão da Mulher do Coletivo PluraiS. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: tatianyfiuza@gmail.com

351 Graduada do 5º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Integrante da Comissão de Questões Raciais do Coletivo PluraiS. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: tfraga016@gmail.com

352 Graduando do 5º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Integrante da Comissão de Questões Raciais e coordenador de arte do Coletivo PluraiS. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: victor_aas@yahoo.com.br



os seus vieses, e se subdivide em comissões de: 1) Questões Raciais, 2) Gênero e Diversidade, e 3) Mulher. O grupo conta com profissionais formados da Psicologia, Pedagogia, do Direito e Serviço Social, e tem ganhado espaço dentro e fora do *campus*, já tendo participado de eventos a convite da Prefeitura Municipal de Bom Despacho, da Câmara Municipal, Núcleo Educacional Tipura – Curso Preparatório Para Concursos, além de integrar, como representante estudantil, a Comissão de Psicologia, Gênero e Diversidade do CRP Sub-Sede Centro Oeste. Em um ano de existência, já promoveu incontáveis eventos de estudo e reflexão. O objetivo geral do grupo é desenvolver entre os universitários um pensamento crítico, compreensão dos diversos contextos sociais e diversidade humana, e dar acolhimento a quem precisa. A metodologia utilizada pelo grupo é realização de rodas de conversa com as temáticas propostas, palestras, fornecimento de material informativo por escrito e outros tipos de mídia, e intervenções interativas, dentro de parâmetros acadêmicos da Psicologia e da Pedagogia.

PALAVRAS-CHAVE:

Diversidade; Feminismo; LGBT; Racismo; Visibilidade.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Regina. **CNJ divulga dados do Judiciário sobre violência contra a mulher**. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen Livros Feminismos Plurais, 2019.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015 – homicídio de mulheres no Brasil**. Disponível em: <<https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

CONTROLE SOCIAL E A PSICOLOGIA SOCIAL DA SAÚDE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Talyta Resende de Oliveira³⁵³

Gabriela Nascimento Silva³⁵⁴

Taiana Toussaint de Paula³⁵⁵

RESUMO

A Psicologia Social da Saúde é um vasto campo de saberes e práticas psicológicas que visam romper com a dicotomia indivíduo-sociedade, trazendo questões inerentes ao processo de saúde-doença, assim como de formulação de políticas de saúde para o seio da prática psicológica. No presente resumo, apresentamos um projeto de extensão vinculado à Psicologia social da saúde, intitulado “Saúde é arte”. Este projeto tem sido realizado desde o segundo semestre de 2018 em São João del-Rei pelo curso de Psicologia do UNIPTAN. O objetivo geral do projeto de extensão tem sido o de promover a saúde em âmbito local e estimular o controle social da saúde por meio de atividades artísticas com crianças de uma comunidade em situação de vulnerabilidade social. Como percurso metodológico, são realizadas semanalmente oficinas com um grupo fixo de crianças, cuja temática orbita em torno da saúde coletiva. Construídas semanalmente a partir dos diálogos e das demandas das próprias crianças, as oficinas se fortificam como espaço de discussão sobre a saúde de si, da família e da comunidade. As temáticas, desde o primeiro momento, surpreenderam às estagiárias por seu nível de maturidade e senso crítico. Já foram tema das oficinas: condições precárias do asfaltamento da comunidade, corte irresponsável de árvores, descarte de lixo nas ruas, falta de material escolar, violência, entre outros. Percebeu-se nas crianças, portanto, atores potentes para a reflexão crítica acerca da comunidade e, de certa forma, multiplicadores dos ensinamentos ali adquiridos. A utilização de oficinas artísticas com o intuito de viabilizar projetos de educação em saúde nos parece uma atividade inovadora que, na experiência vivenciada no projeto de extensão “Saúde é arte”, mostrou-se exitosa, possibilitando a construção de novos caminhos em educação em saúde.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação em saúde; Controle social; Psicologia social da saúde.

REFERÊNCIAS

SCARCELLI, I. R. **Psicologia Social e Políticas Públicas: Pontes e Interfaces no Campo da Saúde**. São Paulo: Zagodoni Editora, 2017.

SPINK, M.J. Psicologia Social e Saúde: trabalhando com a complexidade. **Quaderns de Psicologia**. V.12, N.1, p. 41-56, 2010.

SPINK, M.J.P. **Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos**. Petrópolis; Vozes, 2010.

353 Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN). Coordenadora e docente do curso de Psicologia do UNIPTAN. Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: talyta.oliveira@uniptan.edu.br

354 Discentes do curso de Psicologia do UNIPTAN.

355 Discentes do curso de Psicologia do UNIPTAN.



CUIDANDO DE QUEM CUIDA

Edilaine Maria Silva³⁵⁶

Elisane Adriana Santos³⁵⁷

Fernanda Gomes Pereira Faustino³⁵⁸

João Henrique Amaral Fontenelle de Araújo³⁵⁹

Priscilla Moura Marques³⁶⁰

RESUMO

O presente trabalho trata - se da apresentação de práticas exitosas realizados pelo Núcleo de Educação Permanente (NEP) envolvendo os servidores da saúde lotados em uma das nove Regionais de Saúde da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH). Foram atividades que se iniciaram com a Capacitação dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS), culminando com a abrangência de outras categorias e usuários. As ações que fundamentalmente tinham um cunho educacional, mostraram-se de caráter assistencial e perpassaram pelas categorias de enfermagem, gerências de equipamentos da rede, chegando ao Conselho Distrital de Saúde, onde foi demandado um trabalho que pudesse fortalecer e aprimorar a relação entre os pares e a comunidade. Ao permitir um espaço de fala e escuta, muitas demandas surgiram e deram voz a outros profissionais que também solicitaram um espaço de expressão e elaboração de suas demandas oriundas do ambiente ocupacional. Firmou-se que desenvolveríamos ações em grupo, com objetivo de fomentar um espaço de saúde ocupacional para os trabalhadores da Regional de Saúde. Aproximadamente 300 pessoas submeteram a esta experiência. Para além de um processo pedagógico, os encontros objetivaram trabalhar o significado que os servidores atribuem ao seu trabalho, bem como oportunizar, através da escuta e acolhimento, uma ressignificação de suas experiências. O propósito foi fazer com que estes servidores e servidoras conseguissem desvincular suas experiências padecedoras da percepção geral do trabalho. O modelo de grupo proposto por Carl Rogers (2002) foi um grande aliado nesta trajetória. A ideia foi propor espaços de abertura à experiência e ressignificação de afetos, a fim de alcançar o crescimento pessoal e o aperfeiçoamento da comunicação dos envolvidos. Como resultado do trabalho, destacamos a conquista de mais vigor na caminhada profissional destes trabalhadores, viabilizado por um espaço de escuta e acolhimento.

PALAVRAS-CHAVE:

Saúde ocupacional; Subjetividade; Trabalho.

REFERÊNCIAS

ROGERS, Carl R. 1902-1987. **Grupos de Encontro**/Tradução Joaquim Proença - 8ª Ed. São Paulo; Martins Fontes, 2002.

356 Diretoria Regional de Saúde – Pampulha/SMSA. E-mail: edilaine.maria@pbh.gov.br dresp@pbh.gov.br

357 Diretoria Regional de Saúde – Pampulha/SMSA. E-mail: elisane.rodrigues@pbh.gov.br

358 Diretoria Regional de Saúde – Pampulha/SMSA. E-mail: fernanda.faustino@pbh.gov.br

359 Diretoria Regional de Saúde – Pampulha/SMSA. E-mail: op.joaofontenelle@gmail.com

360 Diretoria Regional de Saúde – Pampulha/SMSA. E-mail: priscillammp25@gmail.com



DESCONSTRUINDO A NARRATIVA DOMINANTE ATRAVÉS DE UM ENCONTRO TERAPÊUTICO

Daniela Rodrigues Silva dos Santos³⁶¹

Camila Repolez Salgado³⁶²

RESUMO

O presente trabalho é referente a uma prática de estágio que está sendo desenvolvida por alunos do décimo período do curso de Psicologia em uma instituição que recebe crianças de oito a quatorze anos de idade no contra turno escolar. O caso que pretendemos discutir desdobrou do atendimento de uma menina de oito anos. Quando recebemos sua mãe para o preenchimento da autorização de atendimento e a convidamos para ser atendida pelo serviço de Psicologia. Flora, 45 anos, tem quatro filhas e três netos. É uma mulher negra, pobre, mora na favela, é alcoolista, faz uso de cocaína e tem múltiplos parceiros sexuais. Através da narrativa institucional, foi nos apresentada uma mulher fragmentada e negligente, que chegou a perder a guarda das filhas por um período. Tom Andersen se ocupa a discutir sobre os nossos preconceitos a partir de uma ideia de Heidegger que faz muito sentido para o presente trabalho, pois ele passa a usar a palavra pré-conhecimento no lugar de preconceito, possibilitando que novas experiências sejam vistas e ouvidas como ainda não experimentadas, dialogando com nossos conhecimentos já adquiridos. Durante as conversações terapêuticas recorreremos às perguntas reflexivas para melhor compreender a narrativa da paciente sobre sua própria história. Desenvolvemos uma postura colaborativa, tal como proposta por Harlene Anderson durante as nossas conversações terapêuticas. Nesse momento, Flora toca minha experiência, repassando o seu olhar sobre as pessoas e o mundo, me permitindo revisitar minhas crenças cristãs por meio desse convite relacional. Possibilita também a compreensão do apontamento de Tom Andersen sobre nossos preconceitos serem formados pela maneira como vivemos nossas vidas.

PALAVRAS-CHAVE:

Preconceitos; Conversação terapêutica; Postura colaborativa.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Tom. **A linguagem não é inocente**. In: Nova Perspectiva Sistêmica, nº23.

ANDERSON, Harlene. **Conversação, Linguagem e Possibilidades**: um enfoque pós-moderno da terapia. São Paulo: Roca, 2009.

361 Estudante do décimo período do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras- Betim. E-mail: dani.ela.rodrigues@hotmail.com

362 Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2007) e mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2010). Atualmente é professora da Faculdade Pitágoras e psicóloga clínica. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica, Saúde Pública e Psicologia Social. E-mail: crepolez@yahoo.com.br



DEVASTAÇÃO FEMININA: O QUE PODE UMA ANÁLISE?

Erika Vidal de Faria³⁶³

RESUMO

O presente texto propõe realizar uma articulação entre os conceitos freudianos e lacanianos acerca da devastação feminina na psicanálise. Escrever um trabalho com reflexões acerca da devastação, é consequência de um trabalho realizado com uma adolescente na clínica-escola da graduação. Durante os atendimentos percebeu-se que a relação da adolescente com sua mãe era marcada por um ponto de devastação onde os dizeres maternos causavam efeitos mortíferos. Em contrapartida, a fixação à mãe se fazia presente de tal forma que ambas se confundiam sem a presença de algo que mediasse esta relação. Suscitou-se assim, o desejo de responder às questões que abarcam a questão da devastação feminina. Freud nomeou a relação problemática de uma mãe e filha como catastrófica e Lacan, ao retomar os postulados freudianos, disse se tratar mesmo de uma devastação que, para além da relação mãe e filha, pode se reatualizar no campo do amor. Intenta-se, portando, compreender a devastação feminina na relação mãe e filha em um retorno aos textos de Freud e Lacan, bem como discorrer sobre as discussões elaboradas por autores contemporâneos. Além disso, tem-se como objeto apresentar algumas investigações sobre o que pode o dispositivo analítico frente à devastação feminina, em articulação ao subsídio fornecido pela teoria psicanalítica, apresentando um estudo de caso clínico como pesquisa em psicanálise para fazer emergir a singularidade do caso-a-caso. Diante disto, este trabalho se delinea diante da pergunta “o que pode uma análise?”, com um apontamento de que o dispositivo de análise pode propiciar um lugar privilegiado em que a devastação, este outro nome para o gozo feminino, possa, de alguma maneira, se circunscrever.

PALAVRAS-CHAVE

Devastação feminina; Análise; Gozo feminino; Direção do tratamento.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Serge. O que quer uma mulher? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BESSA, Graciela. Feminino: um conjunto aberto ao infinito. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.

BRANCO, Lucia Castello. A branca dor da escrita: três tempos com Emily Dickson. Belo Horizonte: Coleção Sete Faces, 2006.

BROUSSE, Marie-Hélène. Uma dificuldade na análise de mulheres: a devastação da relação com a mãe. *In*: Miller, J. A. Ornicar?: De Jacques Lacan a Lewis Carroll. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

363 Psicóloga clínica. Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UNA. Mestranda em Estudos Psicanalíticos pela UFMG. Atuação de trabalho e pesquisa em Psicanálise com ênfase nas seguintes áreas de interesse: Freud, Lacan, sexualidade, letra, literatura, escrita e feminino. Realizou trabalhos envolvendo direitos humanos, políticas públicas e usuários da rede de saúde mental. Foi extensionista no projeto “Sessão Clínica de Psicanálise” no Centro Universitário Una e co-coordenadora do grupo de estudos “O feminino no cinema e na literatura - uma articulação com a Psicanálise”. Atualmente é pesquisadora colaboradora do LAPSI - Laboratório de estudos psicanalíticos: clínica e temas contemporâneos pelo Centro Universitário UNA. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: eriikavf@hotmail.com



DRUMMOND, Cristina. Devastação. Opção lacaniana online, São paulo, n. 6, nov. 2018. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/devastacao.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

FERREIRA, Andrea Eulalio (2015). A devastação materna e suas repercussões nas parcerias amorosas. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FREUD, Sigmund. A feminilidade (1933). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1972.

FREUD, Sigmund. Análise Terminável e interminável (1937). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v.XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. Consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. Sexualidade Feminina (1931). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GUIMARÃES, Lêda. Gozos da mulher. [S.L.]: KBR, 2014

LACAN, Jacques. O aturdido. *In*: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 448- 497. (Trabalho original de 1972).

LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Trabalho original de 1972-73).

LACAN, Jacques. O seminário, livro 22: R.S.I. Inédito. (Trabalho original publicado em 1974/1975).

LACAN, Jacques. O seminário, livro 23: o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. (Trabalho original de 1975-76).

LACAN, Jacques. Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. (Trabalho original publicado em 1974).

MILLER, Jacques-Alain. Mulheres e Semblantes II. Opção Lacaniana online, São Paulo, n. 1, mar. 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/mulheres_e_semblantes_ii.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.

MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.

SOLER, Colette. O que Lacan dizia das mulheres. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.



DIÁRIO DE UMA ESTAGIÁRIA: AS PERCEPÇÕES SOBRE OS PRIMEIROS ATENDIMENTOS EM UMA CLÍNICA ESCOLA

Lilia Aparecida Januario³⁶⁴
Luiz Felipe Viana Cardoso³⁶⁵

RESUMO

A expectativa dos primeiros atendimentos durante a formação em Psicologia gera muitos sentimentos aos discentes, desde ansiedade frente ao desafio em oferecer uma escuta psicológica de qualidade, até mesmo no que diz respeito a conduta ética e profissional do caso. Nesse sentido, o presente trabalho buscará discutir o lugar da formação da(o) psicóloga(o) a partir das impressões e sentimentos registrados em um diário de campo de uma estagiária da Clínica Escola do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras Betim. Refletiremos sobre a expectativa dos primeiros atendimentos, o primeiro contato com o paciente, o exercício do registro de prontuários, bem como a supervisão como um espaço de orientação e acolhimento das demandas decorrentes do processo de inserção da(o) estagiária(o) na clínica. Tendo em vista que esse processo gera diversas questões, como expectativas em saber se estamos no caminho certo da condução, se acolhemos corretamente o nosso cliente, bem como se não ultrapassamos o limiar entre o ético e o humano, nos propomos a compartilhar nossas impressões a respeito desse lugar de formação com outras(os) acadêmicas(os) de Psicologia. A cada novo encontro buscamos por conhecimento teórico e empírico para nos certificarmos se a nossa condução está correta. Nas supervisões é possível perceber estas mesmas angústias em nossos colegas, pela busca da direção da melhor forma de ajuda possível ao outro. As pontuações do professor e supervisor servem como um norte para o trabalho que desenvolvemos com o cliente, acolhendo e nos ajudando a gerenciar nossas angústias e ansiedades frente ao lugar de psicoterapeuta. Por fim, vivenciar o primeiro estágio de atendimento psicológico tem sido uma experiência desafiadora para nos acadêmicas(os), mas é neste desafio que nos encontramos e sentimos realizadas(os), de forma a caminhar para o nosso desenvolvimento profissional, de forma que esse processo nos permita tornar a(o) psicóloga(o) que buscamos ser.

PALAVRAS-CHAVE:

Estágio curricular; Primeiro atendimento; Clínica-Escola; Psicoterapia.

364 Estudante do 7º período de Psicologia, estagiária da Clínica Escola da Faculdade Pitágoras de Betim. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: lilia210913aparecida@gmail.com

365 Faculdade Pitágoras de Betim. Psicólogo e Mestre em Psicologia pela UFSJ, Professor e Orientador do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Betim; CRP: 04/43.380. Faculdade Pitágoras de Betim e Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: luizfelipevcardoso@gmail.com



REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Alfred. **A entrevista de ajuda**. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BLEGER, J. (1998). **Temas de Psicologia**: entrevistas e grupos. São Paulo: Martins Fontes.

MORRISON, James. **Entrevista Inicial em Saúde Mental**. Porto Alegre: Grupo A.

YALOM, Irvin D. **Os desafios da terapia**: reflexões para pacientes e terapeutas. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.



EDUCAÇÃO INCLUSIVA, NÚCLEO DE ACESSIBILIDADE COMO FERRAMENTA DE MEDIAÇÃO

Augusto César Cardoso Mendes³⁶⁶

Fabíola Fernanda do Patrocínio³⁶⁷

Luíza Rafaela Brits Santos³⁶⁸

Scarlet Francelli da Silva³⁶⁹

RESUMO

Esse artigo objetiva discutir sobre a educação especial no ensino superior em se tratando de casos de deficiência adquirida. Com base na perspectiva da Psicologia sócio histórica e nas vivências de estudantes do curso de Psicologia, os quais atuaram no projeto de extensão de um núcleo que trabalha com as propostas relativas a promoção da acessibilidade e da inclusão no campus de uma faculdade privada, buscou-se desenvolver esse material, o qual visa problematizar acerca das práticas que são desenvolvidas em centros acadêmicos para permanência de alunos com deficiência. Para tal, foram utilizadas pesquisas bibliográficas que puderam acentuar a crítica dos assuntos tratados, também, foi realizada uma entrevista aberta com uma aluna do curso de Psicologia que estava no 1º período, cuja qual adquiriu cegueira em consequência da diabetes e em decorrência disso foi atendida pelo núcleo supramencionado. Os atendimentos a essa aluna foram acompanhados e baseados tanto em conhecimentos oriundos dos conteúdos bibliográficos pesquisados, quanto no conjunto de leis que asseguram os direitos dos alunos com deficiência. Após o desenvolvimento de todo o acompanhamento com a aluna já referida, verificamos que os resultados do estudo apontam para o sucesso ocasionado devido a um atendimento estruturado, que respeitou as possibilidades reais de aprendizagem da discente. Além de entrarmos em contato com os desafios que permeiam o aprendizado de pessoas com deficiência. Ao final do semestre, a estudante alcançou a aprovação em todas as disciplinas que estava matriculada, evidenciando então, que a proposta de atendimento fornecido cumpriu assertivamente seu objetivo. Desenvolvemos, portanto, o material a seguir, justamente, para defender a necessidade de um atendimento inclusivo para alunos com necessidades educacionais especiais, de modo a realizar uma discussão que uma mediação simbólica e os desafios inerentes à cegueira adquirida.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação Especial; Mediação simbólica; Acessibilidade; Cegueira; Psicologia.

366 Estudante do 8º (oitavo) período de Psicologia. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: gutocm8@gmail.com

367 Professora do curso de Psicologia, Psicóloga, Mestre em Psicologia e Doutoranda em Educação. Faculdade Pitágoras de Betim e Universidade Federal de Minas Geriam (UFMG). E-mail: fabiola.patrocinio@kroton.com.br

368 Estudante do 8º (oitavo) período de Psicologia. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: luizaabrits@gmail.com

369 Estudante do 8º (oitavo) período de Psicologia. Faculdade Pitágoras Betim. E-mail: scarletfrancelli@gmail.com



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 1 ed. Editora 34, 1986. 123 p.

BRASIL, Constituição de 5 de out. de 1988: Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: out. 1988.

BRASIL, Decreto nº 9394 de 20 de dez. de 1996 (LDB): Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: dez. 1996.

ESPANHA, Declaração de Salamanca, de 10 de jun. de 1994: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca: jun. 1994.

FINO, Carlos Nogueira. Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal: Três implicações pedagógicas. 2 ed. Braga: Revista Portuguesa de Educação, 2001. 273-291 p.

GÓES, Maria C. R. Políticas e práticas de educação inclusiva. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 2013. 22 p.

LIBÂNEO, José C.; OLIVEIRA, João F.; TOSCHI, Mirza S. Educação escolar: Políticas, estrutura e organização. 5 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. Fundamentos da defectologia. 2 ed. Cuba: Pueblo y Educación, 1997.

VYGOTSKY, Lev S. Pensamento e linguagem. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 33 p.



ESPAÇO COLABORATIVO: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Márcia da Silva Freitas³⁷⁰

Camila Repolez Salgado³⁷¹

RESUMO

O presente trabalho relata a vivência de estágio realizado em uma instituição em Belo Horizonte que tem como valor o desenvolvimento humano. Para isto, utiliza de ações que promovem o encontro com o outro em diferentes contextos. Entre as ações, estão a dança, o teatro e a arte. O objetivo deste estágio é colaborar para ampliar formas de intervenções, com pessoas com diferentes deficiências, entre elas física, intelectual e autismo. Para isso, realizamos oficinas diversas para possibilitar espaços colaborativos e de conversações terapêuticas. O trabalho se justifica diante da complexidade do ser humano com deficiências e pela dificuldade de se construir ações que proporcionem interações, construções de laços afetivos e socialização de pessoas com deficiências. Pretendemos aqui compartilhar novas formas de intervenções e colaborar com a produção de conhecimento científico. A vivência no coletivo contribuiu para o desenvolvimento de todos os envolvidos no processo. Os encontros foram mediados por algumas atividades como, produção de sabonetes, pães e plantio de ervas medicinais, que permitiram o sentimento de utilidade e de produtividade dos participantes. Nas conversações terapêuticas, discutimos sobre temas como a descoberta e a compreensão da limitação e deficiência do outro, relações amorosas e deficiência, família, trabalho, entre outros. Os resultados obtidos consistiram em trocas de experiências, valores e conhecimentos, possibilidade de expressarem o que sentem o que pensam e como pensam, assim como, darem sentido a vida por meio do produzir e das relações fortalecidas no grupo.

PALAVRAS-CHAVE:

Intervenções; Conversações Terapêuticas; Deficiências.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Tom. **Processos reflexivos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto NOOS; ITF, 2002.

ANDERSON, Harlene. **Conversação, Linguagem e Possibilidades**: um enfoque pós-moderno da terapia. São Paulo: Roca, 2009.

CAMARGO-BORGES, Celiane; MISHIMA, Silvana; MCNAMEE, Sheila. **Da autonomia à responsabilidade relacional**: explorando novas inteligibilidades para as práticas de saúde. Gerais, Rev. Interinst. Psicol., v. 1, n. 1, p. 08-19, Juiz de fora, 2008.

GERGEN, K e GERGEN, M. **Construcionismo social**: um convite ao diálogo. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010.

370 Estudante do décimo período do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras- Betim. Faculdade Pitágoras Betim. E-mail: Mfreitas8473@gmail.com

371 Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2007) e mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2010). Atualmente é professora da Faculdade Pitágoras e psicóloga clínica. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica, Saúde Pública e Psicologia Social. Estou cursando o 10º período do curso de Psicologia e desde o 9º período realizei meu estágio nessa instituição. Faculdade Pitágoras Betim. E-mail: crepolez@yahoo.com.br



GRANDESSO, M. Terapia Comunitária como prática coletiva de conversação: construindo possibilidades de trabalho com sistemas amplos. *In*: LORENZI, G. C., MOSCHETA, S. M & org. **Construcionismo Social: discurso, prática e produção do conhecimento**. Rio de Janeiro, Instituto Noos, 2014.

VASCONCELLOS, E. J. M. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. 2. ed., rev. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas; Campinas, SP: Papyrus, 2003.

WEBSTER, C. M. C. Ferramentas teórico-conceituais do discurso construcionista. *In*: LORENZI, G. C., MOSCHETA, S. M & org. **Construcionismo Social: discurso, prática e produção do conhecimento**. Rio de Janeiro, Instituto Noos, 2014.



ESTÁGIO CURRICULAR EM PSICOLOGIA ESCOLAR INSTITUCIONAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Juliana Silveira Di Ninno³⁷²

Cecília Contiguiba³⁷³

Deborah Rosária Barbosa³⁷⁴

Izabella Martins Silva³⁷⁵

Renato Batista da Silva³⁷⁶

RESUMO

A Psicologia Educacional e Escolar é um campo tradicional de atuação do psicólogo e é de suma importância que este tenha contato com esta área em sua formação. O presente trabalho tem como objetivo discutir os desafios e as possibilidades que se apresentaram em uma experiência de estágio em Psicologia Educacional e Escolar na perspectiva Crítica Institucional. O recorte deste relato será a prática desenvolvida em 2019, com as turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental (quatro turmas) de uma escola pública da periferia de Belo Horizonte, MG. Cada turma foi acompanhada por duplas de estagiários, com intervenções semanais de uma hora. Os professores foram atendidos em grupo por um estagiário. Os temas trabalhados não foram definidos a priori, mas construídos nas primeiras semanas a partir das demandas relatadas pelos participantes e percebidas pela equipe como temas geradores. Os principais desafios encontrados foram: falta de motivação dos alunos para com a escola; desesperança quanto às possibilidades de mudanças institucionais; não compreensão do papel do psicólogo escolar; falta de engajamento nas intervenções; desarticulação entre equipe gestora da escola e estagiários. As soluções para essas dificuldades envolveram: a) realização de grupos operativos; b) oferecimento de plantão psicológico e, em ambas as modalidades, buscou-se: fortalecimento do vínculo entre sujeitos e estagiários; desenvolvimento de práticas ludo terapêuticas; circulação de discursos entre os diferentes atores escolares; intervenções a partir de temas geradores de interesse dos grupos. Ao longo desta experiência, foi perceptível que o papel da Psicologia Escolar na perspectiva Crítica e Institucional ainda era subestimado e pouco conhecido na escola. Houve resistência à mudança nos grupos da instituição, apesar das queixas de insatisfação. Entretanto, há possibilidades de o psicólogo construir seu fazer e contribuir para a escola pois a cada encontro verificamos crescer o interesse, a motivação e a compreensão acerca do trabalho realizado.

PALAVRAS-CHAVE

Psicologia Escolar; Prática; Estágio; Desafios; Possibilidades.

372 Graduanda no 9º período da UFMG, realizando estágio curricular em Psicologia Escolar Institucional, membro da comissão de Psicologia Escolar do CRP-MG. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: juliana.ninno@gmail.com

373 Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, estagiária no estágio Psicologia Escolar Institucional, e voluntária no estágio Orientação de Estudos, no Centro Pedagógico da UFMG, sob a supervisão da professora Deborah Rosária Barbosa. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: ceciliacotinguiba@gmail.com

374 Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Ciências pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da USP. Mestre em Psicologia Escolar pela PUC de Campinas. Licenciada, bacharel e psicóloga pela UFU. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: deborahbarbosa@ufmg.br

375 Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais com início no segundo semestre de 2015. Estagiária do programa de estágio curricular em Psicologia Escolar, supervisionado pela Profª Drª Déborah Rosária Barbosa pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Membro da comissão de Psicologia Escolar do CRP-MG. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: izabella.martins.silva@gmail.com

376 Graduando em Psicologia (9º período), cursando formação complementar em Pedagogia – Organização da Educação – e Formação Transversal em Inclusão e Acessibilidade. Participa da Comissão de Psicologia Escolar e Educacional do CRP-MG. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: acaixadorenato@gmail.com



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, I. M. M. Z. P; ALMEIDA, S. F. C. **A formação continuada e a re-significação do papel da psicologia da educação** para os professores de ciências e matemática. *In: Linhas Críticas*, Brasília, v. 9, n. 17, jul./dez., 2003, p. 213-232

AMARAL, L. A. **Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas e sua superação**. *In: AQUINO, J. G. (Org.). Diferenças e preconceito na escola: teorias e práticas*. São Paulo: Summus, 1998, p. 11-21.

BARBOSA, D. R. **Contribuições para a construção da historiografia da Psicologia educacional e escolar no Brasil**. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2012, vol.32, n.spe, pp. 104-123. *In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500008*

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências** Técnicas para atuação de psicólogas(os) na educação básica. Conselho Federal de Psicologia, Brasília: CFP, 2013. http://crepop.pol.org.br/novo/wp-content/uploads/2013/04/MIOLO_EDUCACAO.pdf

MACHADO, A. M. **Avaliação psicológica na Educação: mudanças necessárias**. *In: TANAMACHI, E. R.; PROENÇA, M. & ROCHA, M. Psicologia desafios teórico-práticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 143-167.

MACHADO, A. M. E SOUZA, M. P. R. (Orgs.) **Psicologia Escolar: em busca de novos rumos**. S.P.: Casa do Psicólogo, 2008, 5a. Ed MARTINEZ, A. M. O que pode fazer o psicólogo na escola? *Em Aberto*, Brasília, v. 23, n. 83, p. 39-56, mar. 2010.

MARTINEZ, A. M. **O que pode fazer o psicólogo na escola?** *Em Aberto*, Brasília, v. 23, n. 83, p. 39-56, mar. 2010.

MEIRA, M. E. M. **Para uma crítica da medicalização na educação**. *In: Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 16, n. 1, jan.junho, 2012, p. 135-142.

MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. (Orgs.). **Psicologia Escolar: práticas críticas**. S.P.: Casa do Psicólogo, 2003.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999 (pp. 01-52)

PATTO, M. H. S. **Para uma crítica da razão psicométrica**. *Psicologia USP*, vol. 8, n. 1, p. 47-62, 1997.

RIBEIRO, M. J. S.; SILVA, S. M. C.; RIBEIRO, E. E. T. **Avaliação qualitativa de crianças com queixas escolares: contribuições da Psicologia Educacional**. *Interações*, v. 3, n. 5, jan-jun, 1998, p. 75-92.

SOUZA, B. P. (org.). **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SOUZA, B. P. **Apresentando a Orientação à Queixa Escolar**. Souza, B. P. (Org.). *In: Orientação à queixa escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.



SOUZA, M. P. R. **Problemas de aprendizagem ou problemas na escolarização?** *In:* ABRAPEE. Boletim Eletrônico. Disponível em: <<http://www.abrapee.psc.br/artigo5.htm>>. Acesso em: janeiro de 2012.

TANAMACHI, E. R. & MEIRA, M. E. M. **A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em Psicologia e Educação.** *In:* MEIRA, M. E. M. & ANTUNES, M. A. M. (Orgs.). Psicologia Escolar: práticas críticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

TANAMACHI, E.; PROENÇA, M.; ROCHA, M.(Orgs.). **Psicologia e Educação: desafios teórico-práticos.** Casa do Psicólogo, 2002.



ESTÁGIO EM PSICOLOGIA: OS DESAFIOS DA LINGUAGEM NA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL PARA JOVENS E ADOLESCENTES

Camila Angelica Faustina Couto
Daniel Reiner de Freitas de Azevedo
Elisabeth V. Pontes
Henriqueta Regina Pereira Couto³⁷⁷
Luis Henrique de Araújo Silva
Natália Mariane Rodrigues Pinheiro
Paulo Eduardo Tavares
Vanessa Aparecida da Costa Sarno

RESUMO

O presente trabalho apresenta o desenvolvimento do Estágio Supervisionado Básico no campo da Psicologia Vocacional realizado no segundo semestre de 2018 por graduandos dos 6º, 7º e 8º períodos, orientados pela professora Henriqueta Couto, do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA de Bom Despacho. Oriundo de um projeto de extensão de parceria entre a Psicologia e o Departamento Comercial da UNA Bom Despacho, a prática consistiu na adaptação de um processo intensivo de orientação vocacional e profissional aplicado a alunos do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas da região Centro-Oeste de Minas Gerais. Estruturado a partir do desafio de estabelecer comunicação em uma linguagem acessível e atraente para um público da faixa etária compreendida entre 16 e 19 anos, o projeto se desenvolveu tomando a famosa série de TV, “La Casa de Papel”, como proposta para construção de ferramentas que estimulassem os orientandos a se envolverem, de forma lúdica, criativa e projetiva em processos de autoconhecimento, motivação e desenvolvimento de habilidades em planejamento e assertividade em processos de decisão. Sob o título “La Casa da Orientação Profissional”, foram aplicadas 3 dinâmicas utilizando elementos do roteiro, da fotografia, do figurino e da trilha sonora da série “La Casa de Papel”. O projeto alcançou 268 alunos de 9 escolas nas cidades de Araújos, Bom Despacho, Iguatama, Japaraíba, Martinho Campos, Pitangui, Pompéu e Quartel Geral gerando resultados positivos e mensuráveis para orientandos, estagiários e instituições envolvidas - escolas e o Centro Universitário UNA Bom Despacho.

PALAVRAS-CHAVE:

Estágio; Orientação Vocacional; Linguagem; Criatividade.

REFERÊNCIAS

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

NEIVA, Kathia Maria Costa; **Processos de escolha e orientação profissional**. 1º ed. São Paulo: Vetor, 2007

³⁷⁷ Centro Universitário UNA Bom Despacho. E-mail: henriquetacouto.@una.com



ESTÁGIOS CURRICULARES E POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL: REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA

Joelma Cristina Santos³⁷⁸

RESUMO

Estágios supervisionados consistem em práticas de formação acadêmica obrigatórias para a integralização dos cursos de graduação em Psicologia e, ao serem realizados no âmbito das políticas públicas, podem contribuir para a formação de profissionais mais críticos e sensíveis às questões sociais. Entretanto, nota-se, como assinalado por SANTOS (2019), uma carência, ao longo dos cursos universitários, de saberes relacionados a esta área, sobretudo, no que se refere à Política Nacional de Assistência Social (BRASIL, 2005). Este relato de experiência visa a discutir o pouco embasamento teórico sobre este campo com que muitos estudantes de Psicologia têm se apresentado para estágios, em unidades de CRAS e CREAS. Sabe-se que isto se deve, entre outros fatores, à perspectiva, valorizada durante a graduação, de uma atuação psicológica muito direcionada ao trabalho clínico e individualizado, bem como a projetos político-pedagógicos desatualizados em relação às atuais demandas de exercício profissional, tendo em vista que, desde a criação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), diversas oportunidades foram criadas para o trabalho da Psicologia. Entende-se que é urgente a abertura dos currículos universitários às amplas possibilidades de atuação do psicólogo, especialmente, no que se refere às políticas públicas e, enquanto isso não se dá plenamente, faz-se necessário que os espaços de estágio viabilizem práticas articuladas a conhecimentos sobre legislação e a práticas de mobilização comunitária, por exemplo. Como ressaltado por Romagnoli (2012), trabalhar com o “social” exige, continuamente, a produção de novas intervenções e novas metodologias, o que só é possível pela aquisição de um maior conhecimento do campo, por meio do intercâmbio entre teorias, práticas e pesquisas. É necessário refletir sobre que tipo de psicólogo está sendo preparado para lidar com a complexidade das demandas que se fazem presentes no SUAS, em meio às vulnerabilidades e potencialidades que caracterizam famílias e territórios atendidos.

PALAVRAS-CHAVE:

Política Nacional de Assistência Social; Formação em Psicologia; Estágios Curriculares.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional De Assistência Social – PNAS/2004 e Norma Operacional Básica – NOB/SUAS**. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/cnas/comissoes-tematicas/comissao-de-politica/norma-operacional-basica-de-recursos-humanos-do-suas-nob-rh-suas.pdf/view?searchterm=nob%20rh>>. Acesso em: 08 set. 2018.

378 Psicóloga e Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), na linha de pesquisa Processos Psicossociais e Socioeducativos. Atua no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) em Oliveira/MG. Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: joelma.psicologia@yahoo.com.br



ROMAGNOLI, R. C. O SUAS e a formação em Psicologia: territórios em análise. **ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 2, n. 1, p.120-132, 2012.

SANTOS, J. C. Psicologia e política pública de assistência social: discussão sobre a formação acadêmica a partir da análise das Diretrizes Curriculares Nacionais. *In*: AMORIM, Flávia Zaratini; ISABEL, Jéssica Gabriella de Souza; SAADALAH, Márcia Mansur (Orgs.). **O fazer da Psicologia no Sistema Único de Assistência Social**. Belo Horizonte: Conselho Regional de Psicologia, 2019.



EXPERIÊNCIA EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: PROJETOS ENRIQUECIMENTO DA APRENDIZAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES

Alice de Barros Dias Moreira³⁷⁹

Fabiana Lima³⁸⁰

Karina Fideles³⁸¹

RESUMO

O Projeto Enriquecimento de Aprendizagem para o Desenvolvimento de Habilidades tem como objetivo ampliar as potencialidades dos participantes, crianças com altas habilidades/superdotação, de 5 a 15 anos, apresentando diversas áreas do conhecimento, visando não só verticalizar o conhecimento, o que já é predisposto por crianças com este perfil, mas também de apresentar universos que não são das áreas de interesse. Identifica-se traços de altas habilidades/superdotação em uma entrevista semiestruturada, onde se pode constatar características específicas, tais como curiosidade, observação ampliada, senso de justiça aguçado, sensibilidade e baixa resistência à frustração. Conta-se com monitores de diferentes cursos de graduação da PUC Minas trabalhando com a interdisciplinaridade. Dessa forma, propõe-se uma atividades para essas crianças dentro da sua área de estudo, seguindo o modelo de um relatório contendo: materiais utilizados, local, objetivos e referencial teórico. Os referenciais teóricos utilizados são as teorias das inteligências múltiplas, de Howard Gardner (2000) e a teoria dos três anéis, que é constituída pelo empenho/motivação na tarefa, criatividade e habilidades acima da média, de Joseph Renzulli (2004). Os extensionistas do curso de Psicologia coordenam o grupo de pais, no mesmo horário em que as crianças estão em atividade. O projeto possui também um papel de conscientização do que é essa superdotação para com os pais e as instituições educativas. Para os participantes, além do enriquecimento do conhecimento, o projeto vem se mostrando de suma importante para o desenvolvimento social das crianças, melhorando sua socialização, gerando novas amizades e fazendo-os perceber que não são os únicos, causando um sentimento de pertencimento a um grupo. A partir desse conhecimento, rompemos alguns paradigmas a respeito das altas habilidades/superdotação como: terem genialidade em todas as áreas de conhecimento, que elas seriam um fenômeno raro, que todas as crianças precoces seriam necessariamente superdotadas ou autossuficientes em relação ao desenvolvimento de suas habilidades.

PALAVRAS-CHAVE:

Altas Habilidades; Superdotação; Extensão Universitária.

379 Graduandas do 5º período do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; monitoras extensionistas do projeto de extensão Enriquecimento da Aprendizagem para desenvolvimento de Habilidades. E-mail: alicebarrosmoreira@hotmail.com

380 Graduandas do 5º período do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; monitoras extensionistas do projeto de extensão Enriquecimento da Aprendizagem para desenvolvimento de Habilidades. E-mail: fabibi.lima98@gmail.com

381 Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas Betim, Psicóloga Clínica e Educacional, Doutora em Educação, Professora Adjunto IV da FAPSI, Coordenadora Adjunta da Clínica Escola de Psicologia da PUC Minas Betim. E-mail: fkfideles@hotmail.com



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

FLEITH, Denise de Souza. **Educação infantil : saberes e práticas da inclusão : altas habilidade/ superdotação**. [4. ed.] / elaboração Denise de Souza Fleith. – Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

GARDNER; Howard. **Inteligências Múltiplas – a Teoria na Prática**. Rio Grande do Sul: Artes Médicas, 2000.

RENZULLI, Joseph S. **O que é esta coisa chamada Superdotação, e como a Desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos**. Revista Educação. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 1 (52), p. 75 – 131, Jan./Abr. 2004.



EXTENSÃO EM PSICOLOGIA NO CENTRO DE RECONHECIMENTO DE PATERNIDADE: INTERVENÇÕES NA SALA DE ESPERA

Juliana Silveira Di Ninno³⁸²

Amanda Cristina S. Carneiro³⁸³

Fernanda Simplício Cardoso³⁸⁴

RESUMO

O presente trabalho versa sobre a vivência de alunas de Psicologia em um projeto de extensão no Centro de Reconhecimento de Paternidade (CRP), do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Diante das questões e demandas tratadas diariamente, a equipe do CRP considerou a necessidade de um trabalho de cunho informativo que pudesse auxiliar o público atendido no entendimento das implicações da paternidade para além do reconhecimento formal via documento. Propostas iniciais de encontros com longa duração não lograram êxito pela dificuldade de deslocamento do público atendido até o Tribunal por questões geográficas, logísticas e financeiras. Dessa forma, em parceria com o projeto de extensão Rebordando Histórias da PUC Minas, intervenções por meio de falas curtas e escuta ativa com o público são realizadas na sala de espera do CRP, ambiente repleto de expectativas e ansiedades. Seu objetivo é abordar a importância da maternidade e paternidade nas perspectivas psicológica, social e jurídica, ampliando o conceito de parentalidade para além do registro, considerando os laços socioafetivos e oferecendo escuta qualificada às pessoas que desejarem falar sobre suas experiências frente à condição filial ou parental. Visando atenuar os sentimentos que possam interferir na comunicação e resolução das questões em análise, é oferecido o acolhimento psicológico àqueles que demandarem acompanhamento na sala de audiência, além da possibilidade de outras ações individualizadas. As intervenções potencializaram a abertura de um espaço para trocas de experiências e discussões sobre questões pouco abordadas: dificuldade na separação de conjugalidade e parentalidade; receios relacionados à convivência paterno-filial atrelada ao pagamento de alimentos; o receio das mulheres ao manifestarem dúvidas quanto a paternidade do filho; o pré-julgamento dos supostos pais. Além disso, observou-se que o acesso ampliado a informações que dizem respeito ao reconhecimento da paternidade potencializa o exercício de direitos e contribui para a humanização do atendimento na justiça.

PALAVRAS-CHAVE:

Parentalidade; Maternidade; Paternidade; Laços-Socioafetivos.

382 Graduada em Psicologia (9º Período) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Extensionista do projeto de extensão Rebordando Histórias da PUC Minas no Centro de Reconhecimento de Paternidade do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: juliana.ninno@gmail.com

383 Graduada em Psicologia (8º Período) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Extensionista do projeto de extensão Rebordando Histórias da PUC Minas no Centro de Reconhecimento de Paternidade do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: amandacarneiro1985@yahoo.com.br

384 Doutora em Psicologia Social pela UERJ. Professora do Departamento de Psicologia da PUC Minas. Psicóloga Judicial do TJMG. Orientadora do projeto de extensão Rebordando Histórias da PUC Minas. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: fernandacsimplicio@gmail.com



REFERÊNCIAS

FERREIRA, A. G. B.; SAMPAIO, Cláudia R. B. . A anulação jurídica do sobrenome paterno e a construção da identidade do adolescente. *In: Munique Therense; Camila Felix Barbosa de Oliveira; André Luiz Machado das Neves; Márcia Cristina Henrique Levi. (Org.). **Psicologia Jurídica e Direito de Família. Para além da Perícia Psicológica**. 1ed. Manaus: UEA Edições, 2017, v. 1, p. 114-141.*

BARBOSA, N.S.S.; SAMPAIO, Cláudia R. B. Os sentidos da paternidade no discurso materno: um estudo sócio-histórico no núcleo de conciliação das Varas de Família. *In: Munique Therense; Camila Felix Barbosa de Oliveira; André Luiz Machado das Neves; Márcia Cristina Henrique Levi. (Org.). **Psicologia Jurídica e Direito de Família. Para além da Perícia Psicológica**. 1ed. Manaus: UEA Edições, 2017, v. 1, p. 204-250.*



GESTÃO COM PESSOAS NO TERCEIRO SETOR

Nanci das Graças Carvalho Rajão³⁸⁵
Cibele Gonçalves Borba Magalhães³⁸⁶
Patrícia Gomes da Silva³⁸⁷

RESUMO

Este projeto de extensão teve sua origem com as intervenções dos estagiários supervisionados de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais junto ao Projeto Social Cidadania, localizado no entorno do bairro São Gabriel. Foi identificada a necessidade de fortalecer os vínculos comunitários com a associação através do desenvolvimento do coordenador como gestor comunitário. Uma das dificuldades enfrentadas se refere às constantes interrupções dos serviços ofertados por falta de instrutores voluntários e ao pouco envolvimento dos moradores com a associação. Esse projeto tem como objetivo geral assessorar o coordenador nas funções de gestão e identificar novas lideranças para assumir as funções administrativas e contábeis junto ao coordenador. A metodologia utilizada é participativa em todas as suas fases. Os estagiários e extensionistas de Psicologia exercerão a função de facilitadores das relações interpessoais e do planejamento das atividades junto aos moradores da comunidade, em especial a articulação com os cursos da unidade que poderão complementar as atividades propostas pelos moradores. Este projeto está promovendo uma Capacitação de líderes comunitários que tem por objetivo construir um espaço de reflexão a respeito da prática e dos processos de liderança e da gestão com pessoas em comunidades e organizações do Terceiro Setor, oferecer ferramentas de intervenção e de trabalho psicossocial para a busca contínua de melhores resultados na liderança e na gestão com pessoas no Terceiro Setor. Em função do projeto estar em andamento, os resultados parciais da capacitação indicam boa aceitação e desenvolvimento das competências de líder dos participantes a partir da lógica da solidariedade. Os resultados alcançados até o momento nos levam à continuidade do projeto.

PALAVRAS-CHAVE:

Gestão com pessoas; Terceiro Setor; Comunidade.

REFERÊNCIAS

BARFKNECHT, K. S.; MERLO, A.R.C.; NARDI, H. C. **Saúde Mental e Economia Solidária: Análise das Relações de Trabalho em uma Cooperativa de Confeção de Porto Alegre.** Psicologia e Sociedade; 18 (2): 54-61; maio/ agosto, 2006.

FARINA, A. S. e NEVES, T. F. S.. **Formas de Lidar com o Desemprego: possibilidades e limites de um projeto de atuação em Psicologia Social e do Trabalho.** Cadernos de Psicologia Social do Trabalho. USP. v.10, n.1, 2007. p. 21-36.

385 A autora Nanci das Graças Carvalho Rajão é mestre em Filosofia pela UFMG e professora assistente III da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: carvalhorajão@gmail.com

386 A coautora Cibele Gonçalves Borba Magalhães é graduanda em Psicologia pela PUC Minas, unidade São Gabriel. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: cibelegbm@hotmail.com

387 Patrícia Gomes da Silva é bacharel em Direito e também graduanda em Psicologia pela PUC Minas, unidade São Gabriel. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: patygomes07@hotmail.com



JACQUES, M.G., HOEFEL, M.G., NETZ, J.A., MENDES, Mayte, R.A. **Cidadania e saúde do trabalhador: grupos de ação solidária**. Revista Psicologia Política, vol. 7, no 13, p.217-232, jan-jun 2007.

PEREZ, Clotilde e JUNQUEIRA. **Voluntariado e a gestão das políticas sociais**. São Paulo: Ed. Futura.

VERONESE, M.V.; Guareschi, P. **“Possibilidades solidárias e emancipatórias do trabalho: campo fértil para a prática da Psicologia Social Crítica”**. Psicologia & Sociedade; 17 (2): 58-69; mai/ago.2005.

VERONESE, Marília Veríssimo. **Subjetividade, trabalho e solidariedade**. Aletheia, n.24, p.105-113, jul./dez. 2006.



GRUPO DE ESTUDOS PRETOS: O PAPEL DA BRANQUITUDE NO ENFRENTAMENTO AO RACISMO

Karinne Vieira de Jesus³⁸⁸

Leandro Bento da Silva³⁸⁹

Rubens Ferreira do Nascimento³⁹⁰

RESUMO

O Grupo de Estudos Pretos nasce a partir da necessidade dos alunos negros da Psicologia PUC Minas, em estudar questões étnico-raciais, assim objetiva fazer leitura de textos e discussão por meio de roda de conversa. Para tal fim, seleciona-se uma série de autores negros tanto da Psicologia, quanto da Antropologia, História, Direito, Filosofia, entre outras. O público-alvo são os acadêmicos de Psicologia e demais cursos. Os encontros ocorrem quinzenalmente na faculdade de Psicologia. Portanto, o grupo propõe um diálogo compreendendo o percurso histórico em que o racismo foi construído a partir de um discurso e ações de soberania e hierarquia de uma raça sobre a outra. Teorias científicas desde o século o final do século XIX e no início do século XX (Santos, Schucman, Martins, 2012), sustentam que a posição do negro como sujeito inferior ocorre a partir das investigações biológicas desse grupo, assim tem-se elementos que constituem o negro como sujeito psicológico. Assim, pretende-se discutir, o papel da branquitude nesse cenário, uma vez que se categoriza o negro como raça, mas o branco vive um status de naturalidade ou um ser que não é racializado. Partindo do pressuposto que o racismo é um ato que acontece na relação com dois ou mais sujeitos justifica-se que esse fenômeno não deve ser entendido apenas de forma unilateral (Cardoso, 2010). No entanto, os estudos sobre relações étnico-raciais têm se limitado a pesquisar o oprimido enquanto que o opressor não é pautado. Fala-se, então, da identidade racial branca crítica e acrítica, como um lugar, simbólico, rico em privilégios que define a construção social em que se vive, determinando uma posição estrutural para negros e brancos ocuparem. Tal proposta contribui para o avanço na interlocução, aprendizagem sobre Psicologia e relações étnico-raciais e ampliação da formação crítica em Psicologia.

PALAVRAS-CHAVE:

Grupo de Estudos; Relações Raciais; Psicologia; Branquitude.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Lourenço. **Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista.** *Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv* [online]. 2010, vol.8, n.1, pp.607-630. ISSN 1692-715X. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1692-715X2010000100028&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

388 Acadêmica de Psicologia-PUC. Membro do Grupo de Estudos Pretos. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, unidade Coração Eucarístico. E-mail: karinnevieira.jesus@gmail.com

389 Acadêmico de Psicologia-PUC. Membro do Grupo de Estudos Pretos. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, unidade Coração Eucarístico. E-mail: leandrobento_@hotmail.com

390 Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Newton Paiva, graduado em Pedagogia UCB/RJ e Mestre em Psicologia/UFMG. Professor da PUC Minas. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, unidade São Gabriel. E-mail: rubensfn@uol.com.br



SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. **Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais.** *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2012, vol.32, n.spe, pp.166-175. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500012>. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1414-98932012000500012&script=sci_abstract&tIng=pt>. Acesso em: 29 de maio de 2019.



GRUPO DE MULHERES EM UMA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA: SUA ORIGEM E ‘CONSOLIDAÇÃO’

André Amorim Martins³⁹¹

Naiana Mendes de Moraes³⁹²

RESUMO

As práticas grupais terapêuticas têm apresentado uma grande potência em ações de promoção de saúde. Desta forma, neste livro, apresenta-se a experiência com o Grupo de Mulheres em uma Estratégia Saúde da Família (ESF), vivida por várias pessoas, descrevendo a origem do grupo, até sua ‘consolidação’, apresentando suas características, os impactos causados na ESF, a importância do trabalho em grupo para a Psicologia e as transformações ocorridas na vida das mulheres ao longo dos anos. Para a publicação deste livro, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as participantes do grupo, trabalhadoras da ESF e com ex-estagiárias participantes do grupo. Como dados secundários e fonte bibliográfica, foram utilizados os relatórios de estágios produzidos no período compreendido entre o primeiro semestre de 2013 e o primeiro semestre de 2017. A partir das entrevistas coletadas, foi possível destacar seis marcadores analíticos que se encontram nos resultados deste trabalho. Na discussão, identificou-se que o Grupo de Mulheres está coerente com a literatura. Por fim, com o desenvolvimento deste trabalho, espera-se contribuir com a Psicologia e com outros saberes envolvidos na saúde, pois o trabalho com grupos é uma modalidade rica em aprendizados e causa de transformações importantes nos territórios existenciais, , destacando-se ainda, a importância da pesquisa para a Psicologia e também para as unidades de ESF, pois, no âmbito da atuação com grupos, infelizmente, existem poucas pesquisas recentes.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicoterapia de Grupo; Estratégia Saúde da Família; Saúde da Mulher; Psicologia social.

REFERÊNCIAS

ABADE, Flávia Lemos *et al.* Oficinas em dinâmica de grupos na área da saúde. *In:* AFONSO, Maria Lúcia (Org.). Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006a, p. 26-48.

ANDALÓ, Carmen. **Mediação Grupal: uma leitura histórico-cultural.** 1ª. Ed. São Paulo: Ágora, 2006, 144 p.

BAREMBLITT, Gregório F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes:** teoria e prática. 5ª ed. Belo Horizonte, MG: Instituto Felix Guattarri, 2002, 205p.

391 Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo de Psicologia Sobre Educação, Paz, Saúde, Subjetividade e Trabalho (CNPq/UEMG), da Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG- Divinópolis. Universidade do Estado de Minas Gerais- UEMG, unidade divinópolis. E-mail: martins@uemg.br

392 Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG- Divinópolis. Psicóloga Clínica, realiza atendimento Individual e em Grupo para crianças, adolescentes e adultos. Universidade do Estado de Minas Gerais- UEMG, unidade Divinópolis. E-mail: naianapsi2018@gmail.com



BRASIL. Ministério da Saúde. **A implantação da Unidade de Saúde da Família**. Milton Menezes da Costa (Org.). Secretaria de Políticas de Saúde – Departamento de Atenção Básica, 2000, 44 p. Disponível em: <encurtador.com.br/orySX>. Acesso em: 23 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Grupos e Saúde mental. *In: Cadernos de Atenção Básica: Saúde Mental*. Brasília, 2013, 121-122 p. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_34.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivido da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. *In: A pesquisa em Memória Social*. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013, 224 p.

CADASTRO NACIONAL DE ESTABELECIMENTO DE SAÚDE (CNES). Ministério da

Saúde – MS, 2018. Disponível em: <<http://cnes.datasus.gov.br/>>. Acesso em: 5 maio 2018.

CORREIA, Karla Carneiro Romero; MOREIRA, Virginia. A Experiência Vivida por Psicoterapeutas e Clientes em Psicoterapia de Grupo na Clínica Humanística Fenomenológica: um estudo fenomenológico. *Psicol. USP*, v. 27, n. 3, São Paulo, 2016, 531-541p. Disponível em: <<http://twixar.me/cZrK>>. Acesso em: 7 nov. 2018.

DIMENSTEIN, Magda. O Psicólogo e o Compromisso Social no Contexto da Saúde Coletiva. *Psicologia em Estudo*, v. 6, n. 2. Maringá, 2001, 57-63 p. Disponível em: <encurtador.com.br/hFIP8>. Acesso em: 20 out. 2018.

FRANCO, Tulio Batista; MERHY, Emerson Elias. Programa Saúde da Família (PSF): contradições de um programa destinado a mudança do modelo tecnoassistencial. *In: MERHY, Emerson Elias et al. O trabalho em saúde: olhando e experienciando o SUS no cotidiano*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004, cap. 3, 55-124 p.

LANE, Silvia Tatiane Maurer. Psicologia social: o homem em movimento. *In: O processo grupal*. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001, 78-98 p.

LAPASSADE, Georges. **Grupos, organizações e instituições**. 3. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989, 316 p.

LEWIN, Kurt. **Problemas de Dinâmica de Grupo**. São Paulo: Cultrix, 1948, 242 p.

MAILHIOT, Gérald Bernard. **Dinâmica e gênese dos grupos**: atualidade das descobertas de KURT LEWIN. 8ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998, 188 p.

MARTINS, André Amorim. **Relatórios de Estágio produzidos no período de 1º/2013 a 1º/2017**. Universidade do Estado de Minas Gerais. Divinópolis, 2013/2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em Saúde. 14ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2014, 404 p.

RASERA, Emerson Fernando; ROCHA, Rita Martins Godoy. Sentidos sobre a prática grupal no contexto de saúde pública. *Psicologia em Estudo*, vol. 15, n. 1. Maringá, p. 35-44, 2010. Disponível em: <<http://twixar.me/1vrK>>. Acesso em: 24 out. 2018.



GRUPOS DE ACOLHIMENTO EM SAÚDE MENTAL: GARANTINDO ACESSO AOS CUIDADOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Thiago Lucas de Aguiar Sampaio³⁹³

Anne Raissa Souza Dias Brante³⁹⁴

RESUMO

Introdução: A alta prevalência de demandas em saúde mental na Atenção Primária à Saúde (APS) reflete na qualidade da assistência prestada pelos serviços de saúde que identificam dificuldades no acolhimento devido demandas reprimidas e concomitantemente, desassistência ao usuário por inacessibilidade ao cuidado (DIMENSTEIN *et al*, 2005; TAVARES *et al*, 2013). Essa crescente demanda suscita a criação de estratégias capazes de minimizar os efeitos desse impacto, e não há dúvidas sobre os benefícios oriundos das práticas coletivas (ZARA *et al*, 2008; BRASIL, 2008). Uma excelente estratégia é a criação de grupos como espaços de acolhimento e expressão de sofrimento, como é o caso dos Grupos de Acolhimento em Saúde Mental. **Objetivo:** Relatar a experiência de um Psicólogo residente no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), com um grupo de acolhimento em saúde mental realizado em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) no Município de Montes Claros – MG. **Metodologia:** O grupo iniciou em março de 2019 e encontra-se ativo. É realizado semanalmente, com duração de aproximadamente duas horas. O público alvo são usuários da UBS. A condução do grupo é realizada por um Psicólogo. Primeiramente apresenta-se a proposta do grupo, sua dinâmica e posteriormente oferta-se a palavra aos usuários que verbalizam suas demandas. Finalmente negocia-se um plano de cuidado com o usuário e equipe de referência. **Resultado e Discussão:** O Grupo de Acolhimento é um dispositivo que reduz o distanciamento entre usuário e profissionais provocado pelas listas de espera e, possui caráter terapêutico, pois singulariza o sofrimento, promove a criação de laços sociais, trocas de experiência e o empoderamento dos usuários quanto ao cuidado. **Conclusão:** a partir da experiência supracitada, conclui-se que este dispositivo é fundamental na viabilização do acesso dos usuários aos cuidados em Saúde mental na APS.

PALAVRAS-CHAVE:

Grupos; Psicologia; Acolhimento.

393 Especialista em Saúde da Família pela Faculdades Unidas do Norte de Minas (FUNORTE). Graduado em Psicologia pela Faculdade de Saúde Ibituruna (FASI). Atualmente é Psicólogo Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da UNIMONTES e atua na Atenção Primária. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: thiagosamppaio@outlook.com

394 Especialista em Saúde da Família (Residência Multiprofissional) pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Possui graduação em Psicologia pela Faculdade de Saúde Ibituruna (FASI). Atualmente é preceptora do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da UNIMONTES, docente da FASI, psicóloga da Prefeitura Municipal de Montes Claros/ MG e atua em consultório particular. Tem experiência na área de saúde coletiva, com destaque para os seguintes temas: atenção à saúde, clínica psicanalítica e interdisciplinaridade. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: anneraissa@bol.com.br



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n. 154**, de 24 de janeiro de 2008. Cria os Núcleos de Apoio à Saúde da Família – NASF. Disponível em: < http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt0154_24_01_2008.html>

DIMENSTEIN, Magda *et al.* Demanda em saúde mental em unidades de saúde da família. **Mental**, Barbacena, v. 3, n. 5, p. 23-41, nov. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272005000200003&lng=pt&nrm=iso

TAVARES, André Luís Bezerra *et al.* Estudo da demanda de saúde mental em Centro de Saúde da Família em Caucaia, Ceará, Brasil. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, [S.l.], v. 8, n. 26, p. 35-42, fev. 2013. ISSN 2179-7994. Disponível em: <https://www.rbmfcc.org.br/rbmfcc/article/view/492/532>

ZARA, Anamelia F. Prado *et al.* Grupo de Acolhimento em Saúde Mental e Reabilitação na Atenção Básica: uma reflexão sobre a potência de dispositivos grupais. **Psicologia Revista**, [S.l.], v. 17, n. 1/2, p. 77-97, fev. 2014. ISSN 2594-3871. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psico-revista/article/view/18022/13383>.



GRUPOS REFLEXIVOS PARA AUTORES DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES

Antônio Honório Ferreira ³⁹⁵

RESUMO

O objetivo geral desse projeto é proporcionar a implementação de grupo socioeducativo para atendimento de homens que figuram como agressores nos processos de violência doméstica, que tramitam na Vara Criminal e da Infância e Juventude das Comarcas de Coronel Fabriciano, Ipatinga e de Timóteo. O atendimento a homens autores de violência contra mulheres está previsto na Lei Maria da Penha, que prevê a criação de centros de educação e de reabilitação para os agressores. O projeto caracteriza-se como uma intervenção psicossocial e jurídica, de caráter interdisciplinar, tendo como referência metodológica as Oficinas de Dinâmica de Grupo, numa perspectiva socioeducativa, reflexiva e orientacional. Já foram realizados dois grupos, com uma média de 10 homens por grupo. Ao término da intervenção, alguns participantes relatam ter mais controle da impulsividade e da agressividade; nota-se uma compreensão adequada da relação entre os gêneros, numa perspectiva de superação de atitudes preconceituosas e machistas. Percebeu-se uma responsabilização progressiva de seus sentimentos, atitudes e ações. Depreende-se daí que a participação nesses grupos pode favorecer a constituição de futuros relacionamentos ausentes de agressão, e a diminuição da violência contra as mulheres.

PALAVRAS-CHAVE:

Grupo reflexivo; Homens autores de violência; Lei Maria da Penha.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Fernando; SOARES, Bárbara Musumeci. **Serviços de educação e responsabilização para homens autores de violência contra mulheres**: proposta para elaboração de parâmetros técnicos. Rio de Janeiro: Iser/Depen/MJ, 2011.

AFONSO, M. L. M. **Oficinas em dinâmica de grupo**: Um método de intervenção psicossocial. 1ª ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

AFONSO, M. L. M. (org.) **Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde**. 2ª. ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

BRASIL, Presidência Da República, Secretaria de Políticas para Mulheres, **Diretrizes para Implementação dos Serviços de Responsabilização e Educação dos Agressores**, 2008. Disponível em: <www.spm.gov.br/.../servico-de-responsabilizacao-do-agressor-pos-workshop.pdf>

BRASIL, **Lei nº. 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Presidência da República. Disponível em: <www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm>

395 Psicólogo, Bacharel e Licenciatura em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre e Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor do Curso de Psicologia, do Unileste, onde supervisiona estágios e coordena projetos de extensão. Centro Universitário do Leste de Minas (UNILESTE). E-mail: honorio@p.unileste.edu.br



LOPES, Paulo Victor Leite e LEITE, Fabiana, Serviços de educação e responsabilização para homens autores de violência contra mulheres: as possibilidades de intervenção em uma perspectiva institucional de gênero. *In*: _____ **Atendimento a homens autores de violência doméstica: desafios à política pública**, Rio de Janeiro:ISER, 2013, p. 12.

LOPES, Anna Beatriz Alves. pesquisas e intervenções sobre homens e violência contra a mulher no Brasil, **Nova Perspectiva Sistêmica**, n. 58, p. 121-124, agosto 2017.

NEIVA, Kathia M. C (cols.). **Intervenção psicossocial: aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas**. São Paulo:Vetor, 2010.

WAISELFISZ, Julio Jacobo, **Mapa da Violência 2015 - Homicídio de Mulheres no Brasil**, 1ª. Ed., Brasília: FLACSO, 2015. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/>>



IMPACTOS PSICOLÓGICOS CAUSADOS EM EMERGÊNCIAS E DESASTRES: FORMAS DE INTERVENÇÃO DA PSICOLOGIA

Ariane Barbosa e Silva Malta³⁹⁶

Cleverton Pereira Lisboa³⁹⁶

Jenyffer Kathryn Morais Santos³⁹⁶

Juliana de Fátima Alves³⁹⁶

Jussara Aparecida Moreira Gonçalves³⁹⁶

Samara Emília da Silva Martins³⁹⁶

Willer Lucas Soares Miranda³⁹⁶

Joana Pettersen Ferreira Oliveira³⁹⁷

RESUMO

A presente pesquisa objetivou apresentar as formas de intervenção, no campo da Psicologia, mais efetivas para minimizar os impactos causados em emergências e desastres. Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo e exploratória feita com base em pesquisa bibliográfica e entrevista semiestruturada. De modo geral, situações de emergências e/ou desastres são definidas por acontecimentos que ocorrem de uma maneira em que não há como premeditar ou controlar. Além de romper a estruturação social do ambiente afetado, esses acontecimentos causam, para as vítimas, traumas psíquicos relacionados à morte e a insegurança. Esses cenários podem ser classificados como eventos desencadeadores de estresse, por seu caráter imprevisível e pelo perigo imediato que representam à integridade física e emocional das pessoas envolvidas, requerendo, desta forma, ações imediatas (MELLER, 2015). Em se tratando das sequelas deixadas pós-catástrofes, conforme afirmação de Morais e colaboradores (2015), atualmente a resposta em situações como estas incluem os primeiros socorros realizando provimento de refúgios, alimentos e vestuários. Para pontuar o passo a passo das intervenções e etapas realizadas nos primeiros socorros psicológicos (PSP) e para diferenciar os tipos de intervenções psicológicas empregadas no atendimento aos indivíduos envolvidos foram realizadas, no presente trabalho, entrevistas semiestruturadas com três profissionais de Psicologia com histórico em situações de crise. Ficou evidenciado que o psicólogo pode atuar nas três etapas do desastre, ou seja, nas etapas pré, durante e pós desastre. Quanto aos tipos de intervenções psicológicas utilizadas foi verificado que intervenções focais de crise são importantes, além da psicoterapia, que diante da carga emocional envolvida em cenários de muita dor, tem efeitos importantes. Outra intervenção mencionada foi a criação de um plantão psicológico, pois nem todos demandam atendimento imediato, pois alguns percebem o trauma tempos depois dos acontecimentos.

PALAVRAS CHAVE:

Emergências; Desastres; Intervenções psicológicas.

396 Alunos do 4º Período de Psicologia da Faculdade Arnaldo Janssen de Belo Horizonte.

397 Professora Orientadora. E-mail: jopettersen75@yahoo.com.br



REFERÊNCIAS

MELLER, Vanessa. Primeiros auxílios psicológicos para indivíduos envolvidos em situações emergenciais e desastres. **Diaphora**, Porto Alegre, v.15, n.1, p.55-59, jan-jul. 2015. Disponível em: <<http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/97>>. Acesso em: 24 de fev. de 2019.

MORAES, Ana Cecilia Andrade de *et al.* Atuação do Psicólogo em Situação de desastre: Reflexão a partir das práxis. **Revista comunicação saúde e educação**. São Paulo, vol. 10 p. 287-297. 2015. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/icse/2015.v19n53/287-298/pt>> Acesso em: 23 de março DE 2019.



IMPLANTAÇÃO DE PLANTÃO PSICOLÓGICO EM UM HOSPITAL GERAL NA CIDADE DE DIVINÓPOLIS/MG

Rogéria Araujo Guimarães Gontijo³⁹⁸

Suzana Freitas de Carvalho³⁹⁹

Eloisa Borges⁴⁰⁰

RESUMO

Para a implantação do Plantão Psicológico em um Hospital, faz-se necessário que se acredite na existência de demanda e na adesão da clientela. É preciso também que o serviço seja sistematizado, para que o público saiba quando e onde o plantonista estará à disposição; este deve preparar-se para situações inesperadas, pois irá confrontar-se com o não planejado e ambos devem estar cientes da possibilidade de ser um encontro único, o que exige uma maior sensibilidade frente às questões do sujeito. O presente projeto propõe a implantação do plantão psicológico no setor de Recursos Humanos de um Hospital Geral objetivando atender as demandas de saúde mental dos funcionários e colaboradores. O serviço de plantão psicológico tem características de um espaço de acolhimento e escuta que busca propiciar a elaboração e ressignificação do sofrimento de quem o procura. O sofrimento psíquico e o estresse ocupacional vivenciado pelos membros de equipes de saúde e funcionários de maneira geral nos hospitais tem sido um dos principais motivos pela busca de ajuda psicológica no setor de RH, na espera de alívio para seus sentimentos contraditórios e angustiantes. E que não raramente, faz com que seu serviço prestado fique comprometido e aquém de sua capacidade. Apontamentos estes que também justificam a proposta desse trabalho. Os resultados obtidos neste projeto, poderão contribuir, de forma significativa, com a redução do mal-estar mental dessas pessoas no ambiente de trabalho e prevenir os agravos relacionados ao estresse mental. Desta maneira, a oferta de plantão pressupõe a necessidade de manter profissionais da Psicologia à disposição de uma dada comunidade ou instituição por períodos determinados ou ininterruptos, oferecendo-lhe suporte emocional, espaço para a expressão de sentimentos e angústias, bem como possibilidade de reorganização psíquica.

PALAVRAS-CHAVE:

Plantão psicológico; Psicologia; Hospital.

REFERÊNCIAS

BRESCHIGLIARI, Juliana Oliveira; JAFELICE, Giovana Telles. Plantão Psicológico: Ficções e Reflexões. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 35, n. 1, p.225- 237, Mar.2015.

CAUTELLA, W. J. (1999). Plantão psicológico em hospital psiquiátrico. In H. T. P. Moratto (Ed.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa* (pp. 159- 173). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

398 Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais

399 Acadêmica de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais

400 Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais



MAHFOUD, M. (Org.) (2012). Plantão psicológico: Novos horizontes. São Paulo: Companhia Ilimitada.

REBOUCAS, Melina Séfora Souza; DUTRA, Elza. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. Rev. abordagem gestalt. Goiânia, v. 16, n. 1, p. 19-28, jun. 2010.

SCHMIDT, M. L. S. (2004). Plantão psicológico, universidade pública e política de saúde mental. Estudos de Psicologia (Campinas), 21 (3), 173-192, Out. 2008.



IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NOS CUIDADOS SOCIAIS E SAÚDE MENTAL

Luíza Rafaela Brits Santos⁴⁰¹

Luiz Felipe Viana Cardoso⁴⁰²

RESUMO

A afetividade vem sendo estudada como ferramenta de uma melhor adesão aos serviços ofertados em diversos campos onde se atua com a Psicologia, como no contexto escolar, hospitalar e clínico. No atendimento em campo social e da saúde mental não é diferente. A subjetividade do ser muitas vezes é encoberta por estereótipos e diagnósticos que, sem história clínica e escuta humanizada, não dizem muito sobre o sujeito. O objetivo desse trabalho é, com suporte bibliográfico e vivências de estágio, dissertar sobre a importância de um olhar diferenciado para os sujeitos e suas individualidades, sobre o manejo de ver além das questões e demandas apresentadas. Em tempos de pensamento retrógrado e mecanizado, a discussão sobre a empatia e afetividade para com as pessoas se torna um tema emergente, onde esse trabalho se justifica como reforçador de valores éticos que por vezes parecem óbvios, mas nem sempre são aplicados. Nessas experiências de estágio foram ofertadas atividades como condução de grupo terapêutico com jovens de uma comunidade vulnerável da região metropolitana de Belo Horizonte, observação de educandos de um educandário integral para pessoas com deficiência intelectual e transtornos de nível grave e suporte em eventos em prol da saúde mental em liberdade. Os resultados obtidos nessas experiências a partir do tratamento humanizado e afetivo foram o reconhecimento e evolução dos pacientes, a efetividade das propostas de trabalho aplicadas e crescimento acadêmico e pessoal. Com esse trabalho é possível concluir que o tratamento psicológico realizado com afeto e atenção influencia diretamente na forma que o paciente adere ao serviço prestado, tornando-se assim uma conduta válida e eficaz.

PALAVRAS-CHAVE:

Afetividade; Psicologia Social; Saúde Mental; Estágio Curricular; Tratamento Humanizado.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia. **Oficinas em dinâmicas de grupo: um método de intervenção psicossocial**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra Ltda., 1997. *E-book*.

OLIVEIRA, Patrícia Fonseca; JÚNIOR, Walter Melo; VIEIRA-SILVA, Marcos. Afetividade, liberdade e atividade: o tripé terapêutico de Nise da Silveira no Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados. **Pepsic**, Belo Horizonte, 5 dez. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000100003. Acesso em: 26 maio 2019.

401 Estudante do 8º (oitavo) período de Psicologia, estagiária do CENSA e da Clínica Escola da Faculdade Pitágoras.. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: luizaabrits@gmail.com

402 Psicólogo e Mestre em Psicologia pela UFSJ, Professor e Orientador do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Betim; CRP: 04/43.380. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: luizfelipevcardoso@gmail.com



INTERVENÇÃO EM PEQUENOS GRUPOS – UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR

Paula Cristina Barbosa de Carvalho Tavares ⁴⁰³

RESUMO

A inserção do psicólogo na escola ainda passa por questionamentos quanto à sua atuação, muitas vezes resumida a lidar com os alunos com questões comportamentais e uma expectativa de prática clínica, que é contrária ao que descreve a resolução CFP nº 02/01. Como afirma Bastos (2008, apud Medeiros et. al, 2017, p. 280) a “psicologia escolar deve apresentar o desafio de tomar como alvo de sua atuação a complexidade dos processos interativos que ocorrem na escola”. Pensando na proposta de uma inserção do psicólogo dentro dessa prerrogativa, o trabalho irá apresentar a experiência de trabalho em pequenos grupos que está sendo realizada no 1º semestre de 2019 no Centro Pedagógico - Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG. Trata-se de uma escola de ensino fundamental que é dividida em três Ciclos de Formação Humana, e há uma intervenção em grupo de alunos para cada ciclo. As intervenções são semanais e abordam temas demandados pelos próprios estudantes, como bullying, respeito e orientação de estudos. Os encontros são conduzidos por uma dupla de estagiárias de Psicologia, orientadas semanalmente pela autora desse trabalho, que é psicóloga da escola. As atividades propostas são diversificadas, incluindo rodas de conversa, exposição e discussão de filmes, organização de rotina de estudos, entre outras. Como resultados parciais pode-se observar a melhora nas relações de alguns alunos entre si e o apoio na orientação de estudos a estudantes do 9º ano que desejam realizar processos seletivos para o Ensino Técnico, proporcionando diálogo sobre as escolhas e manejo de ansiedade. Por fim, ressalta-se a importância da oferta e prática do estágio em Psicologia escolar, por vezes insuficiente nos cursos de graduação.

PALAVRAS-CHAVE:

Escola; Bullying; Orientação de estudos; Estágio supervisionado.

REFERÊNCIAS

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 002, de 10 de março de 2001. Altera e regulamenta a Resolução CFP no 014/00 que institui o título profissional de especialista em psicologia e o respectivo registro nos Conselhos Regionais.** Disponível em: < https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2006/01/resolucao2001_2.pdf>. Acesso em: 11 jan 2019.

MEDEIROS, P. A.; REIS, S. C.; SOUZA, S. M. Violência e indisciplina na escola. *In: Práticas e pesquisas em psicologia e educação [recurso eletrônico]: experiências em Minas Gerais / organizadores Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais (CRP-MG), Comissão de Psicologia Escolar e Educacional* -- Dados eletrônicos. – Belo Horizonte : CRP 04, 2017. Recurso digital. p.274-286.

403 Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014), especialista em Clínica Psicanalítica com Crianças e Adolescentes pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2017). Psicóloga escolar na Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG (desde 2018). Centro Pedagógico – Escola de Educação Básica e Profissional - Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: paulacristinabtavares@gmail.com



INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL NA COMUNIDADE MORRO DO PAPAGAIO

Carmen Cristina Rodrigues Schffer⁴⁰⁴

Sílvia Martinez⁴⁰⁵

Gabriela Simões Queiroz⁴⁰⁶

RESUMO

A Intervenção Psicossocial na Comunidade Morro do Papagaio começou por meio da parceria entre a Universidade FUMEC e o Instituto Wilson Chagas, que já desenvolvia ações na comunidade, tais como: assessoria jurídica; aulas de judô e violão; cursos de cuidador de idosos, de cabeleireiro, de depilação, de manicure e de alongamento de cílios e designer de sobrancelha e avaliavam a pouca adesão e empenho dos participantes nas atividades. A parceria firmada teve como objetivo desenvolver atuação psicossocial visando prevenir, acolher, orientar e tratar os conflitos apresentados pela comunidade do Morro do Papagaio, bem como potencializar o desenvolvimento de ações já existentes na localidade. A metodologia utilizada nas atuações é a pesquisa-ação, que consiste em uma pesquisa concebida em associação com uma ação; na qual os pesquisadores e participantes da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Inicialmente, foi necessário conhecer as atividades desenvolvidas pelo Instituto, instituições presentes na comunidade, liderança comunitária e as principais demandas e necessidades dos moradores do Morro do Papagaio. Foi realizado levantamento diagnóstico, por meio de entrevistas semiestruturadas, com representantes do Instituto e de instituições presentes na comunidade, oficinairos e liderança comunitária e levantamento de dados sobre a comunidade. A partir dos dados diagnosticados, tais como: quadro de miserabilidade, ineficiência das intervenções públicas, desarticulação das ações desenvolvidas pelas instituições presentes na comunidade, falta de conhecimento das demandas e necessidades apresentadas pela comunidade, tudo isso dificultava o desenvolvimento de ações efetivas. Ficou evidente a necessidade de envolver as instituições parceiras da comunidade, na organização de uma rede de atenção psicossocial. Dessa forma, iniciamos as ações somado esforços para o enfrentamento dos entraves manifestados no campo pessoal e grupal, a fim de possibilitar que os beneficiários das diferentes ações pudessem almejar o empoderamento, a melhoria da qualidade de vida e bem-estar social.

PALAVRAS-CHAVE:

Intervenção psicossocial; Grupo operativo; Dinâmica de grupo; Empoderamento.

404 Psicóloga, graduada pela Fundação Mineira de Educação e Cultura. Especialista em Psicologia Educacional - PUC/MG. Mestre em Tecnologia, na área de Educação Tecnológica - CEFET/MG. Coordenadora e Professora do Curso de Psicologia da Universidade FUMEC. Supervisora de estágios e de projeto de extensão na área de educação e Psicologia social. Universidade FUMEC - Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde. E-mail: carmen@fumec.br

405 Graduando no 7º período do curso de Psicologia na Universidade FUMEC. Monitor no projeto de extensão Intervenção Psicossocial da Comunidade Morro do Papagaio. Estagiário na Delegacia da Mulher. Administrador de Empresas graduado pela UNA. Pós-Graduado em Gestão de Negócios pela FDC. Pós-Graduado em Marketing pela UFMG. Universidade FUMEC - Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde. E-mail: martinez.silvio@gmail.com

406 Graduanda no terceiro período do curso de Psicologia na Universidade FUMEC. Monitora no projeto de extensão Intervenção Psicossocial da Comunidade Morro do Papagaio. Universidade FUMEC - Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde. E-mail: gabrielasimoesqueiroz@gmail.com



REFERÊNCIAS

AFONSO, Lúcia (org.). **Oficinas em dinâmica de grupo; um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Edições do Campo social, LAB grupo, 2000.

BARUS-MICHEL, Jaqueline: **O Sujeito Social**. Belo Horizonte, Ed. Puc Minas, 2004.

BOCK, Ana (org.). **A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia**. São Paulo: Vozes, 2003.

GRAMIGNA, M.R. **Jogos de Empresa e Técnicas Vivenciais**. SP. Makron Books, 1995.

LAPASSADE. **Grupos, Organizações e Instituições**. São Paulo: F. Alves, 1997.

PEREIRA, William César Castilho. **Nas trilhas do trabalho comunitário e social**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PICHON RIVIÉRE, Enrique. **O processo grupal**. 6ª. ed. São P Paulo:Ms Fontes, 1998.

SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão - Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 1999.

ZIMERMAN, David & OSORIO, Luiz Carlos. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Art-med, 1997.



INTERVENÇÕES EM GRUPO: EXPERIÊNCIAS EM UM ABRIGO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Bruna Belo⁴⁰⁷

Valquíria Carla⁴⁰⁷

Helena Caroline⁴⁰⁷

Cláudia Natividade*⁴⁰⁸

RESUMO

O fenômeno da violência contra as mulheres constitui-se como uma das principais formas de violação dos direitos humanos atingindo o direito à vida, à saúde e à integridade física, psicológica e social. Se constitui como sério problema não apenas para a saúde das mulheres, mas toda a relação familiar, comunitária e social, pois se dá em um cenário machista e patriarcal que se conecta, muitas vezes, com a naturalização ou omissão dos fenômenos. O objetivo deste trabalho é apresentar a prática de estágio supervisionado realizado por alunas do 9º período de Psicologia em equipamento de abrigo de mulheres. O método de intervenção usado foi a realização de grupo de mulheres, realizado uma vez por semana, e grupos de crianças, filhas/os das mulheres abrigadas, realizados três vezes por semana. O resultado indica um trabalho que se mostrou frutífero na medida em que as mulheres conseguem identificar os tipos de violência que estavam submetidas, sentem mais fortalecidas e ganham a cada encontro, mais autonomia e participação no grupo e, no caso das crianças, conseguem seguir regras e atuarem de forma compartilhada e altruísta. Ademais, possibilita o contato com as mulheres em prol do rompimento das relações de violência e o desenvolvimento de discussões com temáticas relevantes entre elas. Para as crianças, propósitos similares, desenhados de forma lúdica, permitindo serem trabalhados aspectos como colaboração, gênero, família, integração, respeito e outros sugeridos por elas e construídos nas supervisões. Concluímos assim que a intervenção em grupos é bastante propícia para que se fortaleça os laços e que haja atividades psicoterapêuticas nas instituições de abrigo para promoção de organização de laços, aprendizagens múltiplas e entretenimento.

PALAVRAS-CHAVE:

Violência contra Mulheres; Intervenções em grupos; Crianças.

REFERÊNCIAS

ABADE, F. L.; AFONSO, M. L. M. Jogos para pensar: Educação em Direitos Humanos e Formação para a Cidadania. Autêntica Editora, 2013.

BALEIRO, M. C.; SERRÃO, M. Aprendendo a ser e a conviver. Bahia: Fundação odebrecht. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Desktop/Baubo/LIVRO-Aprendendo%20a%20Ser%20e%20a%20Conviver%20(2).pdf>. Acesso em: 19 jul. 2018.

407 Acadêmicas de Psicologia, Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: brunabelo96@gmail.com; valcarioca15@gmail.com

408 Professora da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Psicóloga, Mestrado e Doutorado em estudos linguísticos. Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: claudianati@hotmail.com



BEAUVOIR, S. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

_____. O segundo sexo: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960b.

BEDÍA; R. C. Aproximações à teoria crítica feminista. Peru: María Edit Oviedo, 2014.

BIROLI, F. Família e maternidade. *In*: BIROLI, F. (Org). Gêneros e Desigualdade: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo editorial, 2018. p. 91 - 131.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA MINAS GERAIS. Comissão Mulheres e Questão de Gênero. Folder Violência Psicológica contra as mulheres. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1PFVicbgHBhyboTkzBeXifVqnoxmmabOu/view>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

CONTI, J. Vídeo de 2 minutos mostra com clareza o ciclo do relacionamento abusivo, 2018. Disponível em: <<https://www.asomadetodosafetos.com/2018/02/video-de-dois-minutos-mostra-com-clareza-o-ciclo-relacionamento-abusivo.html>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

CUNHA, D. A. Brincadeiras africanas para a educação cultural. Pará: Edição do autor, 2016.

DIAS, A. *et al*. Prêmio Profissional Democracia e Cidadania Plena das Mulheres. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2012.

GENEBRA. “O Brasil deve colocar os direitos humanos antes da austeridade”, advertem experts das Nações Unidas após aumento da mortalidade infantil, 2018. Disponível em: <<http://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/o-brasil-deve-colocar-os-direitos-humanos-antes-da-austeridade-advertem-experts-das-nacoes-unidas-apos-aumento-da-mortalidade-infantil/>>. Acesso em: 04 ago. 2018.

GUIMARÃES, F. Quando a Loucura é Filha do Machismo, 2018. Disponível em: <azmina.com.br/especiais/quando-a-loucura-e-filha-do-machismo/>. Acesso em: 21 ago. 2018.

INSTITUTO AVON/IPSOS. Pesquisa: Percepções sobre a violência doméstica contra a mulher no Brasil. Brasil, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, OMS. Mulheres e saúde: evidências de hoje, agenda de amanhã, 2011.

PEREIRA, M. O.; PASSOS, R. G. Luta Antimanicomial e Feminismo: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2017.

PESSOA, R. H. Análise de intervenções grupais com mulheres em situação de violência de doméstica no Brasil: uma revisão bibliográfica. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1b9P0Ivj8U2DEUe3J48bgQFC-_3tdRdOqDapQmBf-oKM/edit?usp=drive_web&ouid=109557514410389764267>. Acesso em: 26 jul. 2018.

PINO, N. P. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. Cadernos Pagu, p. 149 - 174, 2007.

RICARDO, C. *et al*. Trabalho com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: Promundo, 2008.



SAWAIA, B. B. (Org.). (1999). As artimanhas da exclusão: uma análise ético-psicossocial da desigualdade. Petrópolis, RJ: Vozes.

SCHRAIBER, L. B., D'OLIVEIRA, A. F. L. P. Violence against women: interfaces with Health care, Interface Comunicação, Saúde, Educação, v.3 , n.5, 1999.



INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS GRUPAIS EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS

Laila Maciel Barbosa⁴⁰⁹
Renata Cristine de Oliveira⁴¹⁰

RESUMO

Observa-se, na contemporaneidade, uma complexa discussão relacionada ao local ideal para o idoso residir: em sua própria casa, de familiares ou em uma instituição asilar. Com a dificuldade em viver só e, por vezes, pelo distanciamento existente em se tratando dos familiares, as instituições asilares se revelam cada vez mais importantes para a moradia e cuidados dos idosos. O relato a seguir é fruto do estágio curricular supervisionado realizado no Asilo São Vicente de Paulo, de Pompéu/MG, iniciado em 23 de fevereiro de 2019, com término em 8 de junho de 2019. O objetivo geral do estágio é oferecer aos idosos um espaço de escuta e intervenções psicológicas grupais que proporcionem uma maior qualidade de vida a eles. O grupo acontece semanalmente, com a participação espontânea de 20 idosos, cuja idade varia entre 60 e 85 anos. Cada encontro dura duas horas e possui temas específicos vinculados: autoimagem, autoconhecimento, autocuidado, relações familiares, relações interpessoais e estratégias de enfrentamento saudável do envelhecimento. Para abordar os temas citados, recursos didáticos são utilizados, tais como colagens, músicas e técnicas de dinâmica de grupos. Entre os resultados obtidos até o momento, é possível citar uma nova visão quanto à institucionalização. O asilo está deixando de ser apenas um local com regularizações para ser um lar que fomenta a criação de vínculos e laços interpessoais. Destaca-se o desenvolvimento de uma comunicação mais efetiva entre os idosos. Houve uma significativa potencialização das relações interpessoais. Idosos que não recebem visitas de familiares relataram redução na solidão à medida que descobriram o prazer da companhia uns dos outros. Os idosos perceberam a necessidade de se responsabilizar pela própria saúde enquanto prioridade em sua vida e, por isso, estão se sentindo mais úteis.

PALAVRAS-CHAVE:

Grupo; Envelhecimento saudável; Prevenção.

409 Graduada do 9º período do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Adquiriu experiências e aprendizados referentes ao processo do envelhecimento por meio de sua graduação e de cursos de atualização profissional realizados na Fundação Oswaldo Cruz. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: maciellaila@hotmail.com

410 Graduada em Psicologia pela FUNEDI/UEMG; pós-graduada em Formação Pedagógica para Profissionais da Saúde pela UFMG; mestra em Educação, Cultura e Organizações Sociais pela FUNEDI/UEMG. Docente e supervisora de estágio no Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. Centro Universitário UNA Bom Despacho/MG. E-mail: renataoliveira@prof.una.br



REFERÊNCIAS

SOLIMÕES, Regina; MOURA, Márcia; MOREIRA, Wagner. Esperando a morte: o corpo idoso institucionalizado. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 49-61, jul./ago./set., 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/25202/18024>>. Acesso em: 14 maio 2019.

TAVARES, Renata Evangelista *et al.* Envelhecimento saudável na perspectiva de idosos: uma revisão integrativa. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 878-889, dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232017000600878&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 maio 2019.



INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS COM GRUPOS DE PROFISSIONAIS NASF-AB/ESF

Denise de Sales Saturnino⁴¹¹

Rosilene Pereira Dias⁴¹²

Moysa Caroline Resende da Costa⁴¹³

Alberto Mesaque Martins⁴¹⁴

RESUMO

O presente trabalho refere-se a um relato de experiência prática vivenciada no estágio específico 1, do 9º período de Psicologia na Faculdade Pitágoras em Betim no primeiro semestre de 2019. A prática do estágio localiza-se em duas unidades básicas de saúde nos bairros Duque de Caxias e Cruzeiro do Sul, no município de Betim- MG, com atuação frente ao Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB) e Estratégia Saúde da Família (ESF). Como objetivo geral, buscou-se facilitar a troca de informações, reflexão e elaboração de questões referentes ao relacionamento interpessoal que interferiam no trabalho em equipe. Em relação aos objetivos específicos, tinham como propósito promover a reflexão e a melhoria na comunicação enquanto ferramenta da interação interpessoal, a elaboração da gestão de conflitos no ambiente organizacional e elaboração de tópicos concernentes a inteligência emocional. A partir das demandas observadas na atuação junto as equipes NASF-AB e ESF, optamos por abordar ao longo de 3 encontros os seguintes temas norteadores: Inteligência emocional, integração das equipes e comunicação, divididos em subtemas. No primeiro encontro foi trabalhado com os participantes o tema “inteligência emocional” tendo em foco o autoconhecimento, autocontrole e o equilíbrio emocional. No segundo encontro foi apresentado o tema referente a “integração das equipes”, contendo os subtemas gestão de conflitos, diferenças e semelhanças entre os profissionais e empatia. No terceiro e último encontro foi abordado o eixo norteador “comunicação” apontando aspectos verbais e não verbais e feedback. Concluiu-se que o grupo foi de suma importância para os profissionais, possibilitando aos mesmos um espaço para reflexão e desenvolvimento. Ao término do nosso projeto os participantes manifestaram o desejo de que as técnicas terapêuticas grupais fossem contínuas, evidenciando-se assim a importância de trabalhar com a prevenção e promoção da saúde dentro das unidades básicas de saúde (UBS).

PALAVRAS-CHAVE:

Oficinas; NASF-AB; ESF; intervenção.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L. M. **Oficinas em Dinâmica de Grupo: Um método de intervenção psicossocial**. 2º. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

411 Graduanda em Psicologia do 9º período da faculdade Pitágoras em Betim. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: denisedesales30@gmail.com

412 Graduanda em Psicologia do 9º período da faculdade Pitágoras em Betim. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: rosesilva123pereira@gmail.com

413 Psicóloga (PUC MG) e especialista em Psicologia Hospitalar (Santa Casa de BH). Monitora de estágio da Faculdade Pitágoras em Betim. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: moysa.costa@pitagoras.com.br

414 Psicólogo (UNA), mestre e doutor em Psicologia (UFMG). Professor e orientador do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras em Betim. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: alberto.martins@pitagoras.com.br



BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Saúde do trabalhador e da trabalhadora**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018. 136 p. (Cadernos de Atenção Básica, n. 41).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Núcleo de Apoio à Saúde da Família**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018. 118 p. (Cadernos de Atenção Básica, n. 39).



JANELA DA ESCUTA: FORMAÇÃO, PRÁTICA E ARTICULAÇÃO

Gabriel César Silva Rodrigues⁴¹⁵

Cristiane de Freitas Cunha⁴¹⁶

Henrique Barbosa Diniz Silva⁴¹⁷

RESUMO

Introdução: O Projeto Janela da Escuta, da Faculdade de Medicina da UFMG, atende adolescentes encaminhados pelo Hospital das Clínicas e pelo sistema socioeducativo. O Janela foi criado pela professora Cristiane que, atendendo uma adolescente com anorexia, não obteve sucesso com o tratamento médico e assim iniciou estudos na área da psicanálise, concluindo que o atendimento ao adolescente deve ser interdisciplinar, incluindo a saúde mental e considerando-o como o especialista de si mesmo. **Metodologia:** Os integrantes do projeto têm aulas teóricas que antecedem os atendimentos que são realizados no Ambulatório pela equipe Interdisciplinar(Viegas, 2015). Os alunos do curso de Psicologia realizam o acolhimento, promovendo processo similar à livre associação, com uma escuta mais fundamentada sobre o lado psíquico dos adolescentes, visando identificar a necessidade de encaminhamento para atendimento em outras áreas e qual a motivação para procurar o atendimento psicológico. **Discussão:** O processo de acolhimento propicia aos estudantes de Psicologia um contato direto com os adolescentes, sem exigir uma grande bagagem teórica, instigando e incentivando a busca por aprimoramento do conhecimento, sendo uma prática condizente com conhecimento dos alunos em início de formação. Após a construção do caso pela equipe interdisciplinar, cria-se uma articulação com a rede de amparo disponível no território de origem do jovem. Instituições como o postos de saúde, CRAS, CREAS e escolas são convidadas a realizar uma co-construção do caso, tendo o Projeto como referência até o desligamento total do jovem. **Conclusão:** O projeto possibilita ao estudante de graduação atuar de forma condizente com a bagagem teórica de início de formação, uma oportunidade de trabalho interdisciplinar e interprofissional no Sistema Único de Saúde (SUS) que sofre ameaças de retrocessos e questionamentos pela classe política, além de expor os processos burocráticos e possibilidades de trabalho nos poderes públicos, um dos principais empregadores de psicólogos. (CFP, 2016).

415 Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Plantonista do Serviço de Psicologia Aplicada da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Integrante do programa de extensão: Observatório da Saúde da Criança e do Adolescente (ObservaPED) no eixo: A criança, o adolescente e a violência, realizando acolhimento de adolescentes atendidos pelo Ambulatório São Vicente, sob orientação da professora Cristiane de Freitas Cunha e Integrante de iniciação científica no Laboratório de Estudos e Extensão em Autismo e Desenvolvimento (LEAD) UFMG, sob orientação da professora Cláudia Cardoso-Martins. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: gabriel1234.gc@gmail.com

416 Graduação em Medicina pela UFMG (1989), Mestrado (1996) e Doutorado (2002) em Saúde da Criança e do Adolescente pela UFMG, e Pós-Doutorado pelo Hospital Clínic da Universidade de Barcelona (2004). Professora Titular do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFMG desde 1997. Coordenadora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da UFMG. Presidente do Comitê de Adolescência da Sociedade Mineira de Pediatria. Membro da Associação Mundial de Psicanálise. Coordenadora do Projeto de Extensão Janela da Escuta e do Ateliê Intervalo de Redução de Danos. Coordenadora do Programa de Extensão e do Grupo de Pesquisa do CNPq Brota - Juventude, Educação e Cultura. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: cristiane-defreitascunha@gmail.com

417 Graduação em Psicologia pela Faculdade FEAD Minas (2013), Pós-Graduando na Faculdade de Medicina da UFMG no curso de Saúde do Adolescente. Psicólogo na ONG PEMSE atuando como técnico no Sistema Socioeducativo do Estado de Minas Gerais na Casa de Semiliberdade Letícia. Atualmente compõe o corpo de profissionais do Projeto de Extensão Janela da Escuta do HC de Belo Horizonte no Ambulatório São Vicente, participando dos acolhimentos, atendimentos, articulações na rede parceira dos adolescentes e nas discussões de caso sob supervisão da professora Cristiane de Freitas Cunha. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: henriquepsico25@gmail.com



PALAVRAS-CHAVE:

Adolescência; acolhimento; interdisciplinar; vivência; psicanálise.

REFERÊNCIAS

VIEGAS, William Campos. Projeto de extensão promove, no Hospital das Clínicas, atividades artísticas para adolescentes e suas famílias. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1897/6.shtml>>. Acessado em: 27 de maio de 2019.

Dieese divulga pesquisa sobre a inserção de psicólogos (as) no mercado de trabalho. Conselho Federal de Psicologia. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/dieese-divulga-pesquisa-sobre-a-insercao-de-psicologos-as-no-mercado-de-trabalho/>>. Acessado em: 27 de maio de 2019.



JUNT@S: MULHERES E HOMENS CONTRA A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Simone Francisca de Oliveira⁴¹⁸

Fernanda Zorzam Santos⁴¹⁹

Marina Melo Machado⁴²⁰

RESUMO

O projeto de extensão “Junt@s: Mulheres e Homens Contra a Violência de Gênero” vinculado ao curso de Psicologia do Centro Universitário UNA/ Barro Preto foi criado em agosto de 2014. O seu objetivo é levar a discussão sobre o enfrentamento à violência de gênero contra a mulher para a comunidade acadêmica capacitando @s extensionistas para a elaboração e implementação de intervenções sobre o foco principal do projeto. Atuamos em três focos: 1) “Junt@s no intervalo”: com o objetivo de levar para a comunidade acadêmica da UNA a discussão sobre a temática da mulher através de intervenções artísticas mensais durante o intervalo das aulas. Este formato visa atingir o máximo de alun@s do campus da UNA; 2) “Junt@s na Tina”: propôs rodas de conversa mensais sobre temas correlato aos direitos das mulheres, para além do meio acadêmico, através de parceria com a Casa de Referência Tina Martins; 3) Pesquisando Junt@s: Trabalhos de Conclusão. A partir da prática extensionista, questionamentos sobre o processo de enfrentamento à violência de gênero levaram à elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso aprofundando o debate sobre a temática do projeto. Produtos gerados em 2018: “Junt@s na Tina”: realização de cinco rodas de conversa, com em média, 30 participantes cada. “Junt@s no intervalo”: oito intervenções com duração de 30 minutos, com público, de aproximadamente, 200 alun@s por intervenção. Pesquisando Junt@s: conclusão de cinco Trabalhos de Conclusão. Além da apresentação dos resultados em dezenas de eventos científicos nacionais e internacionais, envolvendo 35 alun@s extensionistas. Podemos concluir que se faz importante discutir a troca dialética entre a Academia e a sociedade e o Ensino, a Extensão e a Pesquisa e como as ações produzidas a partir destas intersecções potencializam a formação d@s alun@s e o processo de discussão sobre a temática do enfrentamento à violência de gênero.

PALAVRAS-CHAVE:

Extensão; Pesquisa; Enfrentamento à violência de gênero.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia (org). Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2013.

418 Graduada em Psicologia pela UFMG, Mestre em Psicologia, pela UFMG, na área de concentração Psicologia Social. É professora na UNA, no curso de Psicologia. Coordena o projeto de extensão “Junt@s: mulheres e homens contra a violência de gênero. Centro Universitário UNA. E-mail: si.fos@hotmail.com

419 Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UNA, psicóloga clínica, estudos concentrados em gênero, masculinidade e violência. Centro Universitário UNA. E-mail: fernanda_zorzam@hotmail.com

420 Graduada em Psicologia na UNA, bacharel em Direito pela Universidade de Itaúna, MBA em Liderança Estratégica e Equipes de Alta Performance pela UNA. Centro Universitário UNA. E-mail: marinamelomachado@gmail.com



COSTA, Carmen Lúcia Neves do Amaral et al, “Contribuições da extensão universitária na sociedade” IN Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais, Aracaju, v. 1, n.16, 2013.

PICHON-RIVIÉRE, Enrique. O Processo Grupal. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VIEGAS, DANIELA, GAZIRE, MARINA, REIS, ROBERTO ALVES, BASTOS BARBOSA E SÍLVIA MICHELLE A (ORGS.), Mulheres Comunicam - Mediações, Sociedade e Feminismos, Ed. Letramento, São Paulo 2016.



LIMITES E POSSIBILIDADES NO MANEJO DE UM CASO NA CLÍNICA-ESCOLA NUMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA

Adriana Torres Máximo Monteiro⁴²¹

Tayná dos Santos Faria⁴²²

RESUMO

O trabalho tem por objetivo apresentar a construção de um caso clínico a partir de um estágio profissionalizante na clínica-escola do curso de Psicologia da PUC Minas. A construção deste caso possibilita ampliar os horizontes sobre o fazer clínico do psicólogo mediado por outras áreas, como a psicopedagogia; além de proporcionar uma visão crítica acerca do excesso de diagnósticos que nos deparamos no ambiente da clínica. A demanda inicial era de atendimento a um adolescente que apresentava queixa de dificuldade de aprendizagem, agitação e desatenção, corroboradas por um diagnóstico psiquiátrico de TDAH e dislexia, atestados quando ainda estava no período de sua infância. Esse quadro resultava em uma vivência de fracasso escolar. Para a construção do caso, apropriamos dos dados e observações coletados pela estagiária, a partir de um diário de campo, onde encontramos os registros dos atendimentos, os questionamentos e todo o processo de posicionamento frente aos diagnósticos. Desta forma, utilizamos da metodologia de Análise de Dados, fazendo uma construção entre as anotações da estagiária e as teorias que nos ajudaram a embasar o nosso posicionamento e questionamentos. Os diagnósticos técnicos emitidos pelos profissionais, são o ponto de partida para a condução deste caso. Diante esse cenário, operou-se um redirecionamento do olhar, considerando que, contrariamente às queixas colocadas, o adolescente em questão, apresentou-se como um sujeito atento e focado em seus interesses. Nesse contexto, as inquietações, investimento em estudos, o diálogo permanente com a supervisora resultaram em um conjunto de intervenções realizadas pela aluna estagiária. Sua conduta, trouxe à tona algumas competências e habilidades do adolescente, que não eram reconhecidas como tal, pela escola e tampouco pelos seus familiares. A direção que o caso tomou, revela uma tentativa de romper com o ciclo vicioso de medicalização, patologização, fatores que proporcionam a exclusão, bem como o fracasso escolar e social.

PALAVRAS-CHAVE:

Estágio clínica-escola; Atendimento psicopedagógico; Patologização.

REFERÊNCIAS

LEITE, M.; MENDES, N. **Os projetos de trabalho: um espaço para viver a diversidade e a democracia na escola**. Projeto- Revista de Educação: Projetos de trabalho. 2 ed., v. 3, n. 4, p. 25-29, 2014.

421 Psicóloga, professora da PUC Minas, mestre e doutora em educação pela FAE/UFMG. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: drimonteiro@hotmail.com

422 Psicóloga formada pela PUC Minas, pós graduanda em Psicometricidade pela PUC Minas. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: taynafariapsi@gmail.com



OLIVEIRA, Cacilda Lages. **Significados e contribuições da afetividade, no contexto da Metodologia de Projetos, na Educação Básica**. 2006. Dissertação (Mestrado) – CEFET – MG, Belo Horizonte MG, 2006.

PATTO, Maria Helena Souza. **Exercícios de indignação: escritos de educação e psicologia**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2005.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de *et al.* Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas. **Psicologia Escolar e Educacional (Impresso)**, v. 13, n. 1, p. 179-182, 2009.

SOUZA, Marilene Proença Rebello. **Ouvindo crianças na escola: abordagens qualitativas e desafios metodológicos para a psicologia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

Weiss, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica - uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: DP&A. 1997.



MEDIAÇÃO COMUNITÁRIA: PRÁTICAS COMUNITÁRIAS, RESTAURATIVAS E DE MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

Bianca Stephanie Rodrigues de Oliveira⁴²³

Bruno Eduardo de Souza da Silva⁴²⁴

Bruno Moreira Silva⁴²⁵

Carla Rangel de Abreu⁴²⁶

João Gabriel Bicalho Almeida⁴²⁷

Lilian Marques Lopes⁴²⁸

Milena Evellyn Pereira Drumond⁴²⁹

Rubens Ferreira Nascimento⁴³⁰

RESUMO

O projeto de extensão Mediação Comunitária: Práticas Comunitárias, Restaurativas e de Mediação de Conflitos, visa a promoção do diálogo, com foco em mudanças nas relações e no exercício da alteridade, sob a compreensão de que as partes são sujeitos sociais. Há ainda, através de suas atividades, a ligação e integração da comunidade acadêmica e o exterior da universidade a fim de incentivar a troca bilateral e pluridimensional entre ambas. Uma decisão judicial não contempla os aspectos relacionais de um conflito, por outro lado, alguns dos métodos alternativos de resolução pacífica de conflitos, dentre eles, a mediação, buscam investir no diálogo potencialmente gerador de maior compreensão entre os participantes. A prática de mediação transformativa, parte da atuação do projeto, no momento, trabalha, com a transformação de ambas as partes, podendo assim dizer que mesmo que as partes conflitantes não entrem em um acordo relacionado às situações-problema, o entendimento do conflito e a percepção da relação entre os indivíduos seja transformada. Os atendimentos da mediação ocorrem em espaço externo à Universidade, na Fundação Metodista, com recursos e técnicas, compatíveis com a busca da horizontalidade como a mesa redonda e os círculos de construção de paz. Durante os atendimentos de mediação, é comum perceber e ouvir das partes expressões de satisfação em participar do processo, pelo fato de serem acolhidos e motivados a falarem e se escutarem. Atualmente o projeto trabalha para incluir a Justiça Restaurativa entre suas práticas, estando

423 Graduada em Direito (PUC Minas). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - São Gabriel. E-mail: projetomediacaopucsg@gmail.com

424 Graduando em Psicologia (PUC Minas). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - São Gabriel. E-mail: projetomediacaopucsg@gmail.com

425 Graduando em Psicologia (PUC Minas). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - São Gabriel. E-mail: projetomediacaopucsg@gmail.com

426 Psicóloga (PUC Minas). Especialista em Clínica Psicanalítica e Instituições de Saúde pela PUC/Betim. Especialista em Neuropsicologia pela Universidade FUMEC. Graduada em Direito (PUC Minas). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - São Gabriel. E-mail: projetomediacaopucsg@gmail.com

427 Graduando em Psicologia (PUC Minas). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - São Gabriel. E-mail: projetomediacaopucsg@gmail.com

428 Advogada. Graduada em Direito (Promove). Pós-graduada em Direito Processual Civil pelo Instituto para o Desenvolvimento Democrático em parceria com a Universidade de Coimbra/Portugal. Professora do Instituto Direito na Escola - Comissão OAB Vai às Escolas da OAB/MG. Graduada em Psicologia (PUC Minas). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - São Gabriel. E-mail: projetomediacaopucsg@gmail.com

429 Graduada em Psicologia (PUC Minas). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - São Gabriel. E-mail: projetomediacaopucsg@gmail.com

430 Mestre em Psicologia (UFMG). Graduado em Psicologia (Uni Centro Newton Paiva) e em Pedagogia (Universidade Castelo Branco). Professor da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. Coordenador do Projeto de Extensão Mediação Comunitária: Práticas Comunitárias, Restaurativas e de Mediação de Conflitos. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - São Gabriel. E-mail: projetomediacaopucsg@gmail.com



em andamento, a possibilidade de parceria entre o Centro Integrado de Atenção ao Adolescente Autor de Ato infracional (CIA/BH) e a PUC Minas, que consiste em prestar atendimentos aos adolescentes encaminhados pela referida instituição a partir da prática de Justiça Restaurativa. É notável a importância e relevância que o projeto desempenha junto à comunidade e aos atores envolvidos de forma direta.

PALAVRAS CHAVE:

Mediação de conflitos; Educação em Direitos Humanos; Psicologia; Direito; Ação Comunitária

REFERÊNCIAS

MULLER, Fernanda Graudenz; BEIRAS, Adriano; CRUZ, Roberto Moraes. O trabalho do psicólogo na mediação de conflitos familiares: reflexões com base na experiência do serviço de mediação familiar em Santa Catarina. *Aletheia*, Canoas, n. 26, p. 196-209, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942007000200016&lng=pt&nrm=i-so>. Acessos em 03 dez. 2018.

NASCIMENTO, Rubens F.; ANDRADE, A. M. A. C.. Psicologia, mediação de conflitos e educação em direitos humanos. *In*: Rena, L. C. C. B.; Viana, F. J. M.; GONÇALVES, L.; RAMOS, I. A.; MACHADO, M. N. M.. (Org.). *A Política no Cotidiano: contribuições teóricas e práticas da psicologia social*. 1ed. Porto Alegre: ABRAPSO, 2016, p. 244-285.

JAYME, Fernando Gonzaga *et al.* *Justiça restaurativa na prática [recurso eletrônico]: no compasso do Ciranda*. Fernando Gonzaga Jayme, Mayara de Carvalho (coord.). – Belo Horizonte: Del Rey, 2018.

PRANIS, Kay. *Processos circulares*. São Paulo: Palas Athena, p. 40, 2010

VASCONCELOS, Carlos Eduardo de. *Mediação de Conflitos e Práticas Restaurativas*. São Paulo: Método, 2008.

VEZZULA, J. C. *Teoria e prática da Mediação*. Curitiba: Instituto de Mediação, 1995.

ZEHR, Howard. *Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça*. Tradução de Tônia Van Acker. -- São Paulo: Palas Athena, 2008.



MONITORIA NOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS DE PSICOLOGIA: A EXPERIÊNCIA DO NUPEP/FUMEC

Hérika de Mesquita Sadi⁴³¹

Débora Cazita⁴³²

Joice Natali do Rosário⁴³³

Rodrigo Broilo⁴³⁴

RESUMO

Objetivos: O presente trabalho busca, através de um Relato de Experiência, apresentar as dificuldades enfrentadas neste período, desde a criação do NUPEP, os pontos de melhoria para os próximos semestres letivos e os sucessos obtidos pela atual Monitoria no NUPEP/FUMEC, bem como as contribuições que essa atividade de extensão tem gerado para os graduandos, sejam monitores ou estagiários. **Justificativa:** O Núcleo de Práticas de Estágio em Psicologia (NUPEP) da Universidade FUMEC é uma iniciativa do curso de Psicologia para reunir e ampliar as possibilidades de atuação nos estágios supervisionados, sejam eles os estágios intermediários (de atuação em áreas como Jurídica, Saúde, Assistência Social, Escolar, Envelhecimento e Organizacional), ou os estágios específicos de atendimento na clínica escola nas abordagens de Psicanálise, Sistêmica, Gestalt, Existencial-Humanista, Analítico-Comportamental e Cognitivo Comportamental, além da ênfase Organizacional e do Trabalho. Entre o público, a Clínica Escola atende crianças, adolescentes, adultos, casais, famílias e idosos, seja em Psicoterapia, Psicodiagnóstico ou Neuropsicologia, independente de classificação socioeconômica. Já há alguns anos, conta-se com a presença de monitores nos estágios específicos, porém, com a criação do NUPEP em 2018, os monitores acompanham os estagiários e supervisões do sexto ao décimo período. **Conclusão:** Atualmente a monitoria conta com 3 monitores, atuando 20 horas por semana cada, de segunda a sexta-feira, divididos no período de 08 às 19 horas. A prática da monitoria tem a vantagem de colocar os alunos em contato com as diversas dimensões da faculdade, desde professores, alunos, funcionários até os diferentes processos, sociais, administrativos e de contato com o conhecimento, dentro do trabalho e da instituição.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia; Monitoria; Estágio Supervisionado; Relato de experiência.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Maria da Apresentação *et al.* Psicologia e formação em ênfases curriculares. **Cienc. Psicol.**, Montevideo, v. 13, n. 1, p. 158-163, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-42212019000100158&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 30 de maio de 2019. <http://dx.doi.org/10.22235/cp.v13i1.1817>.

431 Doutora em Psicologia Clínica e mestre em Psicologia Experimental. Docente de Psicologia e coordenadora do NUPEP/FUMEC Universidade FUMEC. E-mail: sadi@fumec.br

432 Graduanda em Psicologia e monitora do NUPEP. Universidade FUMEC. E-mail: deboracazita@fumec.br

433 Graduanda em Psicologia e monitora do NUPEP. Universidade FUMEC. E-mail: joicenrosario@gmail.com

434 Graduando em Psicologia e monitor do NUPEP. Universidade FUMEC. E-mail: rbroilo@gmail.com



GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Formação em Psicologia, Práticas Profissionais e Produção de Saberes. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 191-195, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932018000200191-&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 de maio de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000022018>.

GUZZO, Raquel Souza Lobo. Pesquisa e mudança social: desafios e dificuldades para a formação em Psicologia. **Educ. rev.**, Curitiba, v. 34, n. 71, p. 143-156, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602018000500143&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 de maio de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.62651>.

NATARIO, Elisete Gomes; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Programa de monitores para o ensino superior. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 355-364, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 de maio de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300007>.

PEIXOTO, Ana Cláudia de Azevedo *et al.* A Percepção de Estagiários em Diferentes IES do Brasil sobre a Supervisão. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 34, n. 3, p. 528-539, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000300528-&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 de maio de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001482013>.

SILVA, Sílvia Maria Cintra da. Algumas reflexões sobre a arte e a formação do psicólogo. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 4, p. 100-111, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 de maio de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932004000400012>.



MULHERES: ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS E PROMOÇÃO DE SAÚDE

Bruna Belo⁴³⁵
Juliana Campos⁴³⁶
Jussara Rodrigues⁴³⁷
Lídia Rodrigues⁴³⁸
Lina Sá⁴³⁹
Elaine Cristina⁴⁴⁰
Josiane Santos⁴⁴¹
Cláudia Natividade⁴⁴²
Flávia Gotelip⁴⁴³

RESUMO

A saúde das mulheres tem sido investigada a partir de vários aspectos, contudo as pesquisas e intervenções que pretendem identificar os impactos da violência interpessoal em suas vidas ainda persistem pouco exploradas. O presente projeto teve como objetivo a promoção da saúde da mulher em uma dimensão multiprofissional e biopsicossocial por meio de intervenções grupais a partir das experiências de violência por elas vivenciadas identificando, assim, os impactos destas experiências nas subjetividades e seus efeitos nefastos à saúde, as reuniões dos grupos acontecem no ambulatório da CMMG duas vezes na semana. Para tanto, realizou-se inicialmente a etapa de mobilização das mulheres por meio de convites impressos distribuídos no ambulatório CMMG; 2. Telefonemas/convites para as mulheres inscritas na clínica-escola de Psicologia; 3. Encaminhamentos via Consórcio Mulheres das Gerais; 4. Cartazes distribuídos no ambulatório e na faculdade; 5. Contato com equipe de fisioterapia da área de saúde das mulheres para encaminhamento de pacientes; 6. Construção de redes sociais divulgação do projeto e 7. Comunicação com as mulheres via WhatsApp. Foram ofertados dois grupos em dias e horários alternados no contexto do ambulatório CMMG. Além disso, realizou-se acolhimentos psicossociais com intuito de mobilizar as mulheres para os grupos. Os resultados indicam que a metodologia de mobilização inicial demonstrou-se pouco efetiva, evidenciando os desafios para a construção de vínculos de confiança e sentido de participação em projetos grupais com mulheres em situação de violência. Esse aspecto era superado após a primeira participação no grupo, uma vez que sentiam-se acolhidas e expressavam suas experiências usufruindo do processo de acolhimento e fortalecimento grupal. Por meio do projeto, 13 mulheres foram acolhidas, das quais, 6 aderiram ao grupo.

PALAVRAS-CHAVE:

Saúde; Mulheres; Violência contra Mulheres; Violência de gênero

435 Acadêmicas de Psicologia.

436 Acadêmicas de Psicologia.

437 Acadêmicas de Psicologia.

438 Acadêmicas de Psicologia. E-mail: lidiarp.psico@gmail.com

439 Acadêmica de Fisioterapia.

440 Psicólogas Voluntárias.

441 Psicólogas Voluntárias.

442 Professora da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Psicóloga, Mestrado e Doutorado em estudos linguísticos. E-mail: claudiana-ti@hotmail.com

443 Professora da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Psicóloga, Mestre em Psicologia. E-mail: flaviagotelip@gmail.com



REFERÊNCIAS

ABADE, F. L.; AFONSO, M. L. M. Jogos para pensar: Educação em Direitos Humanos e Formação para a Cidadania. Autêntica Editora, 2013.

BALEEIRO, M. C; SERRÃO, M. Aprendendo a ser e a conviver. Bahia: Fundação odebrecht. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Desktop/Baubo/LIVRO-Aprendendo%20a%20Ser%20e%20a%20Conviver%20(2).pdf>. Acesso em: 19 jul. 2018.

BEAUVOIR, S. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

_____. O segundo sexo: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960b.

BEDÍA; R. C. Aproximações à teoria crítica feminista. Peru: María Edit Oviedo, 2014.

BIROLI, F. Família e maternidade. In: BIROLI, F. (Org). Gêneros e Desigualdade: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo editorial, 2018. p. 91 - 131.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA MINAS GERAIS. Comissão Mulheres e Questão de Gênero. Folder Violência Psicológica contra as mulheres. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1PFVicbgHBhyboTkzBeXifVqnoxmmabOu/view>. Acesso em: 15 nov. 2018.

CONTI, J. Vídeo de 2 minutos mostra com clareza o ciclo do relacionamento abusivo, 2018. Disponível em: <https://www.asomadetodosafetos.com/2018/02/video-de-dois-minutos-mostra-com-clareza-o-ciclo-relacionamento-abusivo.html>. Acesso em: 19 jul. 2018.

CUNHA, D. A. Brincadeiras africanas para a educação cultural. Pará: Edição do autor, 2016.

DIAS, A. *et al.* Prêmio Profissional Democracia e Cidadania Plena das Mulheres. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2012.

GENEBRA. “O Brasil deve colocar os direitos humanos antes da austeridade”, advertem experts das Nações Unidas após aumento da mortalidade infantil, 2018. Disponível em: <http://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/o-brasil-deve-colocar-os-direitos-humanos-antes-da-austeridade-advertem-experts-das-nacoes-unidas-apos-aumento-da-mortalidade-infantil/>. Acesso em: 04 ago. 2018.

GUIMARÃES, F. Quando a Loucura é Filha do Machismo, 2018. Disponível em: <azmina.com.br/especiais/quando-a-loucura-e-filha-do-machismo/>. Acesso em: 21 ago. 2018.

INSTITUTO AVON/IPSOS. Pesquisa: Percepções sobre a violência doméstica contra a mulher no Brasil. Brasil, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, OMS. Mulheres e saúde: evidências de hoje, agenda de amanhã, 2011.

PEREIRA, M. O.; PASSOS, R. G. Luta Antimanicomial e Feminismo: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2017.

PESSOA, R. H. Análise de intervenções grupais com mulheres em situação de violência de do-

méstica no Brasil: uma revisão bibliográfica. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1b9P0lvj8U2DEUe3J48bgQFC-_3tdRdOqDapQmBf-oKM/edit?usp=drive_web&ouid=109557514410389764267>. Acesso em: 26 jul. 2018.

PINO, N. P. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. Cadernos Pagu, p. 149 - 174, 2007.

RICARDO, C. *et al.* Trabalho com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: Promundo, 2008.

SAWAIA, B. B. (Org.). (1999). As artimanhas da exclusão: uma análise ético-psicossocial da desigualdade. Petrópolis, RJ: Vozes.

SCHRAIBER, L. B., D'OLIVEIRA, A. F. L. P. Violence against women: interfaces with Health care, Interface Comunicação, Saúde, Educação, v.3 , n.5, 1999.



O ENVELHECIMENTO NO CENTRO URBANO DE BELO HORIZONTE: UM ESTUDO DOS ASPECTOS PSICOSSOCIAIS

Ana Carolina Gonçalves Silva⁴⁴⁴

Ângela Speciali Aroeira⁴⁴⁵

Júlia Saraiva Oliveira⁴⁴⁶

Nathielly Alves Vilaça⁴⁴⁷

Rayan Felipe Nascimento Paiva⁴⁴⁸

RESUMO

Este trabalho resulta de experiência multidisciplinar das disciplinas de Estágio Supervisionado, Métodos e Técnicas de Pesquisa e Antropologia, do 2º período do curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais – FCMMG, ocorrida durante o 2º semestre de 2018, a partir da interlocução entre Psicologia, velhice e sociedade. O estudo teve como proposta investigar a percepção dos idosos quanto ao seu processo de envelhecimento. Foram delimitados pontos estratégicos no hipercentro de Belo Horizonte para a observação de campo e realização de entrevistas semiestruturadas, para a amostra por conveniência. Objetivou-se avaliar a percepção dos idosos quanto a elementos estruturais da cidade, aspectos subjetivos desse grupo etário, tais como convivência com as pessoas próximas, sentimento de pertencimento e inclusão à sociedade. Buscou-se analisar o nível de satisfação destes com relação a seu processo de envelhecimento. A análise de dados foi associada às revisões literárias, demonstrando carência de estudos sobre a temática. Dentre os resultados do estudo, destacamos que o envelhecimento não vem sendo encarado de forma positiva por parte do poder público e da comunidade urbana. A falta de acessibilidade e a “invisibilidade” dos idosos dificultam que eles recebam a devida atenção e inclusão. Muitos idosos entrevistados se sentem solitários, carentes de cuidados e desamparados diante suas necessidades biopsicossociais. Uma vez reconhecida a tendência mundial do aumento demográfico de idosos, faz-se necessário o investimento em pesquisas e implementação de políticas públicas direcionadas a essa faixa etária que visem, além de melhorias infra estruturais, também a inclusão efetiva do grupo dentro da sociedade. Essas medidas tornariam possível o enquadramento de BH como uma cidade amiga dos idosos, conforme proposto pela OMS no Age Friendly Cities.

PALAVRAS-CHAVE:

Processo de envelhecimento; Idosos; Percepção.

444 Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: gds_carolina@outlook.com

445 Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: asaroeira@yahoo.com.br

446 Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: juliasaraiva31@gmail.com

447 Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: nathyalveesv@gmail.com

448 Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: rayan.f13@gmail.com



REFERÊNCIAS

AREOSA, Sílvia Virginia Coutinho; BULLA, Leonia Capaverde. Contexto Social e Relações Familiares: O Idoso Provedor. *In*: AREOSA, Sílvia Virginia Coutinho. **Terceira Idade na UNISC: Novos Desafios De Uma População Que Envelhece**. EDUNISC. Santa Cruz do Sul, 2010.

AREOSA, S. V., & al, e. (2012). **Envelhecimento**: Relações pessoais e familiares.

Barbarói, 36, 120-132.

CENTEIO, Hélia *et al.* **Aveiro**: cidade amiga das pessoas idosas? Revista Brasileira

de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro, 2010.

CHAVES, Lindanor Jacó; GIL, Claudia Aranha. **Concepções de idosos sobre espiritualidade relacionada ao envelhecimento e qualidade de vida**. Revista Ciência & Saúde Coletiva (online), 2015

DE OLIVEIRA DUARTE, Y. A., & al, e. (Saúde Coletiva). **Religiosidade e envelhecimento**: uma análise. 173-177.

DIAS, Daniela da Silva Gonçalves; CARVALHO, Carolina da Silva; ARAÚJO, Cibelle Vanessa de. **Comparação da percepção subjetiva da qualidade de vida e bem-estar de idosos que vivem sozinhos, com a família e institucionalizados**. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro, 2013.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos Moribundos**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.

FERREIRA, O. G. (2012). **Envelhecimento ativo e sua relação com a independência**. *Enferm*, 513-518.

GARCÍA, Esther López *et al.* **Social network and health related quality of life in older adults: a population-based study in Spain**. *Quality of Life Research*, v. 14, n. 2, p. 511-520, 2005.

IBGE. (2017). **População**. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>

JÚNIOR, Renato Campos Freire *et al.* **Estudo da acessibilidade de idosos ao centro da cidade de Caratinga, MG**. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro, 2013.

MARQUES, P. Z., & CARLOS, S. A. (2006). **A cultura da atividade e o trabalho com idosos**. *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 61-69.

MIRANDA, Lívia Carvalho Viana; SOARES, Sônia Maria; SILVA, Patrícia Aparecida Barbosa. **Qualidade de vida e fatores associados em idosos de um Centro de Referência à Pessoa Idosa**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2016.

NAVARRO, F. M., & al, e. (2008). **Percepção de idosos sobre a prática e a importância da atividade em sua vida**. *Revista Gaúcha Enfermagem*, 596-603.



SILVA, Luípa Michele *et al.* **Representações sociais sobre qualidade de vida para idosos.** Revista Gaúcha Enfermagem, Porto Alegre (RS), 2012 mar;33(1):109-15.

SILVA, L. I. (1 de Outubro de 2003). **Estatuto do Idoso.** Brasília, Brasil. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm

TEIXEIRA, Ilka N. D. Oliveira; NERI, Anita Liberalesso, **Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida.** Psicologia USP (online), Campinas, 2008.



O PLANTÃO PSICOLÓGICO NO ÂMBITO DA CLÍNICA ESCOLA

Karina Fideles⁴⁴⁹

Rosana Vieira⁴⁵⁰

RESUMO

O Plantão ou acolhimento psicológico caracteriza-se por uma escuta clínica de urgências subjetivas, sem agendamento prévio, na clínica escola do curso de Psicologia da PUC Minas Betim. Compreende-se como urgência subjetiva um dispositivo de acolhimento do sujeito em crise, “e extrair, através de uma escuta diferenciada, aquilo que permaneceu em estado de intenso embaraço ou esmagamento do sujeito ou, em alguns casos, o que foi transformado em puro ato com a subtração da palavra” (Calazans, 2008, p.641). Tal escuta é realizada por monitores, supervisionados semanalmente, por um professor. Justificou-se a implantação do acolhimento psicológico considerando a alta demanda da comunidade acadêmica, sendo essa demanda composta por alunos, professores e funcionários. O Plantão Psicológico configura-se como uma triagem em fluxo contínuo, com possibilidades de encaminhamentos. Faz-se uma primeira escuta, discute-se o caso em supervisão e, posteriormente, faz-se a devolução ao paciente, em um segundo atendimento, apresentando-lhe possibilidades de continuidade de tratamento: encaminhamento para a Rede Social de Encaminhamentos, para a Rede de Saúde Mental do Município, para alunos do curso de Pós Graduação que fazem seus respectivos estágios de prática clínica ou ainda, permanecem na clínica escola, sendo atendidos pelos monitores. Durante quatro semestres de funcionamento, pode-se apontar possibilidades e limites do serviço oferecido. As possibilidades foram se desenhando a partir da Rede Social de Encaminhamentos feita com egressos do curso de Psicologia e com a parceria firmada com o curso de Pós Graduação Lato sensu. Por outro lado, sentimos o desafio, a cada semestre, a repensar os limites de acolhimento, o número de pacientes e, muitas vezes, do risco de cristalização e cronificação do paciente na clínica escola até se desvincular da instituição por ocasião de sua formatura, em se tratando de alunos, por exemplo.

PALAVRAS-CHAVE:

Urgência subjetiva; Acolhimento psicológico; Clínica escola.

REFERÊNCIAS

CALAZANS, Roberto; BASTOS, Angélica. **Urgência Subjetiva e clínica psicanalítica**. Rev. latinoam. psicopatol. fundam. vol.11 no.4 São Paulo Dec. 2008.

MANDIL, Ram Avraham. **A clínica da urgência**. Disponível em: *In:* <http://www.institutopsicanalisemg.com.br/psicanalise/publicacoes/almanaque4.htm#indice> Acesso em: 04/06/2019

QUINET, Antônio. **As 4 + 1 condições da análise**, Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

449 Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas Betim, Psicóloga Clínica e Educacional, Doutora em Educação, Professora Adjunto IV da FAPSI, Coordenadora Adjunta da Clínica Escola de Psicologia da PUC Minas Betim. E-mail: kfideles@hotmail.com

450 PUC Minas Betim Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Psicóloga, Psicóloga, mestre em Psicologia Social, Especialista em Gerontologia, Coordenadora do curso de Psicologia da PUC Minas Betim. E-mail: rosanafv2005@yahoo.com.br



O PSICÓLOGO COMO APOIADOR MATRICIAL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Samara Ferreira Gomes⁴⁵¹

Cynthia Santos Meireles⁴⁵²

Carla Patrícia Martins Cardoso⁴⁵³

RESUMO

Introdução: O apoio matricial é uma metodologia de construção compartilhada que visa a integração da saúde mental na Atenção Primária à Saúde (APS). Tal metodologia tem sido implementada em diversos municípios nos últimos anos. O apoio matricial tem como objetivo promover uma retaguarda especializada e difere da supervisão, pois o apoiador pode participar ativamente da construção do Projeto Terapêutico Singular dos sujeitos assistidos (CUNHA; CAMPOS, 2011). Os psicólogos que atuam na APS exercem a função de apoiador matricial, no entanto, esta ferramenta não é exclusiva de nenhuma especialidade (BRASIL, 2011). A Interconsulta é o principal instrumento do apoio matricial na APS e tem como modalidades as discussões de casos, consultas conjuntas e visitas domiciliares conjuntas. O presente trabalho visa relatar sobre a experiência como Psicóloga residente no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família-Unimontes. **Metodologia:** O apoio matricial tem sido realizado entre os meses de março de 2018 e maio de 2019, em uma Unidade Básica de Saúde localizada no município de Montes Claros- MG, sendo ofertada retaguarda assistencial e suporte técnico pedagógica para as equipes de referência, compostas por médicos, enfermeiros e dentistas. **Resultados e Discussão:** A prática como apoiador matricial tem apontado a importância da clínica ampliada para o cuidado em saúde mental, este instrumento favorece a compreensão integral do processo saúde-doença como também promove a troca de conhecimentos. Os casos são discutidos visando a melhor conduta para o tratamento e entende-se o sujeito como um ser biopsicossocial, o que se distancia da prática voltada para o atendimento no modelo biomédico e hegemônico. **Conclusão:** O apoio matricial proporciona a população um cuidado em saúde mental mais qualificado e resolutivo, pois favorece aos profissionais da equipe de referência a visão no modelo interdisciplinar, além de ser uma importante ferramenta para a educação permanente.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicólogo; Interconsulta; Atenção Primária à Saúde.

451 Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Graduada em Psicologia pela Faculdade de Saúde Ibituruna. Durante a graduação realizou estágio extracurricular na Prefeitura Municipal de Montes Claros- MG. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: samarafegomes@gmail.com

452 Psicóloga. Residente do Programa de Residência Multiprofissional Saúde da Família pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Possui graduação em Psicologia pela Faculdade de Saúde Ibituruna (FASI). Tem experiência como Acompanhante Terapêutico da Rede de Atenção Psicossocial de Montes Claros- RAPS. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: cynthiameireles@outlook.com

453 Psicóloga. Especialista em Saúde da Família pelo Programa de Residência Multiprofissional da UNIMONTES e Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela UNIMONTES. Atualmente é psicóloga da Prefeitura de Montes Claros-MG e exerce a função de preceptora da Residência Multiprofissional em Saúde da Família. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: carlamartins@yahoo.com.br



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia prático de matriciamento em saúde mental / Dulce Helena Chiaverini (Organizadora) ... [et al.]. [Brasília, DF]: Ministério da Saúde: Centro de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva, 2011.236 p.

CUNHA, T, G; CAMPOS, S, W, G. Apoio matricial e atenção primária a saúde. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 4, 2011.



O PSICÓLOGO E O TRABALHO COM GRUPOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Samara Ferreira Gomes⁴⁵⁴

Cynthia Santos Meireles⁴⁵⁵

Carla Patrícia Martins Cardoso⁴⁵⁶

RESUMO

Introdução: No cuidado em saúde mental na Atenção Primária a Saúde (APS), o psicólogo que atua neste campo deve priorizar abordagens coletivas, promovendo espaços de continuidade do cuidado, reabilitação psicossocial, e participação social (BRASIL, 2008). Entende-se como uma valiosa ferramenta para este cuidado as oficinas terapêuticas, estas se constituem como uma atividade coletiva que favorece aos sujeitos em sofrimento psíquico um lugar para acolhimento e expressão subjetiva (LIMA, 2008). Este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência de psicólogas residentes do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família - Unimontes com as oficinas terapêuticas realizadas em Unidades Básicas de Saúde no município de Montes Claros-MG. **Metodologia:** As oficinas terapêuticas ocorreram entre os meses de março de 2018 e maio de 2019 e teve como público alvo os usuários de duas Unidades Básicas de Saúde deste município. As oficinas são realizadas semanalmente com duração aproximada de duas horas, participam destas, crianças, adolescentes, adultos e idosos. Durante as oficinas são realizados trabalhos manuais, sendo utilizados materiais como: tintas, pincéis, tesouras, tecidos, materiais recicláveis, jogos, dentre outros. **Resultados e Discussão:** As experiências com as oficinas terapêuticas na APS apontam que esta ferramenta propicia espaços de acolhimento, escuta, diálogos, expressão de sentimentos e vivências, produções de arte e cultura; além de favorecer convívio social, garantia de direitos, gerando a autonomia dos participantes. As atividades desenvolvidas no grupo são proposta e escolhidas pelos próprios usuários e estes aprendem e ensinam, resultando em uma atividade terapêutica que favorece a expressão subjetiva. **Conclusão:** Entende-se a partir das experiências que a oficina terapêutica é uma importante ferramenta para a abordagem coletiva em saúde mental na APS. E que a referida ferramenta oportuniza a inserção social, o respeito a singularidade, o fortalecimento dos vínculos comunitários e melhoria da qualidade de vida dos sujeitos envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE:

Saúde Coletiva; Psicólogo; Oficina Terapêutica.

454 Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Graduada em Psicologia pela Faculdade de Saúde Ibituruna. Durante a graduação realizou estágio extracurricular na Prefeitura Municipal de Montes Claros- MG. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: samarafegomes@gmail.com

455 Psicóloga. Residente do Programa de Residência Multiprofissional Saúde da Família pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Possui graduação em Psicologia pela Faculdade de Saúde Ibituruna (FASI). Tem experiência como Acompanhante Terapêutico da Rede de Atenção Psicossocial de Montes Claros- RAPS. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: cynthiameiros@outlook.com

456 Psicóloga. Especialista em Saúde da Família pelo Programa de Residência Multiprofissional da UNIMONTES e Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela UNIMONTES. Atualmente é psicóloga da Prefeitura de Montes Claros-MG e exerce a função de preceptora da Residência Multiprofissional em Saúde da Família. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: carlamartins@yahoo.com.br



REFERÊNCIAS

BRASIL. PORTARIA GM Nº 154, DE 24 DE JANEIRO DE 2008. Cria os Núcleos de Apoio à Saúde da Família -NASF. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/legislacao/portaria154_24_01_08.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2019.

LIMA, Elizabeth Araújo. Oficinas, Laboratórios, Ateliês, Grupos de Atividades: dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. *In*: COSTA, Clarice Moura; FIGURIREDO, Ana Cristina (Orgs). Oficinas terapêuticas em Saúde Mental: sujeito, produção e cidadania. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2008.



O PSICÓLOGO ORGANIZACIONAL NO PROCESSO DE RECRUTAMENTO E SELEÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rosimar de Sousa Gomes⁴⁵⁷

Raquel Maria Marques da Silva Inácio⁴⁵⁸

Mônica Queiroz de Oliveira⁴⁵⁹

RESUMO

O objetivo desse trabalho é discutir a importância do psicólogo organizacional no processo de recrutamento e seleção a partir da vivência de estágio de ênfase, realizado em uma empresa de médio porte na grande BH. Algumas empresas consideram a seleção de pessoas como um procedimento simples que pode ser realizado por profissionais de qualquer formação acadêmica. Todavia, tal processo é fundamental para o sucesso das empresas, pois define os novos talentos, refletindo nos resultados, custos e na imagem da empresa junto ao mercado. Sendo assim, torna-se relevante debater o papel do psicólogo neste contexto. Através da prática, supervisão e revisão bibliográfica foi possível refletir que o processo seletivo deve estar focado no perfil e nas necessidades de cada vaga, considerando as competências essenciais daquela área, bem como a cultura organizacional. Ao acompanhar a seleção de profissionais para atender a demanda de uma rede de lojas varejista, para o preenchimento de vagas para cargos operacionais, foi possível perceber que os critérios para a seleção variam desde a região onde o candidato reside, a experiência profissional, bem como as características comportamentais de cada um. Foi percebido que apesar de estarmos vivendo um período de expressivo desemprego no Brasil, a escolha pelo profissional “certo” torna-se cada vez mais um grande desafio para as organizações. Nesse sentido, destacamos o papel do selecionador para garantir a efetividade nas contratações. Voltamos então o foco desse estudo para a importância do Psicólogo do Trabalho nesse processo, fazendo jus a todo seu arcabouço teórico e técnico para tal empreitada.

PALAVRAS-CHAVE:

Recrutamento e Seleção; Gestão de Pessoas; Relato de Experiência; Teoria e Prática.

REFERÊNCIAS

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas, o novo papel dos recursos humanos nas empresas** 3. ed., total. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda., 2010. 569 p. ISBN 978-85-352-3754-2.

DUTRA, Joel Souza. **Competências: conceitos e instrumentos para a gestão de pessoas na empresa moderna**. São Paulo: Atlas, 2004. 206 p. ISBN 8522438986.

457 Autora. Discente em Psicologia do 9º período. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: rosymargomes10@gmail.com

458 Co-autora. Psicóloga, Monitora de Estágio da Faculdade Pitágoras de Betim. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: raquel.inacio@kroton.com.br

459 Orientadora. Psicóloga, Mestre em Psicologia pela UFMG. Especialista em Psicologia do Trabalho pela UFMG. Professora e Supervisora de Estágio na Faculdade Pitágoras de Betim. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: monicao@pitagoras.com.br



FRANÇA, Ana Cristina Limongi. **Práticas de recursos humanos - PRH: conceitos, ferramentas e procedimentos.** São Paulo: Atlas, 2007. 267 p. ISBN 9788522445028.

PONTES, Benedito Rodrigues. **A arte de selecionar talentos: planejamento, recrutamento e seleção de competência.** São Paulo: DVS 2. Ed., 2005. 110. p ISBN 9788588329232.



O QUE HÁ DA PSICANÁLISE NA CLÍNICA-ESCOLA: UMA REFLEXÃO

Leonardo Henrique Alves Nogueira de Jesus⁴⁶⁰

Lídia Rodrigues Pereira⁴⁶¹

Alexandre Dutra Gomes da Cruz⁴⁶²

RESUMO

Durante a graduação em Psicologia, uma gama de estágios é oferecida pela universidade, e o aluno deve realizá-los de acordo com a proposta de cada prática. Entre esses estágios, destaca-se a escuta clínica orientada pela psicanálise, realizada no espaço da clínica-escola. Em seus artigos técnicos, Freud listou algumas recomendações sobre a prática psicanalítica, que integram o que se costumou denominar de setting analítico, caracterizado como o espaço que reúne as condições fundamentais para que o tratamento psicanalítico aconteça. Em certos momentos de sua obra, ele comenta as possíveis interseções entre a psicanálise e a universidade. Lacan retomou essa discussão na formulação da teoria dos quatro discursos, na qual ele aborda o discurso universitário, e articula um modo próprio de estabelecer a relação do sujeito com o saber. No contexto dos cursos de Psicologia, a clínica-escola constitui uma extensão do espaço acadêmico para o campo clínico, onde o aluno realiza a prática clínica sob a orientação de um professor supervisor. Considerou-se, a partir disso, que os estágios curriculares que acontecem nesses espaços possuem particularidades que os distinguem da clínica psicológica tradicional, praticada por profissionais em seus consultórios particulares. Inquirindo qual é a clínica possível, a partir da psicanálise, no contexto da clínica escola, concluiu-se que a prática de estágio aí realizada aproxima-se, em algumas questões, da psicanálise aplicada, campo que prioriza a terapêutica, que constitui a principal demanda presente no referido contexto.

PALAVRAS CHAVE:

Clínica-Escola; Psicanálise; Setting Analítico.

REFERÊNCIAS

Abreu, Douglas Nunes. O analista na cidade: impasses e enlaces entre psicanálise pura e psicanálise aplicada. 2009. http://www.isepol.com/asephallus/numero_09/artigo_02_revista9.html.

Alonso, S. L. (2005). A apropriação das heranças no caminho da construção do analista. *Jornal de Psicanálise*, 38 (69),168-176.

Amaral, Anna Elisa Villemor, Luca, Luana, Rodrigues, Thalita de Cassia, Leite, Carla de Andrade, Lopes, Fernanda Luzia, & Silva, Marlene Alves da. (2012). Serviços de Psicologia em clínicas-escola: revisão de literatura. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 37-52. Recuperado em 09 de janeiro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000659432012000100005&lng=pt&tlng=pt.

460 Acadêmicos de Psicologia. Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: leoonogueira@hotmail.com

461 Acadêmicos de Psicologia. Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: lidiarp.psico@gmail.com

462 Psicólogo, Mestre e Doutor em Psicologia. E-mail: alexandregomesacruz@gmail.com



Bastos, M. B. (2003) Inclusão escolar: um trabalho com professores a partir de operadores da psicanálise. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia da USP, São Paulo.

Cruz, Alexandre Dutra Gomes da e FERRARI, Ilka Franco. A psicanálise aplicada ao sintoma: uma resposta ética aos impasses enfrentados pelos psicanalistas na atualidade. *Psicol. clin.* [online]. 2011, vol.23, n.1, pp. 157-169. ISSN 1980-5438.

Cruz, Alexandre Dutra Gomes. A psicanálise aplicada no hospital geral: um estudo a par trabalho de praticantes da psicanálise no Hospital das Clínicas de Belo Horizonte – Belo Horizonte, 2007.

Ferrari, Vitor. Práticas discursivas na universidade: uma análise a partir da teoria laciana dos quatro discursos. *Rev. Estud. Lacan.*, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, p. p-pp, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2018.

Ferraz, Flávio Carvalho. Transmissão e formação: apontamentos sobre o tripé analítico. *J. psicanal.* [online]. 2014, vol.47, n.86 [citado 2018-10-14], pp. 87-102. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352014000100010&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0103-5835.

Freud, S. Sobre o início do tratamento (1913) *In: Obras Psicológicas Completas de Vol. XII.* Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Freud, S. (1930). Mal-estar na civilização. *In: Edição Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. 21, p. 81-178.

Freud, S. Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (1913). *In: O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913).* Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 139-158. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

Freud, S. (2010h). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? (Sigmund Freud Obras Completas, Paulo César de Souza, Trad., Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1919).



O QUE O SINTOMA TEM A DIZER? A PSICANÁLISE E OS COMPLEXOS FAMILIARES

Dâmaris Edvânia Alves Pimentel⁴⁶³

Kerollainy Martins Alves Ramos⁴⁶⁴

Mônica Eulália da Silva Januzzi⁴⁶⁵

RESUMO

Este trabalho apresenta algumas formalizações construídas a partir da experiência desenvolvida no primeiro semestre de 2018. Os atendimentos tiveram como objetivo oferecer acolhimento psicológico a crianças e adultos. A condução dos casos em campo se deu a partir da abordagem psicanalítica. O trabalho visa analisar o sintoma apresentado pela criança no contexto da avaliação psicológica e o que ele pode ensinar sobre o sintoma do par parental a fim de orientar a condução do caso. A psicanálise ofereceu a fundamentação teórica das análises. Nesse sentido, ao estilo freudiano, elegemos um caso que nos ensinou sobre a clínica com crianças a fim de que ele pudesse nos ajudar a responder o que o sintoma da criança tem a dizer. O estudo de caso através da escuta analítica do discurso da criança, a observação de sua relação com as figuras parentais em suas brincadeiras e produções, foram os principais recursos utilizados. Na concepção de Jacques Lacan (1969/2003) o sintoma da criança é um representante da verdade, a verdade da estrutura familiar, uma resposta do contexto vivenciado. A criança responde por aquilo que há de sintomático na estrutura familiar, no casal parental. (FERRARI, 2012) O brincar pode ser um importante recurso no atendimento de crianças, mas, não substitui o uso da palavra. (BALEEIRO, 2007). Durante o brincar o sintoma da criança e sua função na vida psíquica e social desse sujeito, podem ser evidenciados. Exige, contudo, uma escuta analítica dos casos. Os sintomas apresentados pela criança podem ser associados à verdade do casal parental. A família dos seres humanos e suas mais diversas formas de organização exerce função fundamental na subjetividade dos sujeitos, assim como a psicanálise demonstra. (MILLER, 1984). Neste contexto, o sujeito constrói seus recursos para lidar com o desamparo e o mal estar que são estruturais para o sujeito.

PALAVRAS CHAVE:

Sintoma; Complexo familiar; Criança; Psicanálise.

REFERÊNCIAS

BALEEIRO, Maria Clarice. Brincar: aquém e além do carretel. *In: Cogito*, Salvador, v. 8, p. 15-19, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792007000100003&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 14 mai. 2018.

FERRARI, A. G. Sintoma da criança, atualização do processo constitutivo parental? *Revista Tempo Psicanalítico*, 2012, p. 299-319.

463 Discente em Psicologia do 9º período. Faculdade Pitágoras Betim.

464 Discente em Psicologia do 9º período. Faculdade Pitágoras Betim.

465 Professora e Supervisora de Estágio na Faculdade Pitágoras Betim, Doutora em Psicologia. Faculdade Pitágoras Betim.



LACAN, Jacques. (1969) Notas sobre a criança. *In: Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor, 2003, p. 369-370.

MILLER, J. A. Leitura crítica dos “Complexos familiares” de Jacques Lacan. *In: Opção lacaniana online*. 1984. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/n2/pdf/artigos/JAMLeitura.pdf>



O SABER, O APRENDER E O FAZER NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Giovanna de Almeida Santos⁴⁶⁶

Juliana de Oliveira Moreira⁴⁶⁷

Márcio Pereira⁴⁶⁸

RESUMO

O referido projeto está em atividade desde 2017 através dos programas PROINPE (Programa Interno de Incentivo à Pesquisa e à Extensão) e PAEX (Programa de Apoio à Extensão) da UEMG. Mostra-se relevante para o meio educacional devido à perspectiva inclusiva, assim, a proposta extensionista parte do curso de Psicologia, área Psicologia Educacional, oferecendo formação aos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública municipal e estadual, gratuitamente. A proposta atende as necessidades dos profissionais em exercício, discutindo a prática pedagógica na perspectiva inclusiva. Anualmente é elaborado material pedagógico e o mesmo é disponibilizado aos cursistas com a intenção de que possam ser multiplicadores. Em todas as edições do projeto os cursos oferecidos ocorrem nos finais de semana, sendo que no primeiro ano o tema foi deficiência intelectual, no segundo o autismo e nesse ano será enfatizado o papel do Professor de Apoio. A formação complementar visa atender todas as cidades incluídas no campo da Superintendência Regional de Ensino de Divinópolis, totalizando 52 cidades. Até o momento 160 professores já receberam formação e a perspectiva para a atual proposta é de oferecer formação a 100 professores. Assim, como nos anos anteriores, espera-se que os professores de apoio tenham conhecimento sobre sua atuação junto aos alunos com transtornos e que os mesmos, a partir do conhecimento adquirido, possam oferecer aos alunos acessibilidade e participação nas atividades escolares. A organização de um centro de apoio a pessoa com deficiência através do Serviço Escola do curso de Psicologia é uma proposta do projeto, para este ano. Para a formação do psicólogo a experiência em projetos de extensão é fundamental, pois contribui no entendimento de como se estende para a sociedade o conhecimento acadêmico adquirido, seja na forma de pesquisa ou de ensino, e possibilita reconhecer o engajamento da universidade com a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE:

Formação de Professores; Inclusão; Escola Pública; Extensão; Psicologia.

466 Graduada do curso de Psicologia pela UEMG - Unidade Divinópolis. Voluntária do projeto O Saber, o Aprender e o Fazer na Perspectiva Inclusiva pelo PROINPE em 2018. Bolsista do projeto Apoio às Escolas Regulares do Ensino Fundamental Educação Especial e Inclusão: O Professor de Apoio pelo PAEX. Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG. E-mail: gi.almeida133@gmail.com; juliana

467 Discente em Psicologia pela UEMG - Unidade Divinópolis. Atuou como voluntária no projeto O Saber, o Aprender e o Fazer na Perspectiva Inclusiva pelo PROINPE. Bolsista do projeto Apoio às Escolas Regulares do Ensino Fundamental Educação Especial e Inclusão: O Professor de Apoio, pelo PAEX. Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG. E-mail: juliana_oliveiram@outlook.com

468 Formado em Psicologia, Pedagogia, Mestre em Educação/UNISAL/SP; Doutorando em Educação/UNINI/Puerto Rico; Lato Sensu Educação Especial e Inclusiva, Psicopedagogia Clínica e Institucional, Psicopedagogia com ênfase em Neurociência e dificuldades de aprendizagem; professor universitário. Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG. E-mail: marcio.marcio@uemg.br



REFERÊNCIAS

BATISTA, Cristina Abranches Mota e MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Educação Inclusiva**: atendimento educacional especializado para deficiência mental. Brasília: MEC/SEESP, 2005

BIANCHETTI, L. Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes. *In*: BIANCHETTI, L. e FREIRE, I. M. **Um olhar sobre a diferença**: interação, trabalho e cidadania. Campinas/SP: Papirus, 1998.

BIANCHETTI, L. **Aspectos Históricos da Educação Especial**. São Paulo: ABPEE/UNIMEP, 1996.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Educação Inclusiva**: experiências Profissionais em Psicologia. 1ª ed. Brasília, Conselho Federal de Psicologia, 2009.

DUTRA, Cláudia Pereira. **Sala de recursos multifuncionais**: espaços para atendimento educacional especializado. Brasília: MEC/SEESP, 2006

GUGEL, Maria Aparecida. **A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade**. Subprocuradoria Geral do Trabalho. Conselho do CONADE <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/pessoascomdeficienciaeodireitoaoconcurso-publico-maria-aparecida-gugel-2016.pdf>, visualizado em 26/02/2018.

MENDONÇA, S. G. L.; SILVA, P.S. **Extensão Universitária**: Uma nova relação com a administração pública. *Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras*. São Paulo, v. 3, p. 29-44, 2002.

MENICUCCI, Maria Do Carmo. **Educação Inclusiva**: possibilidades e desafios atuais. Centro de Formação de Professores/PUC Minas. *Educação Especial Inclusiva: ênfase em Ciências Humanas*, livro-texto 1, 2009, p. 8 a 11.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Secretaria de Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE). **Declaração de Salamanca (UNESCO) de princípios, política e prática para as necessidades educativas especiais**. Brasília: CORDE, 1997.

MONTEIRO, Mariângela da Silva. A Educação Especial na Perspectiva de **Vygotsky**. *In*: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (org), **Vygotsky**: um século depois, Juiz de Fora, MG: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1998. p. 73 a 84.

PAULON, Simone Mainieri, **Documento subsidiário à política de inclusão** / Simone Mainieri Paulon, Lia Beatriz de Lucca Freitas, Gerson Smiech Pinho. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005. 48 p., p. 11 a 18

SECRETARIA DO ESTADO DE MINAS GERAIS (SEE/MG). **Guia de Orientação da Educação Especial na rede estadual de ensino de Minas Gerais**, Diretoria de Educação Especial, 2014.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A história da extensão universitária**. 1. ed. Campinas: Ed. Alínea, 2000. 138 p.



O SUJEITO ALÉM DA LOUCURA: DESAFIOS DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR

Flávia Gotelip Corrêa Veloso⁴⁶⁹

Celina Isabela de Souza⁴⁷⁰

Diego Ferreira Vieira⁴⁷¹

Gísley Aparecida Fernandes⁴⁷²

Hugler Vinícius Silveira Otoni⁴⁷³

Natália veloso Teixeira⁴⁷⁴

Sara Priscilla Alves da Silva⁴⁷⁵

RESUMO

O presente trabalho visa a exposição e a elaboração de uma vivência de estágio realizada no contexto da política pública de saúde mental no estágio obrigatório do sétimo período de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, por meio de uma apresentação cênica. Tomando-se a arte como um recurso de elaboração de sentido, busca-se aproximar o aluno dos dilemas e desafios da prática profissional experienciada por sujeitos em sofrimento mental e profissionais do Centro de Referência Especializado em Saúde Mental (CERSAM). Assim, com o objetivo de transmitir as conquistas e angústias suscitadas na prática de estágio, esta proposta traz reflexões acerca da centralidade da medicalização como recurso terapêutico e os consequentes desafios enfrentados para mudar práticas de saúde até então hegemônicas, bem como a persistência de representações sociais ancoradas na lógica manicomial. Além disso, buscou-se considerar a loucura a partir do sujeito tal como ele se apresenta, uma vez que o modo como esta é vivenciada revela seus próprios parâmetros da normalidade. Sendo assim, a experiência desse estágio exigiu um manejo terapêutico que está para além do que os livros apresentam como possibilidade. Diante disso, a desconstrução do lugar da Psicologia no contexto do CERSAM, possibilitou-se não como apropriações do suposto saber intocável que se coloca em um pedestal de conhecimento, mas por meio de uma verdade ao acessar o sofrimento do outro como sujeito de aprendizados e potenciais, que culmina na desmistificação dos estigmas da loucura. Quanto a práxis da Psicologia, ressalta-se o desafio da transdisciplinaridade, a fim de promover intervenções biopsicossociais que integrem o sujeito e o compreenda na totalidade da sua existência.

PALAVRAS-CHAVE:

Saúde mental; Intervenção multidisciplinar; Luta antimanicomial.

469 Professora da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Psicóloga, Mestre em Psicologia. E-mail: flaviagotelip@gmail.com

470 Acadêmicas de Psicologia. Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: celinaisabela.cec@gmail.com

471 Acadêmicas de Psicologia. Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: diegoferreiravieira@outlook.com

472 Acadêmicas de Psicologia. Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: gislley.fernandes@gmail.com

473 Acadêmicas de Psicologia. Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: huglersilveira@gmail.com

474 Acadêmicas de Psicologia. Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: nataliavtx@hotmail.com

475 Acadêmicas de Psicologia. Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais. E-mail: saralves@gmail.com



REFERÊNCIAS

FEITOSA, Kellida Moreira Alves *et al.* (Re)construção das práticas em saúde mental: compreensão dos profissionais sobre o processo de desinstitucionalização. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 14, n. 1, p. 40-54, abr. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 abr. 2019.

VASCONCELLOS, Vinicius Carvalho de. Trabalho em equipe na saúde mental: o desafio interdisciplinar em um CAPS. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto , v. 6, n. 1, p. 1-16, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762010000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 mai. 2019.



O ESTÁGIO EM PSICOLOGIA NO HOSPITAL GERAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Gesianni Amaral Gonçalves⁴⁷⁶

RESUMO

O estágio é a etapa inicial do exercício profissional com supervisão que ao possibilitar o aprendizado na prática, constitui o principal elo do exercício profissional com a formação acadêmica. O estágio em Psicologia aqui descrito é desenvolvido por discentes da UEMG em um hospital geral, na cidade de Divinópolis/ MG, tendo como proposta ampliar a formação do aluno introduzindo-o no exercício profissional no contexto hospitalar. A partir da demanda da equipe multidisciplinar dá-se início ao trabalho por meio de intervenções psicológicas considerando os três pilares de atuação: paciente, família e equipe assistencial. Os atendimentos são realizados em setores diversos do hospital, tais como: no centro de terapia intensiva (CTI), na unidade infantil, na maternidade e nas situações de urgência subjetiva dos diferentes setores do hospital. Com o objetivo geral de acolher e trabalhar com pacientes em sofrimento psíquico decorrente da hospitalização são promovidas intervenções direcionadas à relação médico/paciente, paciente/família, e do paciente em relação ao processo do adoecer e das repercussões emocionais daí emergentes. Entende-se a Psicologia Hospitalar como um desdobramento da Psicologia clínica na instituição hospitalar e como campo de entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento. O psicólogo hospitalar possui como principal tarefa a avaliação e acompanhamento de intercorrências psíquicas dos pacientes que estão ou serão submetidos a procedimentos médicos, visando basicamente a promoção e/ou a recuperação da saúde física e mental (CFP, Resolução 02/2001). Com esta perspectiva, a metodologia desenvolvida é baseada em atendimentos individuais, ou em família, para que ao lado do silêncio da doença orgânica possa ser oferecida a possibilidade de escuta do sujeito, possibilitando que ele possa falar dando tratamento à angústia e significando sua condição de doente a partir da instância psíquica, que é simbólica.

PALAVRAS-CHAVE:

Estágio; Psicologia hospitalar; Adoecimento.

REFERÊNCIAS

LAZZARETTI, C. T. *et al.* **Manual de Psicologia hospitalar**: coletânea ConexãoPsi - Série Técnica. Conselho Regional de Psicologia do Paraná. Curitiba: Unificado, 2007.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução 02/2001. Altera e regulamenta a Resolução nº 014/2000, que institui o título de especialista em Psicologia e seu respectivo registro.

Freud, S. ([1914] 1918/1990). História de uma neurose infantil. Obras completas, ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago.

⁴⁷⁶ Docente da UEMG Unidade Divinópolis/MG. Doutora em Psicologia pela UFMG. Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Divinópolis. E-mail: gesianni@terra.com.br



Jorge, Marco Antonio Coutinho. Discurso e liame social: apontamento sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. *In*: JORGE, Marco Antonio Coutinho; RINALDI, Doris (Orgs.). Saber, verdade e gozo: leituras de O seminário, livro 17, de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002. p. 17-32.

Lacan, Jacques (1964) O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais em psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Lacan, Jacques. (2003). Ato psicanalítico: resumo sobre o seminário de 1967- 1968. *In*: Outros escritos. (p. 378). Rio de Janeiro: Jorge Zaha.

Lacan, J. (1967-1968) O seminário: o ato psicanalítico . Livro 15. (s.d.,versão anônima). Lacan, J. O seminário, livro 23: o sinthoma. (1975-6). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Lacan, J. (1992) O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise,1969-1970. Versão brasileira Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, Jacques. O Seminário Livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1986.

Lacan, J. (1992) O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise,1969-1970. Versão brasileira Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Marcos, Cristina Moreira. (2011). Reflexões sobre a clínica-escola, a psicanálise e sua transmissão. *Psicologia Clínica*, 23(2), 205-220. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652011000200013>

Quinet, Antonio, 1951. As 4+1 condições da análise 12.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. 6. Lacan, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses (1955-1956). *In*: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica de Antonio Quinet e Angelina Harari. Preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 537-590. (Campo Freudiano no Brasil).



OFICINA DE SAÚDE COLETIVA

Gabriela Verônica Caldeira Brant de Oliveira⁴⁷⁷

RESUMO

O presente trabalho refere-se à prática de estágio curricular supervisionado: Oficina de Saúde Coletiva, da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, no 2º semestre/2018, realizada no Centro de Integração Empresa Escola – CIEE, localizado em Belo Horizonte – MG. Foi supervisionado pela professora psicóloga Maristela Costa de Andrade, erámos duas estagiárias coordenando o grupo. As atividades foram realizadas com dez adolescentes, as atividades eram realizadas no tempo de duração de uma hora. Os encontros tinham a finalidade de trabalhar junto aos adolescentes, questões de promoção de saúde, questões sobre afetividade e sexualidade, a partir da vivência de cada um no seu dia a dia, com familiares, amigos, namoradas/os ou qualquer meio de relação social em que viviam. Durante todo o processo grupal tivemos o acompanhamento de uma Assistente Social. O objetivo foi realizar intervenções psicossociais junto a indivíduos, grupos, instituições, comunidades e organizações, trabalhar junto a grupos de jovens com ações de promoção de saúde, possibilitar aos adolescentes a reflexão e a elaboração de sentimentos, comportamentos e conhecimentos sobre a sexualidade e a afetividade. Utilizamos principalmente os autores AFONSO e ZIRMEMAM. Portanto, os grupos foram organizados a de uma determinada demanda em um contexto social e institucional, existindo um objetivo para aquele grupo, seja na dimensão educativa, terapêutica ou clínica. O que faz com que se construa uma dimensão de identidade e os coordenadores preocupam em favorecer a b atmosfera grupal, aceitação mútua, respeitosa e democrática. Oficina de Saúde Coletiva proporcionou que nós vivenciamos um pouco da juventude e dos seus pensamento, dentro de um ambiente de jovens aprendizes, que muitas vezes contribuem para suas rendas familiares. Um outro ponto, é o fato de que podemos conhecer na prática como funciona um grupo e como ele se constitui com o tempo, juntando a teoria à prática.

PALAVRAS-CHAVE:

Saúde Coletiva; Sexualidade; Afetividade; Jovens.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lucia Miranda. Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde. Casa do Psicólogo, 2006

AFONSO, Maria Lucia Miranda. Oficinas em dinâmica de grupo - um método de intervenção psicossocial, Belo Horizonte: Edições do campo Social, 2002

477 Graduanda de Psicologia do 9º período na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Estagiária, atualmente 1º semestre/2019 em Psicologia Hospitalar no IPSEMG. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: gabivcbo@gmail.com



OFICINAS EMANCIPATÓRIAS NO FORTALECIMENTO DA FAMÍLIA

Antônio Honório Ferreira⁴⁷⁸

RESUMO

Este projeto tem como objetivo geral para os discentes inseri-los no contexto das políticas sociais, incentivando-os ao comprometimento com o bem-estar social e transformação da realidade, e para a comunidade, incrementar ações de proteção social que visam à garantia da vida, à redução de danos e à prevenção de incidência de riscos, favorecendo o empoderamento, a emancipação e o fortalecimento das famílias. Trata-se de um projeto de intervenção psicossocial, que terá como método de trabalho o atendimento das famílias em encontros semanais, nos quais se utilizarão técnicas de dinâmica de grupo, além de visitas domiciliares e investigações científicas. No primeiro grupo foram atendidos adolescentes que não estavam frequentando a escola, o que implicava em descumprimento de uma condicionalidade para o benefício do Bolsa Família. No segundo grupo a temática das oficinas voltou-se para o cuidado de cuidadores e já no terceiro, para o atendimento a famílias que apresentavam algum tipo de descumprimento do Bolsa Família. As atividades foram realizadas no CRAS Território I, na cidade de Coronel Fabriciano, contando com a participação de uma média de 30 pessoas no total. Estabeleceu-se uma vinculação entre os extensionistas e os usuários do equipamento, refletindo numa frequência regular deles, o que tem permitido a continuidade do projeto e o alcance de seus objetivos.

PALAVRAS-CHAVE:

Emancipação; Empoderamento; CRAS; Vulnerabilidade social.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Lúcia. **Oficinas em dinâmica de grupo**: um método de intervenção psicossocial. Belo Horizonte:Campo Social, 2002.

WEBER, Lidia, SALVADOR, Ana Paula e BRANDENBURG, Olívia. **Programa de qualidade na interação familiar** – manual para aplicadores. Curitiba:Juruá, 2005

INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

ROSSET, Solange. Maria. **123 técnicas de Psicoterapia Relacional Sistêmica**, 2. ed., Belo Horizonte:Artesã Editora, 2013.

ROSSET, Solange. **Mais técnicas de Psicoterapia Relacional Sistêmica**, Vol 2, Belo Horizonte:Artesã Editora, 2014.

478 Psicólogo, Bacharel e Licenciatura em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre e Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor do Curso de Psicologia, do Unileste, onde supervisiona estágios e coordena projetos de extensão. Centro Universitário do Leste de Minas (UNILESTE). E-mail: honorio@p.unileste.edu.br



ONG AQUARELA: ADOLESCENTES E SEUS LAÇOS SOCIAIS

Raissa Lorryne Araújo e Silva⁴⁷⁹

Ana Caroline Pereira Leite⁴⁸⁰

Mireny Barbosa Gomes Fonseca⁴⁸¹

RESUMO

O presente trabalho é fruto de um projeto de intervenção surgiu mediante a demanda apresentada pela própria instituição, levantando a importância de elaborar algumas ações com as adolescentes entre 10 e 16 anos que criaram um grupo identificado por Unicórnio que conhecemos com nossa chegada a Aquarela. Com as observações realizadas, verificou-se a necessidade de promover junto ao mesmo um ambiente facilitador visando criar, espaço de fala, de experiências compartilhadas entre as adolescentes, através da realização de grupos de discussão em torno de questões e tensões que para elas podem ser conflituosas, tais como, compreender e interagir com as diferentes manifestações do outro, no sentido de, traçar objetivos para fortalecer a busca pela capacidade na melhoria de um bem-estar físico, psíquico e social para que ao perceber a si mesmo e ao outros, as igualdades e diferenças, mediante as interações do grupo, e interagir e elaborar os assuntos propostos, de modo que venham a contribuir para entender essa fase da vida. No decorrer do desenvolvimento do grupo, ficou claramente a influência familiar na construção subjetiva das adolescentes presentes, demarcadas por histórias e contextos singulares que faz parte de sua construção enquanto sujeito, com isso, nota-se conforme Lewin (1978), que um grupo é mais do que a soma de seus membros. Diante disso, para atingir os objetivos do corpus desse projeto, fora proposto por meio de oficinas de grupo, com diversas técnicas que favoreceram o desenvolvimento das adolescentes. Assim, foi utilizado um espaço da mesma para a realização das oficinas de grupo, que não ultrapassaram os 90 minutos. Os encontros aconteceram semanalmente com o grupo de adolescentes que foram indicados pela diretora da instituição. Para a finalização do projeto juntamente com as adolescentes foram desenvolvidos uma maquete por cada uma, sendo projetados seus respectivos lares ou ideias futuras que desejam realizar.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia; Adolescentes; Projeto Aquarela; Saúde Mental.

REFERÊNCIAS

LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social**. São Paulo, Pioneira, 1965. _____. Problemas de dinâmica de grupo. Cultrix, São Paulo, SP, 1978.

479 Psicóloga; graduada em Psicologia pela Faculdade Pitágoras de Divinópolis – MG. E-mail: raissalorayne94@gmail.com

480 Psicóloga; graduada em Psicologia pela Faculdade Pitágoras de Divinópolis-MG. E-mail: carolanacpl@hotmail.com

481 Psicóloga e especialista em saúde mental, mestre em Psicologia pela Puc Minas, docente na Faculdade Pitágoras de Divinópolis – MG. E-mail: mirenypsi@hotmail.com



PAPU: UMA ESCUTA PSICOLÓGICA ÀS MANIFESTAÇÕES EMOCIONAIS DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE SANTO AMARO

Gerson Heidrich da Silva⁴⁸²

Jumara Van De Velde⁴⁸³

RESUMO

A escolha por um curso de graduação universitária e formação profissional pode ser vista como um momento gerador de crise, pois requer certo amadurecimento do sujeito para lidar com as frustrações frente às novas exigências. O ingresso na vida adulta e na profissionalidade é vista como uma transição marcada por crises emocionais e afetivas, o que requer a elaboração das fases anteriores do desenvolvimento (ABERASTURY e KNOBEL, 1981). A urgência de se lidar com essas crises foi formulada a partir da teoria da aprendizagem, cujos pressupostos podem ser encontrados em Vigotski (1998) e na psicanálise de Freud (1980). Não se despreza, contudo, o diálogo com outras ciências, como a sociologia de Bauman (2005) e a noção de escolha de Melucci (2004), por exemplo. As expectativas quanto ao desempenho estudantil e perspectivas de carreira, somadas às questões da esfera pessoal, muitas vezes comprometem as potencialidades acadêmicas, resultando no sentimento de impotência e, conseqüentemente, no desencadeamento de transtornos psíquicos. Diante dessa realidade, buscando contribuir com o processo de elaboração e adaptação do sujeito à realidade de estudante do ensino superior, a Universidade Santo Amaro oferece aos seus estudantes dos cursos presenciais e a distância em Graduação, Pós-Graduação e Extensão o PAPU-Programa de Apoio Psicológico da UNISA. Objetivando assistir o estudante em sua totalidade, propõe e desenvolve ações extensionistas de promoção e prevenção em saúde mental, como palestras e oficinas temáticas. Oferta psicoterapia na sua Clínica-Escola, bem como atendimento psicoterapêutico com profissionais psicólogos egressos da Universidade. Com isso, busca favorecer o desenvolvimento integral e harmonioso do estudante, otimizando o desenvolvimento e o processo de maturidade e adaptação à vida universitária. A equipe do PAPU é formada por professores psicólogos do curso de Psicologia da UNISA, empenhados na formação de um profissional crítico e reflexivo, capaz de exercer sua profissão com responsabilidade, competência e dignidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Papu; Formação Profissional; Prevenção; Saúde Mental.

482 Psicólogo, Mestre e Doutor em Educação área Psicologia e Educação pela Universidade de São Paulo-FEUSP. Professor e Supervisor no curso de Psicologia da UNISA; Integra o Grupo de Pesquisa CNPQ - TEMAS DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA E A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL, coordenação Profª Drª Teresa Cristina Rego – FEUSP. E-mail: gheidrich@prof.unisa.br

Universidade Santo Amaro - UNISA

483 Psicóloga, Doutora em Administração pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Coordenadora e Docente do curso de Psicologia da UNISA e Docente curso de Pós- Graduação da USCS. Universidade Santo Amaro - UNISA



REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Arminda Aberastury e Maurício Knobel. Porto alegre: Artmed, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. RJ: ZAHAR Editora, 2005.

FREUD, S. (1909). **Cinco lições de Psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Trad. de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XI.

MELUCCI, A. **O Jogo do Eu: a mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo-RS: Editora UNISINOS, 2004.

VIGOTSKI, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



PERFIL DOS ESTUDANTES DE PSICOLOGIA QUE APRESENTAM DIFICULDADE DE LEITURA

Regina Lúcia de Souza⁴⁸⁴

Karine Aparecida Teixeira⁴⁸⁵

Juscimar Gonçalves⁴⁸⁶

RESUMO

O ingresso no ensino superior exige do estudante domínio de várias habilidades, entre elas a proficiência na leitura. No entanto, é crescente número de universitários que chegam ao ensino superior com dificuldade leitora. Nesse sentido, objetivou-se conhecer o perfil dos estudantes do curso de Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior da região do Vale do Aço que apresentam dificuldade de leitura. O estudo teve caráter descritivo e exploratório. A pesquisa foi autorizada pela coordenação do curso e as entrevistas foram realizadas no Serviço de Psicologia, após aprovação pelo Comitê de Ética e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Com o consentimento dos participantes as entrevistas foram gravadas e transcritas. Utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado adaptado de outros estudos. Os dados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo. Participaram 43 estudantes, sendo a maioria do sexo feminino, do 2º ao 10º período, idade entre 18 e 58 anos, oriundos de escola pública e 50% trabalham. As dificuldades no processo de leitura mais citadas pelos participantes foram interpretação e falta de concentração. Em relação ao comportamento de leitura, 2 entrevistados afirmaram não gostar. A intenção da leitura está direcionada para a vida acadêmica e poucos utilizam para o lazer. O gênero mais lido são os didáticos, sendo mais citados os artigos científicos e capítulos de livros. Para a maioria a motivação da leitura é para elaboração de trabalhos. Identificou-se que o tempo destinado à leitura é reduzido. As estratégias de leitura mais utilizadas são o uso da internet e elaboração de resumos. A maior parte dos entrevistados reconhece a importância da leitura. Conclui-se reafirmando a importância de conhecer o perfil dos estudantes universitários sobre o processo de leitura. Ressalta-se o papel das instituições de ensino superior em promover a qualidade leitora de seus estudantes.

PALAVRAS CHAVE:

Estudantes; Psicologia; Leitura; Dificuldade.

REFERÊNCIAS

ALCARA, A. R; SANTOS, A. A. A. Avaliação e desenvolvimento da compreensão de leitura em universitários. Estudos de Psicologia. Campinas, Campinas, v. 32, n. 1, Jan/mar. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2015000100063&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 24 set. 2016.

484 Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa em Minas Gerais. Centro Universitário do Leste De Minas Gerais- UNILESTE. E-mail: reginalucia.souza@gmail.com

485 Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Voluntário Iniciação Científica. Centro Universitário do Leste De Minas Gerais- UNILESTE. E-mail: tkarine02@gmail.com

486 Graduada em Psicologia. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Especialista em Neuropsicologia Clínica – IPAF Lev Vygotsky. Docente do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Centro Universitário do Leste De Minas Gerais- UNILESTE. E-mail: juscimar1@live.com



BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELUCE, A. C. *et al.* Compreensão em leitura em universitários: estudo comparativo. Anais do X CONPE – Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional. Maringá: Universidade Estadual de Maringá-PR, 2011. Disponível em: https://abrapee.files.wordpress.com/2012/02/conpe-trabalhos-completos-anais_x-conpe-final.pdf. Acesso em: 24 Set 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.466 de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União. Brasília, 12 dez. 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 24 set. 2019.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.510 de 07 de abril de 2016. Diário Oficial da União. Brasília, 07 abr. 2017. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 24 set. 2019.

DIAS, F.C. R.; SILVEIRA, M. I. M. Reflexões acerca da leitura para estudo e leitura do texto científico na universidade. Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação. Alagoas, 2010. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/ed3d2c21991e3bef5e069713a_f9fa6ca.pdf. Acesso em: 26 fev. 2019.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social: São Paulo: Atlas, 2008.

NUNES, M. L. T. Entrevista como instrumento de pesquisa. *In*: MACEDO, MM M. K.; CARRASCO, L. K. (Orgs). (Con) textos de entrevista: olhares diversos sobre a interação humana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

OLIVEIRA, K. L. Considerações acerca da compreensão em leitura no ensino superior. Psicologia Ciência e Profissão, Brasília, v. 31, n. 4, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932011000400003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 fev. 2019.

SANTOS, S. J. B. A importância da leitura no ensino superior. Anais do 16º COLE – Congresso de Leitura do Brasil. Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/index.htm>. Acesso em: 24 set. 2016.

SILVA, E. M. T.; WITTER, G. P. Compreensão de texto e desempenho acadêmico em estudantes de psicologia. Estudos de Psicologia, Campinas, vol.25, n.3, jul/set. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n3/a08v25n3.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2019.

SILVA, M. F. *et al.* O hábito de leitura dos universitários. Revista Leitura, Alagoas, v.2, n.56, jul/dez. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/viewFile/2336/2039>. Acesso em: 23 fev. 2019.

SILVA, M. J. M.; SANTOS, A. A. A. A avaliação da compreensão em leitura e o desempenho acadêmico de universitários. Psicologia em Estudo, Maringá, v.9, n.3, set/dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a13>. Acesso em 22 fev. 2019.

TOURINHO, C. Refletindo sobre a dificuldade de leitura em alunos do ensino superior: “deficiência” ou simples falta de hábito? Revista Lugares de Educação, Bananeiras, v. 1, n. 2, jul/dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rle/article/view/10966/7272>. Acesso em: 24 fev. 2019



PLANTÃO PSICOSSOCIAL E JURÍDICO: ESPAÇO DE AMPLIAÇÃO DA ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA COM O DIREITO

Elisa E. de S. Melo⁴⁸⁷

Larissa F. O. de Paula⁴⁸⁸

Laura C. E. C. Soares⁴⁸⁹

RESUMO

O presente trabalho pretende refletir sobre a parceria entre Psicologia e Direito em um projeto de extensão, a partir de um olhar sobre a ética e interdisciplinaridade. Para tanto, utiliza-se como método o relato da experiência de extensão em Psicologia do Projeto Atendimento Interdisciplinar no Plantão da Divisão de Assistência Judiciária (DAJ), que se dá em colaboração com alunos do Direito. Neste projeto, os extensionistas da Psicologia realizam, em conjunto com os alunos do Direito, o primeiro atendimento da população que procura a DAJ e que possui demandas relacionadas ao Direito de Família e saúde mental. Cabe ressaltar que, à medida que esta atuação se consolidou, outras demandas de interlocução foram identificadas, o que ampliou as atividades desenvolvidas na extensão. Assim, atualmente psicólogos participam do projeto atuando como assistentes técnicos e construindo um trabalho de mediação pré-processual. Por meio do referido projeto de extensão, percebe-se que a atuação conjunta entre Psicologia e Direito é atravessada por conflitos éticos, teóricos e práticos, o que demanda cuidado para com os limites e possibilidades de cada área (ARANTES, 2017), mas também contribui para uma contínua reflexão do fazer em ambos os campos, bem como favorece a transformação e a criação de práticas profissionais compartilhadas. O método de escrever sobre experiências, permite colocar práticas em análise, fazer problematizações e viabilizar inovações (NASCIMENTO; LEMOS; GALINDO, 2016). Dessa forma, torna-se relevante refletir acerca de uma atuação interdisciplinar que vise à promoção de direitos e da dignidade humana, possibilitando o diálogo entre distintos saberes que considere a ética e as especificidades de cada área do conhecimento. Assim, conclui-se que o projeto de extensão, por meio do encontro entre o saber psicológico e o saber jurídico, vem contribuindo para um atendimento mais qualificado à população atendida pela DAJ e para a construção de conhecimentos oriundos da prática interdisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE:

Interdisciplinaridade; Psicologia Jurídica; Ética.

487 Graduada em Psicologia pela UFMG. Extensionista bolsista na Divisão de Assistência Judiciária da UFMG contemplada pelo edital PROEX nº 08/2018. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: elisameloo11@gmail.com

488 Psicóloga pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestranda bolsista pela FAPEMIG em Psicologia (UFMG). Tem interesse na área da Psicologia em interface com o Direito. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: larissafot@hotmail.com

489 Professora adjunta de Psicologia Social do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG. Doutora e mestra em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: laurasoarespsi@yahoo.com.br



REFERÊNCIAS

ARANTES, E. M. M.. Mediante quais práticas a Psicologia e o Direito pretendem discutir a relação? Anotações sobre o mal-estar. *In*: COIMBRA, C. M. B.; AYRES, L. S. M.; NASCIMENTO, M. L. do. (Org.). **PIVETES**: Encontros entre a Psicologia e o judiciário. 1ed. Curitiba: Juruá, 2008, v. 1, p. 131-148.

NASCIMENTO, M. L. do; LEMOS, F. C. S.; GALINDO, D. . Escrita, Psicologia e produção de cuidado: ética, estética e política. **Arquivos Brasileiros de Psicologia (Online)**, v. 68, p. 35-46, 2016.



POLÍTICA DE ACESSO E PERMANÊNCIA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA UNIVERSIDADE

Lais de Paula Leite⁴⁹⁰

Márcio Pereira⁴⁹¹

Thainara Pereira Silva⁴⁹²

Thayná Millene da Silva Simões⁴⁹³

RESUMO

O Projeto de Extensão e Ensino referente ao Edital PROEX/PROEN Nº 03/2018/2019, Política de Acesso e Permanência de Pessoas com Deficiência Visual na Universidade, promovido pelo Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE)/UEMG, tem como objetivo acompanhar discentes com deficiência visual nas atividades acadêmicas que se fizerem necessárias, nas dependências e/ou fora da instituição, se for o caso. Tal iniciativa apoia três discentes com deficiência visual, na Unidade Divinópolis, no curso de Psicologia e Engenharia. Este projeto pressupõe que as diferenças não são obstáculos para o cumprimento da ação educacional, mas o ponto de partida para o seu enriquecimento e para dar respostas adequadas e urgentes às necessidades cognitivas, afetivas e sociais da pessoa com deficiência incluída no espaço universitário. As atividades possuem como propósito auxiliar o discente na leitura do material solicitado no período das aulas; digitar materiais impressos e salvá-los em formato de Editor de Texto; acompanhá-lo nas situações escolares pertinentes; enviar e-mails com conteúdos acadêmicos e contribuir para sua acessibilidade aos conteúdos curriculares e aos espaços físicos da instituição. A temática inclusão da pessoa com deficiência no Ensino Superior se faz de extrema importância para debate na atualidade, pois fica evidenciado, a partir da vivência obtida desde 2018, que a implantação das políticas públicas de acessibilidade e permanência de alunos com deficiência na universidade não garante condições para o seu cumprimento. É necessário que essas políticas venham acompanhadas de práticas que propiciem suas efetivações. Para a formação do psicólogo, no caso, três bolsistas do curso de Psicologia, é de extrema relevância, pois viabiliza a discussão de políticas públicas, debates sobre a inclusão no Ensino Superior e no aprendizado do trabalho com a diversidade, além do mais, o entendimento do papel do psicólogo diante da pessoa com deficiência no espaço escolar.

PALAVRAS-CHAVE:

Deficiência Visual; Políticas Públicas; Universidade; Inclusão.

490 Graduanda em Psicologia com previsão de conclusão em dezembro de 2021 (UEMG/Divinópolis), Bolsista Extensionista do Projeto “Política de Acesso e Permanência de Pessoas com Deficiência Visual na Universidade”. Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG. E-mail: lais.depaula.leite@hotmail.com

491 Formado em Psicologia, Pedagogia, Mestre em Educação/UNISAL/SP; Doutorando em Educação/UNINI/Puerto Rico; Lato Sensu Educação Especial e Inclusiva, Psicopedagogia Clínica e Institucional, Psicopedagogia com ênfase em Neurociência e dificuldades de aprendizagem; professor universitário (Pedagogia e Psicologia), coordenação de curso (Pedagogia), experiência em pesquisa e extensão. Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG. E-mail: marcio.marcio@uemg.br

492 Graduanda em Psicologia com previsão de conclusão em dezembro de 2019 (UEMG/Divinópolis), Extensionista do projeto “Habilidades Socioemocionais na Educação Básica Pública”, Bolsista do Projeto “Política de Acesso e Permanência de Pessoas com Deficiência Visual na Universidade”. Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG. E-mail: thainarapereirasv@hotmail.com

493 Graduanda em Psicologia com previsão de conclusão em dezembro de 2021 (UEMG/Divinópolis), Bolsista Extensionista do Projeto “Política de Acesso e Permanência de Pessoas com Deficiência Visual na Universidade”. Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG. E-mail: thayna.millene@gmail.com



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção I, p. 27834-27841. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BRASIL, MEC. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2019.

BRASIL. Plano **Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência: Viver sem limites**, 2013. Disponível em: http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_i_magens-filefield-description%5D_0.pdf. Acessado em: setembro de 2014.

BRASIL. **Decreto 7.612 de 17 de novembro de 2011.** Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite. Diário Oficial da União - Seção 1 - 18/11/2011, Página 12 (Publicação Original)

CARVALHO, Maria Cecília M. de (org). **Metodologia Científica Fundamentos e Técnicas.** 3ª Ed. Campinas, SP. Papirus, 1991.

COUTINHO, Márcia Maria de Azeredo. **A inclusão da pessoa com deficiência visual na educação superior e a construção de suas identidades.** Campo Grande, 2011. 104p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco. Disponível em: <<https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8200-a-inclusao-da-pessoa-com-deficiencia-visual-na-educacao-superior-e-a-construcao-de-suas-identidades.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

DOMINGUES, Celma dos Anjos *et al.* **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Os alunos com deficiência visual: baixa visão e cegueira.** Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial; Universidade Federal do Ceará, 2010. 64 p. v. 3. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7105-fasciculo-3-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 03 nov. 2018.

DUK, Cyntia. **Educar na diversidade: material de formação docente.** 3ed. Brasília: MEC, SEESP, 2007.

FERRARI, Marian A. L. Dias; SEKKEL, Marie Claire. **Educação inclusiva no ensino superior: um novo desafio. Psicol. cienc. prof.**[online]. 2007, vol.27, n.4, pp.636-647. ISSN 1414-9893. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932007000400006>>. Acessado em: 15 maio 2019.

GIACOMINI, Lilia; SARTORETTO, Mara Lúcia; BERSCH, Rita de Cássia Reckziegel. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Orientação e mobilidade, Adequação Postural e Acessibilidade Espacial.** Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial; Universidade Federal do Ceará, 2010. 48 p. v. 7.

KARAGIANNIS, Anastasios; STAINBACK, Willian. STAINBACK, Susan. **Fundamentos do Ensino Inclusivo.** In: STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão: Um guia para educadores.** Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 21-34.



KRÜGER, José Adelino *et al.* **ACESSIBILIDADE NA UNIVERSIDADE: repensando os processos inclusivos.** 2007. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3826>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

MASINI, Elcie; BAZON, Fernanda Vilhena Mafra. A inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior. **Anais da 28ª Reunião Anual**, p. 1-22, 2005. Disponível em: <<http://flasco.rede-livre.org.br/files/2012/07/424.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2019.

NOGUEIRA, Maria Das Dores Pimentel. O fórum de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras: um ator social em construção. **Interfaces - revista de extensão**, Belo horizonte, v. 1, n. 1, p. 35-47, jul./nov. 2013. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/irext/article/view/7/8>>. Acesso em: 15 maio de 2019.

PACHECO, R.V; COSTAS, F.A.T. Revista do Centro de Educação: O processo de inclusão de acadêmicos com necessidades educacionais especiais na Universidade Federal de Santa Maria. Edição: N. 27, 2005. Disponível em: . Acessado em setembro de 2013.

OLIVEIRA, Luiza Maria Borges *et al.* **Cartilha do Censo 2010–Pessoas com deficiência.** Brasília: Sdh-pr/snpd, p. 17, 2012. Disponível em: <<https://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>>. Acesso em: 15 maio de 2019.

SÁ, Elizabet Dias de; SIMÃO, Valdirene Stiegler. ALUNOS COM CEGUEIRA: crenças, mitos e concepções acerca da cegueira. *In: DOMINGUES, Celma dos Anjos et al. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Os alunos com deficiência visual: baixa visão e cegueira.* Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Universidade Federal do Ceará, 2010. Parte II, p. 26-29. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_doman&view=download&alias=7105-fasciculo-3-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 29 nov. 2018.

SILVA, Luzia Guacira dos Santos (org.). **Inclusão de alunos com deficiência visual.** Módulo didático 5. Natal, RN: EDUFRN, 2011. 52p.

SILVA, Kátia Ariane. **ACESSIBILIDADE PARA DEFICIENTES VISUAIS:** Um estudo nos museus de Belo Horizonte. João Pessoa: Revista Temas Em Educação, 2016. p.91-113 p. v. v.25. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/25686/16981>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

SILVA, Otto Marques Da. **A epopéia ignorada:** a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje. São Paulo: CEDAS, 1987. 470 p.

SILVA, Raíssa Priscila Da Costa; SANTOS, Maria Clara Pereira. **Uma análise sobre o processo de inclusão de alunos com deficiência visual no ensino superior.** COIPESU, 2014, 17p. Disponível em: <<http://www.coipesu.com.br/upload/trabalhos/2015/6/uma-analise-sobre-o-processo-de-inclusao-de-alunos-com-deficiencia-visual-no-ensino-superior.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2019

SKLIAR, Carlos. **A educação e a pergunta pelos outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros “outros”.** Revista Ponto de Vista, Florianópolis, n. 05, p. 37-49, 2003.

STAINBACK, Susan *et al.* **A inclusão e o Desenvolvimento de uma auto-identidade positiva em pessoas com deficiência.** *In: STAINBACK, Susan; STAINBACK, Willian.* Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999. cap. 24, p. 407-413.



POVOS INDÍGENAS E SAÚDE MENTAL: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA EM CAMPO

Gilberto do Rosário Moreira⁴⁹⁴

Bárbara Mendonça César⁴⁹⁵

RESUMO

Trata-se aqui de apresentar um trabalho que buscou compreender um pouco da realidade vivenciada pelos povos indígenas no Brasil e como é a atuação do psicólogo diante de suas demandas, ou seja, no que se refere a sua saúde mental. Para tal propósito, uma tribo foi visitada, a de Kaxixós do Capão do Zezinho, no município mineiro de Ibitira. Assim, partiu-se para uma pesquisa de campo, no sentido de realmente conhecê-los, ouvir cada qual em sua singularidade. O objetivo principal foi de conhecer a cultura da referida tribo, assim como os fatores que podem favorecer o desenvolvimento de transtornos mentais nessa população e quais os desafios enfrentados pelo psicólogo inserido nesse contexto. Contudo, é importante enfatizar de acordo com Batista e Zanello (2016) que diante das demandas de saúde mental das populações indígenas, há pouca adesão de psicólogos. Diversas são as questões que podem afetar a saúde psíquica desses povos, tais como a insegurança devida a rápida mudança que afetam a sua qualidade e estilo de vida, bem como o medo de perder a própria terra. Outro ponto, constatou-se que tribo visitada começou o seu povoamento com a união entre primos de primeiro grau. A restrição desses povos quanto a “pessoas de fora”, em que o acesso é para poucos, eles ficam praticamente ilhados, é um fator que representa outro impasse, que dificulta o atendimento psicológico e sua adesão a um tratamento. No geral, são evidenciados crescentes relatos de casos de suicídios, uso e abuso de álcool e de doenças psicossomáticas. O trabalho buscou salientar a realidade enfrentada por estes povos, os impactos em seu estilo de vida pelos meios de consumo e que refletem em sua saúde mental, quais são os dispositivos que lhes servem de auxílio para as suas demandas e como é o fazer da Psicologia nesses contextos.

PALAVRAS-CHAVE:

Povos Indígenas; Saúde Mental; Psicologia.

REFERÊNCIAS

BATISTA, M. Q. ZANELLO, V. **Saúde mental em contextos indígenas: Escassez de pesquisas brasileiras, invisibilidade das diferenças, Estudos de Psicologia**. 21(4), 403-414, Brasília, DF, 2016.

494 Psicólogo; graduado e licenciado em Psicologia pela FAP Divinópolis; Pós-graduado em Saúde mental com Ênfase em Dependência Química. Rua Teodoro Ribeiro da Silva, 632, Cíntia, Oliveira, MG. E-mail: gilbertomoreirapsicologo@gmail.com

495 Psicóloga, graduada em Psicologia pela FAP Divinópolis; Pós-graduanda em Psicologia Infantil. Rua João de Barros Bahia, 25, Chapadão, Pitangui, MG. E-mail: bahmendonca@gmail.com



PROGRAMA FACED SÊNIOR: UMA NOVA PERSPECTIVA PARA O ENVELHECER

Cláudia Ferreira Melo Rodrigues⁴⁹⁶

Fabiana da Silva Melo⁴⁹⁷

RESUMO

A população mundial está envelhecendo e nem sempre há uma preocupação de se criar meios para construir uma velhice bem-sucedida. Estamos inseridos em uma sociedade do espetáculo, na qual a vitalidade e a imagem perfeita são requisitos imprescindíveis, fazendo com que o velho se sinta deslocado do meio onde vive. Ser idoso, para alguns, pode ser angustiador pelo fato da não aceitação deste corpo que adoce e fragiliza, podendo surgir dificuldades de enfrentamento em situações adversas, como a perda de amigos e familiares. Salienta-se que há um discurso impositivo da sociedade, ditando padrões, o que pode ser prejudicial nesta fase, pois, ao perceberem estes critérios impostos, há um sentimento de não pertencimento, podendo acarretar enfermidades. Neste sentido, o Programa FACED Sênior busca, através das oficinas, utilizando a metodologia de rodas de conversa, promover um maior contato social, visto que este é de grande importância para estreitar os vínculos com o grupo, estendendo aos seus familiares. Nesta metodologia, os participantes têm espaço para uma conversa diferenciada, compartilham experiências e se fortalecem, reajustando ou dispensando, em muitos casos, a prática medicamentosa. Abre o espaço para a fala, pois sabe-se que, na velhice, a maior queixa é a solidão. Desta forma, os idosos adquirem um outro olhar sobre a velhice, que, para o coletivo, é sinônimo só de perdas e de finitude. Uma nova perspectiva é oferecida, fazendo que todos os participantes do programa consigam, por meio da autogestão e da autodefesa, construir a possibilidade da velhice como um novo jeito de ser e conviver.

PALAVRAS-CHAVE:

Velhice; Autogestão; Autodefesa.

REFERÊNCIAS

NERI, Anita Liberalesso. **Envelhecer num país de jovens**: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991. 155 p.

NERI, Anita Liberalesso; YASSUDA, Mônica Sanches. **Velhice bem-sucedida**: Aspectos afetivos e cognitivos. Campinas, SP: Papirus, 2004. 224 p.

496 Psicóloga, mestre, doutoranda no Programa de Ciências da Saúde da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), docente e supervisora de Estágio no curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras Divinópolis. Faculdade Pitágoras Divinópolis. E-mail: melo.claudia@hotmail.com

497 Discente do 5º período de Psicologia da Faculdade UNA/Divinópolis. Faculdade UNA/Divinópolis. E-mail: fabianamelo2006@gmail.com



PROJETO CAVAS/UFMG – PESQUISA E EXTENSÃO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL

Matheus Ferreira Castro⁴⁹⁸

Olívia Ameno Brun⁴⁹⁹

Rafaela Pazotto Verticchio⁵⁰⁰

RESUMO

O Projeto CAVAS/UFMG – Crianças e Adolescentes Vítimas de Abuso Sexual – é um Projeto de Extensão e Pesquisa vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Atuamos como um grupo de pesquisas clínicas a partir do referencial teórico da psicanálise e da clínica ampliada. Além de constituir um pólo de atendimentos psicoterápicos a crianças e adolescentes vitimados pela violência sexual, também desempenhamos um importante trabalho acadêmico no âmbito da pesquisa, fomentando cursos de capacitação para estudantes e profissionais das áreas de saúde e educação. Em seus 15 anos de projeto produzimos 11 teses e dissertações, 4 livros publicados, além de simpósios, seminários clínicos e grupos de estudo.

PALAVRAS CHAVE:

Violência sexual infantojuvenil; Abuso sexual; Psicanálise.

498 Graduando em Psicologia pela UFMG e integrante do Projeto CAVAS/UFMG. E-mail: mathfcastro@gmail.com

499 Discente do programa de pós-graduação em estudos psicanalíticos pela UFMG e técnica do Projeto CAVAS/UFMG). E-mail: oliambreu@gmail.com

500 Psicóloga e mestre pela UFMG e técnica do Projeto CAVAS/UFMG. E-mail: rafaelaverticchio@gmail.com



PROJETO CONVIVER: INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS NO CONTORNO – A REALIDADE CONCRETA

Cláudia Ferreira Melo Rodrigues⁵⁰¹

Lorena Gonçalves Campos⁵⁰²

Tony Corrêa Garcia⁵⁰³

RESUMO

O campo de possibilidades do fazer PSI é vasto e, dentre as várias áreas de atuação do profissional da Psicologia, o âmbito social e comunitário se apresenta como um espaço promissor. Essa atuação pode perpassar por três ênfases: o desenvolvimento da profissão como ciência e prática de intervenção, a preocupação com a realidade local no que compõe as experiências vividas pelos menos favorecidos na busca de se tornarem visíveis diante do “olhar manejado pelo capitalismo”, como nos aponta Freitas (1988), em que podem ser vislumbradas nas comunidades e, por último, o ponto em que nos envolve de uma forma direta: a inserção do discente de Psicologia à prática profissional. O presente projeto de Extensão se apresenta como essa possibilidade de espaço para articulação da teoria e da prática. O projeto tem como objetivo desenvolver o protagonismo e a socialização dos moradores dos bairros Jardim das Oliveiras, Dom Cristiano, Candelária e Fonte Boa, por meio do desenvolvimento da cidadania e da promoção da capacidade de trabalhar coletivamente. Utilizamos a pesquisa-ação, entrevistas semiestruturadas e o mapeamento social dos residentes nos bairros-alvo do projeto. As intervenções são realizadas por meio de atendimentos individuais, plantões psicológicos, visitas domiciliares, grupos terapêuticos com crianças/adolescentes e um grupo operativo com as lideranças da comunidade. O projeto favorece o acesso à formação de cidadania e a socialização por meio de ações desenvolvidas com a colaboração da própria comunidade, onde moradores se tornam multiplicadores e responsáveis pelo seu espaço comunitário. Assim, as intervenções junto à população desenvolvem o fortalecimento de vínculos com a comunidade. O projeto tem alcançado seu objetivo. O desafio é a manutenção da qualidade dos vínculos estabelecidos. É preciso que os moradores se tornem sujeitos ativos na busca de soluções para os problemas enfrentados e conscientes do seu papel como agentes transformadores de sua realidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia comunitária; Psicanálise; Intervenções psicossociais.

501 Psicóloga, mestre, doutoranda no Programa de Ciências da Saúde da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), docente e supervisora de Estágio no curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras Divinópolis. Faculdade Pitágoras Divinópolis. E-mail: melo.claudia@hotmail.com

502 Psicóloga do NASF Carmo do Cajuru (MG), pós-graduada em Gestão da Clínica em Atenção Primária à Saúde e Gestão e Política do Sistema Único de Assistência Social. Prefeitura de Carmo do Cajuru. E-mail: lorenacampospesquisa@yahoo.com

503 Discente do 9º período do curso de Psicologia da Faculdade UNA/Divinópolis. Faculdade UNA/Divinópolis. E-mail: tony.mentalista@gmail.com



REFERÊNCIAS

BASTOS, Alice Beatriz B. Izique. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. **Psicólogo Informação**, ano 14, n. 14, jan./dez. 2010.

FREITAS, M. F. Q. de. O psicólogo e a comunidade: algumas questões. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 74-85, 1988.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. *In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago: 1996.

GUERRA, Andréa. **O social na clínica e a clínica no social: sutilezas de uma prática**. 2005. 22 p. Artigo científico (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Betim, 2006.

LÉVY, André *et al.* **Psicossociologia**: análise social e intervenção. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MASCARENHAS, Eduardo. **Grupo não é psicologia de pobre**. [S.l.: s.n.], 2002. 14 p.

PROJETO DIÁLOGOS NA ESCOLA

Felipe Viegas Tameirão⁵⁰⁴

Amanda Rodrigues Gontijo⁵⁰⁵

Arinda Milo de Carvalho⁵⁰⁶

Bruna Mendonça Franco⁵⁰⁷

Dalila Dalila Luiza da Silva⁵⁰⁸

Ana Carolina do Couto Paiva de Oliveira⁵⁰⁹

Ketelyn Lara Silva⁵¹⁰

RESUMO

Este trabalho busca apresentar uma experiência de estágio com grupo operativo de adolescentes para dialogar sobre assuntos referentes à fase da adolescência. O Projeto Diálogos na Escola foi criado a partir da demanda da Escola Estadual Coronel Robertinho, no município de Bom Despacho, para que fosse realizada palestra sobre o “Setembro Amarelo”, pois segundo a escola, diversas (os) alunas (os) estavam apresentando comportamento depressivo. A palestra ocorreu em 2018 e depois disto foi criado o Projeto. Atualmente o estágio acompanha 15 estudantes do período da manhã e 15 estudantes do período da tarde, sendo que cada um destes grupos é conduzido por um trio de estagiárias. A faixa etária contemplada é de 10 a 14 anos. O objetivo do trabalho é dialogar sobre temas que interferem na vida do estudante no contexto escolar, mas que não estão circunscritos exclusivamente à escola. Nesse sentido temas como: sexualidade, família, relacionamentos amorosos, automutilação, depressão, uso de drogas e violência, foram discutidos. Os grupos de estudantes se reúnem duas vezes por semana, sendo que cada encontro tem duração de 60 minutos. O objetivo do Projeto envolve a criação de um espaço reflexivo capaz de viabilizar o rompimento de tabus, enfrentamento de conflitos, bem como proporcionar um ambiente de troca de experiências e facilitar a identificação de obstáculos que fazem parte dessa fase da vida. Neste semestre foram realizados 18 encontros com o grupo da manhã e 16 com a turma da tarde. Os resultados alcançados envolvem mudanças nas relações estabelecidas entre os integrantes dos grupos e destes com o espaço escolar e familiar. Os grupos parecem funcionar como espaço que proporciona organização aos estudantes, pois podem expor abertamente seus pensamentos e opiniões.

PALAVRAS-CHAVE:

Adolescência; Grupos; Diálogo.

504 Psicólogo, Especialista em Saúde Mental e Psicanálise. Professor e orientador de Estágio no Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA de Bom Despacho, Mestrando em Gestão Social e Desenvolvimento Local e Conselheiro do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais Gestão 2013-2016 e 2016-2019. E-mail: felipetameirao@prof.una.br

505 Discente do 9º período de Psicologia. E-mail: amandargontijo@gmail.com

506 Discente do 9º período de Psicologia. E-mail: arindamcarvalho@gmail.com

507 Discente do 9º período de Psicologia. E-mail: bruna.mendonca@yahoo.com.br

508 Discente do 9º período de Psicologia. E-mail: dalilaluiza1@hotmail.com

509 Discente do 5º período de Psicologia. E-mail: carolinacpo@yahoo.com.br

510 Discente do 5º período de Psicologia. E-mail: ketelynlara16@gmail.com



REFERÊNCIAS

AMARAL, Vera Lúcia do. Psicologia da educação / Vera Lúcia do Amaral. - Natal, RN: EDUFRN, 2007.

VASCONCELOS, Suziane de Santana. A violência escolar: uma discussão sobre as multiplicidades de conceitos e concepções no âmbito escolar. Rio de Janeiro 2017

SISTO, Fermino Fernandes. Aceitação-rejeição para estudar e agressividade na escola. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 117-125, abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 15 de maio de 2019



PROJETO AMARÍLIS EMPODERAMENTO FEMININO

Alexandre Augusto Macêdo Corrêa⁵¹¹

Ilva Helena Rocha Storino⁵¹²

Ivaldo Francisco de Oliveira Neto⁵¹³

Ana Paula Fritz Mariquito⁵¹⁴

Prisciliana Passos⁵¹⁵

RESUMO

O presente Projeto surgiu a partir da observação e análise de demandas emergentes do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos do Centro de Atenção de Referência de Assistência Social do município de Santana de Cataguases –MG, o “Grupo de Mulheres” através de vivências e conteúdos apresentados pelo grupo, foi possível detectar inúmeras situações de violações de direito, incluindo violência doméstica, física e psicológica. Tais vivências aqui descritas obtiveram um impacto negativo tão expressivo em sua autoestima, a ponto de confundirem-se com a própria violência sofrida e não saber quem são. Neste cenário, construiu-se o Projeto Amarílis como uma forma de intervenção para estas mulheres, onde além da possibilidade de obter apoio, trocas de experiências e amplo espaço de discussão haveria também a realização de oficinas empoderadoras. Nestas oficinas foram trabalhados temas do universo feminino tais como: grandes mulheres da história, esclarecimento de direitos e deveres, oficinas de beleza, defesa pessoal, sororidade e principalmente a busca da reconstrução de sua autoimagem através do autoconhecimento e resgate da autoestima. Segundo Lane (2009, p. 31), quando se procura resgatar a subjetividade, esta implica em identidade, categoria que leva ao conhecimento da singularidade do indivíduo que se exprime em termos afetivos, motivacionais, através do grupo. Na última parte, realizou-se um ensaio fotográfico artístico visando a conscientização e concretização das mudanças interiores com o intuito de que estas fossem percebidas e vivenciadas pelas participantes e assim melhor introjetadas pelas mesmas. O resultado estético foi muito positivo, mas principalmente foi possível observar através de suas falas e atitudes ao longo do Projeto que a mudança de crenças disfuncionais e pensamentos de menos valia puderam ser ressignificados. A Equipe neste desfecho, mostrou-se apenas facilitadora do processo de beleza que emergiu, mas que sempre esteve presente e tornou cada ensaio um processo único.

511 Graduado em Psicologia pela UFJF (2001). Mestre em Saúde Brasileira. Doutorando em Saúde Pública pela UCES - Universidad de Ciencias e Empresariales y Sociales. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Experimental, Avaliação e Medidas em Psicologia Hospitalar e Neuropsicologia. Especialista em Neuropsicologia e Neurociências. Coordenador do curso de Psicologia da Faculdade Governador Ozanam Coelho - FAGOC/MG - Ubá. Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: coordpsi@fagoc.br

512 Graduada em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2005). Especialização em Psicologia do Desenvolvimento Humano pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2008). Formação em Hipnose e Terapia Ericksoniana. Instituto Milton H. Erickson de Juiz de Fora, IMHEJF, Brasil. Atualmente atua como Psicóloga lotada no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município de Santana de Cataguases – MG. Cras Santana de Cataguases. E-mail: ilvastorino@gmail.com

513 Facilitador de Oficinas de Acolhimento no CRAS Santana. Atua como tutor presencial da Universidade Federal de Juiz de Fora no Pólo UAB Cataguases. Graduando em Psicologia pela Faculdade Governador Ozanam Coelho. Aluno Bolsista do Projeto de Iniciação Científica na FAGOC. Coordenou a Biblioteca Digital Josué Inácio Peixoto, onde atuava como agente cultural, gestor de projetos.

Ana Paula Fritz Mariquito. Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: ivaldoneto1@gmail.com

514 Estagiária no serviço de convivência do fortalecimento de vínculo do CRAS Santana de Cataguases. Estagiária no Atendimento Clínico em Psicanálise no Núcleo Nise da Silveira- Clínica Escola. Graduanda em Psicologia pela Faculdade Governador Ozanam Coelho. Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: anafritzpsi@gmail.com

515 Técnica em Secretaria Escolar pela Realengo Educacional Ltda. Graduanda em Psicologia pela Faculdade Governador Ozanam Coelho. Estagiária no CRAS Santana de Cataguases. Estagiária clínica com ênfase em Psicanálise no Centro de Pesquisas e Práticas em Psicologia Nise da Silveira (FAGOC). Estagiou na Apae e na Escola Estadual Professor Quaresma na cidade de Cataguases MG. Palestrante em escolas Municipais e Estaduais. Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: priscilianapassos@gmail.com



PALAVRAS CHAVE:

Empoderamento feminino; Psicologia social; Autoestima.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Regina Helena de Freitas (orgs). Psicologia Social Comunitária: da solidariedade a autonomia. 15ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.



PROJETO “ROSA DE PEDRA”: GRUPO DE APOIO PSICOLÓGICO À PACIENTES ONCOLÓGICOS E ACOMPANHANTES

Thiara Soares Reis⁵¹⁶

Marcela Carine Alves Lucena⁵¹⁷

Moysa Caroline Resende da Costa⁵¹⁸

RESUMO

O presente trabalho discorre sobre o projeto desenvolvido para a prática de estágio específico I realizada por discentes do 9º período de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Betim no primeiro semestre de 2019. O projeto foi realizado na Organização Regional de Combate ao Câncer (ORCCA) que é uma ONG que oferece atendimentos complementares ao tratamento oncológico para pacientes e familiares, localizada também em Betim. As práticas experienciadas foram elaboradas em espaço próprio, tendo como foco pacientes oncológicos e familiares a partir do plantio e cultivo de suculentas. Os encontros ocorreram semanalmente com duração de duas horas cada, totalizando 10 encontros. Ao longo do projeto foram trabalhadas questões referentes aos temas geradores de discussão para o grupo, assim como desenvolvidas intervenções considerando os quatro elementos (ar, terra, água e fogo). O objetivo do projeto foi promover através de oficinas terapêuticas espaço de troca, reflexão, aprendizado e inclusão social, mas sobretudo de auxiliar os pacientes e familiares na elaboração do processo de adoecimento e tratamento. Desse modo, a experiência prática permitiu o aperfeiçoamento dos conhecimentos, enfatizando a importância da escuta clínica, do olhar humanizado e de promover um espaço livre para a fala e elaboração de questões relacionadas ao diagnóstico e tratamento. Os resultados apresentaram também que os pacientes e acompanhantes participantes que puderam vivenciar esses momentos de trocas, mostraram fortalecimento do sentimento de solidariedade, resiliência e aumento da autoestima, auxiliando no processo enfrentamento da doença, mostrando a importância da criação de espaços como estes como ferramenta de apoio ao longo do tratamento oncológico.

PALAVRAS-CHAVE:

Oficinas terapêuticas; Câncer; Estágio; Suculentas.

516 Autora. Graduanda em Psicologia do 9º período da faculdade Pitágoras em Betim. Faculdade Pitágoras Betim. E-mail: thiarasoares.jc@gmail.com

517 Autora. Graduanda em Psicologia do 9º período da faculdade Pitágoras em Betim. Faculdade Pitágoras Betim. E-mail: marcelaclucena@gmail.com

518 Coautora. Psicóloga graduada pela PUC Minas em 2015, (CRP 04/44259), especialista em Psicologia Hospitalar pela Santa Casa de BH (2017). Coautora. Monitora de estágio da Faculdade Pitágoras em Betim e psicóloga na Organização Regional de Combate ao Câncer (ORCCA). Faculdade Pitágoras Betim. E-mail: marcelaclucena@gmail.com



REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L. M. e ABADE, F. L. **Para Reinventar as Rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAN). 2008. Publicação Eletrônica. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/file/lapip/PARA_REINVENTAR_AS_RODAS.pdf>. Acesso em: 02/04/2019.

KUBLER- ROSS. E; [tradução Paulo Meneses]. **Sobre a morte e o morrer**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ORCCA, Site institucional. Disponível em: <<http://www.orcca.org.br/>>. Acesso em:18/03/2019

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. ed. 6. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SOARES, V. **Dinâmicas de Grupo e Jogos**: psicodrama, expressão corporal, criatividade, meditação, artes. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVA, F. e BERVIQUE, J. A. **Psico-oncologia**: Lidando com a Doença, o Doente e a Morte. Revista Científica Eletrônica de Psicologia. Ano III, nº 5, 2005. (ISSN: 1806-0625). Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/ZrorgJNimECIQ-GP_2013-4-30-16-28-51.pdf Acesso em: 14/04/2019.

VALLADARES, A. C. A. **A Arteterapia e a Tipologia de Jung**: uma experiência abordando os quatro elementos da natureza. **Rev. Arteterapia**: Imagens da Transformação. Rio de Janeiro: Clínica Pomar, v.9, n.9, p.35-50, 2002. (ISSN: 1516-4128). Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/11395436/A-Arteterapia-e-a-tipologia-de-Jung-uma-experiencia-abordando-os-quatro-elementos-da-natureza>> Acesso em: 18/03/2019.



PSICOLOGIA E DIVERSIDADE FUNCIONAL: PRÁTICA EM PSICOLOGIA ESCOLAR EM UM CONSERVATÓRIO DE MÚSICA

Aline Campolina Andrade⁵¹⁹

Deruchette Danire Henriques Magalhães⁵²⁰

Larissa Medeiros Marinho dos Santos⁵²¹

RESUMO

Trata-se de uma prática de estágio de extensão intitulado “Musicalização e diversidades funcionais: Contribuições da Psicologia Escolar”, em um projeto realizado em um conservatório de música de uma cidade do interior de Minas Gerais. Objetiva-se acompanhar oficinas musicais e de artes com pessoas de diferentes idades com diagnósticos variados. O termo “diversidade funcional” é utilizado para desmistificar as noções de deficiência como incapacidade e de necessidades especiais como infantilização entendendo as diversidades como modos de vivenciar, imaginar e criar, em ritmos diferentes do dito normal (PEREIRA, 2009). Diante da pluralidade do fazer psicológico em um contexto educativo, a prática se deu a partir de observações participantes e da pesquisa-ação durante as oficinas. Tais metodologias convocam o olhar para as relações e afetos, tendo em vista que o processo de criação é produção de existência e se dá pela diferença, posicionamento fundamentado pela Psicologia histórico-cultural. O Conservatório torna-se palco para a (re)construção de relações entre alunos, suas famílias, professoras, demais funcionários e nós enquanto estagiárias; relações que atuam nos olhares sobre as diversidades funcionais, a educação e a arte. O Projeto pode ser, assim, espaço de manifestação de potencialidades, perspectiva embasada em Vigotski (1997). A prática esbarra em dificuldades quanto a imprecisões acerca de papéis - do psicólogo neste contexto, da música na formação do sujeito e da instituição nesse processo, além da coexistência de diversas visões que constroem o Projeto e são reconstruídas por ele. É importante questionar as possibilidades de existência ainda não realizadas do Projeto, considerando a representação que os alunos têm de si e do outro, os vínculos criados e o papel das artes nesse processo, de forma a assumir cores e frequências singulares como parte do processo educativo.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia Escolar; Diversidade Funcional; Conservatório de Música; Prática do Psicólogo Escolar.

REFERÊNCIAS

PEREIRA, Ray. Diversidade funcional: a diferença e o histórico modelo de homem-padrão. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 16, n. 3, p. 715-728, 2009.

VYGOTSKI, Levy S. *Obras escogidas: V. Fundamentos de defectologia*. Madrid: Visor, 1997.

519 Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: aline.linecampolina@hotmail.com

520 Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: deruchettedhm3@gmail.com

521 Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: larissa@ufsj.edu.br



RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR

Gonçalves, Eliane de Siqueira⁵²²
Souza, Stela Maris Bretas⁵²³

RESUMO

O presente trabalho se destina a um relato de prática de estágio específico em Orientação à Queixa Escolar, realizado no Núcleo de Atividades Práticas em Psicologia (NAPP) do Unileste, que é um serviço escola, no qual os alunos nos últimos períodos do curso, têm a oportunidade em realizar a prática de estágio com orientações de docentes especializados em atuações específicas. A Orientação à Queixa Escolar é uma prática de intervenção clínica, focada em integrar a criança, a queixa, e pessoas de seu contexto social, buscando compreender a demanda e orientar pessoas envolvidas. O trabalho justifica na oportunidade de os discentes aprenderem e se desenvolverem na atuação com crianças com dificuldades escolares. O atendimento teve como finalidade, a escuta e o acolhimento, buscando intervir e desenvolver as dificuldades sócio emocionais das crianças, oportunizando a busca de reflexão e autonomia por parte dos pacientes. Durante os atendimentos, a discente oportunizou aos pacientes, a liberdade e a reflexão, focando em potencialidades. Para isso, a metodologia escolhida para o trabalho para com as crianças envolvidas, foi de atividades lúdicas. As etapas do estágio consistiram em: a escuta da demanda dos pais, a escuta da queixa da criança e seus conflitos, visita à escola, intervenção associada a orientação aos pais e devolutiva. Em relação aos resultados, perceberam-se evolução do quadro dos pacientes e dos pais, sendo notável, principalmente, na família em que a estagiária acompanhou por um período mais extenso. As famílias refletiram sobre a importância do diálogo e da autonomia para a criança e a necessidade de construir um vínculo de confiança entre os filhos. E desta forma a criança e os pais passaram a ter um novo olhar sobre a queixa apresentada por eles nesse contexto de dificuldade escolar.

PALAVRAS-CHAVE:

Relato de experiência; Estágio; Orientação a queixa escolar; Criança.

REFERÊNCIAS

BRAUSTEIN. V. C. Um atendimento em Orientação à Queixa Escolar numa perspectiva winnicottiana: muito além do indivíduo. *In: SOUZA, Beatriz de Paula (Org). Orientação a queixa escolar.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p.399-417.

522 Graduada em Psicologia pelo Unileste (2018). Atuou como estagiária em Psicologia, na modalidade Saúde Mental e Processos Clínico, em Queixa Escolar e Aconselhamento. Possui vivências de práticas em extensões relacionadas a Violência e Queixa Escolar. Realizou pesquisa sobre automutilação e adolescência e a utilização de histórias na Psicologia. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais- Unileste-MG. E-mail: elianesiqueira13@outlook.com

523 Possui graduação em Habilitação Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1990) e Licenciatura em Psicologia pela PUC Minas. É especialista em Psicologia Educacional e Psicopedagogia. Possui ainda, mestrado em Psicologia pela PUC Minas (2008). Atualmente é professora dos cursos de Psicologia e Pedagogia do Unileste. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais- Unileste-MG. E-mail: stela.maris.bretas@gmail.com



BRITO, R. A. C.; FREIRE, José Célio. Ludoterapia centrada na criança: uma leitura a partir da ética de Emmanuel Lévinas. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 118-127, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 1 dez. 2018.

BROUGERE, G. A criança e a cultura lúdica. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jun. 2018.

GUILHARDI, H. J. Autoestima, autoconfiança e responsabilidade. Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento. Santo André, SP: **ESETec Editores Associados**, 2002. Disponível em: <http://www.itrcampinas.com.br/pdf/helio/Autoestima_conf_respons.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2018.

LEGNANI, Viviane Neves; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. A construção diagnóstica de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: uma discussão crítica. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 1, p. 02-13, abr. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672008000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2018.

MONDARDO, A. H.; PIOVESAN, L.; MANTOVANI, P. C. A percepção do paciente quanto ao processo de mudança psicoterápica. **Aletheia**, Canoas, n. 30, p. 158-171, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jun. 2018.

NASCIMENTO, C.L.F. *et al.* Ampliando o conhecimento sobre o transtorno de ansiedade Generalizada. **IX Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e V Encontro Latino Americano de Pós-Graduação** (s.d.) p.1951-1954 – Universidade do Vale do Paraíba. Disponível em: <<http://biblioteca.univap.br/dados/INIC/cd/epg/epg7/epg7-11.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SARAIVA, L. F. de O. Olhares em foco: tencionando silenciamentos. *In:* SOUZA, Beatriz de Paula (Org). **Orientação a queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SCHEFFER, R. **Teorias de Aconselhamento**. São Paulo: Atlas, 1986.

SOUZA, B. P.; SOBRAL, K. R. Características da clientela da Orientação à Queixa Escola. *In:* SOUZA, Beatriz de Paula (Org). **Orientação a queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p.119-137.

SOUZA, B. P. **Orientação à Queixa Escolar**. 1ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2007.

SOUZA, B. P. Apresentando a Orientação à Queixa Escolar. *In:* SOUZA, Beatriz de Paula (Org). **Orientação a queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 97-119.

SOUZA, B. P. Funcionamento escolares e a produção escolar e sofrimento. *In:* SOUZA, Beatriz de Paula (Org). **Orientação a queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p.241-279.

SOUZA, B. de P. Orientação à queixa escolar: considerando a dimensão social. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 312-319, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 maio. 2019.



STEIN, L. M. TED: **Teste de Desempenho Escolar**. 1ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1994.

PONDE, D. Z. F. O conceito de medo em Winnicott. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 82-131, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679432X2011000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 jun. 2018.



RESIDÊNCIAS TERAPÊUTICAS E O CUIDADO PELA VIA DA LIBERDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Natália Fernandes Gonçalves⁵²⁴

Josiane Camila Ferreira do Espírito Santo⁵²⁵

João Henrique de Sousa Santos⁵²⁶

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência de estágio no Serviço Residencial Terapêutico - SRT, localizado no município de Belo Horizonte, bem como discutir as contribuições do trabalho do Acompanhante Terapêutico – AT na formação em Psicologia. Trata-se de um serviço que compõe a Política Nacional de Saúde Mental, que traz consigo a ruptura da lógica manicomial como tratamento do sujeito em sofrimento psíquico, e tem como objetivo a reinserção social dos egressos de internações de longa data em hospitais psiquiátricos, visando a melhora da qualidade de vida dos sujeitos. O serviço residencial terapêutico, configurando-se como espaço de moradia, busca a promoção da autonomia, reinserção social e pertencimento ao ambiente doméstico e comunitário. O trabalho consiste na elaboração de um Projeto Terapêutico Singular (PTS), visando a promoção da qualidade de vida, fortalecimento de vínculo familiar, reinserção social, pertencimento a casa, construção de autonomia e, sobretudo, a desmistificação de estigmas da loucura, ampliando as variáveis terapêuticas e proporcionando aos moradores ferramentas eficazes na construção de habilidades. A prática tem possibilitado a visualização da construção, com o morador, de identidades perdidas e violadas nos anos de internação. Nos projetos já elaborados percebe-se a importância de um movimento para a ressignificação dos papéis familiares dos moradores dentro da residência e o fortalecimento de vínculo familiar externo como algo fundamental para o bem-estar, apropriação do espaço e identidade do morador. As ações realizadas são articuladas para que toda equipe, juntamente com os moradores, participe. Vale destacar que referente à formação em Psicologia, a prática no SRT como AT proporciona a aproximação de estratégias necessárias, como a reinserção social e territorialização, e um pensar criticamente, produzindo a desconstrução da lógica manicomial, pressuposto coerente com a formação do profissional de Psicologia na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Reforma Psiquiátrica; Residência Terapêutica; Saúde Mental; Formação profissional.

REFERÊNCIAS

ARGILES, C. T. L., KANTORSKI, L. P., WILLRICH, J.Q., ANTONACCI, M.H., COIMBRA, V.C.C. Redes de sociabilidade: construções a partir do serviço residencial terapêutico. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 18, n. 7, p. 2049-2058, 2013.

524 Estudante de Psicologia do UniBH. Acompanhante Terapêutico no Serviço Residencial Terapêutico de Belo Horizonte. Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH. E-mail: nataliafg96@yahoo.com.br

525 Estudante de Psicologia do Pitágoras. Acompanhante Terapêutico no Serviço Residencial Terapêutico de Belo Horizonte. Faculdade Pitágoras. E-mail: josy.cami28@gmail.com

526 Doutorando em Psicologia na UFMG. Professor de Psicologia no UniBH. Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH. E-mail: jhsousasantos@gmail.com



BRASIL. Ministério da Saúde. **Residências terapêuticas: o que são, para que servem**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 106, de 11 de fevereiro de 2000**. Dispõe sobre a criação e regulamentação das residências terapêuticas para portadores de transtornos mentais. Diário Oficial da União, 2000.

MOREIRA, M. I. B., CASTRO-SILVA, C. R. Residências terapêuticas e comunidade: a construção de novas práticas antimanicomiais. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 3, p. 545-553, 2011.

SZTAJNBERG, T.K., CAVALCANTI, M.T. A arte de morar... na Lua: a construção de um novo espaço de morar frente à mudança do dispositivo asilar para o serviço residencial terapêutico. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 13, n. 3, p. 457-468, 2010.



REVISÃO ENTRE PARES: UMA IMPORTANTE METODOLOGIA PARA APERFEIÇOAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Vanelle Rodrigues Fonseca⁵²⁷

Carla Patrícia Martins Cardoso⁵²⁸

RESUMO

Introdução: O programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família tem possibilitado a formação teórico, prática e crescimento profissional dos residentes. Sendo esperado que seus egressos possuam postura e atuação diferenciada nos serviços ofertados pelo SUS (LOBATO, 2010). Evidencia-se assim a necessidade da utilização de ferramentas que propiciem a reflexão crítica, discussões teóricas, avaliação e aquisição de novos conhecimentos. A metodologia de revisão entre pares, também conhecida como *peer review*, constitui uma modalidade de aprendizagem colaborativa, que tem como foco o processo de avaliação e reflexão crítica da prática vivenciada pelos pares em seu cenário de atuação. Esta ferramenta tem como objetivo o desenvolvimento contínuo do desempenho dos profissionais e melhoria da qualidade do cuidado nos serviços de saúde (SILVÉRIO, 2008). O presente trabalho visa relatar a experiência da utilização da revisão entre pares por psicólogos e as conquistas advindas através do aperfeiçoamento da prática. **Metodologia:** A revisão entre pares foi utilizada por quatro psicólogos da Residência Multiprofissional em Saúde da Família, no período de março de 2018 a maio de 2019. Foram realizados encontros semanais, com duração de duas horas. Nestes encontros foram elencados temas relacionados às dificuldades encontradas em suas atuações profissionais e posteriormente foram realizados estudos e discussões. **Resultados e Discussão:** Através do uso da revisão entre pares foi possível perceber a importância de criação de espaços de discussões teóricas e práticas entre profissionais. Sendo que, a referida metodologia viabiliza melhora da performance profissional e do cuidado em saúde prestado. Espera-se ainda alcançar o esgotamento dos questionamentos e dificuldades inicialmente elencadas pelos profissionais. **Conclusão:** A revisão entre pares é uma valiosa ferramenta para a melhoria da prática profissional, pois oportuniza espaços de discussões teóricas e práticas e aquisição de novas aprendizagens. Propiciando o cuidado em saúde de qualidade e condizente com a realidade da população assistida.

PALAVRAS-CHAVE:

Revisão pelos pares; Saúde da família; Equipe multiprofissional.

527 Psicóloga graduada pelas Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros-MG. Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: vaneller@hotmail.com

528 Psicóloga especialista em Saúde da Família pelo Programa de Residência Multiprofissional da UNIMONTES e especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela UNIMONTES. Atualmente é psicóloga da Prefeitura de Montes Claros-MG e exerce a função de preceptora da Residência Multiprofissional em Saúde da Família. Secretaria de Saúde do Município de Montes Claros. E-mail: carlamartinns@yahoo.com.br



REFERÊNCIAS

LOBATO, Carolina Pereira. **Formação dos trabalhadores de saúde na residência multiprofissional em saúde da família: uma cartografia da dimensão política** [tese]. Londrina (PR): Universidade Estadual de Londrina. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva; 2010.

SILVÉRIO, João Batista. **Programa de educação permanente para médicos de família**. Revista Médica, Minas Gerais, v.8, pag. S60-S66, 2008.



RODAS DE CONVERSA COM ADOLESCENTES NO PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA: EXPERIÊNCIA ESTÁGIO PSICOLOGIA

Aline Ottoni M. N de Lima⁵²⁹

Flávia Lemos Abade⁵³⁰

RESUMO

As Rodas de Conversa têm sido muito utilizadas em projetos de pesquisa e como instrumento de intervenção em Psicologia, por promover o diálogo e através dele trocas de experiência, reflexões conjuntas, elaborações e criação de estratégias de enfrentamento de questões cotidianas vividas pelo grupo. Na experiência de estágio básico apresentada o objetivo principal foi desenvolver habilidades e competências básicas para a atuação no campo da Psicologia, considerando contexto brasileiro e centralidade dos Direitos Humanos utilizando Rodas de conversa como instrumento de intervenção. Seguimos os princípios da educação participativa visando gerar conhecimento, refletir sobre esse conhecimento e promover uma atitude ética para a prática profissional e para a vida. Participaram do estágio 30 estudantes de Psicologia e 60 adolescentes (15 a 17 anos) matriculados em instituição pública de ensino profissionalizantes em BH. Para construção das rodas de conversa foram utilizados: entrevistas; observações; pesquisa bibliográfica; planejamento de atividades. Na prática, estudantes do curso de Psicologia fizeram entrevista e observação em salas de aula para levantamento de demanda, definiram temas geradores para construção das Rodas de Conversa, a saber: Depressão, Projeto de Vida, Violência Escolar, Respeito o desafio era estabelecer relação entre estes temas e os Direitos Humanos e reconhecê-los parte de um contexto mais amplo: Direitos Humanos (DH). Consideramos que as rodas de conversa constituíram em lugar de fala para os adolescentes onde pudessem se expressar e serem ouvidos à luz de sua própria experiência e condição de cidadãos e seres humanos e pensarem estratégias de superação das problemáticas vividas por eles. Avaliamos que também os estagiários refletiram sobre os temas à luz do tema central Direitos Humanos, além de terem tido oportunidade de experienciar a realidade da escola pública e com isto desenvolver habilidades e competências básicas para a atuação no campo da Psicologia além de postura ética para a vida.

PALAVRAS CHAVE:

Roda de conversa; Adolescentes; Direitos humanos; Estágio básico; Escola pública.

529 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000) e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (2009). Atualmente é professora da Faculdade Una de Contagem - MG e professora do CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Escolar e processos de aprendizagem (educacionais) e Psicologia Clínica. Atualmente atua principalmente nos seguintes temas: família, educação, Psicologia, formação de professores, aprendizagem, grupos. Centro Universitário Una. E-mail: aline.nunes@prof.una.br

530 Docente no Ensino Superior e Gestora Acadêmica. Doutora em Psicologia pela PUC-MINAS (2016). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005) e graduada em Psicologia pela mesma universidade (2002). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social e processos grupais. Já desenvolveu Oficinas no âmbito da saúde, educação e comunidades. Foi professora e coordenadora do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA, bem como assessora acadêmica da reitoria. Atualmente desenvolve pesquisas com os temas: grupos no contexto do SUAS; cidadania e direitos humanos. É consultora para programas sociais e diretora acadêmica da área da saúde. Ânima Educação. E-mail: flavia.abade@animaeducacao.com.br



REFERÊNCIAS

AFONSO, L. e ABADE, F. Para reinventar as rodas: rodas de conversa sobre cidadania e direitos humanos. Belo Horizonte: RECIAM. Publicação Eletrônica, 2008. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/lapip/PARA_REINVENTAR_AS_RODAS.pdf

LINHARES, R. A contribuição da Psicologia histórico-cultural de Vigotski para a formação de professores e a educação escolar. *Inter - Ação*, [s. l.], v. 39, n. 3, p. 685–686, 2014. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=116530702&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 15 maio. 2020.

MAHONEY, A. A., ALMEIDA, Larinda R. e ALVARENGA. A. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psic. Educação*. São Paulo, 2005.

MARTINEZ, Albertina Mitjáns. *Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira*. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)*, Campinas, v. 13, n. 1, p. 169-177, June 2009.

REGO, Tereza Cristina. *Vygotsky- Uma perspectiva histórico cultural da educação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.



SAÚDE MENTAL DA MULHER EM FOCO

Andrea Alves de Oliveira⁵³¹

RESUMO

Introdução: Este trabalho trata-se da atuação prática com articulação teoria e prática profissional. A grupoterapia é uma performance com êxito em quatro ESFs (estratégia de saúde da família) em Manhuaçu-MG. As mulheres que são encaminhadas pelo médico, enfermeira ou profissional do NASF-AB para atendimento psicoterápico, passam pela entrevista e anamnese com a psicóloga de apoio a ESF, e se o caso for adequado para atendimento grupal já são inseridas no novo grupo. Justifica-se a relevância desta atuação por ser terapêutica, onde as mesmas têm um espaço para expor seus problemas, partilhar soluções e respostas aos sofrimentos vivenciados, onde re-significam suas formas de perceber o mundo e constroem novos relacionamentos. **Objetivos:** Alcançar uma melhora significativa diante do seu adoecimento psíquico; emancipar-se como mulher, ampliar sua visão de mundo e valorizar sua saúde; e mudar o foco de sua vivência para sobressair à saúde mental. **Metodologia:** Os encontros do grupo são mensais e cada grupo é composto por no máximo 10 mulheres, muitas delas com transtorno depressivo desencadeado por conflitos familiares. Também tem os grupos das ansiosas. As atividades são variadas e através do compartilhamento de suas ideias e crenças por mediação de recursos como: gravuras, frases, vídeos e experiências vividas, entre outras, tudo que auxilia na mudança interior. Em alguns momentos elas recebem atendimentos individualizados também. **Resultados:** A grupoterapia tem sido uma estratégia dentro da atenção básica que tem contribuído muito para ampliação da saúde mental das participantes. **Discussão:** O grupo tem lhes ajudado a criar esperanças, a olhar diferente para as circunstâncias, a buscar forças nas fraquezas, a elevar a autoestima, projetar um futuro melhor, a ficar mais saudável física e mentalmente. **Conclusão:** Através da grupoterapia as mulheres apresentaram uma melhora significativa diante do seu adoecimento psíquico, e tem prevenido o adoecimento no caso das com labilidades emocionais.

PALAVRAS-CHAVE:

Grupoterapia; Saúde mental; Prevenção.

REFERÊNCIAS

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

531 Psicóloga no Núcleo Ampliado de Saúde da Família na Atenção Básica - Manhuaçu - MG, Brasil. Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACIG. E-mail: andrea.alvesoliveira@yahoo.com.br



SAÚDE MENTAL DOS PSICÓLOGOS(AS) EM FORMAÇÃO: APONTAMENTOS DE UMA PESQUISA NO INTERIOR DE MINAS GERAIS

Thulio de Souza Barroso⁵³²

Míriam Lopes Gomes⁵³³

Alcilene Lopes de Amorim Andrade⁵³⁴

RESUMO

Este trabalho aborda a saúde mental do graduando do curso de Psicologia, tendo em vista que outros estudos realizados revelam índices consideráveis de prevalência para sintomas de ansiedade, estresse e depressão em universitários. O objetivo do estudo foi identificar o perfil do acadêmico do referido curso em uma faculdade do interior de Minas Gerais, no que diz respeito à apresentação de sintomas psicopatológicos e/ou psicopatologias já diagnosticadas, bem como suas possíveis consequências na vida universitária. Para tanto, realizou-se pesquisa exploratória de abordagem quantitativa, cadastrada na Plataforma Brasil e autorizada pelo Parecer 2.506.958, utilizando como instrumentos de coleta, questionário e entrevista gravada. Os resultados revelam o número expressivo de estudantes que possuem e desenvolveram algum sintoma psicopatológico, relacionado principalmente à ansiedade, estresse e depressão; apontando para a importância do cuidado em saúde mental do aluno durante sua formação acadêmica. Salienta-se que a garantia de um bom desempenho escolar também envolve a observação de variáveis psicológicas do acadêmico, uma vez que as atividades na universidade podem colocá-lo em contato com fatores estressores específicos. Constatou-se que o atendimento psicoterápico contribuiria de forma preventiva aos sintomas psicopatológicos em alunos do curso, pois a saúde mental do aspirante a psicóloga(o) deve ser priorizada pelas instituições de ensino e pelo próprio acadêmico. Ademais, os dados obtidos são relevantes para a instituição pesquisada e sobretudo para os acadêmicos porque poderão contribuir para que os professores planejem suas tarefas, desenvolvendo metodologias diferenciadas, considerando as especificidades dos alunos com as dificuldades supracitadas. Pode-se afirmar ainda a necessidade de ser criado um campo de atendimento psicoterápico, com acolhimento e orientação específicos para o futuro profissional da Psicologia, considerando a indiscutível importância da sua saúde mental para o “fazer psi”.

PALAVRAS-CHAVE:

Saúde Mental; Saúde Mental de Universitários; Atendimento Psicoterápico.

532 FUPAC TO, Psicólogo. E-mail: thuliobarroso@gmail.com

533 FUPAC TO, Graduada em Psicologia. E-mail: miriamlopespsi@gmail.com

534 FUPAC TO, Psicóloga, pós-graduada em Psicologia clínica, Mestre em Educação, Pesquisadora de Psicologia Escolar e da Educação, Professora do curso de Psicologia. E-mail: alcileneaguia@hotmail.com



REFERÊNCIAS

CARDOSO, L.; GALERA, S. A. F. **O cuidado em saúde mental na atualidade**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 687-691, jun. 2011. Disponível em: Acesso em: 18 nov. 2017

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MONDARDO, Anelise Hauschid; PEDON, Elisangela Aparecida. **Estresse e desempenho acadêmico em estudantes universitários**. 2005. Revista de Ciências Humanas, Ano VI, n. 6. Disponível em: <<http://www.revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/262/480>>. Acesso em: 13 outubro 2017.

SANTINI, T. **Sintomas de estresse em concluintes do curso de Psicologia de uma faculdade privada do norte do País**. Mudanças – Psicologia da Saúde, 2013



SESSÃO CLÍNICA EM PSICANÁLISE

Dannielle Starling⁵³⁵

Camila Fardin Grasseli⁵³⁶

Maria Inês Etrusco Maciel⁵³⁷

Erika Vidal de Faria⁵³⁸

RESUMO

A “Sessão Clínica em Psicanálise” tem como objetivo promover a articulação de conceitos fundamentais da teoria psicanalítica e a prática clínica. Considerando a importância da construção de práticas pedagógicas inovadoras, apresentamos este projeto como um lugar privilegiado de conexão entre teoria e clínica, e de interlocução com outras áreas da organização cultural humana. O método de construção e de discussão de casos clínicos vêm se revelando um potente instrumento de formação, além de melhorar a qualidade clínica do trabalho (VIGANÓ, 2010). Através do debate clínico, os alunos encontram um fórum privilegiado para formalizar, expor, confrontar e avaliar sua prática psicológica e conhecimento teórico. Desde o empreendimento freudiano, a teoria psicanalítica e sua técnica vêm sendo aplicadas a várias áreas de atuação do psicólogo, tais como: as políticas públicas, o campo do direito, Psicologia hospitalar, saúde mental, entre outros. Isso não significa que a psicanálise se apresente como um saber total que pode dar conta das diferentes manifestações, mas que ela opera a partir de uma ética e de um sistema conceitual que pode oferecer valiosas contribuições nas discussões de uma série de temas ligados à clínica psicológica contemporânea e aos sintomas de nossa época. Partindo do estudo da obra de Freud, pretende-se estimular o debate não dogmático das ideias psicanalíticas e suas implicações em diferentes contextos, mas, principalmente, suas consequências clínicas. Este trabalho tem viabilizado a transmissão do saber da clínica psicológica e psicanalítica, isto é, sua contribuição para pensar o comportamento e a subjetividade, bem como as especificidades de sua prática na contemporaneidade. Portanto, a “Sessão Clínica de Psicanálise” visa articular a teoria às manifestações tanto clínicas quanto sociais, na tentativa de elaborar um saber que seja atrelado à Psicologia e à psicanálise, mas que nos indique a presença da singularidade nos arranjos subjetivos.

PALAVRAS-CHAVE:

Conexão teoria-clínica; Prática psicológica; Psicanálise.

535 Psicóloga clínica e psicanalista, Professora e Supervisora do estágio de clínica do Centro Universitário UNA, Doutora em literatura comparada pela UFMG, mestre em literatura e psicanálise pela UFMG, coordenadora do projeto de extensão sessão clínica em psicanálise desde fevereiro de 2017. Coordenadora do grupo de estudos “O feminino no cinema e na literatura – uma articulação com a Psicanálise”. E-mail: dannirstarling@gmail.com;

536 Psicóloga, mestre em Psicologia (PUC minas), Especialista em teoria psicanalítica (UFMG), docente do curso de Psicologia do Centro Universitário UNA. E-mail: camila.grasseli@prof.una.br;

537 Psicóloga clínica, Mestre em Psicologia social (UFMG), professora do Centro Universitário UNA. E-mail: inesetrusco@terra.com.br

538 Psicóloga clínica. Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UNA (2018), mestranda em estudos Psicanalíticos (UFMG). Atuação de trabalho e pesquisa em psicanálise. Foi extensionista do projeto de extensão “Sessão Clínica em Psicanálise” (UNA). Co-coordenadora do grupo de estudos “O feminino no cinema e na literatura – uma articulação com a Psicanálise”. E-mail: Erikavidalfaria@gmail.com.



REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1996) **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago.

FIGUEIREDO, A. C. (2004) A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, 7(1). São Paulo: Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, p.75-86.

VIGANÓ, C. (2010) A construção do caso clínico. **Opção Lacaniana on line**, ano I, março de 2010. Disponível em: www.opcaolacanianana.com.br.



SOBRECARGA DE CUIDADORES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL

Patrícia de Cássia Carvalho Campos⁵³⁹

Elizangela de Jesus Santos⁵⁴⁰

Estefane Thaís Moises Microni⁵⁴¹

Millena Karoline Gomes da Silva⁵⁴²

RESUMO

Introdução: A sobrecarga de cuidadores de crianças e adolescentes com deficiência é uma realidade e torna-se um desafio para os serviços de saúde. Neste sentido, o psicólogo, por meio de intervenções psicossociais em grupo, pode contribuir para que os membros das famílias ressignifiquem sua noção de self; construam estratégias de enfrentamento para redução da sobrecarga e estresse associados à rotina de cuidados; como também, para a promoção da saúde e o desenvolvimento da autonomia, da dignidade, e respeito a criança e adolescente com deficiência. **OBJETIVOS:** Realizar intervenção psicossocial que promova a autorreflexão e a redução da sobrecarga de cuidadores de crianças e adolescentes com deficiência. **Metodologia:** Participaram das intervenções psicossociais cerca de 10 cuidadores que frequentavam a sala de espera de uma instituição de saúde para crianças e adolescentes do município Belo Horizonte. Foram realizados 10 encontros semanais com duração média de 90 minutos, em que as principais técnicas utilizadas foram “atividades psicoeducativas”, “dinâmicas de grupo” e “roda de conversa”. **Resultados obtidos:** Por meio das intervenções psicossociais foi possível: desenvolver um ambiente de acolhimento na sala de espera de uma instituição de saúde; promover o fortalecimento dos vínculos dos cuidadores entre eles e com a instituição; proporcionar um momento de autorreflexão para reconhecimento das potencialidades e limites dos cuidadores; provocar reflexão sobre os fatores psicológicos, sociais, econômicos, políticos e éticos que perpassam o cuidado; discutir sobre os direitos da pessoa com deficiência. **Conclusões:** Verificou-se que a intervenção psicossocial no âmbito da sala de espera promove estratégias para: redução da sobrecarga do cuidador; autorreflexão e ressignificação do self do cuidador; estabelecimento da ética do cuidado si; melhoria na qualidade da rotina de cuidados da pessoa com deficiência; rompimento de estereótipos, estigmas e preconceitos em relação a pessoa com deficiência; defesa e garantia dos direitos de crianças e adolescentes com deficiência.

PALAVRAS-CHAVE:

Sobrecarga do cuidador; Cuidador familiar; Intervenção psicossocial.

539 Graduada em Psicologia pela PUC-MG; mestrado em Psicologia/Desenvolvimento Humano pela UFMG e especialização em Administração Pública pela Fundação João Pinheiro. Tem interesse e experiência na área de Políticas Públicas, Desenvolvimento Humano, Intervenção Psicossocial e Psicologia Cognitiva-Comportamental. E-mail: patricia.carvalho@kroton.com.br

540 Discentes do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras – Unidade Venda Nova. Faculdade Pitágoras Minas Gerais- Venda Nova BH. E-mail: elizangelajsantoos@gmail.com

541 Discentes do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras – Unidade Venda Nova. Faculdade Pitágoras Minas Gerais- Venda Nova BH. E-mail: estefanethaismm@gmail.com

542 Docente do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras – Unidade Venda Nova e Analista de Políticas Públicas na Política de Assistência Social da Prefeitura de Belo Horizonte. Faculdade Pitágoras Minas Gerais- Venda Nova BH. E-mail: millenak_1998@hotmail.com



REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

MANOEL, Maria Fernanda *et al.* As relações familiares e o nível de sobrecarga do cuidador familiar. **Escola Anna Nery**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 346-353, 2013.

SARRIERA, Jorge. Castellá., SILVA, Marli. Appel., PIZZINATO, Adolfo., ZAGO, Cristiane. Ungaretti., MEIRA, Patrícia. Intervenção psicossocial e algumas questões éticas e técnicas. *In*: SARRIERA, Jorge. Castellá. **Psicologia comunitária: Estudos atuais**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2004, 2. ed., p. 19-41.



SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA

Beatriz Martins Sousa Costa⁵⁴³

Michele Giovana do Amaral Andrade⁵⁴⁴

Patrícia Fátima Mendes Guedes⁵⁴⁵

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo investigar os motivos que podem levar o adolescente a cometer suicídio. No intuito de atingir este objetivo buscou-se identificar os casos de suicídio na adolescência veiculados na mídia digital em Minas Gerais; identificar o perfil do adolescente que cometeu suicídio, apontar os métodos utilizados por adolescentes para cometer suicídio, e ainda, apontar a forma de atuação psicológica diante do suicídio. Utilizou-se da pesquisa exploratória por permitir às pesquisadoras mais familiaridade com tema abordado, e, também, da pesquisa documental para investigar a ocorrência de casos de suicídio e os métodos utilizados por adolescentes na faixa etária de 12 a 18 anos. O referencial teórico consultado consta das bases científicas Scielo, Pepsic, e outras, como DATASUS que abordam sobre o tema da pesquisa. A coleta de dados foi realizada por meio da pesquisa de notícias sobre suicídio em jornais online nas regiões e Estados brasileiros. De acordo com os resultados foi possível concluir que este fenômeno ainda é considerado tabu, devido a ocultação de informações por parte da família e hospitais para o registro da certidão de óbito, na maioria dos casos as mortes por suicídio não são registradas por este fenômeno. Verifica-se que o suicídio na adolescência tem chamado a atenção devido ao crescente número de casos que vem ocorrendo nos últimos anos. As causas podem estar relacionadas a questões sociais, individuais e aos conflitos característicos desta fase. A Psicologia enquanto ciência e profissão, tem importante papel nesta pesquisa ao contribuir com informações para alertar a sociedade e propor meios eficazes de prevenção.

PALAVRAS-CHAVE:

Adolescência; Suicídio; Psicologia; Mídia digital.

543 Graduada em Psicologia Unileste – Universidade do Leste de Minas Gerais. Estágio Supervisionado Específico III – Núcleo de Atividades Práticas Psicológicas (NAPP). Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. E-mail: beatrizmcosta@gmail.com

544 Graduada em Psicologia Unileste – Universidade do Leste de Minas Gerais. Estágios realizados: Climamp – Clínica Monlevade de Medicina e Psicologia LTDA. CRAS – Centro de Referência de Assistência Social. CAPS – Centro de Atenção Psicossocial. Modalidade CAPS I. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. E-mail: beatrizmcosta@gmail.com

545 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Docente do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Psicóloga da Prefeitura Municipal de Coronel Fabriciano. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. E-mail: beatrizmcosta@gmail.com



TENSÕES ENTRE DEMANDAS COMUNITÁRIAS E RESPOSTAS DO PODER PÚBLICO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL CRÍTICA

Izabella Duarte Santos⁵⁴⁶

Sarah Stéfani Santos Souza⁵⁴⁷

Távila Temponi Rosa⁵⁴⁸

Andréa Moreira Lima⁵⁴⁹

RESUMO

A Psicologia social cada vez mais se faz presente nas políticas públicas e tem contribuído para promover a emancipação de indivíduos e grupos frente à violação de direitos. Ressalta-se que a prática do (a) profissional de Psicologia deve ser ética, crítica e estar respaldada pelos direitos humanos (BOCK, 2003). As Políticas Públicas analisadas no Estágio de Psicologia e Políticas Públicas englobaram as áreas da Assistência Social, Saúde, Segurança Pública e Direitos Humanos. O trabalho se justifica pela importância de buscar nos relatos dos profissionais entrevistados e moradores, as evidências dos desafios encontrados na instituição e na ocupação com o intuito de prevenir situações de vulnerabilidade social. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa foi: a) analisar o campo de atuação do(a) psicólogo(a) nas políticas públicas e seus desafios contemporâneos; b) compreender a inserção da Psicologia nas políticas públicas, identificando as especificidades, avanços e desafios dessa prática e c) analisar a relação entre as demandas da sociedade e as respostas construídas pelas políticas públicas. Portanto, o trabalho foi desenvolvido a partir do mapeamento da regional norte de Belo Horizonte, de entrevistas semi-estruturadas realizadas com psicólogos (as) do Bairro Zilah Spósito e moradores da Ocupação Izidora, bem como por meio de reuniões sistemáticas junto a agentes públicos, lideranças comunitárias, movimentos sociais e professoras universitárias, com o intuito de levantar as práticas desenvolvidas pela Psicologia junto às equipes multiprofissionais, bem como identificar as principais demandas da comunidade e, principalmente, possíveis encaminhamentos pelo serviço público. A partir das atividades desenvolvidas, foi possível encontrar entre os(as) moradores(as) da ocupação várias necessidades psicossociais, devido à vulnerabilidade social e à violação de direitos básicos previsto na Constituição Federal Brasileira de 1988 (CRUZ; GUARESCHI, 2010). Ressalta-se a importância de um trabalho continuado de promoção da dignidade humana e de emancipação subjetiva e social baseado nas contribuições de uma Psicologia Social Crítica.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia Social Crítica; Políticas Públicas; Ocupação Izidora.

546 Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA. Centro Universitário. E-mail: izabelladuartesantos@gmail.com

547 Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA. Centro Universitário. E-mail: tavilatemponirosa@yahoo.com.br

548 Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNA. Centro Universitário. E-mail: tavilatemponirosa@yahoo.com.br

549 Doutora em Psicologia Social pela UFMG, com período de doutoramento no Centro de Estudo Sociais da Universidade de Coimbra/Portugal. Professora do Centro Universitário UNA. Atua nos seguintes temas: Gênero, Feminismos, Sexualidades, Diversidade sexual, Direitos Humanos e Políticas Públicas. Centro Universitário. E-mail: andrea.m.lima10@gmail.com



REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. B. (org). **Psicologia e o Compromisso Social**. São Paulo: Cortez, 2003.

CRUZ, L. R. da; GUARESCHI, N (Org.). **Políticas Públicas e Assistência Social: diálogo com as práticas psicológicas**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.



TENTATIVAS DE SUICÍDIO EM ADOLESCENTES: UM OLHAR SOBRE O APEGO

Natália Barcelos Cardoso⁵⁵⁰
Isabella Amaral de Oliveira⁵⁵¹
Vilma Valéria Dias Couto⁵⁵²

RESUMO

Introdução: Tendo a produção do conhecimento como uma das ênfases do curso de Psicologia da UFTM, discentes estão desenvolvendo pesquisas de relevância social. O fato de o suicídio ser a terceira causa de morte entre jovens brasileiros e o seu aumento em ritmo mais rápido na juventude (WAISELFISZ, 2014), mostram a relevância de investigar a tentativa de suicídio em adolescentes, importante fator de risco para suicídio. A tentativa de suicídio é um comportamento autoagressivo com consequências não fatais, acompanhado de evidências de que a pessoa pretendia morrer (APA, 2003). Problemas de natureza interpessoal são frequentemente relatados como razões para os adolescentes tentarem suicídio. Em atenção a este aspecto e apoiados na Teoria do Apego (BOWLBY, 1989), desenvolvemos uma pesquisa visando analisar como adolescentes com tentativa de suicídio percebem e avaliam os vínculos parentais. **Metodologia:** Pesquisa qualitativa, do tipo estudo de casos, conduzida com adolescentes que tentaram suicídio e em tratamento no CAPSi de Uberaba. Cinco adolescentes já foram entrevistadas, sendo dois casos selecionados para apresentação. **Resultados e Discussão:** Caso 1, sexo feminino, 14 anos, ensino fundamental. Foram duas tentativas de suicídio no período de um ano, além de automutilação. Quanto às figuras parentais, percebe-se uma relação de dependência com a figura materna e o distanciamento do pai. Caso 2, sexo masculino, 17 anos, ensino médio. Realizou-se uma tentativa de suicídio há menos de um ano. Observa-se uma relação de distanciamento das figuras materna e paterna, mostrando um isolamento. Percebe-se nestes casos a existência de um vínculo inseguro relacionado à mãe, sendo caracterizado por um sentimento de ansiedade, desamparo e solidão presentes na relação destes. Constatou-se a presença de um vínculo ansioso e outro evitativo, nos respectivos casos. **Considerações Finais:** O estudo vem fornecendo elementos para entender as condições de vinculação que podem favorecer o engajamento de adolescente em comportamento autoagressivo.

PALAVRAS-CHAVE

Tentativa de suicídio; Adolescentes; Apego.

550 Discentes do curso de Psicologia da UFTM. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: nahbcardoso995@gmail.com

551 Discentes do curso de Psicologia da UFTM. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: behamaraal@gmail.com

552 Docente do departamento de Psicologia da UFTM. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: vilma.couto@uftm.edu.br



REFERÊNCIAS

APA-AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Practice guideline for the assessment and treatment of patients with suicide behavior**. Em J Psychiatry, v. 160, n. 11, 2003.

BOWLBY, J. Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989 (Original publicado em 1988).

WAISELFISZ, J. J. (2014). **Mapa da violência 2014: Os jovens do Brasil**. Brasília: Secretaria Nacional da Juventude: FLACSO, 2014. Disponível em: http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/mapa2014_jovensbrasil.pdf. Acessado em: 5 out. 2015.



TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL E ANSIEDADE: EXPERIÊNCIA PRÁTICA DE EXTENSÃO

Joana Cardoso Lopes Venâncio⁵⁵³

Francesca Stephan Tavares⁵⁵⁴

RESUMO

Os transtornos de ansiedade são caracterizados pela presença de medo e ansiedade em níveis desproporcionais frente às situações de vida. Esses comportamentos e reações são desadaptativos, persistentes e levam a prejuízos sociais, de processamento de informação e emocionais. São considerados os transtornos mentais mais prevalentes na população geral, com taxas entre 5,6% e 18,1%, contendo especificidades quanto a natureza do objeto ou situação que estimulam a ansiedade, o medo, a atitude de esquivar e a construção cognitiva relacionada. Deste modo, apesar de geralmente existirem comorbidades entre eles, a diferenciação dos transtornos de ansiedade se dá pela análise minuciosa de sua natureza e pelo conteúdo das crenças ou pensamentos relacionados. O presente resumo tem como objetivo a exposição do Projeto de Extensão Terapia Cognitivo-comportamental com Foco em Ansiedade – Atendimento Clínico para Ansiosos, realizado pelos alunos do 7º e 9º período de Psicologia da Faculdade Governador Ozanam Coelho. A extensão acontece no Centro de Pesquisas e Práticas em Psicologia Nise da Silveira, situado na própria instituição, localizada na cidade de Ubá, Minas Gerais. A finalidade do projeto é, além de preparar os estagiários para a prática da clínica em terapia cognitivo-comportamental, aplicar os aprendizados à população da região com demandas em ansiedade. A metodologia envolveu encontros de estudos semanais com os temas ansiedade e terapia cognitivo-comportamental, que evoluíram para o atendimento clínico oferecido à comunidade. Nos encontros, foram apresentadas e discutidas as intervenções em ansiedade de acordo com a terapia cognitivo-comportamental. O Projeto de Extensão teve início em 2015, já passaram pelo grupo mais de 15 discentes do curso, e os atendimentos clínicos se iniciaram no primeiro semestre de 2019. Em toda a pesquisa teórica do projeto de extensão, foi possível observar a eficácia da Terapia Cognitivo-comportamental em pacientes com Ansiedade, comprovada a partir dos feedbacks positivos gerados durante os atendimentos ministrados pelos alunos.

PALAVRAS-CHAVE:

Extensão; Terapia cognitivo-comportamental; Ansiedade; Psicologia clínica.

553 Graduada do sétimo período em Psicologia pela Faculdade Governador Ozanam Coelho – FAGOC\Ubá. Tem experiência de Estágio em Psicologia Social, Psicologia Escolar, Saúde Mental e em Triagem e Acolhimento. Participou dos Projetos de Extensão “Grupo de Estudos em Terapia Cognitivo-Comportamental (GEPIA)”, “Grupo de Estudos em Ansiedade e Ansiedade Social”, “Grupo de Tímidos - Terapia Cognitivo Comportamental em Grupo para Ansiosos Sociais”, “A Produção de Instrumentos na Educação Fundamental”, “Terapia Cognitivo-comportamental com Foco em Ansiedade – Atendimento Clínico para Ansiosos” e “A Cidade, suas ciladas e os Modos de Subjetivação no Habitar e Transitar pela Urbe”. Foi monitora nas disciplinas “Teorias e Sistemas Psicológicos - Terapia Cognitivo Comportamental”, “Avaliação Psicológica” e “Teorias e Sistemas Psicológicos – Humanistas e Existenciais” (em andamento), no curso de Psicologia da FAGOC. Participou da Organização do 2º Fórum de Discussão sobre as Políticas de Drogas das Regiões de Saúde de Ubá e Muriaé. Faculdade Governador Ozanam Coelho. E-mail: joanaclv2016@gmail.com

554 Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2004). É mestre e doutora em Psicologia na área de Processo Psicossociais e Saúde pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisadora Membro do NEVAS - Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social (UFJF\CNPq). É docente e orientadora de estágio no curso de Psicologia da Faculdade Governador Ozanam Coelho - FAGOC\Ubá. É membro do Comitê de Ética (CEP) da Faculdade Governador Ozanam Coelho - FAGOC\Ubá e do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Psicologia - FAGOC\Ubá. Foi professora substituta do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora. É psicóloga clínica com especialização em Terapia Familiar Sistêmica e membro da Abratef (Associação Brasileira de Terapia de Família). Docente do Curso de Formação em Terapia Familiar pelo ITF-MG. Psicóloga Clínica. E-mail: francesca.tavares@fagoc.br;



REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5. ed. rev. Porto Alegre: ArtMed, 2014. 992 p. ISBN 978-85-8271-089-0.



TRABALHANDO AS RELAÇÕES E VÍNCULOS FAMILIARES: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA PUC MINAS

Jennifer Antonelle de Moura Vasconcelos⁵⁵⁵

Lorrane Catarina Lima Castro Nascimento⁵⁵⁶

Stella Maria Poletti Simionato Tozo⁵⁵⁷

Tamara Alessandra Santos Gomes⁵⁵⁸

Wellerson Matheus Silva⁵⁵⁹

RESUMO

Este trabalho traz o relato de experiência, com proposta de elaboração reflexiva, das atividades realizadas no “Vincular: Reconstruindo Relações Familiares”, projeto de extensão universitária da PUC Minas, unidade São Gabriel. A metodologia se dá por meio de atendimentos psicoterápicos grupais e atendimentos domiciliares a famílias que vivem em contexto de vulnerabilidade social. A orientação do pensamento sistêmico e a terapia familiar na perspectiva do construcionismo social são a base teórica para a intervenção realizada em duas instituições de Belo Horizonte (MG), a saber: Projeto Providência e Paróquia São Marcos, em parceria com o projeto Sonoro Despertar. No Providência, os encontros grupais e os atendimentos domiciliares foram realizados quinzenalmente, sendo o grupo formado por seis famílias acompanhadas pela instituição. No São Marcos, o grupo multifamiliar ocorria semanalmente, mas em um modelo de grupo aberto, no qual apesar de ocorrer certa rotatividade dos participantes, havia um núcleo de pessoas que se mantia no decorrer dos encontros. Além disso, não foram realizados atendimentos domiciliares nesta instituição. O objetivo da prática foi acolher as demandas trazidas pelas famílias e realizar intervenções a fim de possibilitar que elas percebessem seus recursos e começassem a criar novos padrões relacionais de cuidado e proteção. Os resultados deste trabalho apontaram para uma crescente autonomia dos grupos, bem como a reorganização e reestruturação das relações familiares. A partir do trabalho realizado compreende-se que o trabalho da Psicologia voltada à família precisa contemplar as especificidades culturais e contextuais a fim de acolhê-la em suas particularidades e necessidades, evitando que se reproduzam práticas interventivas discriminatórias. Ressaltamos ainda que a extensão tem muito a contribuir, tanto à sociedade, pela oferta de importantes serviços, quanto aos extensionistas, pelo aprendizado possibilitado pela experiência de encontro com a comunidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Família; Grupo; Vulnerabilidade; Intervenção; Clínica.

555 Graduada em Psicologia pela PUC- Minas, unidade São Gabriel. Atua como psicóloga Clínica na ONG Comunidade em Ação. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - unidade São Gabriel. E-mail: jenniferantonelle@hotmail.com

556 Graduada em Psicologia pela PUC-Minas, unidade São Gabriel. Atua como psicóloga clínica. Faculdade de Psicologia. E-mail: lorranelima.castro@gmail.com

557 Doutora em Psicologia (USP), Professora adjunta da Faculdade de Psicologia da PUC Minas, coordenadora do projeto de extensão “Vincular: Reconstruindo relações familiares”. Grupo extensão projeto Vincular. E-mail: stellatozo@terra.com.br

558 Graduada em Psicologia pela PUC- Minas, unidade São Gabriel. Atua como psicóloga clínica. E-mail: tamaragomespsicologa@gmail.com

559 Graduado em Psicologia pela PUC - Minas, unidade São Gabriel. Atua como psicólogo clínico. E-mail: wellersonmepsi@gmail.com



REFERÊNCIAS

BARRERO, Guillermo Moreno. Família Retalhos: Estudo de caso sobre a estrutura relacional de uma família multiproblemática. 2012. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional de Braga, Braga, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13624/1/Disserta%C3%A7ao%20de%20Mestrado%2c%20Fam%C3%ADlia%20Retalhos%20%28Guillermo%20Moreno%20.pdf>

CARVALHO, I.M.M. de; ALMEIDA, P. H. Família e Proteção Social. São Paulo em Perspectiva, v. 17, n. 2, p. 109-122, 2003.

COSTA, Liana Fortunato; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de; PENSO, Maria Aparecida. O grupo multifamiliar como um método de intervenção em situações de abuso sexual infantil, 2005.

FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. Introdução. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.) Família Brasileira, a base de tudo. 6a ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2004.

GOMES, Mônica Araújo; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p.357-363, 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000200013&lng=en&nrm=iso>. Access on 21 Feb. 2018.

GRANDESSO, Marilene. Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LAHAM, Cláudia Fernandes. Peculiaridades do atendimento psicológico em domicílio e o trabalho em equipe. Psicol. hosp. (São Paulo), São Paulo, v. 2, n. 2, dez. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092004000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 fev. 2018.

LIMA, M.J; ABDALA, M.N.L.; BRAGA, S.C.A. Construindo equipes para o trabalho com multifamílias.. Em: OLIVEIRA, S.M.; GONÇALVES, T.E. (orgs) Famílias e Instituições: enlaces possíveis. Taubaté-SP: Cabral Editora, 2006.

WALSH, Froma. Diversidade e Complexidade nas famílias do Séc. XXI. In: Processos normativos da família: diversidade e complexidade. Editora Artmed, 2016. Disponível em: <http://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/a/m/amostra_1_.pdf>.

WENDT, Naiane Carvalho; CREPALDI, Maria Aparecida. A Utilização do Genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v. 21, n.2, p.302-310, 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000200016&lng=en&nrm=iso>. Access on 24 Feb. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722008000200016>.

USUÁRIOS EM SOFRIMENTO MENTAL: DESAFIOS INTERSETORIAIS A PARTIR DO SUAS

Leonardo Ferreira Souza⁵⁶⁰

Emanuely de Oliveira⁵⁶¹

Flávia Gotelip Corrêa Veloso⁵⁶²

RESUMO

O presente trabalho é fruto do estágio do sexto período do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Betim. Como metodologia utilizamos o relato de experiência decorrentes das visitas domiciliares realizadas a partir do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS/SEMAS/Betim), mais precisamente no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Nesse sentido, visamos refletir sobre as dificuldades que os profissionais deste dispositivo enfrentam nos casos que envolvem usuários em sofrimento mental, especialmente aqueles referenciados no SUAS e não no SUS, ampliando os desafios de acompanhamento segundo os princípios da intersectorialidade. Para tanto, tomamos como experiência três visitas domiciliares. Na primeira, um senhor de meia idade que já teve problemas com bebidas e esteve internado, sem vínculos familiares aparentes e que relata não poder entrar em casa por a chave está com a mãe que já falecera; no segundo um senhor que apresenta delírios religiosos e que não pode sair de casa por Deus não permitir e acumular vários objetos, inclusive urina engarrafada; e o terceiro, onde uma senhora cuida de dezenas de cachorros em sua casa, mesmo sem ter condições, acumula diversos objetos e apresenta possíveis quadros de delírio e alucinação. Frente aos casos, nos deparamos com a complexidade da intervenção com sujeitos em sofrimento mental a partir de um referencial inusitado que é a política do SUAS. Os casos ampliaram nosso olhar sobre saúde mental e seguridade social e nos instigaram quanto aos desafios da intervenção em rede e dilemas da adesão dos mesmos aos serviços especializados. Além disso, o contato com esse fenômeno a partir do SUAS revela não apenas essas subjetividades, mas também a comunidade em seu entorno e seu potencial na garantia de direitos fundamentais básicos a essas pessoas.

PALAVRAS-CHAVE:

SUAS; Saúde mental; Intersectorialidade.

560 Possui graduação e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007/2011). Atualmente é docente no curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras Betim e Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG/FELUMA). Docente no curso de pós-graduação em Psicologia Hospitalar da Santa Casa BH. Conselheira da XV Plenária do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais e é conselheira coordenadora do CREPOP - Centro de Referência em Psicologia e Políticas Públicas. Foi coordenadora do Programa de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas do Governo do Estado de Minas Gerais (SEDS/SEDPAC). Foi vice-coordenadora do Instituto ALBAM onde desenvolveu e facilitou grupos reflexivos de gênero voltados para homens e mulheres em situação de violência doméstica e intrafamiliar. Tem experiência em Psicologia, atuando na prática clínica e intervenção psicossocial principalmente nos seguintes temas: relações de gênero, masculinidade, violência contra a mulher, direitos humanos, migração, trabalho escravo, tráfico de pessoas e intervenção comunitária. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: leonardoferreira-s@hotmail.com

561 Emanuely de Oliveira, que atualmente reside em Igarapé e é aluna do sexto período do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Betim. Possui experiência nos estágios curriculares básicos I, II e III onde, respectivamente, atuou em uma escola da região metropolitana de Belo Horizonte, a escola descrita neste trabalho e num CRAS de Betim. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: s@hotmail.com

562 Leonardo Ferreira Souza, nascido em Belo Horizonte e atualmente reside em Igarapé. Aluno do sexto período do curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de Betim e estagiário da Prefeitura de Betim atuando na Unidade Básica de Saúde (UBS) do Bandeirinhas. Enquanto estágio curricular tem como experiência o estágio básico I onde fora realizada uma intervenção psicossocial em uma escola da região metropolitana de Belo Horizonte, o estágio básico II atuando em uma escola da rede municipal de Betim e o estágio básico III que tem como campo de atuação instituições do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), neste caso um CRAS de Betim. Faculdade Pitágoras de Betim. E-mail: oliveiras.manu@gmail.com



REFERÊNCIAS

Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP) (2008). **Referências para atuação do (a) psicólogo (a) no CRAS/SUAS**. Conselho Federal de Psicologia (CFP). Brasília:CFP.



VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: DO RISCO À PROTEÇÃO

Eliane de Siqueira Gonçalves⁵⁶³

Breno Emerick Rodrigues⁵⁶⁴

Priscila da Silva Marcelino⁵⁶⁵

Tatyanne Rita de Pinho Pinto⁵⁶⁶

Stela Maris Bretas Souza⁵⁶⁷

RESUMO

O presente trabalho se refere a um projeto de extensão dos cursos de Psicologia e Pedagogia do Unileste, que visa identificar a presença de indicadores de risco para o desenvolvimento integral de crianças, investigando a consciência que elas têm sobre suas condições de vida. Além de olhar para suas necessidades e expectativas, para então, desenvolver ações educativas e programas protetivos com a participação da comunidade de pais e educadores. Tem como objetivo promover o desenvolvimento social e emocional de estudantes, por meio do enfrentamento das diferentes formas de violência apresentadas nas escolas. O público alvo deste trabalho foram oito crianças, com idades entre seis e nove anos, escolhidas pela direção da escola pública na qual estudam, com queixas de indisciplina, baixo rendimento escolar e com quadro de vulnerabilidade social. A metodologia consistia em atividades lúdicas, em oficinas de grupos. Os encontros foram semanais, totalizando nove, no primeiro semestre de 2018. Paralelamente às oficinas, a partir da necessidade do trabalho desenvolvido, as professoras e/ou pais/responsáveis eram incluídas nas ações. Os resultados parciais evidenciaram que as crianças tinham dificuldades em se envolver nas atividades que exigiam maior desenvolvimento do pensamento e da socialização. Mostraram, ainda, que havia uma maior participação das crianças em atividades às quais eram utilizadas metodologias ativas. Nestas, elas traziam suas histórias de vida, imbuídas de afetos e carregadas de situações às quais a violência se apresentava, nas suas diversas formas. Tem-se como conclusão que neste contexto, as extensionistas realizaram um trabalho de ressignificação das histórias, esperando contribuir para o desenvolvimento social e emocional dos participantes. Para a sequência do trabalho, procurar-se-á envolver mais sistematicamente os professores e/ou responsáveis, bem como a rede de proteção social, agindo, portanto, de forma preventiva e protetiva.

PALAVRAS-CHAVE:

Violência nas escolas; Vulnerabilidade social; Prevenção.

563 Graduada em Psicologia pelo Unileste (2018). Atuou como estagiária em Psicologia, na modalidade Saúde Mental e Processos Clínico, em Queixa Escolar e Aconselhamento. Possui vivências de práticas em extensões relacionadas a Violência e Queixa Escolar. Realizou pesquisa sobre automutilação e adolescência e a utilização de histórias na Psicologia. E-mail: elianesiqueira13@outlook.com

564 Graduando (a) em Psicologia pelo Unileste. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais- Unileste-MG

565 Graduando em Pedagogia pelo Unileste. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais- Unileste-MG

566 Graduando (a) em Psicologia pelo Unileste. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais- Unileste-MG

567 Possui graduação em Habilitação Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1990) e Licenciatura em Psicologia pela PUC Minas. É especialista em Psicologia Educacional e Psicopedagogia. Possui ainda, mestrado em Psicologia pela PUC Minas (2008). Atualmente é professora dos cursos de Psicologia e Pedagogia do Unileste. Psicóloga, Mestre em Psicologia Social, profa. dos cursos de Psicologia e Pedagogia Psicologia do Unileste. E-mail: stela.maris.bretas@gmail.com



REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L. M. **Oficinas em dinâmica de grupo**: um método de intervenção psicossocial. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GUZZO, R. S. L. Educação para a Liberdade, Psicologia da Libertação e Psicologia Escolar: Uma Práxis pra a liberdade. *In*: ALMEIDA, S. F. C. (Org). **Psicologia Escolar**: Ética e competências na formação e atuação profissional. São Paulo: Alínea, 2006.

MEIRA, M. E. M. Psicologia escolar: Pensamento Crítico e Práticas Profissionais. *In*: TANAMACHI, R. E.; PROENÇA, M.; ROCHA, M. L. (Org). **Psicologia e Educação**: desafios teóricos e práticos. São Paulo: Casa do psicólogo, 2000.

PRIOTTO, E. P.; BONETI, L. W. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Revista Diálogo Educacional**, PUC Paraná, v. 9, n. 26, 2009, p. 161-179. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=2589&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 23 jul. 2018.



VIVÊNCIAS DO INTERNATO RURAL EM LAGOA DA PRATA

Eliete Marques Silva⁵⁶⁸

Cláudia Natividade⁵⁶⁹

Marcilene Anacleto Melgaço⁵⁷⁰

Álvaro Aloísio de Souza⁵⁷¹

Eleonora Silveira Porto⁵⁷²

RESUMO

O Internato Rural de Saúde Coletiva da Faculdade Ciências Médicas se estrutura a partir de práticas em diversas cidades do interior do estado potencializando a formação de alunas/os do 10 período. Em Lagoa da Prata as práticas de estágio se vinculam ao NASF consolidando a atenção básica e ampliando ofertas de saúde na rede de serviços, a resolutividade e a abrangência das ações. Os objetivos das práticas de estágio se dividem em: 1. Avaliar, por meio de instrumento de estratificação de risco, os casos de saúde mental e 2. promover estratégias de educação em saúde. No caso da estratificação dos casos de saúde mental identificou-se o uso elevado de benzodiazepínicos e antidepressivos bem como casos de violência interpessoal (violência doméstica e experiências na infância de abuso sexual) e violência auto infligida (ideação suicida e abuso de substâncias). No caso da educação em saúde identificou-se desconhecimento das equipes das UBSs sobre as condições de saúde dos usuários de saúde mental, questões relacionadas ao sigilo dos casos e o não reconhecimento e identificação dos casos de violência. Os resultados das intervenções demonstram que 1. a estratificação dos casos de saúde mental e encaminhamento daqueles menos graves para os grupos de práticas integrativas e complementares (automassagem, acupuntura, auriculoterapia) promove melhores condições de saúde como a revisão e diminuição da medicação e promoção de processos sociais de apoio entre os participantes e 2. as práticas de educação em saúde promovidas por meio de rodas de conversa com as equipes das UBSs se mostraram eficazes, pois estas se interessaram pelos assuntos abordados e demonstraram mudanças de atitude em relação à preservação do sigilo dos casos e sensibilização dos casos de violência. Como conclusão o estágio proporcionou conhecimento da realidade profissional na atenção básica contribuindo para a formação crítica e comprometida com as demandas sociais.

PALAVRAS-CHAVE:

Saúde Mental; Psicotrópicos; Estratificações de Risco; Práticas Integrativas e complementares; NASF.

568 Psicóloga do NASF, autora do projeto “Sofrimento Mental” - Um olhar para a Vida. Atua no mapeamento do uso de psicotrópico e violências contra mulheres por meio da estratificação de risco, implantação e solidificação das PICs nas UBS.

569 Docente na Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG), Belo Horizonte, MG-Brasil. E-mail: claudianati@hotmail.com

570 Acadêmicos do curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG-Brasil. E-mail: marcilene.anacleto@gmail.com

571 Acadêmicos do curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG-Brasil. E-mail: jvalvaro@gmail.com

572 Acadêmicos do curso de Psicologia da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG-Brasil. E-mail: eleonorasporto@gmail.com



REFERÊNCIAS

SILVA, Eliete Marques & SILVA, Paula Rodrigues Lopes; **PROJETO “SOFRIMENTO MENTAL: UM OLHAR PARA A VIDA”**: Proposta de Estratificação de Risco e Manejo dos usuários de Saúde Mental do Município de Lagoa da Prata/MG. Lagoa da Prata, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Cadernos de Atenção Básica, n. 27, Diretrizes do NASF: Núcleo de Apoio a Saúde da Família**. Brasília, 2010.

ISBN: 978-65-89729-03-7

CDL



9 786589 729037



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
MINAS GERAIS